Caríssimo leitor.

Já lhe aconteceu, durante uma conversa qualquer, olhar seu interlocutor nos olhos e não entender patavina do que ele diz? Ou pior ainda, fingir que está entendendo e fazer "Sim! Sim!"? E ainda, mesmo que a conversa esteja interessante, já lhe aconteceu de, por um milésimo de segundo, perder o fio da meada, e pensar em algo totalmente diferente? Continuar olhando seu interlocutor, vê-lo articular palavras, e ops! Retomar a conversa como se nada tivesse acontecido? Nada visto, nada computado, instante perdido no tempo!

E neste segundo, o que é que se passou em sua cabeça? Você saberia explicar?

Imagine se por acaso, o seu interlocutor(a) for seu namorado(a), marido(a) ou patrã(oa), o que seja! E que neste instante o que você pensou foi engraçado, e você sorri...

"Tá rindo do que?!!!??!"

- Sinceramente, responderá você constrangido após ter esquecido, não sei...

Quando comecei à escrever este livro, foi por que tinha tempo livre. Apesar de trabalhar oito horas por dia como qualquer cidadão considerado decente, tomar dois ônibus para ir e dois para voltar do trabalho, eu reparei que tinha tempo livre. Dois pra ir, dois pra voltar. Três horas por dia, consagradas inteiramente à uma diária constatação do tempo, mastigação de amendoins que eu não sei o que têm de Japoneses além do nome, e papo furado. Este tempo que geralmente nós não aproveitamos nunca, eu resolvi tomar uma atitude!!!!!! (Pero no mucho...).

Pergunte ao seu oftalmologista se ler no ônibus provoca realmente descolamento de retina. O meu me assegurou de que não, e tem subsequentemente participação ativa ao enlevo cultural de seus pacientes, (gostaram? Pode me chamar de pentelho que eu não ligo!). Só não posso agradecê-lo formalmente pois até agora não consegui ler nem minha receita quanto menos o nome dele assinado. Acho que eles escrevem assim, à moda egípcia, para nós pensarmos que precisamos de óculos. Sem contar que 99% dos clientes dele não andam nunca de ônibus. (1% sou eu). Aliás, ê nos coletivos, quando não durmo que tiro o melhor proveito de minhas leituras. Sobretudo, porque não tenho objetivo algum ao ler, nem prazo determinado, nem porquê. Portanto leio com atenção redobrada. Além de ler, foi assim que eu escrevi.

Me perguntaram por que é que eu escrevo à respeito de metrô, ônibus, e coisas sem graça... Mas não passemos todos por lá uma hora ou outra?

Existem determinados lugares que servem apenas de passagem. A barca, por exemplo. Ninguém mora lá... As pessoas passam... Gente de todo tipo, vindo de tudo quanto é lado imaginável. O resultado é que estas pessoas se esbarram, e passam à se conhecer. Como no meu ônibus, onde o motorista, se não me ver no ponto, pergunta à minha sogra sentada

na janela (ela fica na janela fofocando o tempo inteiro) se eu estou doente. Festejamos aniversário e tudo mais. É a galera, do ônibus das seis e vinte, indo detonar! (Que deprimente!),

Mas tem um ou outro que mora em frente ao ponto de ônibus, como a minha sogra. Tem aquele pra quem o ponto de passagem de outros é sua residência. Tem o mendigo que mora no ponto de ônibus. E assim este complexo emaranhado chamado sociedade e comportamento sociável intrinca-se, complica-se e estende-se à perder de vista.

Eu me decepcionei muito (oh!!) ao assistir o segundo filme de Roman Polanski. O anterior, que não foi seu primeiro, mas o primeiro que vi, era fantástico. Fiquei fascinado. E fui assistir ao outro esperando uma obra prima.

E porque esperamos algo que ficamos decepcionados. Se esperarmos coisas das pessoas, provavelmente será um choque ver que elas não eram nada daquilo. Entretanto, se não esperarmos nada, e a dita pessoa fizer algo de bom, será uma surpresa, tão agradável quanto inesperada, (duplo oh!!)

Pelo amor de Deus, ao lerem esta obra, não esperem nada dela. Assim como das pessoas, nada podemos esperar. Leitura, assim como a arte de uma forma geral, é uma atividade que não deixa marcas. São aquisições mentais intransferíveis. Não temos como mostrar aos outros a satisfação que sentimos ao ler, tocar um instrumento, fazer... Nós morreremos com este conhecimento, e ninguém saberá.

A pontuação tem sentido capital nos meus textos. Ela não foi jogada ali, por descuido da caneta, mas sim com o objetivo concreto de dar mais colorido aos sentimentos dos meus personagens. Cada parágrafo foi acrescentado para descansarmos os olhos. As vírgulas, para darmos uma pequena pausa. O ponto eu nem conto pra que que serve!

Não sei se seria abuso de minha parte fazer um último pedido ao meu prezado(a) leitor(a) antes que inicie a

leitura.

Eu gostaria que vocês deixassem de lado, pelo menos por algumas horas, toda opinião, impressão sobre o mundo ou pré conceitos (eu não disse preconceitos, mas pré conceitos) que possamos ter a respeito de pessoas ou comportamentos.

As referências a determinadas pessoas que meu(a) leitor(a) identificará em um piscar de olhos são absolutamente verídicas, e eles existiram no duro. Apenas morreram todos, e não deixaram mais do que depoimentos.

Mas... Se o prezado leitor for igual meu amigo Fernando 'marcha lenta', que, aos vinte e dois anos de idade, após ter descoberto que papai Noel era o próprio pai, me chamou de burro quando eu insisti que o dito bondoso velhinho não existia.

"O cara, ai! Burrão! Nem sabe que eu vi meu pai botando o presente debaixo do meu sapato!"

Se o leitor, como o Fernando, aos vinte e três anos imita metralhadora fazendo "pou...Pou...Pou..., Ha...Ha...Ha! Te...Peguei... " e aos vinte e quatro descobriu que não era mais o bebê da casa...Além de descobrir também que sua mãe... Assim... Como explicar... Já foi pra cama com seu pai...

E Se o leitor não for igual ao Fernando, descobriu quem são, mas quiser me processar: (Voz de fanho dentuço) "Porque não citou eles formalmente... " Então vá lá. Estão no final.

De resto, lembro que tanto os personagens quantos os fatos aqui descritos são frutos de minha desastrosa imaginação, e que qualquer semelhança com a realidade não passa de mera coincidência. Mas se algum fato lembrar-lhe algo de sua vida, por que não? Estou disposto à discutir quaisquer opiniões aqui presentes, e aceito críticas construtivas. Desejo à todos sucesso e tudo de melhor!

Adeus ano velho...

10,9,8,7,6,5,4,3,2,1, ÓôÔpa!!! Pum pou, catatataploft ! Puf chuáááááá! êêêêê ! Viva !! Adeus ano velho, feliz ano novo, PUFT ! Catapou ! Envoltos em milhões e milhões de aromas diferentes, de perfumes bons, perfumes baratos, perfumes bregas, cachaça, cerveja, cêcê, cigarros, drogas, chicletes, bafos-de-onça, peixe-morto e champanha, passamos finalmente de ano após reiniciarmos duas vezes a contagem regressiva por erro do apresentador.

A pequena praia já estava repleta de gente contente cantando e contando, comemorando, bebemorando e prometendo. Os fogos só não foram perfeitos porque o vento forte carregou-os e explodiram todos à uns cem metros da turba agitada. Pelo menos os que explodiram. O resto recaiu sobre o público marcando alguns para sempre com uma lembrança deste réveillon. De qualquer forma, tudo é festa e alegria quando centenas de veranistas se encontram na região dos lagos, espremendo-se num cantinho de praia, à procura de um lugar melhor para ver o show. O locutor esteve diante do público, falando, explicando e elogiando eu ainda Mo entendi bem o que.

Depois viemos à saber que a banda que deveria se apresentar estava precisando de uma injeção de glicose para sair da coma alcoólica na qual se encontrava. Só um trompetista arriscou subir cambaleante no palco, de onde foi expulso após a segunda nota capenga. Saiu tropeçando em meio às pessoas tentando extrair um desafinado hino de réveillon.

As carrocinhas de pipocas, churros, cachorros-quentes e caipi-fruta formavam então um circulo impenetrável no qual Marco, resmungão, puxava sua namorada pra lá e pra cá. " Poxa Marco, você tem que entender... Essa sua atitude não tem nada a ver... Se liga cara... Você hein? "

Olhando aquele carrinho de pipocas, Marco lembrou-se de um fogo que não estourara direito. Viu pipocas pulando como estalinhos, a chama azul do gás, e imaginou que também o bujão poderia estourar.

Imaginou um pipocão em brasa e um monte de bujõezinhos explodindo em cogumelinhos fofinhos e atômicos. Lembrou-se também de um dia em que, parado em frente à baia de Guanabara, ouvira a sirene clamando uma última vez as pessoas pra dentro da barca Rio-Niterói. Observara uma última vez peixinhos prateados que ajuntavam-se aos montes perto das pedras, formando assim uma chuva de lâminas brilhantes, como que em relevo sobre as águas verde opaco. Ainda, sem perceber, levou um esbarrão de algum transeunte apressado querendo reservar seu lugar favorito. Marco reparara então que apareciam mais peixinhos à cada minuto, e que lutavam contra as pequenas ondas carregadas de palitos de sorvete, papéis de bala, sacos de leite, latas de refrigerantes, e outros objetos. O cardume já estava imenso, e "daria uma boa sopa pra mendigo", como comentara algum moleque que sumira com a mesma velocidade em que aparecera. Os peixinhos, porém, esgotavam-se de tanto lutarem contra a maré, e um ou outro sobressaia-se, virava de lado e deixava-se carregar até se agitar, pular, e voltar pra dentro do cardume semi-submerso. Não demorou e muitos já não conseguiam mais se desvirar. Marco entendeu então o processo de sufocamento dos peixes do qual tanto ouvira falar, e pulou pra dentro da barca que já partia.

Já conseguindo vencer o círculo de ambulantes, ainda sem dar ouvidos à sua namorada, Marco pensou sobre certos aspectos do comportamento humano. Ele lembrou que, os duzentos apressados passageiros da barca comam e acotovelavam-se para serem os primeiros à sentar, garantindo assim suas vagas. Curiosamente, nessas barcas de dois andares haviam lugares para duas mil pessoas! Quando entrava na barca. Marco encontrava os apressados passageiros sentados ofegantes nas fileiras centrais, deixando livres os melhores lugares. Essas embarcações datavam dos anos 60, e deviam ter cinquenta metros de comprimento por quinze de largura. Haviam dois corredores cortando três fileiras de quatro, seis e quatro bancos de madeira marrom, como que num pequeno cinema. Podia-se embarcar pela grande abertura central, logo abaixo da cabine do comandante, ou pelos lados, onde nos depararíamos com uma máquina de refrigerantes vermelha e um emblema de uma conhecida marca, provavelmente amassada pelos chutes de alguém que teria tentado arrancar algo sem fichas, ou talvez a tivesse introduzido sem resultado algum, ou até mesmo de algum

Americano louco, que achasse que era como nos estados unidos, onde introduzimos um quarto de cruzeiro e apertamos o botão de nossa marca favorita. Talvez esse Americano tenha até mesmo introduzido milhares de fichas, apertado centenas de botões para depois ameaçar de morte o capitão do navio, e toda a tripulação que viveriam extorquindo pobres turistas ingênuos que perderiam todos os seus documentos, dólares e botões de camisa introduzindo-os na máquina assassina. Talvez a máquina tivesse sido atirada escada abaixo, em direção à casa das máquinas, onde Marco nunca havia visto alma viva, e teria sido extirpada de qualquer coisa potável que houvesse em seu interior, caso os passageiros soubessem que havia algo dentro dela.

Marco riu levemente. Isabelle perguntou-lhe: 'tá pensando em que ? Por que você está rindo ? O que que tem de engraçado ? ", ao que ele retrucou-lhe com um seco "nada !". Ela insistiu, e ficou irritada com essa mania dele de ficar pensando, pensando, e depois rir. Nem ele, entretanto saberia exatamente definir em que estaria divagando. Longe de pensar em barca, pipoca ou cogumelos, Marco agora puxava Isabelle pra fora d' areia. Os nativos, os pescadores e turistas aos montes formavam então uma maré inversa, uma correnteza, e Marco bem que podia ser um salmão à caminho da desova. Galgando pedras e subindo a montanha, usando de toda a potência de seus músculos alinhados e rosas, desviando-se de pedras e de jatos d'água com cheiro de perfume, ou soltando fumaça pelas narinas, ou animais de rio comendo peixes-churros e peixes- cachorros-quentes, estavam chegando ao seu destino o senhor e a senhora salmão, perto da nascente do rio, onde seus filhos poderiam crescer com mais segurança, e descer a correnteza, pra depois subi-la de novo, e, se não forem caçados, mortos pelo esgotamento ou sufocados pela crescente poluição, recomeçariam eternamente o ciclo vital dos salmões, essas proezas de uma natureza perfeita, símbolo de foça e determinação ...

"Cuidado, Marco, você quase derrubou o sanduíche do moço! Por que você está andando tão rápido? Em que você está pensando ?"

Definitivamente, Marco já não suportava mais aquele clima. Ele não se importava de ser chamado de chato, estraga- prazeres, ou o que quer que fosse. Apenas ele já estava ali forçado, teria preferido ficar na pensão, lendo e tocando violão Mas Isabelle fez questão de ir à praia fazer a contagem regressiva e ver os fogos. Ela marcara um ponto de encontro com sua mãe e seus dois irmãozinhos ao lado de um poste perto da barreira de barraquinhas. Exasperaram até dez minutos depois da virada e não apareceu ninguém. Aliás, Marco já achava que eles não viriam, pois sua sogra vivia em outra dimensão de espaço e tempo. Uma dimensão paralela. Talvez a quarta dimensão! Foram três encontros marcados no mesmo dia. Um pela manhã, na pracinha peito da pensão. Uma hora e meia de espera. A segunda em frente à rodoviária. Mais duas horas. E agora esperaram trinta minutos, perderam a paciência, e se foram.

No caminho Marco já não pensava mais em sogra, atraso, ou crianças. Viajando na maionese , ele poderia se compenetrar em qualquer ramo que se desprendesse de seu cérebro, fosse este contemplativo, científico, artístico, ou simplesmente inútil, como na maioria das viagens. Marco não media mais do que um metro e setenta e cinco, não era forte, nem tinha cara feia. Ainda assim intimidava Isabelle e sua mãe com seu rosto magro e dividido por um buço de dois dias. Um verdadeiro esmurfe rabugento reclamando a cada ocasião, com cabelos castanho claro curtos atrás e dos lados, e em cima formavam um topete pontudo apontando pra frente, a única coisa que o diferenciava dos crentes, fora aquelas roupas velhas que usava quando viajava. Isabelle aliás, tinha quase ódio da bermuda jeans do tempo do ronca rasgada na coxa esquerda, ~~da~~ camiseta de botões aberta e sem mangas afanada do avô, além das sandálias fininhas de tão gastas e do relógio de fundo vermelho yporqualqudr motivo que me passasse à' cabeça, pi~~a Yinha dp f~~ ~~^Uf.^m.^.t-.~~ ~~b~~fl5tí"K mas andava relaxado na opinião dela, confortável na opinião dele. frd&aos^vacon~~aiunü~~U~~ado, fuzindu u~~qu>~~Lb~~ico... ^oJGtiT h«r ^ .

"Que que é, Marco? Eu sei que você tem raiva da minha mãe e não quer dizer ! Eu logo percebi quando você fez aquela cara..." Os salmões e os peixes-churros ~~da~~ a~~ftbãaca acátazom~~sao-ywito.

.— ^Mwtte-nãqsgntia raiva da sograJsab~~flV ^mpri~~' ficava sentida~~jmtfass~~a ~~fK.rsix.etiw~~. ~~Ela só~~

~~conseguia vor um-s«posto~~

ó~~dio em acua olhou~~, ~~& ocHtih~~sejgequgfl~~a~~, ~~miCTo~~g~~oó~~f~~rò~~a^^ssuflnndo inc~~onscientemente~~ os erros dos outros e culpando-se por

eles. Quando tentava se exphcar, seus pequenos olhos pretos sumiam debaixo de seu cabelo chanel da mesma cor, achando-se

criminosa ante as reações de outrem, pensando que se não reclamassem dela seria porque estariam pensando em reclamar.

? (vtUodM./Jt£^jkJ>rj Entretanto havia muita sinceridade naquela constante masturbação mental. (O f r

Desde muito pequena ela foi culpada por tudo. Sua mãe havia-lhe ensinado à nunca responder aos mais velhos, e.

mesmo certa, e» deveria baixar as orelhas. Ela chegou à apanhar por ter discutido sobre linhas de ônibus com uma senhora,

sabendo que estava certa. Isso tiõlllüyaiy a se tornarUeealio. A mãe desculpava-se pelos "ataques" da filha tehtaRde_exphcar ^Gas raptes, e ^pãncava-^ publicamente. Sharon, separada de seu Pedrozo, era assídua frequentadora de barezinhos, e não tinha com quem deixar a filha. A jovem Isabelle acompanhava-a então. Aos doze anos,^p^suia um corpo incondizente com

a. ~~Isso t S C T i e ç a~~ ' ~ 1

sua idade. Seios e coxas de mulher e rosto de criança. Os bêbados e alguns amigos de Sharon gostavam muito de mexer com da. Um dia, um deles passou a mão na sua perna e sussurrou obscenidades ao seu ouvido. Ela gritou xingando-o, mas logo foi obrigada à parar por uma sonora bofetada de sua mãe, exigindo-lhe que pedisse desculpas. Ela chorou como nunca, mordendo os lábios, mas logo secou as lágrimas, pois aquilo já virara rotina na sua vida. A mãe desculpou-se com o amigo alegando não ser aquela a educação que ela lhe dera.

^O complexo de culpa era agora característica de Isabelle. Itfarco não poderia apenas estar de mau humor. Aliás, perto

dela, era constante aquela cara fechada, séria, silenciosa. Também, ele já havia perdido a paciência éc explicar-lhe de que nada tinha contra sua mãe. Ele apenas queria chegar logo à pensão.

Logo passavam os dois por ruas de paralelepípedos, entrecortadas por vazios e por capim, passando lojas e bares, carros e pedestres, povo pra tudo quanto é lado, folia e festa, dentro da barca Rio-Niterói o clima era muito mais calmo. Marco sempre escolhia os lugares à janela, onde pudesse aspirar o ar marítimo e roer um pedaço de canela em casca enquanto lia. Por sinal, ele «a viciado em ler e roer canela em casca nos ônibus, nos trens, ou onde quer que parasse só. Por mais que lhe garantissem que ele teria um dia um deslocamento de retrna devido aos solavancos,^sempre trazia consigo livros, revistas, Italiano sem mestre, e, na barca, era garantido ler classificados diversos. Os leitores largavam-nos lá por preguiça, ou talvez porque os deixassem simpaticamente para os que desejassem lê-los. Carros, eletrodomésticos, empregos, télwexo... De tudo podia-ae ter. Tinha dias em que líamos jornais inteiros, e, após os vinte e cinco minutos de viajem, os abandonávamos para o próximo filante de leitura. Havia também na barca um balcão à proa e uma fileira de bancos bem ventilada que Marco apreciava especialmente. A vista era bacana pela manhã, quando uma bruma pairava por sobre as águas, tornando a hiz alaranjada e refletindo centelhas na água. A ddade ficava quase escondida de um lado e de outro. Podia tirar-se a camisa e tomar sol, e também firmar maconha. Foi o cheiro que Marco sentiu um dia e o fez interromper sua leitura por um segundo, mas não por mais tempo. O que o fez parar de vez foi uma lata de refrigerante que caiu em seu colo enquanto um segurança fardado entrava

no balcão. Entrou só e saiu acompanhado de dois garotões. Alegavam que nada poderia ser provado.

"Você viu, Marco? Aquela padaria? quando eu era pequenininha, costumava tomar suco lá! Magina! Quanto tempo!" Isabelle dava uns pulinhos leves, tentando achar o ouvido de Marco e mordiscá-lo. Suas lembranças não pareciam comovê-lo muito. As sorveterias, casas de suco e pizzarias da região dos lagos pareciam-lhe todas iguais. Isabelle gostava de ver os locais por onde passava quando era pequena. Quase lhe vinham lágrimas aos olhos quando lembrava-se de sua infância, dos varas onde se escondia quando era perseguida por seus irmãos, ou por seu Pedrozo que tentara raspar seus cabelos após flagrá-la com dois de seus primos tomando banho de mar nus. Moravam cerca de vinte pessoas em sua casa, todas parentes, à três quadras da praia dos anjos. E como era bom o cheiro de café pela manhã, e o pão feito na hora pda bisavó, emérita cozinheira! Logo após o café a criançada ia toda atrás dos adultos, pescadores, e, vendo-os partir, passavam o resto da manhã na praia.

Queimados de sol, Isabelle e seus primos pareciam indiozinhos à pular entre as ondinhas e os barcos pesqueiros. A água era tão clara que viam o fundo à qualquer distância que estivessem. Suas peles, assim como a dos adultos, já estavam imunes à queimaduras de águas vivas. Ela conhecia cada pedra, cada árvore, cada grão de areia, e podia definir com precisão em que ano cada casa ali havia sido construída. Sua família mudou-se pra lá antes da invasão dos veranistas, quase expulsos do Espírito Santo pelo progresso, e praticamente exilou-se na região dos lagos, pouco habitada então. Sua casa de três andares valeria milhões agora. Transformaram o primeiro andar em belíssima pensão e restaurante. Colaboraram na conatrução dc vmiç© colégio, e eram requisitados pescadores em todo estado. Isabelle e seus irmãos, porém, já haviam sentido fome quando o mar não estava pra peixe, e sede quando nem água encanada tinham, e deviam andar quilômetros até o poço mais próximo e carregar água de volta. Ela não podia ir à igreja aos domingos porque não tinha o que botar nos pés. Provavelmente uma parte da raiva que ela sentia de seu cônjuge era de saber que ele sempre tivera casa, comida, e roupa lavada por sua mãe e não conseguisse imaginar o que é viver sem uma torneira por perto. Ela sim, sabia o que é andar descalça dois quilômetros sob o sol escaldante, pegar dois baldes d'água totalmente salobra, andar de volta, e não poder sequer banhar-se naquela água que seria reservada para cozinha. Banhavam-se no mar, e já estavam habituados àquela casca de sal permanente em seus corpos. Talvez até mesmo já nem os incomodasse mais se não fosse a bisavó, com a mania de querei comparar mãos de pescadores com as de donzela de tevê super hidratada reclamando de pele macia, creme hidratante, poluição e sabonete. A casa toda vivia salgada, desde a comida, até o tapete. A areia era constantemente varrida pela velha impaciente que não suportava sujeira apesar de viver entre os "sujos". Os cabelos, apesar de lisos, andavam sempre endurecidos, as axilas grudando, e os olhos avermelhados. No dia em que a prefeitura resolveu construir um balneário ordenou-lhes que deixassem a casa. Após um lento processo, conseguiram uso capião e puderam aproveitar da água encanada. A família mudou de água para vinho, ou melhor, para água mesmo, e a bisavó teve neurose de banho. Dois por dia para todos, e ai de quem não respeitasse, incluindo os adultos. Logo na segunda temporada, com a pensão do balneário lotada, turistas já queriam pagar pra ficar na casa dos pescadores, mesmo que em estado precário.

Na terceira temporada já aumentaram a casa para o terceiro andar, e, sob a administração à mão de ferro da bisavó, construíram uma piscina e modernizaram os barcos. Os homens continuaram pescando pois era só o que sabiam fazer, mas as esposas passaram á recepcionar, fazer camas, arrumar armários, e lavar roupas dos hóspedes. Aos onze anos, Isabelle era considerada a esbanjadora do colégio, torrando tudo em balas juquínha e marias-moles, e aos doze, foi pra Vitória, cidade grande, morar com a mãe.

Sharon nunca havia admitido sair de onde fora criada. Pedrozo encolheu as orelhas e foi onde seria melhor recebido.

"Sabe, Marco, disse Isabelle já entrando na pensão, eu nem reconheci minha mãe quando a reencontrei..."

Espantou-se vendo que Marco se mostrava interessado enquanto girava a chave na porta do quarto que parecia emperrada.

-Acho que fui separada dela muito cedo. Não sabia com quem ela deveria se parecer!"

Marco reclamou das escadas de mármore rachado, das portas que pareciam todas iguais, desculpou-se, e tentou ascender a luz do quarto.

-Já pensou se nós ficássemos vinte anos sem nos vermos? Você se lembraria de mim?"

Marco desculpou-se de novo e a fez reparar que a luz não ascendia. Subindo na cama e esticando-se todo, puxou sem querer a lâmpada que veio de uma só vez em sua mão sem nem ao menos desenroscá-la. Obviamente o bocal estava enferrujado. Isabelle queria continuar o assunto, já que ela finalmente havia conseguido desviar a atenção de Marco para si, mas foi interrompida por um urro vindo da rua.

"Tô te vendo ai em pé!"

Talvez fosse o seu padastro, brincando com a cena, sem dúvida hilariante, de Marco esticado como uma bailarina sobre a cama pra lá e pra cá.

"Esse topete de bicha não engana ninguém!"

Talvez fosse, segundo Isabelle assustada, o dono da pensão não querendo que Marco arriscasse quebrar sua cama. Ahás, desde o início, ela já não gostou do velho bigodudo e barrigudo.

"Desce daí, bebum!"

Talvez a própria sogra de Marco não tenha gostado de não tê-los encontrados na praia e estivesse brincando.

"Ah vagabundo! Dançando na cama! Biíto!"

Ao chegar na janela Marco reconheceu o Magu.

Sem se ver desde que tinham deixado o primeiro grau, "desce daí melecão!!", Marco já havia esquecido desse apelido. Magro e esguio, escuro de cabelo pixaim, com os dentes brilhantes e óculos fundo de garrafa, Magu estranhou a pergunta de Marco: "operou os olhos? Como me reconheceu ?". Isabelle olhou fixo pra Marco e perguntou que negócio era aquele de 'melecão'. Sem sequer notá-la. Marco mandou-o subir especificando que era o segundo andar. O tempo de Marco perceber que ela estava arretada foi o tempo de chegar o visitante reclamando de que não era cego. Após uma troca de apertos de mão com enfeites de colegiais estalando os dedos e apontando pra trás, Isabelle notou como os dois lado á lado tinham a mesma idêntica postura, levemente curvada para frente, com o pescoço não realmente esticado, e os ombros pra dentro, fator profundamente irritante para ela. Aliás, esse tal de Magu se vestia igualzinho à Marco, e caso não fossem tão diferentes poderiam passar-se por irmãos gêmeos!

" Magu é seu nome verdadeiro, perguntou Isabelle?

- Claro que não, eu me chamo ...

Foi interrompido por Marco que contou a história da sogra e da lâmpada, e realmente não entendia como Magu o havia visto num quarto tão escuro. Este estava de passagem, tinha família naquela região, e achou legal que após todos esses anos Marco e Isabelle continuassem namorando. Esta sentia um estranho embrulho vindo ao estômago e subindo pelos pulmões, para acabar numa sacudídela de cabeça quando imaginava os dois no colégio de pleibóis rasgando sacos de lixo, fumando maconha, olhando por debaixo das saias... Nunca adiantaria Marco contar-lhe o contrário, pois inconscientemente ela continuaria modelando sua própria verdade, driblando as furtivas ilusões e lembrando de seus próprios erros. De qualquer forma faziam anos que eles haviam supostamente

abandonado os velhos hábitos, parado de fumar, e estariam encarando vida nova. E também Marco trabalhava doze horas por dia incnistado em cadeiras atrás de mesas de telefone por um salário baixo se comparado com aquele que recebia antes de seu pai falir, e juntos seriam um o apoio do outro, sobretudo ela, que precisava tanto de alguém que desse corda em suas ideias. Ela queria desenhar, andar de bicicleta, e agora, depois de tanto tempo pintando escondida, já tinha um pequeno ateliê onde ele tocava violão aos domingos para inspirá-la. Mas ai toda a inspiração ia embora, e ela queria explodir aquele apartamento e não se sentir mais uma criatura inútil que depois de crescer cospe nos pratos onde comeu, nos seios onde mamou, para enfurnar-se num ateliê de domingo, estudar de dia e dormir de noite. Ela queria ver gente, sair, respirar, não o ar vibrante que saía das cordas de Marco, mas sim oxigênio, tomar cerveja gelada, sem culpa, e porque não fumar, se aquilo lhe era agradável ? Ela não deixaria de amá-lo por causa disso e, pelo contrário, ela assim poderia compartilhar com ele suas novas experiências, ensinar-lhe, porque parecia que só ele falava, resmungava, contava 'causos', enquanto ela cozinhava no ateliê vendo novela. Ele via documentários que ela, por mais que os achasse interessantes, não se sentia disposta â mudar de canal. Ele queria aprender Espanhol pela tevê, e ela queria apenas deitar em seu colo, ganhar um cafuné, e desaparecer em um bom filme ou programa. Mas ele era inquieto. Tocava violão nos intervalos berrando em inglês (que mal sabia falar), e reclamava dos programas que ela escolhia. Nesses momentos o ateliê parecia pequeno demais para caberem os dois sons.

Ele indiretamente parecia jogar-lhe na cara de que o dinheiro vinha do seu trabalho, e como sempre, Isabelle era a culpada. Do que da não sabia, mas culpada, culpada, culpada! Mas ele não a deixava trabalhar, dizendo que não adiantaria nada ela passar oito horas por dia num supermercado, numa loja ou no Bab's para ganhar um tantinho assim e não poder fazer mais nada da vida. Ele, telefonista, trabalhava num hotel pela manhã e numa empresa até a noite, e ganhava um tantinho asam, a ponto de só poderem ir ao teatro graças à um {dano que pagavam mensalmente para quatro ou cinco peças, como um seguro saúde, e, fora isso, Isabeüe ficava o tempo todo no ateliê, olhando a tela e as tintas sem se decidir à pintar, sabendo de que lá estava o solvente, dentro do armário, asam com os pincéis, mas quando Marco chegava cansado e queria comer, dormir cm fazer barulho com seus violões, gaitas e outros sonoros apetrechos que ela nem sabia de onde vinham, ela queria sair com ele

Ir ao cinema, comer pizza, ver amigos...mas era interrompida por seu buço contorcido, sempre com a mesma frase: " amor, amaráiã vou levantar as seis! Vamos fazer amor e chapar." E ela não tinha sono.

" Sabe Isabela, que seu namorado é muito doido ? Ele estava me falando de salmões subindo a correnteza como vocês saindo da praia ? E eu logo me senti um kmbari fugindo de um tubarão !

-Meu nome é Isabel-IÊ!

-Sim, fugindo da mocréia da minha ex-namorada.

Magu falou ainda alguma coisa, mas Isabelle mal prestava atenção. Ele e Marco riam, e Magu tinha o hábito de beber. Ela não gostava que Marco ouvisse conversas sobre mulheres e ficasse tentado a beber com Magu. Abandoná-la, e ficar reclamando da sogra, desabafando

" Vocês notaram como nós estamos conversando no escuro? Liga a luz. Disse Magu.

-Pronto! Ficou cego de vez!" Disse Marco rindo. Isabelle levantou-se e olhou as quatro paredes em forma de trapézio engolindo a vista noturna que vinha da janela verde escancarada. A cama não era tão grande, mas ocupava quase todo o cômodo. No banheirinho triangular tinha que se tirar o papel higiênico na hora de tomar banho para não molhá-lo, e tinha mais duas toalhas sujas. Marco e Isabelle foram intercalando-se quase frase por frase para contar a história à Magu que virava o rosto na direção de cada um como um robô assistindo à um jogo de tênis. Ora mexendo mecanicamente nos óculos, ora rindo e molhando os lábios.

Eles haviam chegado na região dos lagos na sexta, dispostos à dormir em casa de amigos de Sharon

e Alvinho, o padrasto de Isabelle. Chegaram por volta do meio-dia, andaram por toda a cidadezinha, acharam o centro e o terminal de ônibus parecidos com quaisquer outros da zona norte de vitória, tomaram sorvete à quilo e Marco se lambuzou todo, encharcando as bagagens de calda de morango, e amendoins. Foram ver a vista da pedra do 'pescado-mole', ou talvez tivessem ido à pedra e depois Isabelle teria deixado cair marchmélou e castanhas-do-pará sobre a mochila de Marco. Encontraram Sharon e Alvinho quando ambos os casais brigavam, surpreenderam-se ao ver de que era pelo mesmo motivo: os homens aparentemente olhando para as mulheres e seus microscópicos biquínis. Nesse ponto, tanto Marco quanto Isabelle se mordiam ao imaginar-se olhando para o sexo oposto. A ideia de se acharem mais fracos ou menos bonitos que seus patrícios os deixavam vermelhos. Só que Isabelle sempre estaria mais exposta pois seu pai explicava-lhe que o papel natural do homem é o de procurar, e o da mulher, receber. Bem ou mal seria sempre o homem que participaria com a parte 'ativa', e, à mulher só caberia acatá-lo ou não. Mesmo que existissem as dominadoras, que na cama gostassem de vir por cima ou manipular, ou bater, até os extremos, é sempre o homem que dá, ao contrário das gírias populares que Isabelle ouvia. O homem dá e a mulher recebe. Marco porém dizia-lhe que estava unido à ela, e, quando faziam amor, parecia que não existia nem órgãos, nem corpos, e só a união dos dois supenor à qualquer outro mal físico Mas Isabelle tinha claramente a impressão de que Marco olhava pras

moças na rua, e, apesar de não torcer o pescoço nem fazer barulhinhos como os outros, ela achava que algum dia iria surpreendê-lo traindo-a. Sharon e Alvinho achavam que todas as crises eram bestas, e que, se confiavam um no outro não haveria motivo pra ciúmes.

Foram todos para um barzinho encontrar os amigos de Alvinho, e tomar uma cerveja, apesar de Marco e Isabelle preferirem um suco. Alcino era o nome do pescador cabeludo e barbudo que iria acolher à todos, Mokotowto, queimado de sol, e já estava meio bêbado quando chegaram.

Ele gostava de abraçar os outros e repetir que eram todos bem-vindos. Parecia o cristo redentor quando abria os braços, dizendo que poderiam ficar todos lá, e iriam fazer festa até tarde, que ele tinha geladeira, que podiam todos enchê-la de cerveja, que poderiam fazer barulho à vontade, e cutucava Marco no peito, beliscava o braço de Isabelle, dava socos no ombro de Alvinho que ria animado, enlarguecendo seu bigode que de alvo não tinha nada, e que a casa era liberada para tudo exceto drogas, e riu dando cotoveladinhas nas costelas de Marco e olhando pra Isabelle: "hein? Hein? Hê, hê, hê..

Alvinho e Sharon pareciam bem animados. Marco já se imaginava às três horas da manhã, caindo de sono, doido pra dormir ouvindo o barulho das ondas e os grilinhos fazendo cri-cri, abraçado com sua namorada, ganhando um beijo de boa noite, e passarem' ambos, embalados por Morpheus, para o mundo dos sonhos. Imaginou Alcino berrando e querendo abrir mais cervejas, dançando a música de seu radinho de pilhas no volume máximo. Imaginou-se sem graça de dizer que iria dormir e também imaginou-se perdendo a magnífica manhã que faria no dia seguinte curando uma ressaca. Isabelle também pensou nas indiretas, em Alcino, Alvinho, e Marco Mando de mulheres e bebendo, esquecendo-a num canto de casa, os irmãozinhos fazendo o maior escândalo, as cotoveladinhas e o pessoal vomitando. O cheiro de cigarros e a música Baiana. Marco só.

Depois vieram à saber que Alcino era casado com uma velha que tinha olho de vidro e tricotava, e que os dois passavam a vida se perseguindo e armando armadilhas um para o outro. O que será que levaria um casal à tal ponto? Histórias famosas corriam à respeito... Exemplo: a velha disse que estaria sempre de olho nele, e deixou seu olho de vidro no fundo do copo de cerveja um dia em que ele foi beber sem querer estar acompanhado. Precisava ver a cara dele quando acabou de beber!

Resolveram assim procurar uma pensão barata onde poderiam dormir a hora que quisessem, ouvindo o violão de Marco, a voz de Isabelle, e o mar como percussão.

"Esses carros todos passando até lembram o barulho das ondas", riu Magu.

Marco garantiu que ainda era melhor do que passar a madrugada com o padrasto bêbado de Isabelle fazendo escândalo e seus irmãozinhos chorando.

"O que é que você tem contra a minha familia?"(deslize de Marco. E agora, José?)

A pensão mais agradável que encontraram ficava de frente pra praia grande! As ondas tinham o barulho ideal, uma leve brisa pairava a noite toda, os quartos tinham televisão (que eles não usariam) e banheira. Talvez custasse cinquenta cruzeiros por noite, que eles feriam um esforço para gastar, mas estariam bem confortáveis.

"Só vendemos pacotes de cinco dias, à cento e cinquenta por noite." O queixo de Marco bateu no chão e sua língua desenrolou-se. Só faltou Isabelle ter que reanimá-lo com sais minerais.

"Ele é muito pão-duro!", vingou-se ela.

Procuraram o dia inteiro e não acharam vaga que pudessem pagar. Comeram num selfe-sérvice barato, e Marco mio parava mais de resmungar de que não deveria ter vindo, de que era um cocô, de que ia dormir na praia pra ouvir as ondas, e Isabelle, segundo Magu teve de ter um saco de ouro pra aguentar o melecão enchendo o saco. Finalmente ela achou algo para gostar nele.

A dona do selfe ouviu o papo e sugeriu que visitassem seu amigo clemente, na bifurcação das duas estradas principais, onde veriam um borracheiro e uma birosca ao lado, e, no segundo andar haveriam de encontrar confortáveis quartos por vinte reais à noite sem café.

Magu já estava tendo convulsões de tanto rir, e perguntou se Marco estava tentando grudar meleca no teto em represália ao velho que mantinha aqueles cubículos chamados de quartos.

Marco explicou de que o bocal da lâmpada estava totalmente enferrujado, e que ele desceria em breve pedir ao velho e gordo demente, digo Clemente, que consertasse.

Aliás, Isabelle especificou que eles já o haviam chamado três vezes: uma pra trocar os lençóis que estavam usados pelo último casal que ocupara o quarto. Outra pra perguntar se as duas fedorentas toalhas que estavam no banheiro eram as únicas da pensão, se por acaso não haviam outras duas limpas (só havia uma), e, finalmente a terceira pra saber porque estava marrom a água do chuveiro. Era lama na caixa d'água e até meia-noite estaria resolvido.(Até o ano que vem pra ser mais exato!)

E agora lá iam os dois descer de novo encher o saco do pobre bom homem da recepção (o boteco).

Marco entrou só no bar, recheado de bêbados do local. Nenhum turista à vista.

" Seu clemente !

-De nooovo ! (Sem muita emoção, porém com um certo pedantismo, pigarreando no final e dando uns tragos numa guimba de cigarro antes de falar-lhe, e depois de olhá-lo retorcendo o cinza bigode com marcas amareladas pela fumaça.)

-Aqui a lâmpada! O bocal está enferrujado! já não dá mais pra encaixá-la!"

O velho olhou, pensou e disse :

" Ah! Então não tem problema !" E sorriu quando Marco suspirou aliviado. Olhando em volta Marco reparou que todos olhavam pra ele, e pra Isabelle e Magu fora do bar, interessados ou neles ou na conversa, ou sabe-se lá o que! Reinou um silêncio de segundos e Clemente afirmou.

"O último hóspede, aquele que deixou um monte de guimbas de cigarro debaixo da cama, já tinha se queixado disso, e eu disse que trocaria o bocal. Não tem problema - tragou, pigarreou, soltou a fumaça pelo nariz, e disse com a convicção de que agradaria os hóspedes - Amanhã mesmo eu troco!

O problema era que Marco queria tocar violão, Isabelle queria se olhar no espelho e ler, e Magu queria saber onde estava o papel higiênico. Tudo isso hoje e não amanhã quando eles iriam fazer algo mais interessante fora da pensão.

" Mas nessa escuridão toda? Você quer mesmo que eu suba lá? De qualquer forma vocês vão dormir, né? Pra que precisa de luz pra dormir? (Risada geral na assistência. Uh! Bicha! Bicha !)

-Eu pretendia ler e tocar violão, retrucou ele seca e elegantemente. (AAAhhhh...)

-Pô..., Disse seu Clemente, agora não posso fazer nadai Hê, hê, falai !)

-Eu tenho uma ideia, disse Marco pensando abnegar-se e fazer um pequeno sacrifício, sem depois falar mais nada e esquecer o pequeno incidente, eu posso mudar de quarto! (Olhando as chaves de todos os quartos penduradas atrás dos maços de cigarros, deixando óbvio que não havia mais ninguém hospedado lá.)

Seu Clemente ficou todo nervoso. E disse em tom sequíssimo de que não dava, que estavam ocupados todos os quartos, de que ficava difícil, além do mais depois que eles saíssem seriam dois quartos pra arrumar, e eticétera e tal.

-Já sei! Disse um outro velhinho com menores proporções de barriga, menos cabelos, e sem pigarrear na hora de soltar a fumaça pelo bigode: Tem a lâmpada da oficina!

E trouxe em um minuto, ante a expectativa geral e o silêncio da galera, catatônica, um fio trançado, tendo em uma das pontas dois fios de cobre desencapados, e do outro um bocal com uma lâmpada! (Delírio da galera, vivas , barulho de garrafas se abrindo e copos se enchendo.)

Subiram os três pro quarto, Isabelle reclamando que estavam olhando para suas pernas. Ligaram a lâmpada na tomada e continuaram o papo. Magu achou o semi-molhado papel higiênico, e Marco começou a tocar músicas com solos entre os refrões cantados. Isabelle ainda olhou pela janela antes de dizer:

" Tá calor, né? Liga o ventilador, Marco!

-Em que tomada? A lâmpada está ocupando a única que tem no quarto..."

Onde Marco pensa...

Marco sempre quis saber o porque das coisas. Nunca se contentou em simplesmente acreditar. Ele estava na barca, indo de um trabalho para o outro. Um hotel e uma empresa. Duas mesas de telefone, dois municípios unidos por duas barcas para ir e voltar. De seis à doze na zona sul do Rio, e de treze à dezenove na praia de Icarai. dois salários, fazendo um orçamento razoável que cobriam com exatidão as despesas do casal. Em uma hora: ele fazia um cúper do ponto de ônibus ao cais do porto, tomava um ônibus e uma barca. Triátlon com obstáculos, como ele costumava chamar, c, na barca, pelo menos nesse dia, leu o caderno de cinema, tocou gaita no balcão dianteiro, e mastigou canela. Sentou-se próximo ao balcão, olhou os classificados, interessou-se pela parte de carros de luxo, e levantou o rosto por um segundo quando sentiu um cheiro esquisito. Continuou lendo. Foi interrompido por uma latinha de refrigerantes que caiu certinho em seu colo e quicou de leve. Ouviu um baiàfâ, e o segurança que puxava dois rapazes, um em cada mão, reclamando de que nada poderia ser provado. Marco pensou em onde é que esse mundo iria parar! Pensou na coragem dos jovens que fumavam em frente à todos, pensou na violência policial e no abuso de autoridade, nas leis que proíbem as drogas, mas deixam impunes centenas de políticos corruptos, na falta de respeito de todos ali dos maconheiros, dos policiais, do povo curioso que olha e olha... Pensou também nas mães dessas pessoas todas, no tipo de educação que teriam dado à seus filhos. Talvez fossem bondosas senhoras, humildes e crentes, fazendo de tudo, lavando quilos de roupa para alimentar e pagar os livros escolares dos filhos, sem perceber no entanto o quanto eles desejariam ser ricos e mimados, fugindo da realidade com drogas... Ou talvez fossem ripongas, com uma ideologia de vida baseada no naturalismo, e seus filhos teriam crescido sem banho e sem carne vermelha... Talvez até tenham espancado os frutos de seus ventres até a perda de um canino, que Marco percebeu em um deles, tornando-os marginais perigosos e traumatizados. Marco só prestou atenção na lata quando ia chegando em Niterói. Imaginou-se tendo filhos assim, que amasse, e que fossem espancados por policiais. Desceu, olhou a lata. Tinha algo. Não jogou-a fora. Foi ao trabalho já sabendo o que continha. Tentou avaliar preço. O peso. Lembrou-se também da promessa que fizera a Isabelle há quatro anos atrás de que nunca voltaria a usar. No trabalho, viu a mesa de

telefone, piscar. Marco explicou demoradamente ao outro telefonista um outro fato incomum que havia-lhe sucedido no dia:

O telefone.

" No fundo da salinha escura, várias luzinhas ascendiam e apagavam sem parar. Pena que eu não torcia para o fluminense, pois eram todas vermelhas e verdes. Cada vennelha que piscava eu tinha que apertar, e acho que a máquina sentia cócegas, pois á cada toque meu ela reclamava com uns 'bips' insatisfeitos. Eu tentava desligar o botão de som, mas a operadora triunfava sempre achando outra forma de me irritar. Os pinos verdes não podiam ser apertados e piscavam fteneticamente emitindo ruídos de máquina chorona e mimada. Não admitia linhas ocupadas e soluçava, sempre piscando, dando-me ordens.

Aquele relógio mal-educado no canto da mesa, sempre atrasado, tentava impor-me sua ideologia 'o tempo é relativo', e eu discutia: não é possível, afinal, hoje eu me atrasei de quinze minutos pra bater o cartão e terei um desconto no meu salário. O tempo é concreto! E se eu tiver que acordar um hóspede atrasado por sua culpa? Quem leva a bronca? E todas as máquinas riam num coro maquiavélico e enlouqueeedor. O relógio, a operadora de telefones, o computador, o emissor de bips, o ar condicionado, as impressoras e os monitores.

Todas calaram-se de repente, catatônicas. Um dos botõezinhos vermelhos chorava: 'bíp...bip...bip...' Logo aquele botão que acusava algum hóspede chato, que na certa não falava uma só palavra de Português, querendo fazer alguma pergunta cretina do tipo "que horas são?", ou "até que horas é servido o café da manhã?", ou até, mesmo tendo em seu quarto um impresso gigantesco explicando que pra ligar pra fora é necessário discar o zero primeiro, iria me perguntar "coma eu fàsser parra ligarr parra o foôrra?" Eu responderia que seria muito fácil! Seria só discar o zero primeiro! E aí eu teria que afastar o fone do ouvido de tanto barulho que faz o disco quando as ramais estão conectadas. Eu diria com a maior educação "espere eu desligar por favor, sim? Muito ob. .." E ele sem a menor educação, iria desligar o telefone tão bruscamente que eu teria que afastar de novo o fone do ouvido. Ele voltaria a me ligar um minuto depois, sedento de violência, dizendo que adoraria saber por que diacho ele não consegue a linha nesta coisa de hotel que ainda se diz um cinco estrelas. Eu descobriria então que ele estaria no hall, onde o telefone não fazia chamadas externas, e isso também estava escrito, e ele teria que me ditar número por número o que eu deveria discar. Quando ou os números dessem ocupado, ou não atendessem, eu teria que afastar pela terceira vez o fone do ouvido quando o hóspede fosse embora me xingando em tudo quanto é língua.

Tremi nas bases. Só aquele botão piscava e mais nada. E agora? finjo que não estou? Faço de conta que não tem ninguém na telefonia! Perfeito! Talvez ele desista e tente fazer 'um três zero' para saber das horas! Talvez ele já tenha tomado seu café! Talvez ele até me ache um telefonista atencioso e resolva me dar uma gorjeta de alguns milhões de dólares e me recomende aos meus patrões! Serei promovido à recepcionista! Bem, optei pro ir ao banheiro, afinal seria a melhor desculpa por não ter atendido àquele telefone. Mas aquele pequeno 'bip', que começou como uma cosquinha, já estava alto, insistente,

rouco, e com outros ruídos misturados. Parecia uma buzina com um apito estridente e um peido grave misturados. E não parava de tocar! Num impulso impensado, saltei sobre a máquina, dei uma violenta dedada no botão pra ele parar de uma vez com aquela tortura! Ofegante, respondi:

" Operador Marco, bom dia!"

Foi então que eu ouvi a voz mais maravilhosa do mundo dizendo:

" Bom dia, amor!" Respirei. Nunca eu havia sentido tanto alívio quanto naquela hora. Aliás, eram sete lioras, c cu tinha começado à trabalhar às seis. Ainda às cinco eu havia me despedido dela com

a recomendação de usar o casaco que mamãe me deu e de não olhar pra ninguém na rua.

" Resolvi te fazer uma surpresa, amor!" Infelizmente minha esposa não pôde subir, mas estaria na praia em frente ao hotel esperando minha saída, me debrucei no buraco coberto por um vidro sujo que os outros operadores chamavam de janela fume, e fiquei olhando. Lá estava ela de biquíni azul. Logo aquele que todos olhavam e babavam. Ela não me via por causa do vidro, mas salsa que eu estava lá. Acenou, levou a mão aos lábios e soprou um beijo fazendo biquinho, apontou o coração e apontou pra mim. Desligou o telefone do orelhão onde estava, virou-se e foi caminhando em direção à areia branca com a mão em posição de continência pra tapar o sol. Uma linda música havaiana tocava ao fundo acompanhando seu delicioso gingado, fazendo seu quadril flutuar no ar como um grande bongô dourado pelo sol. Minha esposa!

Acordei (te súbito com todas as ramais tocando ao mesmo tempo. "Um momento por favor , um momento por favor..." E ia atendendo as ramais olhando a minha deusa deixar as coisas na areia, chutando o lixo e xingando os sujos. Esticando a canga e cantarolando uma música que daqui eu já sabia qual era. Coçou o sovaco e foi entrando devagarinho na água Primeiro o dedínho do pé, e, no primeiro toque encolheu-se toda de frio. Depois correu e se jogou de cabeça numa onda de limonada espumante onde desapareceu de um lado e do outro ressurgiu, godzilinha. Acenou em minha direção! Meu Deus! Tudo o que eu queria naquele momento era estar ali com ela, debaixo daquele sol escaldante, entrando na água transparente. Nus, nós íamos furando as ondas e batendo as mãos na espuma fresquíssima, passando a arrebentação, e vendo os prédios cada vez mais longe... Pequenos... A correnteza ia nos levando qual doce berço líquido. íamos afundando devagar, nadando para o fundo, observando toda a bela paisagem que se abria à nossa volta. Delicados peixinhos coloridos dançavam num lindo coro festivo, e dançantes águas-vivas, em todas as tonalidades de rosa e violeta giravam e flutuavam assim como algas azuis e estrelas marinhas dançavam ao lindo som do ula-ula em tomo de nos. Um atum barítono entoava as pmneiras notas, e era seguido por um coro flutuante de carpas ensaiando nossa canção de amor. E eu e minha mulher íamos cantando e olhando um paia os olhos do outro. Cantarolando... Ula-ula... Ula-ula... Trim-trim... Ula-ula... Trim...Ula-ula... TRIM ! De um sobressaio lá estava a operadora apertando os meus botões para eu completar ligações. E eu só dava ocupado! Uma hóspede, provavelmente Italiana me mandou, com toda a autoridade que tinha no momento fazer uma ligação internacional. Ela especificou que tentara três vezes e só dava ocupado. Com a maior educação, respondi atolado em meio às ligações:

" Por favor, senhora, se a senhora não conseguiu, que milagre me feria conseguir? Ela deu uma risadinha irônica. Chique. Sofisticada e condizente com sua indubitável posição social.

-He, he, hi, oh, oh! O último 'ho' era carregado com uma quantidade de ira que eu não saberia definir. Minha orelha queimou quando ela felou rindo e brincando:

-Que engraçadinho! Agora fez a minha ligação, sim? Eh, ih" Bip, bip, bip.. .Passei o resto da manhã tentando fazer a bendita ligação e nada. A ira angustiada daquele monstro risonho e sádico me cortara os ouvidos. Seu ódio sarcástico penetrava nas ramais e ecoava em todas as linhas. Ela queria tirar meu escalpo, e disfarçava com aquele riso frenético.. Doente... "Ih, oh"... Quando todas as ramais tocaram juntas deu minha hora: meio-dia em ponto. Desesperado, saí correndo feito um louco, peguei meu casaco e nem bati o cartão de ponto.

Seis hoTas da manhã do dia seguinte. Havia outro telefonista no meu lugar.

E agora?

" E agora? Você vai trabalhar em um só lugar?

-Não sei, respondeu Marco! Em todo caso, quando for viajar, poderei voltar no dia seguinte pela manhã. Não serei obrigado à pegar o trânsito de domingo à noite. Mas deixe eu te mostrar algo que veio parar em minhas mãos."

Marco mostrou a latinha de refrigerante, levantou a tampa que estava desfeita, e deixou cair o topo. A erva rolou sobre a mesa. Marco cheirou fundo e comentou.

"Quanto tempo que eu não sinto esse cheiro!"

O outro telefonista olhou, pegou, e retrucou:

-Dá pruma boa festa. Se nós não fossemos tão caretas, jà estaríamos chapados à essa altura ...

-Quanto você acha que vale?

-Bom...Está bem prensado, não? Aí deve ter quase umas trezentas gramas... Boa qualidade...Acho que vale uns oitocentos cruzeiros...

-Dá pra juntar com meu fundo de garantia e comprar minha tão sonhada moto..

-Mas tpal é mesmo esse modelo?

-Uma pequena mesmo, de cento e vinte e cinco cilindradas. Vou viajar com Isabelle até a casa da família dela , na região dos lagos, sem enfrentar trânsito, veranistas bêbados vomitando nos ônibus, espertinhos furando fila, nem música Baiana a viagem inteira. Com o dinheiro das passagens, nós vamos encher o tanque, e viver viajando todo domingo! (Sábado todos trabalhamos, certo? disse o outro!) A gente sai sábado à noite, quando o trânsito nas estradas é tranquilo, e volta na segunda pela manhã, e em exatamente duas horas estaremos em casa! Que maravilha! Eu vou ir de um trabalho para o outro sem ter que correr tanto! Talvez até tenha tempo de almoçar, sem ter que ser queritinha na barca!

-Mas é uma tentação fumar isso aí, cortou o outro.

-Só de olhar já dá vontade, completou Marco.

-Há quanto tempo você não fuma?

-Mais de quatro anos.

-Quatro?

-É...

-Ah...

-Parei quando comecei à namorar com Isabelle.

-Quantos anos vocês têm de casados?

-Três, mas o certo seria concubinato ..

-Certo...

-Com certeza! Mas vivemos um pro outro!

-Ela já fumou?

-Sim, só que sempre foi bem pouquinho. Ela gosta mais de cigarros comuns.

-O que não deixa de ser uma droga.

-Claro! Ainda mais bebendo! Não vejo diferença alguma!

-Mas o que é que te fez parar?

-Acho que me desliguei muito dos estudos, do trabalho. Eu deixava até de sair com os amigos pra ficar em casa fumando.

-Ué? mas as pessoas não saem de casa para se drogar? você volta pra se drogar?

-Questão de segurança... Muita polícia... Gente que não admite a liberdade dos outros..

-É ruim né? Você tinha muitos problemas pra fugir?

-Eu nunca fumei pra fugir de problemas! Não sei de onde vem esta doida noção de que as pessoas se drogam para fugir de problemas!

-Que isso! Ê óbvio que as pessoas se drogam pra fugir da realidade! Elas não suportam nem se olhar no espelho!

-Esse é apenas um tipo de drogado. Quando você toma uma cervejinha, está fugindo de que?

-De nada ora! Mas não é a mesma coisa. Você não pode comparar. Eu bebo socialmente, não estou me drogando.

-Socialmente bêbado, isso sim! É a mesma coisa firmar socialmente com os amigos, ouvir música, tocar violão , ler e escrever poesias. Melhor do que ficar no barzinho olhando pras pernas das mulheres.

-Eu não bebo no barzinho. Eu bebo assistindo ao futebol!

-Quem produz mais? Eu que escrevo e toco ou você que assiste futebol?

-Eu faço isso pra descansar.

-Eu também.

-Não adianta, isso é droga e ponto final. Vicia, faz mal, e acaba com a vida do drogado.

-Eu não tô morto, tô?

--Meu Deus...

-Não aconselho ninguém à fumar, mas também não sou assim, tão radical...

-A questão é que daí você vai querer experimentar coisas mais fortes. Como cocaína, heroína, sei lá!

-Você não quer fumar maconha porque a onda da bebida está se tornando fraca, quer?

-Já disse que isso não se compara Aliás, você vai fumar ou não?

-Eu tenho um trato com minha garota: se um de nós quiser fazer alguma coisa, terá que compartilhar com o outro.

-E você acha mesmo que ela vai gostar da ideia?

-Talvez os dois, na praia, sozinhos...

-Ah! Duvido ! Joga tudo fora! uma hora ou outra você vai ter dinheiro pra comprar sua moto. Não se envolva!

-

-Fala baixo, Isabelle!

" Marco! Que absurdo! Eu nunca imaginei que você fosse querer fazer uma coisa dessas! Depois de tudo que nós passamos juntos!" Com as mãos à cintura, os cabelos caindo por cima da frontee, meio curvada pra frente, Isabelle estava aos brados no meio da rua, enquanto Marco se encolhia nos ombros, descendo o topete até a altura do nariz.

-Fala baixo, Isabelle, isso é assunto nos...

-Marco, que decepção... Eu pensei que você tinha parado! Nunca pensei que você fosse voltar... Perdi a confiança em você.

-Se eu tô te contando é porque eu quero que você saiba. Não tô te escondendo nada. Não combinamos que iriamos compartilhar tudo?

-Me sinto traída, Marco! (Quase chorando). Você vai voltar ao vício...

Por essa frase Isabelle lembrava das descrições de Marco, do rapazola de dezenove anos que ela conhecera, cujas íris verdes contrastavam com o fundo vermelho dos olhos, quase que em cores

complementares, Mando de se isolar, firmar, tocar música, recebendo inspiração de seres que viveriam em certas dimensões, que ria de tudo, provocando-lhe piedade e admiração. Envolvendo liberdade e libertinagem em frases provocantes que gritava pelas ruas, em personalidades doentias que refletia em lindos desenhos à lápis de cera, em seu sentido pseudo-intelectual de política, sonhos utópicos e melancolia camuflada por sucessivas histórias engraçadas e sorrisos gentis. Amor de desenho animado versus realidade crônica, quem pensa já adulterou pensando que assim não fez deixa o marido ler o que quer pensa que o satisfaz A vontade já o deixou A força do amor é biônica Amor de desenho animado.

" Marco, só de você pensar nisso já está me traindo. Você já me decepcionou, fumando ou não. Estou aprendendo um pouco mais sobre você. Esta conversa vai terminar por aqui." Disse ela convencida, soprando a franja com o beiço e esticando o nariz.

-Magu em todo caso achou mais interessante a ideia de vender aquela quantidade toda antes que apodrecesse, e realizar o sonho da moto. A vida é curta, e Marco não acreditava em coincidências.

Magu desceu para sua Kombi de tatuagens deixando Marco e Isabelle sós na pensão. Ainda ouviu um grito ao fundo antes de dormir. "Guarda essa droga barulhenta e liga logo o ventilador que eu quero dormir! Não aguento mais esse violão!"

Antes de puxar o fio da tomada para apagar a luz, Marco guardou no armarinho junto à cama o seu café da manhã do dia seguinte. Uma caixa de suco de maçã importada, daquelas que não se encontravam nos supermercados da cidade, e um pacote de gordura doce. Não Isa, são biscoitos amanteigados, e eu gosto disso! Um pacote de isopor salgadésimo. Não, seu chato, são queijolitos e são uma delícia! Ela reclamou que era um cocô a pensão não servir café da manhã de manhã, ele disse que era barato em relação às baratas.

Deitaram, com o ventilador ligado, e almofada úmida onde Isabelle encostou a cabeça a fez sonhar com uma das histórias entre Alcino e a velha do olho de vidro. Parece que pra vingar-se do olho no copo de cerveja, ele jogara uma perereca na cama dela, e, tamanho fora o susto que ela desmaiara Acordara com água fria no rosto e fora dormir no sofá, cedendo espaço para o velho e a perereca, que tivera ao menos uma noite maravilhosa na almofada molhada. Jurara vingança!

Marco lembrou que na barca, pela manhã, sempre haviam moleques dormindo. Às vezes vinham famílias inteiras, e dormiam até o segurança os botar pra fora. Naquele mesmo dia, estava um deles semi-camuflado debaixo de um banco. Devia ter no máximo seis anos, e era cinza. A poeira só faltou pular ao tapinha carinhoso que ganhara. Saiu uma nuvenzinha brilhante de sua cabeça, mas ele nem se mexeu. O segurança, após expulsar os garotões do balcão, querendo tirá-lo de lá perguntara a um outro que estava em pé à seu lado:

" Vocês vão pra Niterói?"

Ele fez que sim. O guarda pegou então aquele que dormia por debaixo dos braços e levantou-o então até a altura do rosto, em todos os seus um metro e noventa, encolhido qual caramujo. Deitou-o numa cadeira perto de Marco, onde continuou dormindo.

" Me dá um pouco ou eu deduro você!" Foi o que Marco ouviu em seguida do mesmo guri. "Agora!" repetiu, diferenciando-se de um adulto apenas pelo tamanho de criança.

" Se você der com a língua nos dentes te encho de pancada!", respondeu Marco, diferenciando-se de uma criança apenas pelo tamanho de adulto

" Paulão, Paulão!" e vão correndo um gordão baixinho de uniforme.

-Você viu o Perebím hoje?

-Pô! Você vem me perturbar com essas besteiras? Não! Tchau!" E foi-se sacudindo o cassetete e a barriga.

-" Dá agora!" Insistiu o moleque. Num reflexo impensado Marco deu um punhado de droga pra

criança que sumiu em segundos. Só faltou chorar depois, de consciência pesada por estar alimentando o vício de um garoto que provavelmente não tinha a menor consciência do que fazia.

E crianças são assim, quer tenham dez, quer tenham cinquenta anos. Quando querem alguma coisa e não podem obstinam-se, esperneiam. Felizes são aqueles cujos pais atendem aos desejos, ou podem atender. Aquelas outras que nada têm, nada podem ter, e arriscam ainda verem reprimidos os seus mais temos desejos: pipocas, balas... Talvez elas conheçam o cigarro como o meio eficaz de matar a fome antes mesmo de conhecer a comida. Na rua não existem paredes para ecoar seus choros, e o grito de neném se perde no ar, imperceptível... Quando têm pais, raramente ensinam-lhes o contrário de acomodação e trocado fácil. Quando Marco queria se drogar, poderia até deixar de comer, mas não faltaria-lhe o pão de cada dia. Era uma opção. Cabia-lhe por inteiro escolher o paradeiro do fruto de seu trabalho. Quando não tem-se nada à perder, nada se pode: família, casa, conceitos de vida preestabelecidos , comportamentos, ou uma intelectualidade desenvolvida. Nada. Os horizontes fechados, ao contrário dos de Marco, que, apesar de ter apenas o nível colegial de estudos saberia conversar sobre química, natureza, comportamentos, música, e escreveria uma longa redação sobre qualquer tema de seu interesse. Os horizontes fechados, abertos às necessidades do momento, induzem as pessoas à um constante condicionamento, reduzido ao círculo vicioso de comer, dormir e ir ao banheiro. Cada uma das etapas exigindo o mais árduo trabalho, levando horas de um dia. Dias de uma vida. Marco comeria a hora que quisesse, quentinhas, chocolate em promoção pague dois leve três, e até se drogaria caso preferisse. O pivete, condicionado, expressaria seu desejo infantil e adulto, sua vida mista, sua existência e um motivo para ela em um audacioso gesto de superioridade momentânea. Marco acatara sua ordem, tomando-se assim parte do ciclo da sociedade. Fácil seria agora sentir pena, pensar ou remoer, e transferir aquilo para o lado intelectual-pensante de seu ser. Sair, pegar o garoto, e ensinar-lhe algo mais seria um suplício para ambos. Os muros de Marco não iriam mais refletir seu choro, fazendo sentir-se gente, mas sim, feriam de sua vida uma prisão onde suas necessidades do momento se realizariam em tábuas de madeira acolchoada, e não atrás do lixo. Tudo se realizaria ao longo de uma jornada de trabalho. Hora de dormir, de acordar, de almoçar. Marco era mas uma criança presa, e assim completava-se sai ciclo diário. Cedendo drogas à crianças, colaborando com vícios feito gente sem escrúpulos. O garoto sem opção tirou-lhe a opção. "Será sempre mais fácil alguém menor puxar-te pra baixo, do que você, maior, erguê-lo à sua altura..." Pensou Marco. Lembrou-se também da vasta porta do inferno, dos ímpios atravessando-a com prazer, e fechada a porta do céu. Quase chorou. Não conseguiu, ou conteve-se. Não sabe ao certo.

Quantas vezes cruzamos com pessoas... "Pessoas de todo tipo..." Pensou Marco quando conversava consigo mesmo, aguardando o homem da areia, mensageiro do Deus do sono Morfeu Pessoas... Deuses... Moleques adultos... Adultos moleques... Situações de todo tipo... Ser controlado... Controlar... Como o homem da barca controla pipocas, salmões,

-Magus e bujões de gaz explosivos... Controlar o incontrolável... Isabelle é controlada pelo incontrolável que não controla o controlável que é pra controlar. E vários amigos de Marco apareceram, e fizeram roda, cataram anel, deram meia-volta na cirandinha, e esconderam-se do berro do gato da Chica. A bola subiu ao céu e o vento cortou o fio que a unia ao centro da terra, onde Isabelle tricotava meias para a avó, Quando Marco entrou e cantou uma melodia, Isabelle batucou um ritmo fantástico com baquetas de tricô. Os amigos eram todos crianças, fizeram um coro, e a ópera ecoou nos quatro cantos do mundo. A água tomou conta de tudo. Marco nadou, respirou dentro d'água, e se deparou com gente que não gostava na escuridão. Essa gente de repente precisava da compreensão dele, mas também não prestavam atenção na benção que poderia ser toda aquela amizade. Uns criticavam, e outros davam-se conselhos que não aplicavam ã si próprios, mas não importava pois não ouviam-se tampouco. Tudo mudou, e Marco viu um rebanho de ovelhas estourando e nenhum lobo por perto. Pensou que era em vão, sem lobo, medo, e um berro veio de todos os lados, "Deixa eu entrar!", seguido de um assobio estridente e palmas bem fartes. As ovelhas fugiram todas, e ainda não apareceu o lobo. "Porteiro! Deixa eu entrar! "...Blam blam blain! Fiu fiu! Alô! A água voltou para o centro da terra, e tudo foi pra esquerda e pra direita. O planeta

todo... E Marco... Pra esquerda e pra direita... Asam... Pra esquerda e pra direita... Marco... Marco... MARCO!!! MARCO!!!!

" Que foi, Isabelle?

-Tem alguém lá embaixo. Tá fazendo o maior escândalo!

-E eu sou surdo, por acaso? Deixa o cara e deixe-me dormir!

-Mas Marco, disse ela preocupada, por que ele quer entrar?

-E eu é que sei? Que importa? Ele deve estar viajando. Não quis o quarto de dia e quer agora às três da manhã. Provavelmente bebeu.

-E você vai abrir?

-Além de surdo eu agora sou burro? Esquece! Vai dormir!

-Você esta nervoso comigo? (tristeza profunda, consequência de anos de repressão)

-Claro que não! Me deixa dormir, pô!

-Então por que você está gritando comigo?

-Não tô gritando! Tô com sono, droga! Me deixa dormir! (cada vez mais alto)

-Para de repetir isso! (baixinho) Você está me deixando triste! Você prometeu que não iria mais brigar comi...

-Caramba! Você não está com sono, não? (Quase aos berros, tom de voz rouca, assustador, projetando gotículas de saliva no rosto dela). Já não basta aquele panaca lá fora ter me acordado pra você agora ficar de nhé-nhé-nhé?

-Eu fico de nhé-nhé-nhé?

-Não! Eu!

-Você não me aguenta mais... disse ela, virando-se de lado e soluçando baixinho.

-Isabelle, pelo amor de Deus! Entende que eu só quero descansar!

-Mas você não me entende! Eu não consigo dormir com esse barulho todo lá fora! Essa música! Esse pessoal berrando, esse cheiro de cigarro entrando pela janela! Você não, você dorme feito uma pedra!

Beijaram-se, consolaram-se, pediram-se desculpas, choramingaram e Marco apagou rápido. Isabelle não. Tinha um sério problema pra dormir. A noite trazia consigo segredos lindos e assustadores. "A noite esconde as pessoas", pensava ela. Nunca dormia de bruços, com medo de ser atacada por cima, e nunca dormia de costas pra não ser apunhalada pela barriga. Dormia de lado, e obrigava Marco à ficar de barriga pra cima pra que ele pudesse ver caso alguém os tentasse atacar, e defender ambos. Todo dia sua hora de acordar seria às seis. Não era o caso dela que poderia ficar até às oito na cama e provavelmente só conseguiria dormir pela manhã. Até lá ela teria pesadelos, medos, veria gente, espíritos, e se perguntaria sobre a veracidade do que via, e diria pra si mesma "não é nada não, Isabelle, pode dormir tranquila". Repetiria uma segunda vez para seu alcezinho de pelúcia que Marco lhe dera de natal e se arrependera depois por ter que dormir com ele toda noite. Ela repetiria com voz de criança que amamenta bonecas, e saberia estar apenas escondendo de si mesma o medo que sentia. Encolheria o rosto coberto no ombro de Marco, e jogaria nele toda sua confiança. Puxaria mais o lençol, o alcezinho, Marco e bolota, a gata gorda que dormia com eles e passava-lhe alergia, e perguntaria com o mesmo carinho pra Marco: "Você vai me proteger de tudo, não é, amor?"

-Não enche o saco! Me deixa dormir! E para de mexer com esse lençol pra lá e pra cá! Cuméquevocêquéqueeudurma com você mexendo assim? Qualquer dia desses eu jogo gato e alce pela janela! Pra que que eu fui comprar isso pra você? Sabe à que horas eu acordo amanhã? Você

não! Você tem a manhã inteira pra se recuperar desse pula-pula todo! Tá pulando à mais de uma hora!"

-O cocote e ... Ops!

No dia seguinte acordaram antes dos veranistas, e depois dos pescadores, que não paravam em nenhuma época do ano (ambos). Marco pegava o violão logo ao despertar, seguindo a inspiração que lhe trazia a noite, tentando reproduzir os ritmos fantásticos com os quais sonhava Nunca conseguiria, dizia ele, expressar com tanta fidelidade as maravilhas que todos tocavam com a maior naturalidade no mundo do qual ele acabara de sair. Tentou bater como Isabelle batia no sonho. Tentou lembrar do canto-coral. Tentou lembrar da sensação da água entrando nos pulmões e sendo respirada sem a menor dificuldade.

Fazendo gargarejos com o suco, e 'prrr' com a boca cheia de biscoitos, Marco sentiu como seria a massa escorrendo pela garganta e caindo pesadamente estômago abaixo. Viu com exatidão que a comida fica mais doce depois de mastigada durante muito tempo, demonstrando assim que a mastigação é parte fundamental de uma boa alimentação, já que a saliva digere bastante o que esta na boca. Em suas fezes, de vez em quando, seria possível discernir caroços de feijão, pedaços de alface, o vermelho da beterraba... Se ele quisesse aproveitar ao máximo daquelas proteínas, ele precisaria fazer como os budistas, que mastigam sete vezes, cada uma das quais dedicadas à algum pensamento superior, à um órgão específico, ou talvez à morte da bezerra, que aliás ele nunca havia comido. Aliás, quantos bichos ele já não havia comido... Degustado... Camarões, bois, galinhas, peixes... "Animais!". Tai! gato ele ainda não lembrava de ter comido! Nem javali, como Obelix! Só de pensar que aparecera na televisão um restaurante que servia javali no espeto, ficava com água na boca! Chupar o ossinho no final! Sem esquecer o limãozinho pingado, e, é claro, aquela pitadinha de sal! Tudo no espeto é uma delícia. Filé, asinha de frango, linguicinha cheirosa, com aquela gordurinha pingando na brasa e estalando! Coraçãozinho! Espetadinho... Podemos botar um monte deles lado à lado, e comer um à um. Tudo que se termina com 'inho' é uma delícia, pensou ele... Mas o problema é que eu não tenho um 'estômaguinho', portanto eu prefiro as coisa que terminam com 'ão% como quindão, requeijão e um pudim gostosão! No quindão também entrou algum simpático bichinho. 0 ovinho. Ih! Já caí no 'inho' de novo. Esse nunca vai ser pintinho. Nem galinha, aliás. Nem franguinho nem galo velho.

O pai de Marco, Khasé, era emérito cozinheiro, e passou o dom ã seu filho enquanto bebia escondido da esposa, que por coincidência do destino era mãe de Marco. Ensinava o guri à descascar cebolas, botando a língua pra fora pra não chorar igual bezerro desmamado, e provar de tudo o que fazia. Não admitia frescuras. Tinha que comer de tudo. Inclusive preparar de tudo, depenar frango, cortar pescoço, sangrar, separar o sangue pro molho, e ferver, e fritar, e assar... Khasé seria capaz de contar a história de sua vida cinquenta vezes se fosse necessário, para deixar claro que não se deve ter nojo nem jogar fora comida Nem o talinho da alface, nem a casca da laranja, que dava uma excelente compota Tampouco o resto do maracujá era desperdiçado. Tirando cuidadosamente a pele amarela e fervendo por uma hora pra tirar o amargo, e mais um monte de açúcar transformariam a parte branca que tanto as pessoas jogavam fora em doce, e marcariam o guri de agradáveis lembranças

-- Naquela época, começava Khasé justificando, início da independência do Líbano, foram recrutados mercenários, tanto para o exército Alemão quanto para os aliados. Não sei se você sabe, mas eram as forças do eixo, os Italianos, Alemães, Austríacos e Japoneses contra os aliados, os Franceses, os Ingleses e Americanos. Os Russos no início tinham um pacto de não agressão com os alemães e, assim que tomaram a primeiro chute no traseiro viraram a casaca.

Sabe, filho, a história do homem é recheada de guerras. Sobretudo na Europa, o dito berço cultural do mundo. Cultura? Baseada na conquista e na imposição de ideias. Brigaram desde o início dos tempos. Já começou com a briga de Deus contra os homens, expulsando estes do paraíso. À sua imagem e semelhança, Eva enganou Adão com a cobra, e Adão, após ter ganho seu pão com o suor de seu rosto, não podia nem mais dar-lhe umas cacetadas tranquilamente sem que ela fosse pra

delegacia de mulheres, abrir um processo e ficar com uma pensão bem gorda. Mas isso fica pra outra conversa...

Todos os países da Europa assim se formaram, de invasão em invasão de conquista em conquista, de pilhagem em pilhagem. Você no colégio, na história do mundo, vai estudar só guerras e vitórias, entrecortadas por invenções tão mortais quanto mirabolantes... Aliás, você estudará somente a história dos vencedores. Heróis e libertadores, vinganças e conquistas...

E morte...

E até hoje assim se luta, pois nem tudo está resolvido. Continuam inventando armas e engenhocas. Discutem que país é de quem, quem fala que língua. Quem vai aproveitar de que rio, mina ou floresta. Pouco espaço, muita gente. Falta de recursos naturais.

Tanta falta de recursos, que é provavelmente o que explica que eles tenham saído de lá atrás dos recursos dos outros e tenham começado o processo de colonização.

Por que será que entre as tantas raças que povoam o mundo, dos amarelos aos peles-vermelhas, dos semitas aos esquimós, apesar de se envolverem todas em conflitos territoriais, só os Brancos europeus tiveram tanto ímpeto em suas conquistas, sobrepujando todas as outras?

Nem se pode falar em Europeus, pois os verdadeiros colonos vêm da Europa ocidental: Portugueses, Franceses, Espanhóis, e, é claro, os maiores de todos, os Ingleses. Na Europa do leste, nunca se teve grandes colônias. Tentaram recuperar o vão que ficou, pois sentiram-se ultrapassados. É uma das milhares de explicações que deram para a Alemanha unir-se à Itália e Áustria, e sair à conquista do mundo. Outros dizem que foi consequência da derrota na primeira guerra mundial, que por sua vez foi retaliação à guerra de 1870, que veio de outra guerra, e de outra, e de outra...

Falam de posições geográfica privilegiada... Vantagens econômicas... Das várias facilidades que os teriam levados à tal comportamento. Este comportamento, Não seria ele a causa, ao invés de consequência?

Quanto mais países conquistaram com sua belicosidade sem limites, mais envolveram pessoas em seus conflitos.

Só que em trinta e nove eles envolveram o mundo inteiro neste círculo vicioso, pela segunda vez.

-Um planeta inteiro em guerra.

Nessa Europa de bem pouco tempo atras, havia um povo, que, apesar de nascer e crescer em todos os cantos do continente, nunca ganhara um Visto. Um documento que garantisse cidadania. Uma carteira de identidade onde estivesse escrito "Romeno", "Eslavo", "Austríaco"... Veja o passaporte de seu tio Martin, que guardo preciosamente até hoje. Apesar de nascido e criado na Polônia, não era cidadão oficial de lá. Era judeu. Como eu e você. Só que nós temos passaporte e papéis brasileiros.

Quando um povo superior belicamente conquista outro inferior, impõe-se politicamente, tomando a polícia e o governo. Quando este povo também é superior intelectualmente, impõe além disso sua língua e sua cultura. Desta forma se feia Francês e Inglês na África, Espanhol na América... Os Romanos se impuseram sem dificuldade sobre os Gauleses, Ibéricos e Lusitanos. Falamos hoje em dia os vestígios da língua do colono de outrora. Os povos que não se submetiam poderiam ser até exterminados, como os Astecas, índios brasileiros ou americanos...

Os Gregos, como se vê, não tinham o mesmo poderio bélico, mas com certeza tinham uma cultura mais forte do que a do invasor Romano, e não foram dominados intelectualmente. Até hoje falam o Grego. O Sânscrito tem mais de cinco mil anos, e é uma língua viva!

O processo continua, hoje em dia . Não somos todos impelidos à aprender inglês? e a próxima não será o chinês ou o árabe? Quem sabe?

Dinamarquês... Holandês... Finlandês... Quantas bibliotecas formidáveis não vão nunca ser

traduzidas, e se perderão no tempo... Serão objeto de estudo de linguistas ou antropólogos... Como eu disse, você só estudará a história do vencedor!

Os Judeus sempre falaram sua própria língua, e nunca empunharam armas para se desenvolverem. Sempre conseguiram crescer em meio às sociedades onde viviam através de trabalho árduo.

Este trabalho árduo certamente levou muitos dentre eles ao sucesso financeiro, e à cargos de chefia, despertando os mais baixos instintos entre as populações dos países onde viviam. Mais fácil culpar terceiros pela sua feita de sucesso do que assumir seus próprios erros.

Se és considerado estrangeiro onde estás, se não tens amigos, podes confiar tão somente em teus patrícios para cresceres na vida, és pressionado à todo momento sem sequer ouvir uma explicação lógica, não vais dedicar-te inteiramente ao labor? Darias trégua? Ficarias à beber em bares? Arriscarias passar necessidade, se nem com o vizinho, para um tantinho de açúcar podes contar?

A propaganda nazista, baseada no antissemitismo xenófobo, axioma antigo das sociedades europeias, cresceu em meio à um clima de crise econômica profunda, e insatisfação geral. Clima como o do Brasil de hoje, respeitando as devidas proporções. As pessoas iam ao mercado com sacolas cheias de dinheiro, e saiam de lá com um pio. Sacolas cheias não é metáfora! O clima era propício à revolta. Foi quando surgiu um herói salvador, Hitler, que iria tirar os Alemães do lodo no qual se encontravam e, surgiu também o bode expiatório, o culpado da crise, crise que nada mais era do que consequência da prima» guerra. Os judeus. A lei do Maniqueísmo, do bem e do mal, sem o qual não poderia haver bem.

No Líbano, aos dezesseis anos, fia muito bem pago para lutar do lado dos Franceses, ganhei passaporte de lá (válido até hoje), e, crente que tinha coisa melhor que dar água pra camelo, fui parar no fronte com a flor no fuzil (achando que guerra é uma coisas bacana, igual um monte de ignorante patriótico que eu conheço pelas aí.) Como tinha família na Polonha, pensei em juntar-me à eles. Até aí tudo bem.

Por outro lado, nas duas guerras mundiais, a Polonha, país mais fraco, foi o primeiro país à ser invadido. Capitulou em poucos meses

Em Varsóvia, por exemplo, a capital, imagine uma cena inimaginável. Pessoas. Muitas pessoas armadas, vindas de outro pus. falando outra língua que ninguém entende, invadindo o seu. Invadindo sua «asa, e as de toda sua familk. Expulsando à força um por um. Roubando, matando à troco de nada. De um dia pro outro. 0 seu país perdeu a guerra, capitulou Você *é* mais fraco.. Impotente...

Em menos de um mês o governo já colaborava com o inimigo, e fornecia de bom grado os dados dos mais recentés recenseamentos

Segundo a propaganda Nazista, os Judeus eram a causa da guerra. O invasor passou à ser o bom samaritano, e, seu vizmho, aquele com quem se conviveu pacificamente anos e anos, o culpado da guerra. Muito mais fácil para o vencido enfraquecido acreditar em tal absurdidade do que analisar os fetos.

Expulsaram todos os judeus de suas casas, ocuparam-nas com Alemães ou a nova classe de colaboradores emergentes poloneses, e declararam ilegais seus bens. Foram instalados todos em um bairro central. Eram milhares!

Colaram ao tórax de todos estrelas amarelas, sem às quais poucos seriam diferenciados fisicamente dos Poloneses.

Encontraram-se então todos à rua, portando apenas seus objetos essenciais, e a roupa do corpo. Foram amontoados todos em casas do centro, espremidos como animais em gaiolas

Do nada, iniciaram a construção de um muro, usando a mão de obra judia e polonesa (à preço de banana).

Um muro que ia do nada à lugar algum.

Durante semanas, trabalharam todos muito duro. Como entendei a demência de tal obra?

Rumores percorriam as ruas de Varsóvia.

Em von mês entretanto veio a resposta.

Estavam todos cercados, e isolados do resto do país. Era o gueto. Ninguém entra, ninguém sai.

Conseguiram, usando mão de obra semi-escrava isolar os judeus de todo o país, trabalhando em um silêncio exemplar Poucos tiveram a presença de espírito de fugir à tempo.

-A primeira engrenagem de complexa máquina silenciosa de morte estava em seu devido lugar.

Fecharam as duas rotas de acesso, cercaram a enorme prisão de tijolos e arames farpados, e de Poloneses.

Assim o invasor passou à controlar a entrada e a saída de comida. Meu primo Martin, foi pego desde o início no gueto. Nosso avô tinha uma fabrica de luvas, e não era pobre.

Os judeus falavam Iídish, ou melhor, falam até hoje, que é uma língua bem parecida com o Alemão, e entendiam tudo o que diz» o inimigo Os Poloneses não tinham nem como comunicar-se com o advindo. Os Alemães então xingavam a mãe do gajo que, caso demonstrasse sinal de irritação, morria no ato.

A lei dos direitos humanos, que foi posta em prática com tanto sacrifício, deu lugar à lei do vencedor, a do mais forte. E a lei dizia morte à qualquer coisa que pudesse interferir no maquiavélico processo.

Investiam contra a população gratuitamente, e dizimavam centenas de civis diariamente. Centenas, não. Milhares!

Conhecendo Varsóvia como a palma de sua mão, Martin encontrou uma forma de driblar a vigilância do inimigo, fazendo tráfico de comida. Arrancou a estrela amarela do peito. Agarrava andando o bonde que ainda era obrigado à passar pelo gueto, subornava o soldado polonês ali presente, saía, trocava as luvas da antiga fábrica de seu pai por batatas, e revendia no gueto, alimentando dúzias de pessoas. Ganhou tanto dinheiro, que montou uma indústria, subornando dezenas de soldados Alemães e Poloneses para que fizessem vista grossa, e conseguiu enriquecer muita gente.

Certamente não eram muitos à conseguir sair de lá de dentro, sob o risco constante de serem fuzilados ao menor sinal decantou motim

Mas os Alemães investiam constantemente contra a população inocente, matando dezenas por vez, assim, só por matar, criando uma atmosfera constante de terror. Um terror que poucos são capazes de conceber.

Morriam todos como moscas. E como morriam. Centenas todo dia! Mesmo assim, continuavam trazendo judeus de todos os cantos do país.

Todos tentavam criar esconderijos onde pudessem esconder suas famílias esfomeadas. Quantos faleceram por raquitismo?

A profissão de papa-defunto era invejável, porque eles ganhavam um pão à mais por dia.

A fome, a difteria, até o tifo, e tantas outras doenças assolavam a população do gueto implacavelmente.

Em meto à tanta fome, tanta morte, tantas saraivadas de tiros tanto horror, tantas perdas, havia um estação de trenó. Não é espantoso? Em pleno gueto havia unia estação que trazia consigo o letreiro do mundo novo. Da sonhada pátria. Do fim das expiações.

Rumores falavam de vida ao fim da linha, e rumores falavam de morte.

-Muitos entraram nos trens, pois não aguentavam mais a fome. Outros porque foram atirados em seus compartimentos de carga. Eram trens que usualmente carregavam animais.

Um belo dia, voltando das suas excursões em busca de alimento, ao chegar no pequeno estúdio que lhe servia de apartamento, à ele e à toda sua família, Martin viu sangue escorrendo por debaixo da porta. Sua garganta se retorceu em um nó, e ele encostou a cabeça no muro, e chorou. Chorou horas e horas, e finalmente teve coragem de abrir. Ao chão, sua mãe, desfigurada, jazia abraçando todos os seus irmãos.

No cúmulo da agonia, Martin acreditou que uma nova pátria o esperaria ao fim da linha, e embarcou em um dos fétidos vagões. Mas isso eu continuo contando outro dia.

Hoje em dia, as ruas do terceiro mundo podem ser comparadas ao que tínhamos. Terceiro mundo que eu digo não é o Rio de janeiro, ou Vitória. Falo da índia, onde mais cem milhões de pessoas morrem de fome jogadas por entre os esgotos fétidos. Em Calcutá onde setenta por cento da população de menos de trinta anos já é desdentada. Em Angola, onde estão extinguindo raças de macacos, para alimentar-se. Onde mulheres grávidas, velhos, e aleijões não têm vez. E a Somália?

Está pra chegar o dia em que as pessoas vão dar tudo o que têm em troca do que hoje jogam no lixo. Lustres! Ourol Anos não enchem barriga! Como no gueto! De que adiantaria ser rico ou pobre diante do holocausto eminente? Só havia lixo pra se comer. Martin comeu até papel no ápice da fome. Terra! Bebeu água do vaso... Enquanto tinha água no vaso!

Entendeu Marco? E pra te provar, nós vamos fazer igual eu fazia na guerra! Vamos preparar comida do princípio ao fim

Quando Marco (sete anos) entrou atrás do pai numa loja de animais, ficou maravilhado com os passarinhos, gatinhos e coelhinhos. Distribuiu carinhos e pegou pela primeira vez numa galinha. Deu comida pra pintínho na mão, e ficou impressionado com o belo galo marrom que o encarou e fez 'cote\ Aproximou-se e viu que o bicho tentou fugir. Mas não tinha pra onde. Sua mãozinha de criança passou com facilidade pelas grades da gaiola vermelha de ferrugem, e convenceu rapidinho o bicho de sua amizade. "Incrível!" Disse o vendedor, "primeiro pra quem o bicão deu confiança!" Em cinco minutos já estavam envolvidos o bicho e o homem. Nos impulsos de prisão e desejo de liberdade era o guri seu arrnguinho, à quem ele dedicaria seus últimos 'cocotes', pois os animais sabem quando vão morrer, segundo o vendedor. Marco ouviu ao fundo vozes conversando, qual espasmos perdidos no ar. "Será que o ser humano também sabe?". "Você consegue imaginar?". "Não diga!". Longe de participar de qualquer conversa com pessoas, Marco conversava agora com o seu emplumado colega imitando seus 'cotes' e 'uoques'. Khasé chegou por trás, deu um cascudo carinhoso, e perguntou se ele queria levar pra casa. O garoto só faltou delirar! Um frango só pra ele! O novo amiguinho! Todo mundo tinha cachorrinho, e ele ia ter um frango! Ele iria aprender à falar a língua dos frangos, e já imaginava agora como explicar-lhe que ele iria sair e que não era pra se assustar com o moço de branco pingado de vermelho. Ele ia ensinar truques bacanas, como por exemplo voar porentre argolas, e responder quando chamado pelo nome! Com a caneta atrás da orelha, bloco de papel no bolso, o homem segurou o pássaro pelas asas. Marco foi acompanhando cada gesto, e fazendo carinho na cabecinha do bicho pra ele não ficar com medo durante a viagem. O vendedor foi levando o frango de lado, quase se abaixando pro garoto ficar pegando no bicho. O moço desapareceu atrás do balcão, e Marco pulou no pescoço do pai, que riu e deu outro cascudinho.

" Ele vai ficar feliz, né?

-E nós mais ainda, riu Khasé. E sua mãe então vai lamber os beiços.

-Eu vou' aplender' a Mar na língua dos' flangos'!

-Então manda ele ficar quieto, grunhiu o vendedor, invisível aos olhinhos do garoto atrás do balcão de metal. Droga! Vai assim mesmo! CATAPLOFT!

O que foi visto depois foi um festival de sangue pra tudo quanto é lado, espalhado por um corpo

sem cabeça que corria e batia as asas, quicando nas paredes ante os palavrões do vendedor, os risos de Khasé mandando o vendedor segurar o sangue pro molho e o olhar catatônico do garoto que caiu com o projétil emplumado alojando-se violentamente em sua barriguinha. Marco chorou de susto, e, em meio as lágrimas reconheceu o corpinho do recém batizado 'píu-píu'. Se desesperou, e o pai não conseguiu explicar à mãe porque que ficou chorando horas, mesmo depois de terem chegado em casa.

A noite, foram pai e filho pra cozinha. A água ferveu, e foi jogado o corpo de 'píu-píu' dentro da caçarola, com cabeça e tudo, porém não pregada no corpo, é claro. Um cheiro de sangue cozido com água invadiu o ambiente e trouxe náuseas ao guri que fez uma careta discreta. Ao ser mexido pela colher de pau o frango pôs sua pata pra fora da panela. Três dedinhos rosas...

" Ih!" pensou Marco, aproximando-se devagar da panela. Debruçado no fogão, o garoto viu o corpo de seu amiguinho, todo vermelho de fervura. As asinhas abertas. Uma patinha dobrada pra dentro, e a outra... Três dedinhos pra fora! A Cabecinha, como que soldada ao pescoço, mas caindo pra trás. Dois buracos negros no lugar dos olhos. O bico entreaberto. O cheiro de sangue diluído em água fervente invadiu suas narinas. "Ele fez 'cocote', Fez sim!" Quis sair correndo o garoto, quando o pai segurou-o pela manga.

" Que é que foi? Nunca viu comida?

-O píu-píu... Tá fazendo cocote. É verda...

-Deixa de choramingar igual criança, fez o homem empurrando o filho pra perto do fogão. Cocote é o carvalho Tá morto. Olha sói Tá morto!"

Khasé ainda remexia o bicho morto na panela, quase que enfiando a cara de Marco junto, quando sua mãe ouviu-o choramingando e tirou-o de perto do pai assustadissima.

Agora ao ver bichos em panelas, como caranguejos, siris, asa de frango, ou pé de porco, Marco só conseguia ver o bicho fazendo seu 'Oinc-oinc', 'glu-glu', 'mu-mu'. Um assassinato! Transformar seu estômago num cemitério. Degustando cadáveres...

" Marco! Pára com esses barulhos todos! Nunca vi ninguém mais nojento que você! parece até que tá doente! O tempo d'eu tomar banho em cinco minutos é chance de você começar com tudo isso! e larga esse violão quando eu Mo com você. Por que você não come igual à gente civilizada ao invés de ficar gargarejando com suco?"

-Aí hein, Melecão! Berrou Magu da rua.

-Vamos descer, Isabelle? Tô doido pra andar no sol!

-Que sol? Perguntou ela, olhando pela janela e secando tranquilamente o cabelo torcendo a cabeça de lado."

Realmente, aquele dia não estava ensolarado, mas nem por isso estava frio. Muito pelo contrário. Estava um mormaço

quente e pesado. Após ter comido o isopor salgado, Isabelle pensou e procurar a mãe e o padrasto. Marco pensou que o tempo ainda estava bom o suficiente para correr na praia e tomar sorvete.

Desceram cerca de nove e meia. Seu clemente servia bebidas para veranistas e pescadores e fumava. A oficina verificava pneus de um carro novo, porém sujo de lama até o teto. A kombi de Magu estava aberta, e ele estava tatuando uma jovem quando cumprimentou o casal sem virar o rosto. Marco já foi se aproximando, e atravessou a rua em frente à um carro que passou buzinando. Isabelle não foi atrás por detestar atravessar ruas correndo. Ficou zangada quando Marco chegou perto da moça olhar a tatuagem. Um Feroz dragão pintado pela metade parecia sair de dentro de suas costas cercado por um bando de morcegos em meio à chamas e fumaça cinza- avermelhada.

" Incrível!" comentou Marco ao ver o tamanho do desenho.

-E olha que comecei à apenas duas horas... Respondeu o prendado tatuador sem tirar os olhos do que fazia.

-Mas eu não agüento mais de dor, completou a moça.

-É assim mesmo na primeira, disse Marco, mas depois a gente acostuma.

Isabelle ficara congelada, meio à distância da kombi, pra ver até aonde iria seu namorado.

-Você tem quantos anos? perguntou ele.

-Quinze! disse ela com um meio sorriso.

-Quinze? Berrou Magu. Você falou dezoito quando me mandou fazer a tatuagem!

-Ops!

O telefone II.

Por ser telefonista, Marco estaria sempre em contato com várias pessoas, tentando falar línguas diferentes, recebendo cantadas telefônicas. Sem que Isabelle soubesse, ele dava corda á esse tipo de conversa, talvez por pura diversão, talvez só pra ter algo pra fazer. Talvez algo que só fosse entendido por telefonistas. Várias vezes ouviu vozes femininas chamando-o de 'meu amor', e algumas vezes ele perguntou o nome delas. Uma delas era Mônica e era vendedora de planos de saúde, estilo téle- márquetin. Era engano, me desculpa, mas aproveitando, será que você não estaria interessado? Não? Então eu vou desligar sem bater o gancho e esperar você baixar seu fone ou cortar minha ligação para eu ter a certeza de que você não quer mesmo puxar assunto, afinal não fica bem eu puxar assim com qualquer um sem conhecer, e ademais, por que iria eu continuar na linha?

- Talvez pra conhecer alguém interessante, não sei qual o seu nome talvez esteja óbvio que vou pedir o seu telefone, mas vou enrolar só pra não parecer muito apressado e talvez pense em romance no futuro, não perguntando, é claro, se você tem namorado porque eu já imagino que sim já que você dá bola assim pra qualquer telefonista, ou será que você é carente assim como eu? Isso eu vou demorar pra confessar porque eu também sei que afasta as pessoas se abrir logo de vez, e quem pode saber se tudo isso não passa de uma ilusão, passageira como a brincadeira? Vou fingir pra você que quero ouvir um pouco sobre a empresa na qual você trabalha, e você vai explicar sabendo que vai entrar por um ouvido e sair pelo outro, e que na verdade vamos apenas ficar nos ouvindo, tentando imaginar um como é o outro. Qual o seu telefone? quando podemos nos ver pra conversar? tchau! Aííí mané! Sentiu só?

Não se passou uma semana e Marco encontrou-a no local combinado. Mônica não tinha as duas pernas, e apareceu sentada em sua cadeira de rodas. E aliás, não era téle-márquetin, mas sim téle-sexo.

Marco se perguntou se todo homem escondia certas coisinhas de sua mulher. Não soube responder. Passou à ter algo à esconder. Como as revistas de seu colega telefonista, que pra tudo "não tem nada contra", "não fez", mas não deixa de querer espiar . Como os causos de seus amigos que apesar de serem comprometidos continuam frequentando certos lugares. Como a cachaça que Khasé escondia debaixo da pia da cozinha para cozinhar. Só que não é fácil mentir. Começou, tem que ser pro resto da vida, com o olho de Deus atrás de Caim, tropeçando nos despojos de Abel. Mais fácil seria ele esquecer-se, do que os outros, que passarão a vida inteira indagando e lembrando daquilo que ele preferiria deixar pra trás. Não é porque ele quer esquecer, ou quer que os outros se esqueçam. Cada um conta seu passado como quer... Ou como pode... A cada vez que se tocasse no assunto se feria de bobo, ou talvez até tivesse que fuçar na memória para lembrar de nomes... O interlocutor ficaria desconfiado, e pra disfarçar e convencer, ele deveria acrescentar algum detalhe, alguma novidade, algo que reviraria a historiazínha de muito pouco, mas que seria como uma bola de neve. No final das contas ele já estaria preso nos emaranhados que sua imaginação desastrosa concebeu e botaria a perder anos de uma relação boa, jogando tudo por água abaixo. Talvez o impacto teria sido mínimo

se desde o início ele tivesse contado a verdade.

Isabelle só se deixaria convencer à cada nova explicação com muito esforço e boa vontade. Vontade de confiar, mesmo sabendo estar iludindo-se. Aquilo ao que se dá tanta importância não passa de coisinhas aos olhos dos outros. Pequenas firulas da vida que fazem a diferença entre a confiança e a total desconfiança. Ela perdoaria após muito papo furado e carinhos desesperados de Marco tentando transformar uma história simples e óbvia em algum mirabolante caso de mal- entendido, pelo menos até a próxima surpresa, onde ela se lembraria de tudo o que Marco dera por esquecido, obrigando-o à re-explicar tudo de novo. Ao ver seus crescentes desespero e má-vontade, irraciMidade, total falta de paciência para explrèar a& próprias lorotas que, de inocentes já se tomariam perniciosas, tentaria pedir pra que ele tivesse calma, mas à essa altura do campeonato um dos dois já teria acordado os vizinhos. Marco, aliás, não se incomodaria nem um pouco pois detestava o síndico do apartamento de cima dizendo que o velho Célio só esperava uma ocasião para encher o saco do vizinho Comébo. Seu filho era excepcional e coisa e tal, e fazia barulho a noite inteira batendo forte no chão e 'pão' e 'pão' e Marco nem voz nem violão sem reclamação! Já ela chorava por não poder ter privacidade e ver todo mundo comentando no dia seguinte que o jovem casal deve estar se traindo, a bruxa e o bicha vão acabar se separando, ha, ha, eu já comi, é verdade. E danem-se os outros! Isabelle se contentaria com mais aquela historinha, secaria as lágrimas tão rápido quanto as derramou, e esperaria mais una semana, no máximo duas, resignada, até a próxima bomba.

O ônibus e a alavanquinha.

Foram andando os dois, já abraçados pelas ruazinhas, já conversando como se briga alguma houvesse acontecido, isabelle começou a desabafar algumas de suas mágoas, contando o quanto era difícil estar vivendo aquela situação, e Marco foi lembrando de quando veio o para a região dos lagos com ela.

Primeiro, da tinha ido à rodoviária do Rio comprar as passagens. Como ela não conhecia nada, se enrolou toda. Onde comprar os bilhetes? Onde fazer fila? Para quem pedir informações? Ela acabou pedindo para o camarada que estava à sua frente, na fila mais sugestiva que ela encontrou, se ali vendiam passagens para a região dos lagos. Ele fez que sim com a cabeça, sem alterar nem um pinguinho sua expressão de quem é mais esperto do que os outros, e não disse mais nada. Ela sorriu de leve, e teve certeza de que ele nem ouviu seu fraco obrigado. Após quinze minutos de fila, observando o vai-e-vem de um montão de gente apressada, de todos os tipos de rostos, de todas as regiões do país, chegando ao caixa, ela soube que ali era o guichê Rio - São Paulo. O emissor disse que era do outro lado da rodoviária que ela tinha que se dirigir. À caminho ela pôde filmar um cigarro, quase ser derrubada por uma mala em direção contrária, observar o tamanho absurdo das filas àquela época do ano, e tropeçar em algum ripie dormindo que resmungou algo incompreensível e continuou dormindo. No outro caixa havia uma vantagem: uma grande placa que indicava que ali vendia-se passagens para a região dos lagos! Após outros quinze minutos de fila ou mais, uma cantada imbecil de algum passante ou mais, um cigarro ou mais, ela pediu correndo, ofegante duas passagens para o dia seguinte. E conseguiu, atônita, botou na bolsa e saiu varado. Entrou no primeiro ônibus, e só então, após tanta dor de cabeça, respirou.

Bem que dizem que descanso de pobre é sentar no ônibus.

Marco fez um auê quando segurou as passagens com satisfação e reparou que elas eram relativas à rodoviária de Niterói. As duas eram ligadas.

" E agora ? Sua bobona! Para deixar o Rio de Janeiro a gente vai ter que ir até Niterói de novo! Que saco !"

Marco falou. Marco gritou, Marco esperneou, encheu o saco, brigou, e ainda fez cara feia.

Isabelle ficou triste, que nunca tinha vindo na rodoviária do Rio, que estava tudo muito confuso, e como é que ela poderia saber?

-Informação, esbravejou Marco, não se pede ao idiota da fila, mas sim ao balcão de informações!

-Mas eu esqueci na hora... Fez Isabelle quase chorando...

-Imagina, se gerente de banco já é incapaz de dar uma informação que preste, imagina só esses pentelhos! Já viu banco vinte e quatro horas?

-Banco?

-É! " Não aceite ajuda de estranhos !"

Mas o moço que vendeu nem explicou que o ônibus saía de Niterói...

-Primeiro que se você estava no guichê de Niterói, porque é que o vendedor ainda iria especificar qualquer coisa? Se você fez fila para o balcão de Brasília, o camarada vai perguntar se você quer passagem para Montevidéu?

-Mas eu...

-Depois, você já prestou atenção nesses palhaços que eles contratam para trabalhar nestes guichês ? Você acha mesmo que eles sabem de alguma coisa?

Foram pra Niterói no dia seguinte. Marco saiu do trabalho meio-dia. Combinou com Isabelle à saída, e à uma hora ela apareceu cheia de malas. Ele não perdeu tempo reclamando, pegaram um ônibus onde puderam sentar. Separados, porém sentados.

Quando chegaram à estação das barcas entretanto, a quantidade de gente que queria embarcar não estava no gibi. Sete filas separadas por corrimões de ferro partiam de uma grande parede amarela com buracos, protegidos por roletas cinzentas, observados por sujeitos impávidos atrás de grades, contando rapidamente moedas e cédulas, beirando de uma roleta à outra o resultado do último jogo de futebol. O dinheiro da passagem à mão, já separado, geralmente em moedas, os dingue-dingue de quem está esperando a saída da embarcação batendo com a passagem nos corrimões, a impaciência geral. As duas filas de fora que ultrapassavam até o chafariz da praça apavoraram o casal. Isabelle já ia entrando ao final de uma delas, mas foi impedida par um puxão nada amigável do namorado, que já havia prometido cinquenta milhões de vezes que não a puxaria mais daquela forma

" Pronde é que você vai? Não vai fazer fila igual à todo mundo?

-Pssst!

-Mas eu não estou entendendo!

-Calaaboca!

-Ué! A fila não é lá pra trás?"

E correram rapidinho à uma das filas do meio onde não ficaram nem cinco minutos. Um monte de gente seguiu-os enchendo o contingente. Na verdade todas as filas do meio estavam normais.

" Você gritou comigo de novo!

-Também, do jato que você é...

-Como é que eu sou? Hein?

-Bem...

-Você gritou de novo comigo! Parece até que eu matei alguém!

Marco até se arrependeu de ter gritado

É sempre a mesma história! Você está sempre berrando! Por mais que você prometa, prometa, eu já sei que você vai sempre estai reclamando e gritando!

Ela saiu andando para um lado, e ele foi atrás pedindo desculpas.

Entraram na barca e Isabelle acabou aceitando que ele sentasse à seu lado. Ela acabaria por entender que quando estamos nervosos, vemos tudo o que vem para nos acalmar como algo ruim. Apenas ela não queria entender, porque se entendesse perdoaria. Nós recusamos de ver o que poderia nos ajudar. A raiva vem em ondas, como uma maré. Vai e volta. Por alguns segundos achava que de estaria mais calmo, mas logo logo ele começaria tudo de novo. E se quisesse explicar alguma coisa, tinha que ser nas horas de calmaria, sem chocar-se de frente com suas ideias, senão começaria tudo outra vez. O orgulho dele era algo totalmente intocável. Por quê? Seria impossível enfiar algo em sua cabeça dura! Ela teria que criar o clima para que de entendesse por si só. Igual um bom professor, que lidasse com carinho os seus alunos mais impertinentes, sem forçá-los à nada, mas criando um clima positivo para que eles aprendessem na hora certa. Nessas horas de raiva em que o nervoso se deleita com palavrões ou expressões pseudointelectuais dependendo de seu nível de escolaridade, Isabelle perceberia de que cada um teria que seguir seu próprio caminho de aprendizado, que ela não poderia aprender pelos outros, e ficava esperando a fera acalmar-se Talvez no dia seguinte ela conversaria algo a respeito, mas jamais no mesmo dia.

Na barca tinha uma menininha toda arrumadinha, de chapeuzinho, batomzinho, fitinha rosa e perfumadinha, ao lado de uma senhora séria. Vendo-a, Marco achou linda a menina e foi perguntar o nomezinho dela.

-Que coisinha linda! Como é que você se chama, filinha?

A menininha lindinha e arrumadinha fez uma cara feia, e um biquinho. Marco insistiu:

-Fala pro tio! Fala como você se chama!

O biquinho virou bicão. O beiço inferior inchou como se colágeno houvesse sido injetado, e as sobrancelhas ficaram vermelhinhas

-O gatinho comeu sua linguinha?

A menininha fechou os dois punhozinhos. Mostrou o direito, como se fosse dar um soco no amável titio, descolou progressivamente o dedinho médio dos outros, mostrou uma bananinha, e levantou e baixou o bracinho como uma alavanquinha, mostrando os dentes de baixo. A senhora séria à seu lado nem piscou.

Alguns minutos depois Isabelle falava qualquer coisa, mas Marco, fominha, só conseguia fixar o chocolate de um homem, que mais parecia um ser herbívoro, ou chocalatívoro, ruminando de boca aberta: "teheque, tcheque". Poderia até sentir o choro caso ela não o puxasse e beijasse tanto. Aqueles montes de quadradinhos marrons colados uns nos outros, recheados de gosminhas coloridas, ou passas... Pena que a maior parte das passas vinha cortada como mortadela na maquina de fatiar... Chocolate branco, marrom, ao leite, com frutinhas.

Assim como através dos nossos cinco sentidos, dirigindo-os para algum alvo preciso, como um perfume ou uma imagem, talvez um som, podemos fugir do hemisfério que nos rodeia, fixando o chocolate, o pensamento de Marco escapou do presente, e sintonizou-se cinquenta anos antes.

O pensamento é uma coisa curiosa. Sem mais nem menos, imagens passam livremente por entre nossos olhos. Um pedaço microscópico de chocolate foi o que Martin, o primo Polonês de Khasé tinha no bolso quando se persuadiu de entrar no trem. Aquele, que levaria-o à um lugar melhor do que o gueto de varsóvia.

Numa daquelas investidas dos soldados nazistas, quando Martin estava juntando alimento fora do gueto, encontrou toda a sua família morta ao retomar em seu esconderijo, e seu pai desaparecido.

Ficou desesperado ao ver sua mãe, seus dois irmãos menores, sua prima, sua avó, estatelados ao chão, desfigurados, cobertos de sangue, miudezas de corpos espalhados em todo pequeno aposento onde abrigavam-se todos. Abraçados comoventemente em seu funesto leito de morte

Saiu correndo por entre as ruas do gueto à procura de ajuda, mas só encontrou esqueletos ambulantes, mortos vivos, que fugiam tanto quanto ele.

Crianças abandonadas.

Sons de tiros entrecortados por silêncio lancinante... E urros hirsutos. Doença, e corpos espalhados em todos os cantos.

Tentava fugir, mas a segurança era reforça à cada dia impedia a fuga em todos os sentidos.

As pessoas não andavam. Corriam, escondendo-se sob marquises ou buracos para protegerem-se.

Os Alemães já haviam descoberto aquilo que os brancos europeus conheceram na África, e os Árabes antes deles, e os

Hunos...

O meio mais eficaz de se oprimir e controlar grande massa de vencidos, é formando milícias por entre o próprio povo

vencido.

Assim foi que os brancos colonizaram a África "usando" negros, e os Alemães fecharam o gueto com Judeus. Os "Oberkapos", ou simplesmente Kapos. Extremamente violentos, comiam todo dia, matavam quem arriscasse sair, eram menos subornáveis que os próprios Alemães pois que tinham o dobro de responsabilidade, e nem por isso tinham permissão para deixar o gueto.

Quem é o policial cujo filho estuda em colégio público, que impede os manifestantes de entrar no prédio da secretaria de educação quando os professores vão às ruas?

Ante à negritude de seu futuro, à falta de qualquer respingo de esperança em seus olhos, Martin achou que o trem o pudesse levar à melhor lugar

De qualquer forma os trens não tentavam mais persuadi-los à entrar por conta própria, mas matavam aqueles que se recusavam à ir.

Foi empurrado em uma cabine escura e úmida, reservada para animais, e ali foi amontoado entre tantos outros. Nem pra sentar tinha espaço. Socos desprendidos no escuro e grunhidos. Tentavam acomodar-se de alguma forma, qual galinhas presas que põem-se a brigar umas com as outras. Partiram quando o máximo de pessoas lotou a cabine. Ao seu bolso, o resto de chocolate cheio de formigas.

Ao seu lado um homem que chorava o tempo inteiro. Nervoso, Martin mandou-o calar a boca. O homem calou-se. Rodaram, rodaram, rodaram. Som de trem .

Fome, cheiro de urina, calças molhadas.

Nas paradas de até uma hora, por entre fissuras na madeira, uma moça descrevia crianças brincado. Porcos comendo.

Gemidos, perguntas vazias. Nenhuma resposta.

Pouquíssima conversa.

Rodaram, rodaram, rodaram.

Cheiro ácido, orgânico. Vergonha.

Rodaram, rodaram, rodaram. Pararam, mas a moça que contava o que via pelas fendas não falava mais.

Rodaram, rodaram, rodaram, as pernas pareciam de manteiga.

Escuro, escuro, escuro.

Rodaram, rodaram, rodaram.

Parece incrível, mal o vagão tinha um ralo!

Escuro, rodaram, escuro.

Fome, sede, mal-estar.

Rodaram, rodaram, rodaram.

A medida que o trem foi parando, seu som foi dando espaço ao de um reco-reco. Estranha conotação musical, após três dias de horror em cargueiros de bestiais.

Abriram-se as portas, e um enorme branco ofuscou-os todos.

Luz!

Enfim!

Luz!

Luz, de vida, de paraíso... De esperança... Branco de paz... De redenção... De fim das expiações.

O ftio gélido de noite polonesa enrijeceu as extremidades do corpo de Martin.

Desceram todos feito fantoches amolecidos. A moça, que nunca mais descreveria paisagens, desvaneceu ao fundo do vagão, sustentada apenas pela feita de lugar onde cair.

O Homem à seu lado nunca mais gemeria. Estava morto.

Martin não tinha mais lágrimas pra chorar. Seus olhos secos eram retrato da sede e fome extremas das quais era presa.

Um terço morrera, e cambaleariam assim que se lhes desse espaço.

O som regular do reco-reco se fazia agora claro e bem audível, "Tcheque, tcheque...". Parava com certa regularidade, para depois recomeçar, seguindo o mesmo compasso.

Já foram retirados dos vagões aos tapas, e, deixados em pé em meio ao paraíso branco. Aos poucos o branco se desfez deixando lugar à noite avançada. O holofote agora apontava outros vagões, de onde desciam outros fantoches, sacudidos por soldados

Um pelotão, ao longe, os observava de peito estufado, olhando reto adiante, todos meticulosamente penteados de bonés azuis e uniformes. Imóveis. Impávidos. Sem um sussurro.

Um toque de sirene, e, o pelotão se desfez de absoluto imediato, desvanecendo na noite, e, como raios em todas as direções, curvos e de cabeça baixa, misturados ao brilho de holofote ainda colado nas retinas de Martin, despiram todos os recém-chegados.

"Que está acontecendo? perguntou Martin, inutilmente...

Um desses raios disformes deixou ver que não tinha cabelo, e, num murmúrio em alemão "Alies gute, alies gute. fuxicou os bolsos do capote do recém-chegado, ingerindo velozmente o último quadradinho de chocolate que lá estava, sumido logo em seguida.

Catavam as roupas, e empilhavam-nas nos vagões.

Nus, tremendo de frio, eram encaminhados uns para um lado, outros para o outro. Os raios disformes misturaram-se à noite, e sumiram tão súbito quanto apareceram.

Deram lugar a enormes soldados fardados, calmos. Ao lado dos fantoches encolhidos de dentes batendo, faziam-se

gigantes.

Um mais obeso, com queixo duplo perguntou à outro jovem e forte.

"Juden,ah? (Judeus?)

-ya, mein sturmbahnfuhrer (Sim, capitão)*

-Woher? (de «ide?)

-Warsha

-Gute. Arbeiten sie gern? (Bom. Trabalhadores?)

-Ich glaube ya. (creio que sim.)

-Duche fur ãltern, frauen und kinder. Diese nacht brauchen wir einem hundert. (Ducha para os velhos, mulheres e crianças. Esta noite precisamos de cem.)

-ya, mein sturmbahnfuhrer

-O que que você acha, Marco?

-O que?

-Marco, tá dormindo?

-Não... Quer dizer...

-Então que que você acha?

-Um quadradinho de chocolate poderia me salvar da fome agora...

-Eu tô aqui Mando uma coisa séria, e você pensa em chocolate?

Chegaram então à Niterói. A hora estava apertando, pegaram um ônibus, e não tiveram maiores problemas pra embarcar. Compraram batatinhas, chocolate, refrigerante e água.

De primeiro estranharam que o veículo não estava lotado, ainda mais àquela época do ano. Quando perceberam, o ônibus estava voltando para o Rio, desta vez pela ponte, e não pelo mar. Perguntaram para o motorista se aquele era o ônibus certo. Era.

Em dez minutos chegaram ao Rio, na rodoviária e viram embarcar mais uma dúzia de passageiros. Aquela linha saía de Niterói e fazia escala no Rio.

Objetivo: festa

Mal encontraram Sharon, nem bem disseram "oi", que Alvinho berrou "Hoje à noite tem festa !!!!" alargando o bigode, que como eu já disse, de alvo não tinha nada.

-A festa começa as nove !!!! Berrou o Alcinoo, mas a gente já vai calibrado, não é mesmo, garotões? Magu gostou da ideia. Marco sorriu como sempre. Sharon pôs-se a olhar.

"Você gostou da ideia de ir beber antes da festa, não é mesmo, seu danado! Disse Isabelle com a pose costumeira.

-Já conheço esse sorriso, interrompeu Magu. É o tipo da resposta pré - programada!

-Que que é isso? Fez Alvinho.

-Aquele cara que qualquer coisa que você disser vai ter a mesma reação. Resposta pré-programada. Por exemplo. Vamos imaginar que o melecão...

-Ele é o melecão? Estranhou Alcino, ante o sorriso que não chegava á ser sarcástico de Alvinho.

-O melecão vai passar uma cantada na rua. Provavelmente ele atacará com um manjadissimo: " Teresinha! Quanto tempo!", ao que a moça, se for ingênua, responderá que é impressão dele, que não conhece nenhuma Teresinha. Ele insistirá. "Você não estudou no colégio tal?" Aquele do bairro onde eles estiverem, onde obviamente todo o morador pelo menos passou alguns anos. Como tem um monte de Teresinhas pelas ai, com certeza ela irá lembrar de alguma que teria estudado com ela. O melecão iria mentir sobre a idade, é claro, fingindo ser um homem sério de vinte e seis anos. Talvez ele até conte que tem uma moto, só pra impressionar.

Aí é que vem a parte das respostas previamente programadas, onde a mulher ingênua ainda não percebeu que trata-se de uma cantada. Ela vai falar qualquer coisa ... "Eu estudo enfermagem".

O melecão vai segurar as alças da mochila, olhar meio de lado com um meio sorriso, estufar discretamente o peito, apoiado numa perna esticada e outra relaxada, e dirá "É mesmo?"

Se a moça disser "Venho de uma família de índios", Marco vai repetir a pose, e dizer "E mesmo?"

Se a moça disser "Meu avô morreu ontem". Marco dirá "É mesmo?", com a maior cara-de-pau. Entendeu?

Isabelle olhou para o namorado de cara feia.

Sharon reconheceu Alvinho de imediato, quando ele ficava respondendo "pô..." pra tudo. Sobretudo depois de beber. Aliás, Alvinho só ficava animado desse jeito quando bebia. Senão era uma pessoa bem fechada, daquelas que deixam as esposas em casa para ir jogar futebol durante horas, e diz que está cansado demais para lavar pratos. Ele era o tipo de bêbado brincalhão, ao contrário do avô de Isabelle, que era do tipo crianção. Bebia e tinha que ser levado dos bares à chineladas. Depois ficava chorando no ombro da filha mais velha Sharon, e da menor que morreu em um acidente de trânsito. O velho falou "Vem filha... Pode vir. .."A filha de nove anos foi, e foi atropelada. A avó de Isabelle tentou o suicídio. Sharon levou a primeira surra aos dez anos. Perguntara:

" Jà que a Claudinha foi embora, posso ficar com a boneca dela?"

Até hoje Sharon tem problemas de coordenação motora devido àquela surra.

Seis anos mais tarde ela saiu de casa, trabalhou como secretária, e não teve o primeiro filho porque abortou.

" Hein mãe?

-Que foi filha?

-Marco está falando com você!

-Ah... Eu estava distraída...

-Por que é que vocês não apareceram ontem, no horário que nós marcamos?

Os dois meio-irmãos de Isabelle, Adão e Patí, corriam pra todos os lados, com as boquinhas ainda meladas de chocolate, e os shortinhos sujos de feijão, sem se preocuparem muito com festa ou outra coisa. Marco jà estava correndo atrás dos dois fazendo caretas e gritando "Êba!", como sempre fazia logo que tivesse um tempinho com os dois. Ele adorava brincar, fazer castelinhos de areia, ir ver desenho animado, tomar sorvete, e fazer todos os programas de criança que Isabelle detestava.

-Marco, se parar de correr feito criança, entenderá. Sabe a Sirinéia? Esposa do Alcino... Nem te conto.

Parece que, vingando-se do velho e da perereca, a velha do olho de vidro resolveu fazer uma macarronada pra turma toda. Nesse ínterim, catou um belo prato de vermes em meio às iscas e guardou-o na cozinha, coberto com molho de tomate, lindo! O marido acreditou em um minuto que o que ele havia comido com aquela gula não era bem macarrão. Precisava ver a cara do home e o escândalo que sobreveio...Como eu já disse, esse casal passava o tempo todo imaginando formas de se matarem. Depois dessa, ninguém mais quis sair de casa.

Alvinho explicou finalmente que naquela noite haveria um grande baile à fantasia, e que estariam todos convidados Ele ia de pescador, Sharon de caubói.

As crianças abriram o maior berreiro, que também queriam ir, e quando a mãe mandou-os não torrarem a paciência fizeram um bico que só vendo.

Isabelle adorou, começou a imaginar como iria vestir-se. De mulher das cavernas? De feda? As crianças também queriam se fantasiar. Patí jogou um montão de folhinhas secas em Adão, que tinha quatro anos, e resolveu que ia vestida de mulher folha.

A cara feia de Marco não disfarçava nem um pouco.

" Que foi Marco? Não quer ir à festa? Perguntou Sharon.

-Não... É que...

-Ah não Marco! Irrompeu Isabelle. Que é que é agora?

-Quer mesmo saber?

Magu interrompeu.

-A propósito, ainda não fui apresentado à ninguém. Eu sou o Magu!

-Esse é o seu verdadeiro nome ? Quis saber Sharon.

-Claro que não! Meu nome mesmo é...

-Marco não acredito que você já vai começar à fazer onda!

-Amor, só estou preocupado se nós vamos ou não ter dinheiro o suficiente...

-Dinheiro, dinheiro! É só no que você sabe pensar?

Alvinho o abraçou, dizendo que ia apanhar caso não fosse. Alcino simulou soquinhos em seu ombro, e Marco riu sem

ânimo.

-Meleca ! Meleca! Gritaram os pirralhinhos em coro.

Marco sabia muito bem quem estaria naquela festa, e com certeza viria falar com Isabelle. O Mirandinha, namorado dela de infância. Mi, como apelidava-o Sharon. O pleibói da área. O esqueitista. O tal. Aquele em quem IsabeEe tinha dado o primeiro beijo, e que tinha colado fotos dele na agenda. Marco já podia imaginar-se sem saco pra nada, sem poder beber pra não pagar mico, sem poder fumar porque senão já viu, sem nem ao menos poder dormir, porque ia estar a maior muvuca, pra não falar da consciência que pesaria caso ele começasse a se empanturrar de comida, já que pretendia economizar nessa viagem,

-Acho melhor vocês irem e eu ficar no hotel.

Que? Foram vaias e porquês, todo mundo dando mil motivos para ele ir, que o Mirandinha não mordia não, que estava na cara que era por causa dele que ele não queria, que dinheiro é feito para se gastar, que ele era sempre um estraga- prazeres, que será que todo mundo da cidade é fresco assim, que o melecão sempre foi um chato de galochas, e finalmente, o Adão que queria subir em seus ombros. A Pati falou que agora era a vez dela, pra nem vir que não tinha.

Tinha jeito de não ir?

Subiram todos com Magu e Ana na kombi de tatuagens, onde Alcino ficou pensando se teria ou não coragem de fazer uma, assim só pra tirar onda. Alvinho disse que ele estava bêbado, e morreram de rir. Marco lembrou que o Mirandinha tinha uma enorme tatuagem no braço, colorida e bem feita, totalmente diferente da dele, que além de ser nas costas foi uma das primeiras de Magu. Tinha mais um valor sentimental do que estético se é que você me entende.

Chegaram todos à casa de Alcino, onde a festa já parecia ter começado à dias. A velha mulher, Sirinéia, esposa de Alcino do olho de vidro estava num cantinho só, costurando, segundo Alvinho à dias sem parar. Ela não cumprimentou ninguém, nem mesmo o próprio marido que mandou os convidados não prestarem atenção à velha.

As crianças perguntaram pro tio Alcino se ele ia contar mais alguma história de pescador, e fizeram aah quando ele disse que só à noite. Acontece que à noite ele estaria na festa.

Patí pendurou-se no pescoço de Marco, que curvou-se pra frente com o peso da gordinha de seis anos. Adão, codinome dão-dão, aproveitou a pose e não perdeu tempo. Subiu nos ombros, sentando-se antes da irmã. Botou o dedão no nariz e fez flautimha pra ela.

Sharon pôs-se a berrar, estressada como sempre. Alvinho meteu-se dizendo que se o garotão não quisesse ele que reclamasse.

"Vamos pra praia! Vamos! Vambora ! Ahhtiuô! Eu quero!"

Isabelle disse que não por que eles iam se preparar para a festa.

Desta vez quem reclamou foi Marco.

" Pô! A gente vai passar o dia inteiro se arrumando? Eu não posso ir pra praia?

-É, fez Magu, seria bom, pois nós ainda não fomos apresentados à praia grande, que é onde ficam as melhores

ondas...

-Ah não, disse Ana! Não vai dar certo. Temos um montão de coisas à fazer.

Marco e Magu queriam ir pegar ondas.

Marco terminou de contar à Magu o que ele havia encontrado em seus joelhos, aquele dia na barca.

Este havia parado de fumar depois de uma crise pulmonar faziam dois anos. Ficou um mês de cama, e aproveitou pra parar logo de uma vez.

Isabelle anunciou que deveriam todos se fantasiar de bruxos. Ana não entendeu porque, mas não fez maiores perguntas. Ela ia adorar sair de unhas roxas e de batom preto.

Magu foi até à praia com as crianças, só que Isabelle não quis que Marco fosse junto. Ela não exigiu nada, ele estaria livre pra fazer o que bem entendesse, mas disse que ficaria muito triste caso ele a deixasse sozinha com Ana, Sharon, Alvinho, Alcino, e a velha calada que nem olhava os outros, só ficava ali, mirando o céu, divagando e costurando.

Foram intensos os preparativos. O trabalho que dá ir para uma festa é como o de uma micro-empresa. Isso mesmo! Poisa que é mole? Desde a escolha inicial dos vestidos, passando pela seleção, ordenação, priorização, e finalmente terceirização do serviço determinativo, e auditoria qualitativa final pedindo a opinião de Marco, que pra todos dava a mesma resposta, sem nem olhar as peças "Tá ótimo... Tá lindo...". Isabelle irritou-se e comentou com a amiga:

"Viu só que namorado que eu tenho? Nem pra olhar!

- Está melhor do que o meu, fez Ana conformada, que me deixou aqui sozinha e foi à praia..."

Marco ouviu a frase, e percebeu que da mesma forma sua mãe elogiava o pai Khasé, e decerto a mãe de sua mãe elogiaria o pai de seu pai.,. Tanto que estavam Khasé e Marco um dia na cozinha a espreitar a mãe em reunião com as amigas.

".. .Porque meu marido Khasé é sensível, forte, cuida dos filhos com amor excepcional é ótimo cozinheiro... Só tem um defeito. É ocupado demais por que é sifilítico!"

Oh! Boquiabertas as senhoras distintas não pensar conseguiam mais sem reação o que dizer !?!?!.

" Filatelista, mulher! Filatelista!" Ensurdecedor urro! Sininho no ouvido de Marco!

Nesta hora a microempresa já estava funcionando à todo vapor, produzindo, gerando recursos, e após o início demorado, chegou a hora do primeiro grande passo de nossos microempresários: banho. As duas saíram. Marco perguntou-se porque que meninas sempre tomam banhos juntas. Ele nunca fazia isso com os amigos, a não ser quando eram moleques, que todos tomavam banho de tanque juntos, obrigados é claro. Na agenda da irmã, que pesava quilos, fora de brincadeira, tinha uma porção de papéis colados, provérbios, marcas de batom, restos colados, tais como plásticos e papéis de bombons e declarações de amizades de todas as amigas e namorados. " Pra sempre serei sua amiga, eternamente". Amigas que uma semana depois ela não queria mais ver, mas nem pintadas à ouro.

" Devemos aceitar com sorriso aquilo que não pudermos evitar"

" A vida é uma filosofia profunda...O cocô bate na água, a água na bunda"

Decididamente, são totalmente diferentes as vidas de meninos e meninas. Entre Marco e seus amigos, nunca havia declarações de amizade, quanto menos brigas.

Marco aproveitou que as duas haviam saído para mudar o canal da televisão. Alcino chamou-o pra beber lá fora, mas estavam passando desenhos animados do pica-pau e da corrida maluca. E Marco, poderia assisti-los durante horas à fio.

Como em toda microempresa legalizada, seu primeiro sócio é o governo e seus impostos. Marco o patrocinador, o esponsor, estava de cara feia, pensando nos escorchantes juros que haveria de pagar, como por exemplo, as entradas da festa. Uma nota preta. Caso fosse à falência, seria largado à própria sorte, como a classe média brasileira... E eles não tinham dinheiro pra ficar gastando assim, na cabeça dele. A falência da microempresa seria iminente e imperativa.

Foi o tempo exato da velha Sirinéia entrar no quarto. Ela começou à dizer que era tudo uma droga, que ela ia embora, abandonar todos, e queria só ver o que eles iam fazer sem ela.

Marco fez sim, sem desviar a atenção dos desenhos animados.

A luz acabou de súbito, e, apesar de ser ainda o final da tarde, ficou tudo escuro. As meninas gritaram do banheiro que ficava separado da casa, no fundo do quintal, e o pessoal lá fora riu bem alto e vaiou.

Só faltava isto. Empresa sem recursos. Como contornar os inúmeros prejuízos oriundos da feita de comunicação? Quem mandou privatizar a cagaight IComo continuar ativa, mantendo intacta sua carteia de clientes, que , à esta altura estariam desesperados tentando estabelecer contato?

A velha falou que não era possível tomar banho quente durante mais de dez minutos que senão faltava luz o resto da noite. Sirinéia é capaz de ir embora... E largar todos à própria sorte

Tudo escuro... Que sono, pensou Marco... Um ronco.. A microempresa... Os impostos a serem pagos... Vestidos de bruxa... Neste escuro duvido que ela se vá... Papai gosta muito daqueles papéizinhos que vêm grudados nos cartões postais... Até que são bonitinhos... Coloridinhos... Eu não posso mexer... Só no meu álbum do pica-pau... Até prefiro, é mais engraçado... Ele é igualzinho meu patrão... Quando eu pedi aumento... Sabe qual foi a resposta? Heh-heh-bcfc-heh heh

hehehehehehe,.. Minha irmã não quer me deixar jogar vídeo-gueime... Eu sou mais forte do que ela... hehehehehd» Vou botar ela pra fora do quarto á força... Mamãe não tá aí pra ver... Ela é mais esperta e artimanhosa do que eu... E pra provar, ela vai me trancar no quarto... Desta vez ela realmente conseguiu me ultrapassar... A inteligência sempre vence a força bruta. Pena que a ingenuidade sempre vence a inteligência... Ela quer me trancar com a chave da porta do armário.

Chave...

Os ruídos que a velha fazia procurando algo no escuro, perto de Marco acordaram-no. Ela achou um estojo de maquiagem, e, sacudindo-o, perguntou-lhe se era o de Isabelle ou o dela.

"Não sei", respondeu Marco meio que dormindo, mas sem perder a educação, pensando "vá lá saber! São todos iguais pra mim!"

A televisão voltou, iluminando as caixas de maquiagem e as duas moças que voltavam enroladas em suas toalhas.

Os clientes não precisam mais inquietar-se! Podemos novamente contar os valiosos recursos da era moderna! Dona Sirinéia! Alegra-te! Os contatos agora se normalizarão, tu não precisas mais ir-te embora! Nós faremos prósperos e brilhantes negócios! Pra Sempre! Pra sempre!

- Que bom, respondeu ela.

Marco ouvia os bla-bla-blas, e era bem o que entendia da conversa. Bla-bla-blas. Sua irmã era mais esperta. Só tinha uma toalha para os dois tomarem banho em naquele dia frio, desses do inverno de Vitória. E ela, como não pudera trancá-lo no quarto, enrolara a toalha no cabelo, até deixá-la encharcada, e ninguém mais poder usá-la. Nem ela própria. Por que não toma banho, Marco? Hein? Por quê? Sabe que o papai vai te bater? Vai tomar banho seu porquinho! Olha a toalha aqui... Sequinha...

" Acorda Marco! Vai tomar banho! Olha a toalha aqui! Tá sequinha!

Mas meu amor... Papai não me bate mais... De novo a sua ingenuidade venceu sua inteligência.

-Que que ele disse? Perguntou Ana ainda enrolada na toalha.

-Qualquer asneira, como sempre!"

Mandaram Marco virar de costas e não olhar, enquanto elas se vestiam, mas não teria sido necessário, pois ele estava mais interessado no desenho animado. Isabelle não gostou da ideia e botou ele pra fora do quarto do mesmo jeito.

Como a casa era pequena, ele foi parar na cozinha, onde a velha Sirinéia, que olhava o programa do Silvio Chato na tevê preto e branco dela, comentou que tinha dor na coluna, sobretudo quando varria ou faxinava. Por não ter mais nada o que fazer, Marco, que também tinha má postura, fez um demonstrativo de como varrer com a coluna ereta, e uma forma de lavar louça com a perna flexionada, de modo a manter a pose. Ele tinha o dom de ter sempre alguma coisa a dizer à qualquer pessoa com quem estivesse conversando. Foi quando Alcino entrou e berrou: "Eu sabia que o gato não tinha comido a língua dela. Eu sabia! A velha falou!"

Mas a velha calou-se de novo, apesar dos tapinhas do pescador em suas costas. Quando este foi embora, a velha começou a contar dos problemas financeiros, que não tinham dinheiro para nada, que a vida de mulher de pescador é muito dura, mas foi interrompida:

" O que que o garotão tem a ver com isso?"

Foi embora de novo, o Alcino.

Ela contou: "sabe por que é que eu não falo com mais ninguém aqui? Por que é todo mundo falso! Eles querem esconder de você aquilo que você já sabe.

-Todo mundo sabia que meu marido, esse bebum, que você tá vendo ali ó, pela janela, me chamando de velha o tempo inteiro, teve muito trabalho pra poder casar comigo. Você acha que antes do casamento ele me tratava assim? Antes eu era a trutinha dele. A carpinha. Todo mundo sabia também, que até o mês passado ele frequentava outra mulher, da mesma idade que eu, só que muito mais feia. Ninguém me disse. Disseram que era pra não me machucar. Mas eu já sabia. Eu disse: "Fala Alcino! Admite, homem." Ele nada! Sempre negando! Um belo dia, ele voltou mais tarde pra casa. Não teria sido nada se eu não estivesse com aquela pulguinha atrás da orelha! Os amigos dele garantiram que passaram a tarde todos juntos jogando bola, e a noite bebendo cachaça. E eu teria acreditado direitinho se eu não tivesse visto os dois entrando pra dentro do mato. Só que não deu pra ver direito, então não pude dizer nada. Na hora de dormir eu perguntei se ele estava ou não me enganando. Ele jurou de pés juntos que não. Ele explicou. Trouxe provas! Testemunhas! Me abraçou, beijou igual não fazia há anos. Mas quando de abaixou as calças, estava lá! Bem em volta da cintura dele! No escuro, no mato, o velho boboca vestiu a calcinha da mulher ao invés da sunga! Imagina a cara da outra quando chegou em casa de sunga! Que raiva que me deu! Por isso que

até hoje eu não quero falar com mais ninguém. Esse povo de cidade pequena, ainda deu razão à ele! Parece até que todas as mulheres daqui se conformam de serem enganadas."

Marco pensou que os homens não deviam ficar pra trás, e teve vontade de rir. Mordeu o lábio. Pensou que também poderia não ficar pra trás ele próprio. Lembrou do Mirandinha e perdeu a vontade de rir.

Finalmente, após horas de preparativos, Isabelle passou batom. Dobrou um papelzinho, e beijou-o com força para tirar

de novo.

" Eu acho isso desperdício de batom e de tempo.

-Acontece que você é um muquirana.

-Vocês do setor receptivo e comercial não fazem ideia dos custos de material engendrados por investimentos impensados."

Alvinho, vestido de pescador, pegou tuna rede pequena, amarrou à cintura, botou uma faca daquelas que atravessam a cabeça. Magu foi sem camisa, pois as tatuagens já eram uma fantasia. Botou uma peruca dourada, e um par de óculos daqueles em que os olhos são presos com um par de molas e foi de extra terrestre.. Sharon estava com um lenço vermelho em tomo do pescoço, calça jeans, revólveres de plástico. Foi de caubói. Alcino foi de Alcino. Marco vestiu um gorro vermelho. " O Marco vai de papai esmurfe? Indagou Ana de bom humor.

-Vou de sans-culotte, soldado da revolução francesa minha cara, someliê! Pardão uí'?"

-Esse gorrinho vermelho ai? Riu Magu bem alto. Isso não é revolução nem aqui nem na China!

-Eu falei pra ele inventar uma fantasia decente! Só esse gorrinho fajuto! Assim ele pode tirar a hora que quiser! Falou

Isabelle.

-É um duende, disse Ana, e duendes estão na moda!"

Ao saírem, toda cidadezinha ficou olhando-os, como em um desfile.

Um ônibus tipo viagem chegou, e a julgar pelo número de pessoas fantasiadas que vinha dentro, era de se esperar que fossem todos à uma festa. Entrou primeiro Sharon, seguida por Isabelle, Ana, e as duas crianças que de tanto perturbarem conseguiram ir, e Alvinho. Marco entrou por último. Olhou para dentro do ônibus, E viu que todos se acomodavam. Foi entrando também, mas a voz do motorista o interrompeu.

" Quatro, cinco, seis, sete passagens! Isso dá vinte e um cruzeiros.

-Mas...

Marco olhou pra dentro do ônibus e viu todos sentados tranquilamente.

-Mas...

Vinte e um cruzeiros!

-Eu... Marco pagou. E sentou bem no fundo do ônibus de cara feia.

-Sharon berrou "É festa!"

Todos no Ônibus estavam olhando Isabelle e Ana, com seus esmaltes pretos, e batons roxos. Vestidas de preto dos pés à cabeça. Os pescadores pareciam assustados com elas. Ana disse que era ótimo assustar os outros. Isa acrescentou:

" Eu nem lembrava mais como era essa sensação!"

Marco pensou que elas queriam mesmo era aparecer. Lembrou do Mirandinha, que, cada vez que via sua concubina dava-lhe calorosos abraços e beijos. E Isabelle nem parecia importar-se! Aliás se tinha uma coisa que ela gostava de fazer era escandalizar o mundo. Se tinha alguém com algum tipo de preconceito, ela gostava de chocar de frente. Como a mãe que era racista, e quase caiu de costas um dia que viu a filha abraçada à um negão de dois metros. Ou os pescadores do local que ficavam olhando de olhos arregalados as pernas das duas bruxinhas gargalhantes.

Marco achou que elas estavam alegres o bastante daquele jeito, e resolveu que não importava mais, que ele não iria pra porcaria de festa nenhuma e convidou o dão-dão à voltar pra casa. O menino recusou, disse que queria ir à festa. Convidou Pati, que também não quis. Então resolveu ir embora.

" Marco, por que que cada vez que eu estou feliz você tem que estar de péssimo humor? Por que é que você não pode me alegrar ao menos uma vez na vida?

-Você não está contente que eu não vá? Assim você pode se divertir à vontade!

-Você não quis nem vestir a fantasia! Esse chapeuzinho mixuruca. Eu não posso nem me divertir mais agora? Vou ter que viver presa ao seu mau humor o resto da vida?

-Não precisa ficar presa! Você vai à festa e vou pra casa! Assim nós estamos conversados! Alô piloto! Uma paradinha no próx...

-Não é pra parar não motorista!

-E ...

Ana tapou a boca do chato.

-Eu sei que é por minha causa que você não quer ir. Ficou fazendo cara feia o tempo inteiro. Você não quer que eu

-Não é nada disso Ana,...

-Como é que eu vou pensar o contrário? Cada vez que você me vê, fica com essa cara de quem vai matar alguém!

Aquela altura do campeonato, o ônibus todo já estava ouvindo atento à discussão, e ouvia-se ao fundo o público: "

como é que ela pode pensar diferente?"

Será que a sua namorada, continuou Ana não tem mais o direito de sair a hora que ela quiser?

-Claro que tem! Ela pode sair a hora que ela quiser. Mas eu sou obrigado à ir também? (Isso mesmo! Fez alguém do público, deixa ela sozinha!)

-Óbvio que tem! A graça é justamente de sairmos todos juntos. Qual é a graça de sair sozinha?

-Mas o caso é que...

-Será que você raio é capaz de perceber todo o esforço que ela faz pra viver apenas contigo? Todos os amigos que ela deixou de frequentar, e todas as coisas que ela abandonou por sua causa? (E! Eles nunca percebem!)

-Eu nunca mandei ela deixar de fazer nada! (Alá! Ele sabe!)

-Mas também nunca incentivou! Fica sempre com essa cara de bunda! Eu não quero me intrometer na vida de...

-Olha aqui, o caso não é esse! Eu trabalho doze horas por dia, seis dias por semana. O que que você quer? Que eu vá voltar pra casa seis horas da manhã, de porre, pra ter de sair na mesmíssima hora? (Isso mesmo! Não se mete! Que é que elas querem?)

-Se você não sai porque trabalha muito, eu entendo e dou o maior valor, mas então por que essa cara feia sempre que ela vai fazer alguma coisa?

-Quer mesmo que eu te responda? Quer mesmo? (Responde! Responde!) Porque tem uma determinada coisa que eu gosto muito de fazer em casa, que a gente fez à cada dia menos!

-Marco! Interrompeu Isabelle. Isso é assunto nosso!

-Isso mesmo. Ela não quer ficar defendendo você? Então vai ter que ouvir tudinho! Sabe quantas vezes por semana nós fazemos sexo?

-Cala boca Marco! Fez Isabelle

-Uma vez por semana e olha lá!

Sharon se levantou pra defender a filha tentando puxá-la pela alça do vestido. Alvinho levantou e deu tapinhas no ombro do meio-genro: "ora vamos, ora vamos". A assistência já estava fazendo a maior algazarra, discutindo os pormenores do que era direito daquilo que não era.

-Quer dizer que pra sair e beber e ficar conversando com os amigos tirados não sei de onde ela tem disposição até pra virar a noite. Pra ficar comigo uma hora, ela enrola, enrola, e rapidinho arruma alguma imbecilidade pra assistir na tevê!

-Também, berrou Isabelle, nitidamente tocando o maior rebu, como é que eu vou ficar a vontade com tanta cobrança?

A Mãe já puxava com força, e Alvinho já percebeu que estavam pagando aquele mico. Ana fez psiu com a boca.

-Quanto menos você fizer mais eu vou cobrar!

-Quanto mais você cobrar menos eu vou fazer!

Depois vai ficar perguntando se olho pras outras na rua!

-Por quê? Você vai ficar olhando as outras na rua?

-Não foi o que eu disse...

-Uma pinóia, intrometeu-se Ana! Eu ouvi direitinho!

-Mas não foi nesse sentido!

-Como não foi nesse sentido, disse Ana?

-O Alvinho sempre diz a mesma coisa, disse Sharon.

-O que? Perguntou Alvinho

-Eles sempre dizem que não, mas na verdade ficam o tempo inteiro vigiando o traseiro das outras!

-Isso não é verdade, berrou Alvinho!

-Então você quer fazer sexo, não é, gritou Isa, então vamos fazer agora! Tira as calças! (Tira! Tira!). Foi impedida por Ana que a segurou. Marco precipitou-se para segurá-la também, meio que bruscamente.

-Vai me bater? Vai me batei? Indagou Isabelle.

-Eu nunca bateria...

-Eu vi direitinho, você ia me dar uma surra!

-Eu nunca poderia...

-Então vem cá, vamos trepar, se é o que você quer!

-Claro que não! Como é que você quer que eu tenha vontade desse jeito?

-Vai amarelar? Vai fazer sim senhor!

Alvinho conseguiu fazer com que Marco sentasse, e Ana com que Isabelle sentasse. Passou-se um minuto. Marco levantou-se novamente, e foi em direção ao motorista.

-No próximo, por favor, piloto.

O silêncio fez-se apesar do burburinho das pessoas discutindo sobre a vida alheia. O piloto afirmou secamente que àquela altura da estrada o próximo era só no ponto final.

Marco foi voltando devagar até seu lugar. Pensou no dinheiro que iria gastar caso realmente fosse à

festa. Pensou no que poderia acontecer à Ana e Isabelle sós numa festa, aparecendo tanto assim. Temeu pela segurança delas. Sentou ao lado de Alvinho. Isabelle olhou pra ele com uma expressão triste que sempre o tocava. Marco afirmou veemente:

-Resolvi ir à festa!

Alvinho não perdeu um instante

Assim é que se fal...

-O carvalho. Berrou Ana! Agora você vai descer e voltar pra casa com o dão-dão e a Patí! Eu é que não vou deixar

você ir!

As crianças começaram à chorar.

-Não queria ir embora? Agora vai! Ana empurrou-o:

-Piloto! Para agora, quer seja ponto, quer não! Ele vai descer!

Recomeçou o rebu dentro do ônibus. Sharon começou a berrar de que havia sido uma dificuldade convencê-lo à ir, e agora iam estragar tudo, mas Isabelle disse que não se importava mais que ele fosse ou não. Ana falou bem alto;

-Vocês acham que depois desse mico todo eu ainda vou deixar ele ir à festa ? O público respondeu todo ao mesmo tempo.

-Deixa! Não deixa! Deixa! Não! Ele não merece! Fora! Para o ônibus motorista! Que nada! Vai em frente que já está

quase lá!

-Quem vota "não" levanta o braço, bradou Ana!

-Quem vota "sim" levanta o outro!

-Um, dois cinco sete! Ele não vai!

-Mentira, levantou alguém do público, você não contou direito! O sim ganhou por três votos!

-ÊÊÊÊÊÊHU! Fez a assistência em coro! Sopraram-se línguas de sogra, buzinas tocaram, confetes e serpentinas voaram, latas se abriram, goelas se molharam, o motorista buzinou!

Chegaram no minuto seguinte, e os foliões desceram todos. Na hora em que Marco descia o motorista olhou bem pra ele, e afirmou:

-Homem que bate em mulher não viaja no meu ônibus! Nunca mais quero ver você, garotão!

A moça de uniforme na situação não levou chute na bunda de reação porque a gravidade não acabou, então ela ficou rindo e beijou você de alegria!

Se Marco tinha um emprego, era porque sua mãe tinha olhado por acaso no jornal e achou que o filho poderia ter jeito pra coisa. Se tinha um segundo emprego era porque havia sido indicado, procurado, e chamado após esquivar-se diversas vezes do telefone, da secretária eletrônica, e da mãe lembrando-lhe de comparecer todo dia. Se tinha uma carta de referência das melhores, era por que Khasé havia batido uma em sua máquina de escrever modelo 1950, na época em que o filho trabalhava como ele, concertando relógios, e pedira aos amigos patrícios do Líbano que assinassem.

Tentara ser relojoeiro, mas a profissão já não dava mais dinheiro devido à crise econômica e a falta de pedidos.

Enfim...

Marco apenas fluía.

Isabelle era do tipo curiosa, que precisava saber tudo, beirando a impaciência. Tudo era na hora. Marco pensava demais e felava de menos. Ela felava durante horas, e ele ouvia. Ela achava que ele ornia e que não tinha nada pra felar. Queria que se contasse sempre tudo! Tudinho! Todos os babados! Não era nem um pouco fofoqueira.

Isabelle um dia viu um saco pendurado em uma árvore, desses de plástico, com um estranho volume que o deixava arredondado.

" Aí com certeza não há nada que possa me interessar, pensou ela. Também, pra que quero saber o que tem lá? Eu hein? Não estou nem aí! Ele tá alto demais. Eu não alcançaria, mesmo que quisesse. Umpf! Como se eu quisesse! Mas se eu subisse naquela pedra eu conseguiria.

Quem viu a cena dimirou-sê-sê! Ela parou, puxou a pedra. Da pedra deu um pequeno salto, esticou um pouco o braço e nada. Gritou que era uma droga. Na segunda tentativa, chegou bem perto do alvo. Fez agh! Eu não estou interessada! Não quero nem saber, berrava ela! Dane-se! Pulou, esticou-se, trocou de braço, e finalmente beliscou o fundo do saco que se partiu deixando a coisa nojenta cair sobre sua cabeça.

E assim eram os dois, feijão e arroz.

Agora é festa, deixa o resto pra depois!

Pararam todos em frente ao enorme clube de futebol no local, de onde o som estarrecedor do funk brotava.

Uma pequena aglomeração fantasiada estava à porta. Isabelle ascendeu um cigano, e foi imitada pela amiga. Alvinho abraçou Sharon, disse que aquilo tudo era maravilhoso. A esposa abriu um espelhinho para conferir o bom estado do batom. Quem observa as mulheres na porta da festa veria que quase todas davam os últimos retoques antes de entrar. Quem as observasse dentro da festa, as veria ajeitando as fantasias. Talvez, aos olhos de Alvinho, mulheres tivessem sido feitas para passar e despassar maquilagem.

" Por que você não me deixa ser seu espelho? Perguntou ele à esposa.

-Mas é só assim que eu vou saber se está tudo em cima.

-É uma falta de confiança, mesmo! Se eu disse que está bom, é porque está bom!"

Magu teria visto Marco, caso um astronauta com cabeça de aquário não tivesse passado bem na hora em que seus olhares se haviam cruzado.

Isso pra não falar do "espinha". Com a cara toda pintada de vermelho, e um pratinho com purê de batatas. Enchendo as bochechas da pasta, e cuspindo logo após! Argh!

Vermelha? Tinha o "penis". Todo de vermelho, com duas bexigas da mesma cor, amarradas cada uma em um pé. Tinha um batman, um computador, e um enorme teclado em volta da cintura, um punk, um mafioso cheio de cordões, uma margarida com pétalas em volta do rosto magro, um homem das cavernas, fadas, e bruxas aos montes! Tinha que ver a cara de Ana e Isabelle ao sentirem-se tão originais.

Marco precisava agora de uma boa desculpa para continuar de mau humor.

Marco olhou.

Olhando, pensou.

Pensando, lembrou.

Lembrou de que o mau humor era certamente herdado de seu pai Khasé.

Khasé, como já disse eu, era do Líbano, e chegara ao Brasil ainda jovem. Aprendera a falar perfeitamente o Português, mas nunca havia sido bom na parte de gírias e formas coloquiais de

idiomatismos, do tipo "cumpadi" ou "brow". Era relojoeiro dos bons, autodidata. Conhecia cada engrenagem, mola ou pino que fazia funcionar um rolex, ou um cartier. Tentou introduzir Marco à arte desde cedo, mas não achou fácil. Por isso simplesmente obrigou logo o guri a trabalhar.

Não falava demasiado de si. Separou-se da mãe de Marco, quando este tinha oito. Uma alemã com quem morou por vinte anos.

Marco lembrou da família paterna que nunca conhecera pessoalmente, mas cuja história saberia repetir sem engasgar.

Sua consciência pesou. Ela indo para uma festa, de barriga cheia... e péssimo humor... Enquanto que seu pai e seu tio, só deve ter conhecido festas na melhor das hipóteses após quarenta e cinco, e com certeza nunca mais tiveram uma só noite em suas vidas sem acordarem aos sobressaltos, mesmo depois de velhos, de tanto que a morte ficou impressa em seus espíritos.

Vocês se lembram que Martin tinha pego um trem no gueto? Tá lá na página 56!

Os Alemães contavam à todos que os trens os levariam à um lugar onde os judeus finalmente teriam uma pátria. Que confiassem.

Emocionalmente aniquilado, a família exterminada, a namorada violentada e morta, Martin adentrou o comboio, qual morto-vivo.

A viagem, que parecera interminável, não era nada comparada com o que ele encontraria na nova pátria.

A nova "pátria" chamava-se Treblinka, e era tão astucioso quando maquiavélico engenho de morte, enorme engrenagem da máquina do holocausto.

Ele tinha chegado ao campo de concentração.

O pelotão de raios cabisbaixo desvaneceu no ar. Ficaram apenas soldados. Um intérprete, vestido de macacão listrado verticalmente de azul e preto, a conhecida estrela amarela ao peito, mesmo boné que os outros, traduzia para o Polonês o que dizia o sturmbahnfurer. Era obrigado a falar em tom forte para ser ouvido por cima do incessante reco-reco, que, àquela altura da noite, parecia vir de todos os cantos.

Fizeram todos fila para fichamento ostensivo, nus, tremendo de frio, deram nome, idade, profissão, origem, data de chegada e outros tantos dados. A eficiência espantosa daria inveja à mais moderna das empresas. Tanto, que até hoje se têm os dados exatos e precisos de todos os prisioneiros de guerra, e todos quantos pereceram...

Martin se espantou ao perceber que ele era um ano mais velho, desde a criação do gueto de Varsóvia.

Separaram duas fileiras distintas. Os que iam para o banho e os que não iriam.

Martin ficou triste porque não iria tomar banho. Quatro quintos dos judeus foram encaminhados nus para as duchas, e, um quinto ficou ali, tremendo de frio.

Martin foi tatuado no braço com uma série de números, tomou uma coronhada e foi levado à uma sala próxima onde o intérprete berrava, "desinfecção!". Outro que, fazendo-se de surdo trabalhava feito máquina, portava uniforme idêntico, só que ao invés da estrela amarela levava ao peito um triângulo verde. Pôs-se à raspar o cabelo de todos.

Ainda outro portando círculo vermelho ao peito jogou um pó branco em cada detento, tomando a precaução de bem atingir as genitálias. Arderam os olhos de Martin.

Surpreendentemente, foram todos amontoados em salão coberto de canos e bocais de ducha.

A única torneira que estava ao alcance dos presos pingava, e ecoava em todo salão o som das gotas. Mortos de sede, os detentos eram separados da água por um cartaz "trinken verboten. (Proibido

beber, água contaminada.)"

Estranho sadismo, retrato do controle psicológico em formação na relação dententor-pnsioneiro. O contato de dezenas de pessoas nuas, esquentando-se umas às outras não era desagradável, mas a espera, lamentavelmente agoruante.

Um rabino ah presente entoou a prece do adeus e da redenção, acompanhado em seguida pelos que conheciam as

palavras.

Ficaram em pé mais umas duas horas no mínimo, em silêncio, ouvindo o regular reco-reco, e o pinga-pinga. "tcheque, tcheque, pingue, pingue" Martin sequer conseguia pensar.

O som do reco-reco ao fundo não desapareceu por completo quando os canos começaram à vibrar.

Sinais de vapor começaram a aparecer.

Acabou.

Tudo acabou.

Água.

Água!

Água quente!

Água quente! Água quente correu sobre a pele ressecada e enregelada dos detentos, e começaram a rir. Rir de alívio. Súbito aHvio.

Martin em meio às gargalhadas, sentiu-se entre irmãos, quente, em casa. Não era esta sua nova casa? Em segunda percebeu que estava vestido com o mesmo uniforme que o intérprete, só que com a estrela amarela, como o intérprete.

No breu entrecortado pelas lanternas dos soldados e luzes brancas intermitentes de holofotes, distinguiam-se apenas telhados. Andaram bastante, e, até aquele momento, não tinham a menor noção de dimensão do local onde se encontravam, mas Martin percebeu que o ar estava pesado. Carregado como que de uma fuligem.,.

Foram encaminhados em meio à coronhadas a algo que lembrava um galpão. Uma débil luz de cabeceira iluminava uma mesa, de onde um Kapo pôs-se à berrar "entrem, rápido!".

O aT ficava cada vez mais pesado apesar do frio, e neste novo ambiente estava praticamente irrespirável. Martin quis ficar perto da porta, onde havia um mínimo de frescoT para ser inspirado. Impossível.

Após desculpar-se centenas de vezes por estar pisando em tanta gente, que nem reclamava, apenas virava de lado. Após ser empurrado e reempurrado no breu, pensando tratar-se de um formigueiro, finalmente chegou ao fundo.

Para sua maior surpresa, encontrou Khasé, e se reconheceram mesmo na escuridão.

Os primos não se viam desde pequenos, mas se reconheceram de imediato. Será que os pólos atraem-se naturalmente? será intervenção divina? Ou mera coincidência? Benção no inferno? Quem explica?

Este fora apanhado logo na primeira batalha, e perdera a imagem da bela Polonha descrita pelo seu avô, ainda no Lí bano, que, dando égua para seus camelos, sequer imaginava onde estariam os netos.

Abraçaram-se aos prantos.

Khasé explicou-lhe que o circulo vermelho eram os prisioneiros comunistas. O primeiro banho, ao qual por fortuna escaparam os dois, era a câmara de gaz.

"E esse som de reco-Teco?

-Este é um mistério que nos atribula à todos, disse Khasé. Mas estamos perto de achar a resposta, Temos um grupo de amigos "pesquisando". De qualquer forma, estamos tão cansados, que dormimos da mesma maneira.

Fique sempre de cabeça baixa, continuou ele, para que nenhum Alemão enquasquete com sua cara e te mate só por matar. Não deixe nunca que te marquem o rosto, Você será, como chamamos, um 'klepsudra', e estará condenado à morte.

Cada dia eles nos pegam para tarefas diversas, como encaminhar os recém chegados à câmara de gaz, lavar os cagatórios à balde, catando balde por balde de merda e despejando no mato.

Deixar os nossos irmãos nus e catar as suas roupas, é invejável, pois que sempre encontra-se cubinhos de açúcar, talínhos de alface e outras coisínhas pra roer. Também jogar as roupas pra dentro do trem que partirá em busca de mais judeus.

Num estrondo súbito tiros e rajadas dispensaram a conversa.

Alemães e Kapos surgiram do nada, abriram a porta à pontapés, e metralharam todos que se encontravam junto à

Martin, no ímpeto de reflexo, levantou-se, e um tiro de raspão quase o matou.

-Abaixe-se, gritou Khasé em um sussurro, não seja panaca como os outras. É assim umas três vezes por noite. Faça como eu. Fique sempre ao fundo, e abaixado.

Após respirar, Martin, tremendo de medo, percebeu que era o único. O resto fazia como se nada fosse. Arriscou uma pergunta:

-Por que raspar a cabeça?

-Está vendo estes colchões?

Martin se estendeu, e sentiu um monte de cosquinhas pelo corpo todo, e depois picadinhas.

São piolhos, esclareceu Khasé.

Entretanto, continuou em árabe para que ninguém entendesse, tem um Kapo que vem quase toda noite e me dá algo pra beber. É um Holandês chamado Nico, e me salvou da morte dázias de vezes. Não pronuncie jamais seu nome, para que não se desconfie nunca. É um anjo que desce ao interno diariamente e me salva

Hoje é uma garrafinha de vinho. Não deixe ninguém ver, pois tentarão roubar. Saúde, primo!"

Khasé gostava de tomar vinho, e toda noite era um garratão de três litros que descia goela abaixo. Bêbado porém, não conseguia segurar as delicadas peças dos relógios que concertava portanto só bebia à partir de seis horas da tarde.

Marco acompanhava-o desde os treze anos, mas não bebia nem metade e ficava triplamente tonto.

Anos após separar-se de Geny, que nunca perdeu o sotaque de estrangeira, deparou-se com uma pergunta do filho, ainda moleque. Um metro e quarenta e cinco, cabelinho penteadinho pro lado, e olhar de criança feliz, sempre de bom humor, caso não contrariassem seus caprichos de moleque.

" Papai, mamãe me disse pra não visitar você de noite, disse ele sendo levado escondido pelo pai.

-É? indagou Khasé. E por quê seria?

-Pra não te ver beber!

-Ué? Mas você também não bebe? Agua, suco...

-Bebo... Respondeu Marquinho pensativo

-Então? Qual o problema?

-Não sei...

-Viu, filho? É por essas e outras que eu me separei da sua mãe. Não vá depois ficar traumatizado e dizer que é culpa

minha!

-Quando você se separou da mamãe você queria casar com outra?

-Olha aqui, guri, respondeu ele apenas por que tinha bebido, já que sóbrio não falava com ninguém, se você quer ter um casamento relativamente estável, não traia nunca sua esposa. Espere ela trair você. Assim você vai ter o prazer de chutar a bunda dela !

-Você já chutou a mamãe? Indagou o garoto assustado.

-Claro que não, seu bolhinha, isso é uma metáfora!

-Ah...

-Ah, ah fez o pai imitando voz de nenenzinho. Sabe o que é uma metáfora?

-Não, disse o guri fazendo beicinho.

-Não, continuou o pai, sempre imitando. Depois você pergunta à sua mãe!

Mas você saiu com outra?

-Porque esse interesse todo? Pra ficar de nhé-nhé-nhé depois? Abraçado com aquele coelhinho retardado que a Geny inventou de te dar?

-Ele é muito esperto, viu? Seu bobo! Marco fechou o tempo.

Seu pensamento desviou-se para o presente quando foram entrando todos pra dentro do clube da festa em fila indiana. Marco sendo empurrado pela namorada, achando que Magu deveria estar lá dentro à essa altura do campeonato. Na hora em que um enorme tarzan passou perto dele, ele falou que ao menos cheiro de tarzan ele tinha. Fantasia realista. Naquela outra ocasião Khasé estava fedendo, e Marco não quisera abraçà-lo.

" Olha aqui, filho, uma vez ela me disse que poderia contar tudo. Que ela compreenderia sempre, que ela estaria ao meu lado. No entanto, tem coisas que eu me arrependo de ter contado.

-É mesmo???? Fez o menino espantado? Então pode mentir? Mamãe falou pra mim nunca mentir! Papai do céu

castiga!

-Mim não faz nada! Para EU nunca mentir! Sua mãe é religiosa, do tipo que pensa que vai todo mundo pro inferno. Papai do céu... Humpf! Tem momentos em que a verdade dói mais do que uma mentirinha.

-Não é não, tá? Interrompeu Marco.

-Quer saber? Esse seu coelhinho é retardado.

-Não é!

-Quer que eu prove? Pergunta pra ele quem traz dinheiro pra dentro de casa!

-Não é verdade falou Marco baixinho.

-É papai do céu?

-É! É! É!

-Não! E a pensão que o papai Khasé desconta todo mês do ordenado dele!

-Mas é que...

-Mas é que Piu-piu-piu nada! Tá satisfeito de saber a verdade? Que esse seu coelhinho não presta pra nada?

-Não é verdade!

-Tá vendo só? A verdade dói tanto que você não quer nem admiti-la!

-E que eu... Um... Marco ia chorar. Mas o pai pegou pelo ombro.

-Não tem motivo nenhum pra chorar!

Marco que queria ser igualzinho o pai, incluindo barriga e tudo, não chorou só por que o pai mandou. Fungou e fez

Mas você saiu ou não com outra?

Um tapa nas costas de Marco despertou-o novamente. Era Alcino estendendo-lhe uma cerveja. Isabelle tez cara feia, mas ele não aceitou por si só. Não bebia faziam quatro anos. Queria estar preparado para quando acontecesse algo que ele não fosse gostar. Como o espetar de uma agulha pontiaguda atrás da orelha, fazendo uma pressão forte, e espremendo para fora a adiposidade que poderia se aglomerar sob forma de uma bolha de sebo.

Era isso que ele tinha ido fazer na casa do pai naquela ocasião, e não lembrava mais. A mãe preferiria tê-lo levado ao médico. Mas não foi o caso do pai faz-tudo que o levou à sua casa sem avisá-lo de nada. No meio da conversa começara à fazer carinho na orelha e a observá-la como quem não quer nada. Continuara discursando, sem parar de mirar a bolha:

-Uma vez eu entrei num ônibus. Estava casado a dez anos e nunca tinha olhado mulher alguma. A gaite morava em São Paulo, lembra? Você tinha cinco anos. A gente entrava nos ônibus pela porta da frente! Tinham duas menininhas de uniformes de colégio segurando pastinhas no segundo banco. Eu não prestei atenção. Sentei no banco logo atrás. Eu já era um coroa meio barrigudo.

-Coroa? Perguntou Marco? Você ficava na cabeça do rei?

-Coroa é um homem maduro!

-Ah! Igual mamão mole!

-Não maduro de velho!

-Velho igual bota?

-Não perturba.

O pai foi falando e pegando uma agulha na mesa sem que Marco visse, crente crente que era carinho!

-Um balanço do motorista me tez cair um pouco do lado delas, fazendo com que me vissem. Mas é como eu falei, eu não prestei atenção. Sentei atrás. Tirei um radinho da minha sacola de ferramentas, e sintonizei o jornal. Abri a janela. Olhei pra fora. Ouvi uma notícia qualquer. Quando eu percebi a menina do lado do corredor, de cabelos encaracolados, estava me olhando. Eu não prestei atenção. Eu olhei de novo, ela continuava me olhando. E sorrindo. Fiquei pasmo!

-Que que é pasmo?

-Parado. Sem reação.

-Mas você ia reagir? Dando um chute na bunda dela?

-Vira pra lá e ouve! Vê se tenta compreender a gravidade da situação!

-Mas isso eu entendi, papai! A fessora do colégio já explicou! Disse Marco todo prosa!

-Como assim a fessora explicou?

-Se não tiver gravidade sai todo mundo voando pelo ar! Acrescentou o garoto satisfeito.

Gravidade é uma coisa ruim, explicou o coroa!

-Não é!

-Escuta, Marco! E vira pra lá que eu quero ver!

-Vai chutar minha bunda por causa da gravidade da reação?

-Filho, fez o Khasé quase perdendo a paciência, Ouça!

-Tá! Fez Marquinho bem-humorado.

-Ela ficou me olhando, e eu perguntei se ela queria ouvir o jornal. Ela fez que não e riu. Eu achei engraçado, e, tratei-a como uma criança. Perguntei-lhe seu nome. Era Clara. Ela continuou rindo. A outra, do lado dela estava mais encolhida do que nunca. Eu pergunta onde é que elas estavam indo. Ela disse que era para a estação do metrô. Perguntei o nome da outra. Ela botou a mão na cabeça e abaixou o rosto. Não quis responder. A Clara apontou dizendo que era a Ênya. Eu fiz "ah bom!"

-Mas era bom?

-Ouve Marquinho, ouve! Eu apaguei o rádio. Quando a Ênya se virou pra trás, envergonhada, querendo fingir que não tinha me visto, disse "oi Khasé, tudo bom?" Ai eu perguntei como que ela sabia meu nome(não a tinha reconhecido até então). Ela disse que era amiga da Geny! A sua mãe! E eu nem lembrava dela! Eu a vi umas três vezes na vida no máximo. Ela devia ter uns trinta anos. Ela explicou que era professora do colégio e por isso tinha de usar aquele uniforme. Tinha vergonha de ser vista assim, vestida à caráter...

-Caráter forte ou fraco?

-Vestida de uniforme, eu quis dizer, disse Khasé começando a apertar a bolinha atrás da orelha do garoto que ainda não tinha percebido nada. A Clara, continuou ele, levantou-se, sentou do meu lado e me deu um beijo no rosto. Eu nem mexi. A Ênya perguntou como ia a Geny, você, E se preparou pra descer. Pediu pra eu não contar que ela usava aquele uniforme. Vaidade feminina é uma coisa impressionante. Dai eu olhei a Clara. Que estava do meu lado rindo a beça.

-Rindo do que? Você não é nem um pouco engraçado!

-Não sou? Perguntou o pai surpreso.

-Não! Tá sempre brigando... Falando grosso... Ri alto que até assusta!

-Você tem razão! Eu não sou engraçado!

-Então? Do que que ela riu?

O efeito do álcool já estava claramente viável. Como Marco não sabia mesmo, então não fazia diferença. (Era o que Khasé pensava.)

-É filho... Eu sou um velho gordo, mal-humorado... Até hoje não sei o que ela viu em mim... Nem sua mãe...

-Continua!

Dá sapínho! Choramingou o garoto.

-Exatamente! Falou Khasé. Ela ficou com vergonha porque tinham pessoas olhando. E depois... Desceu do ônibus, e eu não dei o telefone pra ela!

-AAAAAAAAiiiiiiiiiiiii! Berrou Marco sentindo finalmente a agulha penetrando na pele e ouvindo "split" bem pertinho do ouvido. Parou de chorar quando o pai passou álcool e tirou o pus. Dali em diante, tudo o que o pai disse pareceu medonho, pois a dor inesperada transformou totalmente a conversa.

-Ela tinha a língua bem curtinha, totalmente diferente da sua mãe. Ela tinha o rosto todo lisinho e não parou de rir nem quando desceu do ônibus! Eu ainda sorri! Depois eu me encolhi no banco.

Liguei o rádio de novo. Parei pra pensar no que tinha acabado de fazer!

-Deus castiga, disse timidamente Marco.

-Isso ! Isso! Você tá me entendendo direitinho! Ele fez comigo igualzinho tinha feito com Caim, após a morte de Abel!

Khasé estava totalmente exaltado. Levantou e começou a falar bem alto.

-Ele botou um olho enorme atrás de mim!

-De que tamanho? Quis saber o guri.

-Do tamanho do céu! Fez Khasé abrindo os braços bem grande. E aí eu comecei à ter a impressão de que estavam todos me olhando! Me chamando de velho safado! E eu concordei! Eu comecei à imaginar se um dia sua mãe descobrisse isso! E se por acaso ela não estaria ali mesmo! Naquele ônibus! Me olhando! Eu olhei de novo. Olhei pra todo mundo no ônibus, pra ter certeza de que ela não estava lá. Tive a impressão que pessoas viraram o rosto pra não me encararem! Afinal, eu não merecia ser encarado. Eu ouvi o jornal. Tentei fingir que não tinha acontecido nada! Mas eu não conseguia mais parar de pensar na menina assanhada! Mas agora era com desgosto! Eu já não estava mais com a menor vontade de rir! Eu tentei ler uma revista! Mas eu não conseguia mais me concentrar. Eu não parava de pensar no fato. Eu queria que aquilo não tivesse acontecido. Mas era tarde. Eu tinha acabado de matar Abel!

-Tadinho.

-Tadinho! Ele não teve culpa. Deus sim! Esse papai-do-céu vingativo e castigador! Preferiu o sacrifício de uma ovelha daquele forracador de cabras ás minhas frutas! Eu comecei a pensar com que cara que eu ia olhar pra sua mãe!

-Com a sua, ué!

-Mas não é assim simples. Isso é cara-de-pau.

-De pau, não! Você tem cara-de-bolacha!

-De bolacha?

É! Toda redonda e vermelha!

-Mas ai eu fui ao trabalho! Afinal era hora de trabalhar. Lá eu encontrei pessoas que não via fazia muitíssimo tempo. Uma mulher muito mais magra, que eu elogiei, uma servente que tinha voltado de Recife, uma diretora chata, e um ajudante prendado demais. Eu me sentei na minha banca, e fiquei concertando aquele monte de relógios vagabundos. Eu estava tremendo. Parecia que não ia lá há anos! No entanto eu estava lá todo dia! Eu tentei botar música, ver se o olho de Deus sumia, tenta me concentrar. Fiquei concentrado.

-Igual extrato de tomate?

-Perfeito! Todo vermelho! Mas não adiantou. Aí eu lembrei!

-Do que?

-Da Ênya.

-A outra?

-Percebe a gravidade?

-Sim, Sim! Fez o garoto! Então teve reação! Então você deu chute na bunda dela?

-Não! Ela era amiga da sua mãe! Eu não podia chutar ela. Mas bem que eu quis! Ela tinha fama de fofoqueira. Ia cagoetar se soubesse. E era capaz da Clara contar pra ela. E ela contar pra sua mãe.

-E mamãe contar pro papai-do-céu!

-Não precisava! Ele foi o primeiro a saber!

-Mas como?

-Eu já disse, o olho dele é desse tamanhão, ó!

-É verdade... Admitiu Marquinho conformado.

-É sim! Então eu resolvi que ia telefonar pra Ênya, pedir por gentileza pra ela não dar meu número de telefone.

-Telefone?

-Imagina! Se a Clara é maluca e resolve que vai contar tudo à Geny?

-Ih!

-Perfeito! Tá vendo? Só que eu não tinha o telefone da Ênya! Pra isso eu ia precisar pedir à sua mãe! Mas qual desculpa eu ia dar pra telefonar ã amiga dela?

-Você não ia dar desculpas, papai, disse Marco em tom explicativo! A fessora ensinou que desculpas a gente sempre tem que pedir! Entendeu?

-Sim... Você tem razão... Mas como é que eu ia pedir desculpas? Pra isso eu ia ter de contar a história toda! E aí ela ia brigar comigo.

-Como? Com um chute na sua bunda?

-Por exemplo!

-Reacionando a gravidade?

-Exato!

-Furando a sua orelha igual você fez comigo?

-Também!

-Mas eu fiz algo ruim?

-Você sabe demais!

-Se é ruim, então o papai-do-céu deve ter separado um olho grandão pra ficar me olhando. Mas eu ainda não consegui ver o olho no céu!

-É porque na verdade você ainda não fez nada de realmente ruim. Quando você fizer, você vai vê-lo!

-Então o papai-do-céu vai me castigar?

- -Vai!

-Viu como a mamãe tava certa? Viu? Não pode mentir que papai-do-céu castiga! Eu falei!

-Tem razão! Tem toda a razão!

-E depois?

-Depois eu pensei que a Ênya e a sua mãe poderiam ter amigos em comum! Então eu pensei em vários nomes! Só me veio o do ex-marido dela! Um pela-saco!

-No duro mesmo?

-Sério! Mas qual o remédio? Tinha que ligar!

-Marido da mamãe ou marido da Êna? (pronúncia de criança)

-Da sua mãe!

-Ela já foi casada? Com outro?

-Já. Com um chatonildo de primeira! Aí eu telefonei pra ele. Como eu não tinha nada pra contar eu tive que inventar uma desculpa!

-Papai, explicou o garoto, de novo você errou. Você tinha era que pedir uma desculpa, e não inventar! Assim ele dava, isso se de fosse bonzinho. Se ele era mauzinho ele não ia dar desculpa.

-Se tivesse ligado pra de e pedido que me desse uma boa desculpa pra eu estar ligando pra ele eu iria ser chamado de

maluco!

-Por que?

Não sei! As pessoas andam sempre chamando as outras de malucas!

-Então é porque elas não são boazinhas!

-Perfeito! Que nem o boboca do ex-marido da sua mãe!

-Você ligou?

-Liguei! Claro!

-No escuro não dá!

-Pelo contrário, filho! No escuro é melhor porque ninguém vê!

-Ah!

-Mas como a nossa companhia de telefone é uma droga, eu não consegui completar a chamada. Enquanto eu discava, eu ficava nervoso, e batia os números todos errados. Meu coração ia acabar pulando pela boca!

-Nossa!

-Sabe com é que é? Quando você pega aquele seu telefonezinho vermelho, aperta o botão e ele faz "muuuuu" e depois "cocoricóóó'"? Aqui no Brasil parece que todos os telefones eram de brinquedo.

-Mamãe falou o contrário. Que não é brinquedo, pra não mexer.

-Então como é que explica que você aperta o botão e faz Bite? E depois, bibite?

-Não sei...

-Então, eu resolvi ir até a casa dele. No caminho, todas as pessoas que eu encontrei pareciam ser a sua mãe! Corpos, e rosto de esposa. Fui andando pelos caminhos menos prováveis, e me esquivando de todos, parando atrás de árvores ao menor sinal de Geny. Finalmente eu cheguei lá, todo suado, e perguntei com a mais fina educação se ele tinha o telefone da Ênya! Sabe o que ele respondeu?

-O que?

-O que todo idiota faz quando você pergunta algo!

-O que? O que?

-Respondeu uma pergunta com outra pergunta! "Pra que?". Aí eu inventei a mentira mais cabeluda que você puder imaginar!

-Igual um gorila!

-Exato! Foi Assim! Assim que eu me senti! Um gorila mentiroso! Eu disse que era porque eu precisava de livros, e bibibí e bobobó... E ele me mandou pedir à minha esposa. Eu falei que ela tinha perdido a agenda.

-Ele teve reação?

-Com chute na bunda?

Não pai! Com a situação da gravidade!

-Sim! Teve! Ele disse que também não tinha o telefone dela, que era pra mim procurar direito a agenda da Geny!

-Pra EU procurar, papai! Pra Eu! Mim não fez nada... Ai, ai!

-Exato! Mas ele disse que ia ligar para o primo dela, que era amigo dele, que devia ter o telefone pra EU ligar! Assim que tivesse o número!

-Que legal, fez Marco!

-Legal Nada! E se a Geny atendesse na hora em que ele ligasse? Ele diria que estava querendo me dar o telefone da dita cuja! Agora eram duas pessoas que não poderiam ligar para casa! Sem contar a própria Ênya, caso soubesse do que eu fiz! Viu só que abacaxi?

-Por isso é que você é coroa, disse o menino rindo! É coroa de abacaxi!

-Pode apostar! Pode apostar! Sabe como é que a história acabou?

-Já tá acabando? Agora que estava ficando legal?

-Pois é! Nem Clara, nem Ênya, nem o bolha do ex-marido da sua mãe telefonaram!

-Ah! Que pena! Ninguém quis ligar pro papai!

-Isso mesmo! Você felou certo! Qualquer um acharia bom que ninguém tivesse ligado! Mas foi ruim! Você consegue imaginar o que é passar duas semanas inteiras numa guerra de nervos interna? Eu não podia sair de perto do aparelho! Cada vez que tocava eu corria pra ser o primeiro, e atendia ofegante! Desesperado! E nunca era ninguém. Nunca era nada sério! Eu perdi quase dez quilos! Não consegui mais dormir à noite! Não conseguia concertar decentemente um só relógio! De dia, no trabalho eu imaginava em que ponto podia estar a novela. Imaginava o que a pessoa que ligasse estaria dizendo, e a reação da...

-Reação de gravidade?

-Da situação, filho!

-E o chute na bunda, disseram os dois ao mesmo tempo!

-Mas a sua mãe, continuou o pai, a vida inteira gostou de jogar verde comigo! Mesmo nunca tendo acontecido nada!

-Jogar o verde?

-Isso! Pra colher maduro!

-Maduro igual mamão velho?

-Igual ameixa preta! Como aquelas que estão sobre a mesa.

-Na mesa? Mas algumas ameixas estão brancas!

-Ora Marquinho! Ali é por que elas estão verdes!

-Ah...

-Entendeu?

-Não!

-Não Importa! Importa que sua mãe sempre resolvia escutar minhas conversas telefônicas, sempre fingia que alguma tinha acontecido, só pra ouvir-me dizer o contrário! E eu, ã essa altura do campeonato, já estava doido pra esta tortura acabar! Sabe o que significa? Toda noite ela fingir que sabe, e você mentir à cada vez com a maior cara-de-pau?

-Cara-de-bolacha!

-Exato! Você está entendendo!

-Depois?

-Depois nunca mais aconteceu nada! Mas eu percebi que não doía mais do que psicologicamente trair sua mãe. Que eu poderia fazer isso sem ela nunca perceber!

-Papai-do-céu castiga!

-Pode ser... Pode não ser...

-É...

A campainha tocara. A mãe de Marco tinha chegado para buscá-lo. Cumprimentou o Khasé com dois beijinhos, olhou o ouvido do filho. Perguntou se tinha bebido. Khasé disse que só um pouco. O guri perguntou se um garrafão é pouco, apenas para satisfazer sua curiosidade. Deu um abraço no pai.

-Tchau!

-Tchau, filho, respondeu Khasé. Ah! Espera um pouco! Seu coelhinho! Toma ele. Retiro o que eu disse. Ele não é retardado!

-Não precisa tirar, respondeu Marco, por que o que você disse nunca entrou dentro dele, assim ele não ficou tristinho, e ele sabe que ele é bonzinho! Você é que tem que aprender à gostar dele. Tchau, cara-de-bolacha!

A rainha medieval e a água no joelho.

Da mesma forma com a qual um dedo tocando a borda de um copo de chope estanca toda a espuma, ou uma colher de madeira freia o leite de uma panela fervente. Marco se deu conta do presente novamente, quando Magu apareceu dizendo que estava procurando eles fazia meia hora.

Ele comentou com Marco que estavam todos olhando as duas bruxas, assobiando e cantando-as. " Também, fez Marco, vestidas desta forma, quem não estaria olhando?

-É... Essa mulherada adora aparecer!

-Isso não é nada. O problema é que insistem em dizer o contrário. -É…

-Pois é.

Alcino apareceu com meia dúzia de amigos, claramente pescadores da região, e apresentou-os à Marco e Magu. Depois deu as costas e sumiu.

Marco ficou frente à frente com o Rogério, que usava três bonés um por cima do outro, e ficou sem graça, mas perguntou se Magu era o nome verdadeiro do quatro-olhos.

-Não, o nome dele é...

-Um minuto, disse ele sumindo e deixando os dois sós.

-Já vai? Perguntou Magu sem jeito...

-Já vai tarde, disse Marco discretamente.

-Pois é. Jà vai, já vai, jà foi!

-Jà reparou, Magu, continuou Marco em meio à música fortíssima, que quando as pessoas se apresentam umas às outras nos filmes, isso não acontece?

-Nessas horas começa uma música.

-Se for um filme intelectual.

-Se for um filme de ação é uma explosão.

-Uma briga se for filme do Charles Bronson.

-Uma piada se for comédia. -É…

-Pois é...

-Olha lá o tal do Mirandinha.

-Quem é ele?

O ex da Isabelle.

-Aquele pleibóizinho?

-Aquele mesmo. Olha só como é que eles se abraçam! Que amor!

-Você tá exagerando, melecão. Ele é que veio abraçá-la. Ela quase não está dando atenção. Ela está bebendo na dela.

-Sabia que ela ia beber.

-E você não vai?

-Eu parei!

-Desde quando?

-Desde que eu parei de fumar maconha.

-Quanto tempo atrás?

-Quatro anos.

-É um bom tempo. Eu estou à seis meses sem fumar. Mas não parei de tomar cervejinhas.

-Pra mim, disse Marco, não há diferença entre fumar e beber. Eu poderia estar fumando se não fosse tanta gente perturbando com seus conceitos de moral totalmente atravessados.

-Pois é. Mas o problema é que as pessoas não estão preparadas para a liberação.

-Como assim? Por mim, tinha que liberar logo tudo!

-Você fuma cigarros? -Não.

-Conhece muita gente que fuma? -Muita.

-Quantos deles fumam debaixo do seu nariz?

-Todos. Não. Tem um ou outro que é mais respeitoso. Meu tio de São Paulo, por exemplo, só fuma na janela. Nunca fuma onde tem alguém comendo!

-Ótimo exemplo! Não é nojento comer com alguém fumando do lado?

-Já entendi, Magu. Meu pai fuma no ônibus, na CTI do hospital.

-Sério mesmo melecão? Um cara culto como ele? No hospital?

-Você lembra do acidente de automóvel que ele sofreu com minha ex-madrasta, não lembra?

-Médio. Você ficou sumidão naquela época.

-Ela tinha ficado paraplégica. O Khasé quebrou três costelas.

-Carvalho!

Quando ele ia visitá-la na CTI, ficava tão nervoso de vê-la naquele estado, que fumava lá dentro. Até o médico expulsá-lo lá de dentro.

-Credo.

-Ele fuma no ônibus. E como você disse, é uma pessoa de cultura. Aliás, aqui no Rio, todo mundo

fuma no ônibus. Em Niterói nem se Ma.

-É uma toM falta de preparo para o convívio social. Por isso é que eu não sei se será positiva a liberação das drogas.

-Olha lá! Que cara-de-pau daquele camarada! Ele tá puxando a minha garota pelo braço!

-Melecão! Você é um pentelho! Se ela não quiser, ela não irá! Por que é que você tanto esquenta a cuca?

-Mas e se ela quiser?

-Então você tá roubado, e não poderá fazer nada! Pode até impedi-la agora, mas cedo ou tarde ela vai. Desencana!

-Sei não... Não estou gostando nada dessa história...

-Vem cá, olha aquela mulher ali. -Quem?

-A rainha medieval.

-Não é. É da renascença.

-Dane-se. Dá uma boa sacada naqueles limõezinhos.

-Limões? Ah sim. Que é que tem?

-Não são um tesão? Que Limonada!

-Limonada? Ei, ela tá olhando pra nós.

-Pra nós não. É pra você.

-Virou a cara.

-Esqueceu a Isabelle rapidinho, não é seu melecão?

-Não é nada disso, você é que tá me espetando pro mau caminho.

-Você mio morreu por que casou.

-Me espera um minuto.

-Fica aqui! Deixa de ser debilóide!

Magu acabou sozinho. Ao menos por alguns instantes.

O Khasé firmando no ônibus? Khasé fuma? Desde quando? Desde quando havia começado à beber. Marco havia explicado uma vez: desde a época da Polônia. Num campo de concentração, um cigarro podia valer ouro, e diamantes eram trocados por cascas de batatas.Magro como não se poderia imaginar de um sujeito bonachão, aquela primeira noite no alojamento, Martin não tinha dormido. Ouvira Lamentações e gemidos a noite inteira, bocas balbuciando desejos distantes, barulho de caixas arrastadas, e o sons de suicidas parando de respirar. Os piolhos que infectavam o local não deram um minuto de sossego, e o reco-reco ao fundo.. .Nem se feia. Entendera que todas as suas noites seriam assim

Ao toque de despertar, cinco horas da manhã, iniciou-se uma cena sui gêneris. As luzes ascenderam-se em um átimo, e descortinou-se enorme galpão, repleto de camas e de pessoas. Enorme formigueiro, onde, de um instante para o outro, como uma granada da qual se puxou o gatilho, todos os detentos iniciaram uma louca corrida em círculos, incluindo Khasé.

"Faça como eu, primo!"

Juntaram os colchões debaixo de beliches, que só então Martin reparara. Dezenas de beliches, estreitas, invisíveis à noite. Apesar da enorme quantidade de camas, a grande maioria havia dormido no chão.

Havia uma escrivaninha perto do portão estilo galpão, onde um Kapo havia pernoitado. O intérprete da noite. Mal ascenderam-se as luzes, e este pôs-se à gritar ordens em Alemão, em polonês, em Francês, em Italiano...

O tempo da toalete matinal era reduzidíssimo, e o frio, desencorajador. Longe do dormitório, pias soltavam água lamacenta com a qual se lavavam os detentos. Beber, e matar a sede? Nem pensar.

O tempo era tão curto, que uns corriam e urinavam em só gesto.

Aos pés, portavam espécie de tamanco, que eram supostos manter em exemplar condição de limpeza. A graxa era regulada pelo Kapo da escrivaninha.

A primeira inspeção, feita pelo sturmbahnfurer consistia em verificar o quão arrumado estaria o galpão que servia de dormitório. Cama mal feita (colchão mal esticado, ou, na melhor das hipóteses, para os que tinham um, cobertor mal enrolado ao pé do beliche), tamanco não engraxado, açoitadas garantidas.

Todos fediam, estavam cobertos de chagas e de piolhos, mas os sapatos brilhavam impecavelmente. Disciplina nazista.

Em seguida, correram todos para o pátio, para a primeira chamada do dia.

Viram este nascer, na posição de sentido, após duas horas de silêncio.

Chamada, chamada, e chamada.

Tomaram água quente como café da manhã.

Segunda chamada do dia, com direito à umas cacetadas para um grupo de triângulos rosa. (Homossexuais)*

Martin não ficou sabendo depois se era dia de sol ou de chuva, pois nem pra frente olhou. Foi escalado para descascar

batatas.

Na cozinha, só prisioneiros alemães, marginais ou bandidos, fartamente alimentados. Para os outros esqueléticos detentos, batatas à descascar.

De seu lado havia um estrela amarela. Martin estava doido para olhá-lo.

Conseguiu discernir mãos finas e esguias, que trabalhavam rápido e com precisão. Sentiu aquilo que seria o esboço de um sorriso.

Mas durante um instante este judeu não descascou as batatas. Tiros vindo de lugar nenhum o abateram. Um raio como o da noite passada apareceu e sumiu com o corpo. Um circulo vermelho tomou seu lugar.

Horas passaram voando. As mãos jà davam cãibras, enrijecidas pelo frio e pelo esforço. Sentido durante não se sabe quanto tempo para mais uma demente Chamada. Chamada, chamada, chamada... Som de reco-reco ...

Alguém na fila interpelou Martin em Alemão ruim.

-Kermen sie Ivan Nabiajovich? (conheces Ivan Nabiajovich?)

Martin mio entendeu que era com ele, e fingiu não ter ouvido. A voz insistiu.

-Pelo amor de Deus, o conheces? Outra voz veio da esquerda, em lidish.

-Er vil nitfarshteyen! Er vil nití (ele não quer entender!) Outra voz.

-Ein grossnummer... "Rusky soldate..." (um número grande, "soldado russo")

Almoço. Sem ver Khazé, e esfomeado, Martin se precipitou sobre os Alemães que serviam a Estranho mesmo é que conseguiu. As pessoas aparentavam desumana pressa, mas apesar disso não

avançavam rápido. Deram-lhe uma cuia das de cachorro, a qual ele seria suposto guardar.

As primeiras colheradas da sopa de batatas e nabos era a dele. No enorme caldeirão, entretanto, o caldo flutuava. Os que chegavam no meio da fila tinham as melhores porções, e, os últimos, se bobeassem, nem almoçariam. Dieta de SP A, mas a fome era tanta, que Martin lambeu a cuia primorosamente, e catou cada migalha de sua ração de pão (meio pão tipo branco alemão).

Inútil mencionar que continuavam todos com fome. Duas horas em pé para a chamada.

Não parar nunca de trabalhar. Ralar dobrado. Esta era a regra. Não sorrir. Martin aprendeu no mesmo dia a juntar as cascas das batatas sem ser visto e levar ao alojamento de noite.

Quando percebeu, já era noite, e o som do reco-reco, ainda continuava sua curiosa rotina. Chamada, chamada, e chamada.

Novo rebuliço, até cerca de nove horas da noite. O galpão parecia enorme bazar em Babel, onde pessoas, todas estrelas amarelas, de todas as nacionalidades se comunicavam como podiam, negociando produtos tão caros quanto inesperados.

Um Francês, conhecido como Pascal, calvo, era protegido de um bahnfuhrer. Trazia várias coisinhas, e, na medida do possível, era bom de jogo.

Os Gregos não se misturavam e formavam um clã perigoso, "larápios", fez khasé. Um contato na usina fornecia-lhes cigarros à vontade, e gostavam de roupas, que, diziam, estavam preparando para o inverno.

O Kapo da escrivaninha também jogava. Mas apenas com as pessoas indicadas. Como ele de certa forma também era um detento, era também responsável pela graxa que polia os pés dos fantoches mortos de fome. Compraria graxa, e talvez vassouras.

Pedaços de sabonete, pão preto (mais nutritivo), balinhas mordidas ou meio chupadas, panos, cuias roubadas, pontas de cigarro, e... Novos escudos peitorais, para os que gostariam de tentar a sorte fazendo-se passar por preso político, de comunista, de homossexual ou, o mais caro e difícil de se arrumar, de bandido alemão, que ao menos levaria a postos mais seguros.

Quando Martin foi chamado de "Grossnummer"por Pascal, este explicou:

-Os detentos mais antigos portam ao braço os menores números, pois foram tatuados mais cedo, e são necessariamente mais experientes, caso contrário já teriam sido mortos. Vocês, grossnummer, ainda têm um bocado que aprender para sobreviver no inferno. Veja eu. "Ça fàit longtemps que j'ai appris à survivre dans ce merdier, et c'est pour ça que je vis toujours. Et je te jure, je survivrai. "Kleinnummer".(pequeno número)

As cascas de batata renderam o primeiro cigarro de Martin, que o dividiu com Khasé.

Até hoje ele fuma.

Khasé firma. E Magu, parou.

"E que diferença fez[1]? Pra quem sobreviveu ao inferno, não é isso que vai matar!"

Marco saiu andando em meio ao público. No meio do caminho entrou sem querer em alguma fila. Logo parou um drácula todo ensangüentado dizendo que se Marco era mesmo duende poderia fazer um feitiço praquela fila andar mais depressa. A mulher na frente preferia que Marco fizesse um feitiço pra que ela ganhasse o prêmio de melhor fantasia. Conseguiu desvencilhar-se daquele povo todo, e aproximou-se de Isabelle que já estava alegre. O Mirandinha viu Marco e esticou a mão, que Marco apertou sem graça. Isabelle agarrou o namorado e deu-lhe um beijo, rindo. Ana foi atrás de Magu. Alvinho estava no meio de uma roda de dança fazendo altas palhaçadas.

-Que negócio é esse de prêmio, perguntou Marco?

A melhor fantasia, querido, mas como você é pentelho e veio de duende com esse boné ridículo não

está nem concorrendo. Pode deixar que eu venço por nós dois!

-Não é duende, é sans-culotte!

-Claro, homem não tem culote, seu bobão! Sabe qual é o prêmio?

-Qual?

-Uma viagem pra qualquer cidade do Brasil, com acompanhante e todas as despesas pagas! Mas não é só estar fantasiado pra ganhar! Tem que estar animado!

-Bom. Então boa festa! Assim você pode concorrer com o Mi! Ele está super-animado! Alá!

-Sabia que você tem o dom de acabar com a alegria de qualquer um?

Isabelle saiu puxando Marco, seguindo Ana, percebeu entretanto que ninguém estava muito animado, fora o Alvinho, que queria ganhar o prêmio de qualquer forma.

Marco resolveu estabelecer diretrizes. Pôr em prática objetivos, viabilizando meios e iniciando projetos baseados em metas concretas.

Saiu de fininho sem que ninguém o visse. Puxou um morcego que estava colado à parede e grudou-o na touca frigiana, reparou bem nas pessoas que estavam ah. Mal pôde conter um ataque de riso desenfreado ao ver aquele monte de gente,e tremeu nas bases quando pensou que ia ter que falar com alguém. Pensou "Calma, Marco, você é um ator! Não ria ao falar com o moço! Você é um PfHF', e perguntou ao primeiro que viu em meio às risadas:

-Cadê o banheiro?

O homem-aranha apontou seríssimo uma direção, que Marco seguiu às gargalhadas, chegando em seguida à uma câmara escura. Ascendeu a luz, mas o interruptor estava molhado. Olhou.

Que desastre! O vaso estava com papel e uma massa amarela até a borda! O chão todo molhado, tanto que não era possível nem chegar perto do vaso. Tinha um espelho. Marco cheirou a mão. Era água, mas o cheiro de urina estava tão proeminente que tomou conta de suas narinas. Ele abriu a braguilha da calça jeans, apontou à distância, e fez toda força do mundo para que o jato quente chegasse até o vaso. Na primeira tentativa, ele errou acertando a urina do chão que respingou na lixeirinha, totalmente escondida debaixo da enorme quantidade de papéis que a cobria. Na segunda tentativa, após acertar a tábua, Marco ouviu o barulho da água ecoando no vaso. Sorriu. Urinou longamente todo refrigerante que havia ingerido até aquele momento.

Ele se perguntou como é que estaria o banheiro das mulheres, e teve pena das coitadas que deveriam sentar-se para aliviar-se. Lembrou da belíssima rainha medieval, ou da renascença, que após tantos limões e limonada precisaria se aliviar. Magu era quem apontava as limonadas que ela ingeriria sem culpa. Só que na época de Luís nove, ou treze, não haviam

instalações sanitárias! Como é que a nobreza fazia pra se aliviar? No mínimo era nos corredores! Então o rei passava uma circular impressa por Guttemberg em pessoa, avisando que durante a visita real estaria terminantemente proibido o xixi na escada. A rainha dos limões, é claro, deveria defecar em veludo da índia, bordado à ouro, enquanto o escravo Magu, com seus fundo de garrafa, aguardaria pacientemente o término da operação. Vai ver que era por isso que a corte de Portugal se mudou para o Brasil. Para fazerem tudo nas praias, e até hoje o gosto pegou e quando você quer tomar um banho de sol tem que afastar o lixo pra depois deitar.

E se a rainha precisasse ir para o banheiro das barca Rio-Niterói, limpo daquele mesmo jeito, só que não tinha vaso? Era um buraco no chão, com dois espaços no meio pra se encaixar os pés, eles próprios encharcados.

E o da rodoviária então? Tinham uns cinco bicos-de-papagaío lado à lado, dando as costas à outros cinco. Tinha que fazer xixi olhando a cara de outro gajo que estaria se aliviando, eWrtffa pagaria pra isso, por que a entrada era bastante cara. Mas a rainha não tiraria a água do joelho em pé. Ela

esperaria o vassalo Magu, que, por ser quase cego e ainda não ter sido inventado o óculos na época, não entenderia o que seria aquele poste parado à sua frente gesticulando : "Não olheis, vassalo, não olheis!"

No aeroporto, além de gratuito, as condições de higiene eram bem melhores e não tinha aquela caixinha de sapatos coberta com papel presente escrito caixinha. Era o mais indicado para a rainha. Ela ainda poderia contar com o ônibus frescão que fazia a linha Penha-Copacabana em apenas vinte e cinco minutos.

A nobreza de hoje em dia em contrapartida faz uso das instalações mais chiques. Vasos redondos e acolchoados. A rainha da limonada na vida real devia se aliviar num vaso branco com tábua de acrílico transparente, onde ela poderia abaixar a cabeça e ver tudo saindo ao vivo.

Isso tudo pra não falar de quando ele estava no centro da cidade que não conseguia achar um só bendito banheiro! Todo bar onde entrava o banheiro estava em obras ou fechado ao público. No Bab's a fila era tão longa que desanimava além de já ser manjado pelos mendigos, que iam em massa no final da tarde. Um dia entrou num bar pé sujo, e pediu o banheiro. O balconista chegou ao absurdo de dizer que não tinha penico ali. Desculpe o trocadilho. Marco perguntou onde é que ele e todos os outros funcionários tiravam a água do joelho, e não obteve resposta coerente.

Marco perdeu a força e caiu mais água quente no chão.

-Que nojo, pensou ele, tem tanto xixi que não dá nem pra chegar perto do vaso! É um círculo \icioso! Eu tenho que ficar longe, e não consigo acertar. Não acerto, por isso eu sempre tenho que ficar mais longe!

Fortes batidas à porta interromperam seus pensamentos.

-Vambora que tem fila! Já tá descendo!

-Meu chapa berrou Marco em resposta, mesmo que você entrasse você não conseguiria acertar à essa distância toda!

Marco se esticou todo para puxar a descarga. Teve até a ilusão de que a pasta ia descer. Quando ele pensou que já tinha ido embora, lá veio o submarino de novo. Blub, blub. Abriu a porta e se deparou com o tal do Rogério horrorizado, xingando-o, dizendo que era pobre e pescador mas raio fazia uma coisa horrível daquelas.

Marco reparou que tinha um monte de coisas escritas em Inglês pelas paredes. Pelo microfone a moça deixou à entender que aquela festa estava sendo patrocinada por um curso de Inglês. Desses, do tipo aprenda em seis meses, pague por um ano.

Marco pensou que "spray" era uma palavra em inglês. Pensou no cocô spray, aquele em que se está com diarréia, e solta pum junto. Pfrrt!

-Que horror Marco, berrou Ana!

-Precisa dessa nojeira toda pra contar onde você estava? Berrou Isa. Por que que você deixou a gente pra trás?

-Não, disse Marco, só fui tirar água do joelho.

-Ele é sempre nojento assim, perguntou Ana?

-Ele adora estragar com a festa dos outros, comentou Isabelle. Estamos indo entregar os convites para podermos concorrer. Já preencheu o seu, chatonüdo?

-Era pra preencher, perguntou Marco?

-Não, espertalhão, era pra jogar fora!

-Ah bom, por que eu joguei o meu fora!

-Sério?

-Sério mesmo!

-Além de estraga-prazeres ainda é burro. Uma chance à menos de ganhar a tal da viagem.

-A gente nunca ia ganhar mesmo! Nossas chances eram mínimas!

-Agora as suas pelo menos, são nulas, mas eu ainda estou concorrendo. Não sou uma que já começo a competição com a certeza de que vou perder.

Marco fez as meninas repararem que uma boa parte do público era composta por professores de inglês, que imitavam barulhos e vozes. "Aí eu expliquei aos meus alunos: minha gente, não é Ai ixpique íngHx! Já expliquei mil vezes! Não tem I escrito. Se diz Ai êspique, ai êspique! Mas eles não entendem!"

Magu juntou-se à eles, e perguntou à Isabelle onde é que eles poderiam comer alguma coisa. Esta abraçou o namorado, que disse que estava com bafo horroroso de álcool.

-Marco, eu só bebi um pouco de vinho!

-E um garrafão inteiro é pouco? Fez Marco mecanicamente, como quando pensava no pai.

-Que garrafao, Marco, disse Ana. Ela não bebeu nem três copos. Você não vai beber"?

-Eu parei.

-Ah Marco, fez Magu, você ainda não me contou direito aquela história.

Marco contou como ele achou aquela latinha de refrigerantes, e o que pretendia fazer com ela.

-Vou comprar uma moto.

-Não vai nada, gritou Isa. Não vai nem pedir minha opinião? Ah é! Eu esqueci que não conto mais na sua vida! Você pode fazer tudo o que quiser que eu não me importo mais!

-Não é nada disso, disse Marco nervosamente, claro que eu me importo com você. Já imaginou como é que a nossa vida vai ficar muito mais fácil quando pudermos viajar sem precisar de ônibus? Sair e voltar pra casa à hora que bem entendermos?

-Você vai é morrer! Eu quero marido morto?

-Ele sabe andar de moto, perguntou Magu?

-Não sabe nada! Fez Isa convicta.

-Não sei? Não sei? Falou Marco bem alto, fazendo gesto de o.k.. Aqui que eu não sei! Você é que pensa que eu não

-E onde é que aprendeu, indagou Magu?

-Ele diz que quando era pequeno tinha um velhinho que ensinava judô pra ele. O mesmo que também morava sozinho num morro aí de Vitória. No mínimo foi esse velhinho!

-Ih! E foi mesmo!

-Se você pilota tão bem quanto briga, riu Magu, é melhor nem pensar em ter moto!

-Olha que eu sou bom de braço, avisou Marco!

-Mas de cabeça é um retardado, afirmou Isa.

-Aí já é provocação, fez Ana!

-Você não pensa em firmar, perguntou Magu super-curioso?

-Claro que não, irrompeu Isabelle! Ele largou as drogas!

-É... Eu acho que sim...

-Você acha, indagou Ana?

-Eu vou confessar... Eu tô seco pra ascender um beque...

-E é de boa qualidade, indagou o amigo, ajeitando os óculos? -Magu!! Fez Ana.

-Excelente, esclareceu Marco.

Alvinho apareceu e perguntou onde é que eles iam comer. Sharon apareceu logo atrás puxando dão-dão. e Pati que

chorava.

-Tá chorando porque, perguntou Isa?

-É por que, respondeu a gordinha, a mamãe não ghié tchiom ni blumm éééééé... E continuou chorando.

-Não deu pra entender nada, fez Marco espantado!

Sharon explicou que lá fora tinha um enorme elástico, daqueles que prende a pessoa pela cintura, e fica pulando, pra cima e pra baixo, por cinco minutos. Mas não tinham dinheiro pra ir e ainda teriam que sair da festa e perderiam o concurso.

Marco achou a ideia ótima. Alcino disse que esse povo não tinha mais nada pra inventar, e disse, que tinha uma ideia genial! Foi embora pra casa.

Isabelle não queria perder o sorteio, mas até mesmo Ana estava achando aquilo impossível.

Alvinho puxou todos para o barzinho da festa, onde estavam expostos papéis cheios de gordura, vidros melados e copos vazios. Marco tentou descobrir se aquelas coisas redondas e marrais eram comestíveis. Adão queria leite com chocolate, Pati queria balas, mas nada feito. Já estavam todos morrendo de fome à essa altura do campeonato.

-A gente teria feito melhor de guardar o dinheiro dos ingressos para ir à uma pizzaria, fez Ana.

-Ahá! Fez Marco! Eu não disse?

-Essa festa tá um saco, disse Isabelle.

-Mas o que é que a gente pode fazer, indagou Magu?

-E-lás-ti-co! Cantaram dão-dão e Pati.

-A gente bem que poderia ir à uma pizzaria, disse Alvinho. Estou cheio de fome.

-Curioso, continuou Marco. Fome é um vazio, portanto você deveria dizer que está vazio de fome.

-Marco, explicou Isa, o que ele quis dizer é que está cheio de fome!

-E eu acho que ele deve estar cheio de vazio!

-Ou será, interferiu Sharon, que ele está vazio de cheio? Por que o que ele comeu antes de sair não tá no gibi! Foram todos andando, e passaram em frente ao estande de julgamento. Todos os juizes olhavam atentos todas as

mulheres, e comentavam entre si:

-Olha aquela lá!

-Que beleza!

E Marco comentou com as meninas que aqueles caras estavam apenas tento uma ótima desculpa pra ficar secando todas as meninas da festa. Isabelle não falou nada, mas fez uma cara do tipo "haja paciência."

-Deixaram todos os ingressos com a bruxa responsável e desceram esperar o resultado, fora o de Marco, que foi jogado

Uma miniatura de mulher maravilha descabelada chegou pra perto de Marco e deu-lhe um

bilhetinho rindo. Marco estranhou. Atai. Isabelle cruzou os braços e ficou olhando fazendo sim com a cabeça.

" Você é o maior broto! Porque não vem dançar comigo? Eu estou vestida de rainha, e você de sans-culotte morcegão, vaanos arrasar!"

Isabelle puxou o bilhete com violência, e olhou feíssimo pra cara do namorado. -Ih... Fez Magu

-Você tem com certeza alguma coisa à ver com isso, não é? fez Ana.

-Alguma coisa pra ela mandar esse bilhete ele fez! Quase berrou Isabelle!

-Claro que não! Então eu devo acreditar que você fez alguma coisa pro Mirandinha estar pensando que pode sair

com você!

-Não fiz nada! Ele é que é um pentelho! A única coisa que eu fiz foi estar andando sozinha, graças à você que me deixou pra trás!

-Foi você que me deixou pra trás, e saiu por ai andando! Ora essa!

-Mentira! Ai que lorota!

-Ora, Fez Magu olhando Ana, mal a gente entrou vocês foram andando pra dentro!

-Ué, fez Sharon, eu e Alvinho ficamos separados a noite toda e nem por isso estamos brigando.

-Mas bem que você gostou, riu Alvinho!

-Como assim? Claro que não! Quem estava se divertindo era você, fazendo palhaçada no meio daquela garotada

-Eu estava apenas tentando ganhar a viagem!

-Manhê! Quero ir pro elástico!

-Viu como é que ek escreveu? Olha a letrinha dela!

-É óbvio que o quatro olho do meu namorado deve ter incentivado!

-Manhéin blumm bueuuu...

-Ek sempre tem que arrumar um motivo...

-Você tem que admitir

-O caso é que eu não estou dando bola pra nenhuma rainha medieval!

-Então quer dizer que o Marco estava dando bola!

-Pagou o maior mico no meio da garotada!

-Ela era bonitinha, não era?

-Pra não falar da velha Sirinéia... -Manhê...

-Mulher é tudo igual! Só sabe encher o saco!

-Manhê...

-No final das contas pode apostar que é a gente que vai sair perdendo! -Manhê!

-Não se pode nem mais beber um golinho! Assim! Um copinho! O que é que tem à ver?

-Imagina então! É só uma trepadinha! Não tem nada à ver!

-Grosso!

-Só um baseadinho!

-Manhê!

-Eles vão fazer isso na minha casa?

-Manhê!

-Que é que é moleque? -Éque... Éque...

-O lástico... Lastiquinho...

-Que droga!

-Ótima ideia! Vamos logo todo mundo, que assim não está dando certo.

Foram todos calados, em filha indiana, liderados pelo dão-dão e a Pati que finalmente tinha parado de chorar. Finalmente!

Mal saíram deram de cara com a praia, que não estava vazia. Tinha fila para o tal do elástico. Afastaram-se em cinco minutos da festa.

Vinte minutos depois ainda ouvia-se ao longe o som da festa, mas a voz do jurado, irreconhecível, mais parecia estática nas caixas de som.

" O vencedor é... Aliás, a vencedora é... Isabela de Andrade! Não Isabel-lê de Andrade! Cadê ela?"

O gentil banco, a gordinha e as artes elasticais.

Dizem que na terra, duas coisas são simples, contar o passado e predizer o futuro, mas ver claro o presente é que são elas! Será que sonhos podem nos dizer o dia de amanhã? Será que o passado explica o futuro? Metade dos sonhos de Nostradamus já se realizaram. A outra metade não é nada simpática e ainda está por vir. Oráculos se sucedem nas artes adivinhatórias, tão bem quanto mal. Lembra daquele que disse à César "Fique sempre ao lado de Brutus!"? Ao que César respondeu baixinho " Não sei por que, mas acho que ainda acabo perdendo meu latim com esse Filho da mãe!".

Uma corda foi presa à cintura de Pati. Veio um garoto escuro e sorridente que devia ter seus catorze anos vestindo um boné de posto de gasolina enorme para seu reduzido cocuruto. Levantou-a até a altura do peito, e deixou o elástico equilibrar- se. A gordinha viu-se parada no ar, balançando os braços no vazio entre as hastes de um trapézio metálico de quinze metros, e riu para o pequeno público. O menino agarrou-a pelos pés, puxou-a pra baixo devagar, até ficar de joelhos na areia da praia, e soltou.

Num berro ela voou bem alto, segurando-se inutilmente às cordas à sua volta, porque o que realmente a segurava era o fraldão que deixava passar suas perninhas rechonchudas como uma bonequinha para-quedista. No segundo berro ela voltou pra baixo, vestindo a coroa de cabelos loiros soltos que recusavam a descer na mesma velocidade que ela, transformando suas bochechas rosas em um coração de margarida em pleno voo vertical, ao qual ela foi agarrada pelo negrinho, que puxou-a de volta seus tornozelos pulando com ela num salto espetacular de dois metros para frente. Desta vez ela foi projetada pra trás rindo, e subindo, e descendo novamente, até acabarem-se os cinco minutos e tocar o cronômetro daquele que devia ser o pai do garoto, que ao contrário dele, não parecia divertir-se nem um pouco com todo aquele sobe e desce. Os cabelos dele pareciam lambidos por uma vaca.

Em frente à praia onde todos pararam obedecendo finalmente ao incansável apelo de dão-dão e Patí, havia o trapézio, com o elástico pra cima e pra baixo, e mais pra trás outra engenhoca curiosa: um círculo incrustado em dois outros, concêntricos, girando cada qual em um sentido diferente com um moço moreno de óculos, que, na mesma posição de um torturado, torneava em direção à todos os pontos cardinais, ficando em repetidas reprises de cabeça pra baixo. Ele ria e dizia "Uát ze reu!" Atrás, duas camas elásticas eram circundadas por uma cerca de rede irregular, que parecia por sua

vez uma série de buraquinhos amarrados com imenso carinho. Umas cabeças coloridas apareciam à cada segundo, rindo, com muito ou pouco cabelo, e sumiam no mesmo instante por detrás da cerca.

Isabelle achou no ato a forma de finalmente poder gritar bem alto, fazer um escândalo, zoar, aparecer, se divertir, ou como quiser qualificar. Mas pagar o ingresso das crianças é mais leve no bolso do que o de um adulto, que custa o dobro, e os dobrões de Marco estavam minguando.

-Eu é que não quero, fez Ana num muxoxo, começando a sentir a presença de Morpheus, e seus grãos de areia nos

-Eu quero, berrou Adão! Eu quero! Agora é minha vez!

Apareceu uma gordinha morena maior que Pati, aparentando ser perita em elástico. E logo deixou a gordínha loira por dentro das paradas. O lance é a concentração.

Marco pensou em pedir conselhos à respeito de coisas importantes, às quais ela certamente teria a resposta, como por exemplo um estudo qualitativo econômica viabilidade da enchibilidade das bolas de chicletes bloc ou pong-ping, e suas propriedades gustativas. Desistiu porque esperava concisão na resposta, que, a julgar pela forma instruída com a qual ela botava Pati por dentro das artes elasticais, iria demorar muito. Uma coisa estava clara. Quer saber algo sobre chicletes ou elásticos, pergunte à gordinha.

Alvinho e Magu foram se adiantando em direção à um bar, seguidos por Ana que perguntou por Alcino que havia sumido, enquanto Sharon, o genro e os filhos foram procurar um banco vinte e quatro horas de onde extrair o que sobrava do salário do telefonista.

Andaram bem umas duas esquinas calados, as mulheres observando o claro tédio, ou talvez mal humor, ou o vá-lá- saber por que daquela cara feia do Marco.

Bancos vinte e quatro horas são curiosos. Podem se chamar noite e dia, oitenta horas, assim, assado, mas não passam de máquinas inertes e inconsequentes. Por qualquer motivo incompreensível engolem gulosamente cartões, deixando na mão o pobre do cliente. Isso quando algum engraçadinho não joga cola na fenda fazendo uma meleca danada, e outro bonitinho com celular vai amigavelmente ajudar o então consolado cliente, emprestando-lhe o telefone para que reclame e forneça da forma mais tola e escancarada seu código secreto em voz alta, e finalmente o terceiro santo, que recupera depois o cartão e saca tudo o quanto tem direito.

Na rua havia um casal, e só dão-dão ouviu um comentário do rapaz que tinha achado um cartão na rua. O garoto não deu a menor importância, só queria saber de dar sua volta no elástico.

" Vou sacar tudo! Deve ser um milionário!

-Olha lá, hein? Respondeu a menina.

Marco, a sogra, as crianças estavam num silêncio que Deus me livre... Pati olhava os canos passando, e Isabelle aproveitou para retocar a maquilagem de bruxa.

O tal do rapaz não encontrou dificuldade em abrir a porta com o cartão achado, e disse à namorada que era sopa! Mal botou o pé pra dentro do caixa ouviu o barulho de tampa automática descobrindo a tela e as teclas. Ouviu uma gentil gravação : "Boa noite, bem vindo ao banco noite e dia: escolha a operação e digite o código correspondente.", ao que, de prontidão,

-seríssimo, olhou pra namorada, e respondeu: "BoanoiteBoanoite." A moça, também sàia, perguntou tímida educadamente "Tudo bem?" Logo teve uma reposta da máquina: "Introduza o cartão, por favor"

-Onde? Perguntou o rapaz.

-Introduza o cartão por favor.

-Acho que é lá, ó, completou a moça.

-Entrou! Viu? Não falei que era moleza? Agora é só sacar!

-Digite o código secreto, por favor.

-Secreto?

-Não te falei? Gente fina tem desses negócios! Vamos lá!

-O código não confere. Queira repetir a operação, por favor. Qualquer dúvida, peça informações ao operador pelo telefone, por favor.

-Operador? Mas você não disse que aqui não tinha ninguém? -Ih!

-O código secreto não confere. Seu cartão será apreendido. Para mais informações, verifique em sua agência, por

favor.

-Olha os barulhos que a máquina tá fazendo!

-Vamo é se mandar daqui!

-Ai! Não me deixa aqui sozinha!

As crianças se impressionaram ao verem o casal correr tão rápido.

-Por que é que eles saíram correndo assim, amor?

-O rapaz deve ter visto o salário, respondeu Marco! Se espantou com a quantia, e se mandou!

Quem se espantou com a quantia foi o próprio, ao perceber que quase todo seu dinheiro tinha ido embora!

-Viu só, reclamou Marco na hora! Já estamos quase sem dinheiro! Estamos gastando demais!

-Demais? Não sei aonde que estamos gastando demais!

-Precisava ter comprado aquele monte de revista inútil?

-Primeiro seu nojento, que não eram inúteis! Todo mundo leu.

-Todo mundo, as mulheres, não é? Porque quem é que se interessa por horóscopo e ator de novela?

-Segundo que não custaram mais do que dez cruzeiros! Seu livro de violão que só serviu pra você custou vinte! E só vai servir pra você!

-Pra você também, no dia em que você for aprender à tocar!

-Precisava ter gastado o dinheiro da viagem? Isso não poderia esperar*? Sharon e as crianças foram andando na frente pra não precisar ouvir a briga.

-Eu comprei o livro pra ter o que fazer na pensão de noite.

-Pra não ter que sair com os outros! Essa é muito boa mesmo. Eu crente que você ia querer sair comigo!

-Eu te falei que não me importo em sair com você desde que não tenha que agüentar o energúmeno do seu ex- Mirandinha namorado.

-Até parece que ele está com a gente o tempo todo!

-E você ia gostar de ter que ver a Sandra todo dia? Nem que fosse so-mein-tê uma vez por dia?

-Você com certeza não ia se incomodar de ver a sua ex todo dia. Afinal ela marcou profundamente você com seu amor fugaz e...

-Já está falando babozeira de novo!

-Fala mais baixo. Não quero que os outros participem da nossa discussão.

-Ela não significa nada pra mim! -Sei!

-Gente, intrometeu-se Sharon, vocês vão ou não parar de brigar?

-Quem está brigando, perguntou Marco?

-Quem está brigando, indagou Isabelle?

Dão-dão subiu nos ombros de Marco e falou que subiriam juntos no elástico, sem perceber o cheiro de alisante do moço do cronômetro que já estava cheirável à quilômetros de distância

-Shit! Somebody take me out of here! My glasses have fallen on the sand! I am fúcking starving! Jesus-Christ! Foram os gemidos do gringo preso aos círculos que fizeram Marco notar que ninguém estava prestando atenção aos

círculos concêntricos. Totalmente zonzo e desnorteado, à dois metros de distância suas lamúrias lembravam diversão profunda. O homem do cabelo ahsado só prestava atenção às mulheres do público. Marco ainda ajudou-o a sentar-se cambaleante, só que não entendeu patavina do que disse o gringo ao agradecê-lo por estar finalmente livre da máquina de tortura:

-1 just can't stand being helped by a fúcking fagot! You'fl find kindness everywhere in Brazil, they said! You'Il

find They said FuckmgBufl»h«...

Nesta mesma hora o negrinho sorridente puxava pelas calças um garotão que tinha duas vezes seu tamanho e era careca. Deu um salto não tão bem sucedido e o de cabeça raspada subiu beirando "Vou zoar vou zoar! Tô maluco!"

-AHAHAHA! Fez ele descendo tão rápido quanto subiu. Me solta moleque! Me solta!

-O garotinho fechou o sorriso, quase que decepcionado, e saiu de lado. O garotão olhou para o público levantou os dois braços numa de cristo redentor, fez iarrú, e deu uma cambalhota pra trás. Berrou que estava maluco. Deu uma cambalhota pra frente. Berrou aii! O negrinho achou que ele tinha se machucado e chegou perto, ao que foi rechaçado uma vez mais.

O pai do garoto afugentou um catador de latas de velhas, que pegava uma à uma, o dia inteiro, e amassava-as cuidadosamente, quase afetuosamente, para que fossem recicladas. Ele até teria aceitado ir embora, pois latas havia na praia inteira, propiciando um belo jardim onde seu trabalho era colher os frutos. Mas ele não admitiu ser chamado de mendigo e foi tirar satisfação!

Um grupo de pleibóis discutia a diferença entre o base-jump e o elástico, sendo que um deles expücou à Sharon que neste último, ela deveria torcer para que se batesse com a cabeça na trave superior, ao que ela receberia um relativamente gordo seguro de quinhentas pratas, enquanto no base-jump ela seria a única responsável pela própria morte. Em todo caso, completou ele, se ela desse o azar de ficar paralítica, não teria direito à pensão nenhuma já que isso não estava previsto na apólice.

-Meleca... Fez dão-dão, olha a cara do moço careca! Tá toda vermelha!

De cabeça pra baixo, uma perna pra cada lado, os elásticos todos embaralhados pareciam prender toda a circulação inchando incomensuravelmente as orelhas daquele que mio gritava mais que estava maluco. O garoto não ousou chegar perto pra ajudar com medo de ser expulso novamente.

-Quer ajuda? Perguntou timidamente ele, sumindo debaixo do boné grande demais.

-Me tira dessa jossa!

Assustadissimo, o moleque saiu em disparada esconder-se atrás do pai. Este ainda estava ocupado com o tal do mendigo que não era mendigo. O raspadinha acabou soltando-se sozinho, e ficou na vertical entre duas traves ofegando aliviado O Moleque baixou ele de longe, baixando o contrapeso do elástico, como que num elevador. Antes de ousar aproximar-se do de orelhas vermelhas para

desatá-lo do fraldão. Este já estava andando de pernas arqueadas, provavelmente com duas bolas de tênis vermelhas entre as coxas. Antes de sumir ainda perguntou para Marco encarando-o.

-Tá olhando o que?

-

A bengala e o natimorto.

Sharon e Isabelle já faziam fila para entrar. A veterana gordinha ofereceu um chiclete para Marco, que recusou agradecendo inutilmente, já que ela respondeu que não teria dado mesmo.

Os pleibóis estavam imaginando alto, possíveis candidatos à uma voltinha, soltando fartas gargalhadas e um monte de 'já pensou?". Um homem recém-saído de uma operação. Risos e risos. A Sílvia Totovique. Risos e risos. O gato da cláudinha. Risos e risos. Marco fez uma cara de saco cheíssimo, e sentou-se à calçada.

-Ô do topetinho! Berrou um marombeiro com marcas de chocolate em volta da boca. Marco fez que não ouviu.

-É com você mesmo, topetinho! O que é que você passa pra ele ficar assim, hein?

-É cola! Fez outro pleibói negro de bigodinho.

-É goma laca, brincou o terceiro, cheio de tatuagens.

-A mesma coisa que o negão passa pra segurar esse bigodinho fajuto, que cai com dois ou três tapas!

-O que, initou-se o negão?

-Alá o cara! Fez o marombeiro! Sentaram-se todos em volta de Marco.

-Que é que é, topetinho? Indagou esticando o queixo o das tatuagens, seríssimo.

-Vou explicar, disse Marco com convicção. Ouçam com atenção. Uma moça acabava de ter um neném. Emocionadíssima, ela aguardava a chegada do médico que traria seu rebento após o parto. Este chegou em questão de minutos, todo sorridente, segurando com o maior cuidado o neném entre os braços. Os dois trocaram um olhar todo prosa. Na hora de dar o garotinho pra mãe, o doutor jogou o neném para o alto, rindo, fechou as mãos em punho, e agarrou ele pela cabeça, um punho em cada orelha. Apertou bem forte até deformar. Girou o bebê como se fosse uma roda em seu eixo, cada vez mais rápido ante o olhar assustado da mãe. Pegou o tomozelinho, e rodou a criança com o braço bem aberto, de forma à que a cabecinha foi dando repetidas vezes contra a quina da mesa, esparramando cérebro pelo consultório todo. No último giro, jogou-o pela janela, qual helicóptero. A mãe, catatônica, fez assim: " o queêê,..", aí disse o médico: "brincadeirinha! Primeiro de abril, de nasceu natimorto!"

-Esse cara, fez o marombeiro, não sd não...

-Vamos ali tomar uma cerveja, disse o negro de bigodinho...

-É vambora, fez o último, sumindo atrás de todos os outros.

Aíííííí... Foi o gritinho agudo que a Pati soltou, subindo e descendo. O negrinho tinha que se pendurar inteiro na menina para que ela conseguisse subir com um mínimo de altura. 92

-Pela primeira vez Marco viu Alcino e Sirinéia juntos, conversando. A velha do olho de vidro estava claramente preocupada, mal conseguindo segurar-se em sua bengala, e seu marido ao contrário parecia gozar de uma certa felicidade, ao explicar-lhe alguma coisa qualquer.

Em questão de segundos, tudo mudou: quando Marco olhou mais uma vez, Alvinho, Sharon e uni monte de gente corriam em direção ao elástico soltar a velha desesperada que ia ser projetada ao céu. O garotinho já estava puxando ela pra baixo.

-Ficou doido, berrou Alvinho! Como é que você vai deixar uma velha dessas no elástico? Quer que ela morra?

O menino correu novamente esconder-se atrás do pai que finalmente percebeu o que se passava.

-A culpa é do marido dela, fez o da bnlhantma apontando Alcino. Ele até pagou!

Foram todos para o bar sem entenderem nada.

Vingando-se da história do macarrão ao verme, Alcino teve uma ideia genial. Até demais. A Sirinéia tinha uma bengala e uma cadeira especial que muito apreciava. Todo dia sentava-se nela para tricotar, comer, ver tevê, ouvir rádio, ou tudo junto. Já não falava com ele há tempos. Além de pescador, Alcino também fazia varas, redes e vários outros apetrechos de pesca, sendo emérito marceneiro. Diariamente quando dormia a esposa, ele ia pro quintal aprontar materiais, e cortava cinco rodelinhas de madeira clara, não maiores que uma moeda. Adaptava-os habilmente à ponta da bengala da velha, assim como aos quatro pés de sua cadeira. Assim, um pouquinho à cada dia.

Devagarinho, Sirinéia teve a impressão de estar encolhendo. Alcino ainda não perdia uma chance de espetar a esposa: "nossa senhora! Como você está pequena!". Seus pés já encostavam o chão pelas pontas quando ela sentava na cadeira. Preocupadíssima, ela voltou à falar com o marido, que aquela noite achou a solução ideal para esticá-la de volta !

Até ali foram preciso três para desatá-la, mas ninguém conseguiu convencê-la de que não estava encolhendo.

Mas, andando todos em direção ao bar já não prestavam mais atenção em Isabelle, que já voava à quinze metros de altura. Berrava tanto que o povo todo começou à rir

O gringo, aquele dos círculos, depois de refeito, gostou de ser abordado por duas gentis moças que foram consolá-lo, uma de cada lado, fazendo carinho por todo o corpo, sobretudo nas regiões dos bolsos. Quando ele já estava ficando feliz, desapareceram, deíxando-lhe apenas o tempo de perguntar: "uére arriú gôin? Uére?"

Patí deu tchau para a gordinha especialista que estava prestes à mostrar-lhe como fazer para o engomado do cronômetro não ver que você já ficou três vezes o tempo permitido na cama elástica, enquanto a outra pode fazer xixi debaixo sem baixar a calcinha nem perder a vez.

"Tô passando mal! Eu não tô berrando de felicidade, não pô!"

Isabelle agradeceu à Deus que ninguém da turma a viu pagando mico. Juntou-se à eles no bar, e ninguém disse nada.

-

-

-Aí, né...

-Chope pra todos!

-Que nada! Você já bebeu às pampas, nem vem Alvinho!

-Então eu não posso? Por que não se hoje é dia de festa?

-Eu não quero fez Marco.

-Eu quero, fez Ana.

-Eu também, afirmou Isabelle.

-Sabia que ela ia querer! Ratificou Marco.

-Sabia o que? Qual o problema?

-Nada! Quase berrou Marco! Pode ficar à vontade!

-Não quero mais. Vou de suquinho, aliás vou dividir com a Pati.

-Não! Berrou esta última! Eu quero o meu pra mim sozinha!

-Vai beber sim, qual o problema, indagou Marco?

-Com essa sua cara de quem comeu e não gostou, provocou Ana, como você quer que ela se anime à fazer qualquer

coisa?

-Você não agüenta nem metade, discutiu Sharon com a filha mais nova!

-Então, eu não estou falando que ela pode beber? Não quero nem saber!

-Assim você Não está ajudando em nada, explicou Magu.

-Mas o que é que você quer que eu faça?

-Nada, ué! Respondeu Isabelle!

-Então pronto o que que eu tô fazendo?

-Vamos chamar logo o garção, disse Alvinho impaciente.

Foi quando perceberam que estavam num restaurante Árabe, grande, todo iluminado, relativamente cheio. Esfirras na promoção à quarenta centavos cada. Nenhum dos três garçons de jaleco vermelho estava sequer prestando atenção à mesa deles. Marco então resolveu levantar e pegar por conta própria o cardápio ao mesmo tempo em que um velhinho foi ao balcão e pedir trinta e duas esfirras. Disse que mio tinha problema se tivesse que esperar. E o primeiro garçom do balcão ficou lá, embrulhando uma à uma. Quando Marco chegou perto do segundo, ele foi atender uma moça bonitinha deixando o freguês com cara de tacho. Finalmente um menu foi achado sobre uma mesa toda molhada.

Isabelle ficou lendo, e o silêncio reinou não só na mesa como também em todo o estabelecimento.

-Marco, pediu Sharon, pega outro pra sogra que você ama?

-E pra amiga que você adora! Ratificou Ana!

-E também pro amigão do jardim de infância, fez Magu!

-Oquei, oquei! Vocês venceram, batatas fiitas!

O problema é que só tinha um cardápio sobrando, que logo foi alugado por Alvinho, Dão-dão e Patí, depois que Marco o enxugou com guardanapos.

Magu levantou o dedo para o garçom do salão, mas envergonhou-se quando este nem lhe deu bola, e se viu com o dedo levantado feito bobo. Fingiu uma coceira na cabeça pra disfarçar.

O Garçom veio por conta própria em seguida, e ficou plantado ao lado de Marco durante uns três minutos sem dar sequer boa noite, aguardando. No momento em que o freguês conseguiu se decidir, deu-lhe as costas e deixando-o com a boca aberta.

-Vou contar uma piada, brincou Alvinho.

-Oba!!! Fizeram rindo as crianças!

-Só se for engraçada, completou Magu.

-Essa não, interveio Sharon, só faltava essa!

Vendo um presépio gigante montado em frente à praia lembrou que no dia seguinte haveria uma procissão. Em tamanho natural, as estátuas pareciam ter vida, e suas roupas eram verdadeiras, recobertas com goma. Os reis Magos estavam coroados com latão e vidros brilhantes. O menino Jesus chorava em seu leito de palha, com uma cruz em sua mão, abençoado por um José sorridente

e uma Maria rezante.

-Era o Português, continuou Alvinho cortando luazinhas no papel da mesa, que resolveu que ia viajar para a França, mas não sabia uma só palavra de Francês. Aí né, um amigo dele disse que o Francês é igualzinho ao Português, só que você tem que botar lê ou lá na frente das palavras. Ai, né...

-Aí né, Ai né, Aí né...

-Me deixa contar a piada Sharon, que coisa! Aí né,...

-Aíné!

-Então o Português viajou e chegou ao aeroporto. Aí né, desculpe, desculpe não digo mais. Então ele perguntou à moça onde é que ficava o ponto do lê taxi! Ela parou, pensou e disse "lê taxiíiíí? Ohuí! Lê taxííí!" e apontou o ponto. O gajo ficou até espantado, "Não é que funciona mesmo!"(sotaque de Português bem fajuto). No taxi ele pediu "Lê Hotel! Lê Hotel!" e o chofer: " Cuá? Oh uí! L'hotel!" E chegou num minuto. No hotel, crente que era o tal, pediu o Lê restaurante. Uí, uí, responderam na recepção, lê restorã ! Então foi sopa chamar o Lê Garção! Lê Garção!(Aos berros)

-Apareceu o garçom finalmente, anotou os pedidos, e levou os cardápios antes que pudessem pedir as sobremesas. Na verdade foi esfirra pra todos, já que era a promoção.

-Xeu continuar, continuou Alvinho enlarguecendo o bigode! Ai, né...

-Aí, né!

-Que coisa! Aí, né, Ele pediu o... O... Alvinho caiu na gargalhada.

-Se concentra, disse Isa.

-Aí né...

Caiu na gargalhada novamente.

-Aí né o que?

-Conta logo!

-Também não precisa brigar! Aí, né...

-Aí né!

-Droga! Não conto mais piada nenhuma!

-Pelo amor de Deus, mãe! Deixa ele contar a piada! Conta Alvinho, por favor.

-Aí, né... Arriscou ele certificando-se de que não seria mais interrompido.

-Aí, né... Arriscou de novo.

-Aí, né...

-Conta logo! Gritaram todos juntos!

-Já a conta? Gritou de longe o caixa! Mas eles nem comeram!

-Ai,né...

-Aí, né! Não resistiu Sharon! -Manhê!

-Sharon!

-Deixa ele terminar!

-Aí, né, o Português pediu o Lê menu. O garção não perdeu tempo e trouxe o lê meni. Aí, né, o Português que pensava já estar Mando tudo de francês mandou: "Me vê uma la sopinha, com um lê

bacalhau, uma la macarronada com lê queijo ralado, e no final um lê cafezinho, mas vê se capricha na la gorjeta que eu estou duro!" Ao que o garção respondeu: "se eu não fosse Português estavas frito, o pá!"

E Alvinho caiu profundamente na gargalhada.

-Vocês entenderam?

Ninguém riu. Dão-dão perguntou se o sorvete iria demorar.

Dali à pouco, chegou o garçom jogando os pratos sobre a mesa, com a maior cara feia, e fechou o tempo ainda mais quando Isabelle pediu um limãozinho. O copo de suco de laranja veio tão enorme que Sharon achou que não ia agüentar. Quando viu, o copo só parecia grande, porque na verdade era de vidro grosso, e o jogo de luz, à distância fazia parecer uma jarra. Se bobear tinha até menos suco do que nos copos normais. Mais à mais, metade era espuma.

-Magu! Gritou alguém do outro lado do bar cheio de gel nos cabelos e vestindo óculos escuros à noite, que veio se aproximando aos poucos com dois garçons à sua cola.

Magu quase pensou que fosse o engomado do elástico.

-Oi. Eu conheço você?

-Não. Eu conheço você. Você tem uma banda, e toca em bares! Sou Lincoln. Senhor Lincoln, produtor artístico.

Prazer.

Magu esticou a mão para apertar a do sujeito, que nem esticou a dele. Foi logo pegando um charuto e ascendendo sem oferecerá ninguém.

-Banda? Perguntou ele.

-Perdão?

-Quero saber como vai a sua banda!

-Em que sentido?

-O que fez uma banda? -Toca...

-Pois bem... E a sua?

-Está a cem por cento, afirmou Magu.

-Interessado?

-Em que perguntou, Magu?

-Em tocar, ora essa! O que é que uma banda faz?

-Toca!!!! Uma banda toca, certo?

-Conheço seu trabalho. Pode dar certo. Se não der, você nunca vai ser nada. Detalhe. Eu sei o que faz sucesso e o que não fez. Não quero nada de intelectual, ou político. Só músicas que felem de mulher ou daquilo que você quiser. Você não estará no barzinho de sua faculdade. Você está passando o réveillon na região dos lagos, está todo mundo bêbado, querendo fezer sexo. Entendeu? Nada de política!

-Certo! Pra quando?

-Amanhã à noite, após a procissão, festa de encerramento do réveillon, seguido de entrevista para tevê.

-Entrevista?

Discutiram ainda uns pormenores afastados do grupo, que estranhou a rapidez da conversa e do

fechamento do contrato. Na mesma hora, Magu assinou e telefonou para os outros componentes de sua banda de rock para que largassem tudo e juntassem-se à ele.

O limãozinho chegou. E era zinho mesmo. Mal deu pra esfirra toda. As fecas não cortavam, e dão-dão fez uma melecada só.

Dão-dão aproveitou o tempo passando e todos pasmos com o advento Sr. Lincoln para fezer aquela meleca!

Marco ficou olhando e não pôde se impedir de lembrar da irmã mais nova, quando tinha três anos, no dia em que Khasé resolveu receber o patrão e sua esposa para jantarem e discutirem um assunto de grande relevância. Marco teve de ficar com o cabehnho todo penteadinho para o lado, e foi ameaçado de apanhar caso se comportasse mal diante dos convidados.

Sua irmã, a Guísela (pronúncia alemã) tinha uma cadeira especial para si, alta, e uma bandejinha presa à ela, com rodinhas de ábaco que Marco nunca entendera a utilidade. O prato era benngela ao forno, com queijo e presunto, banhados em molho de tomate. A mãe de Marco ameaçou-o de morte quando Marco confessou na cozinha que detestava beringela e que não iria comer. Mas o que realmente convenceu-o a degustar tal iguaria foi a propina em chocolate que o pai prometeu pagar-lhe no dia seguinte.

Após as reverências, os drinques e praxe, aquele em que as esposas discutem culinária e visitam a casa, enquanto os maridos bebem e acham um absurdo aquele lance de política, sentaram-se todos à mesa.

Aquela noite era decisiva para Khasé conseguir ou não a tal da sociedade.

Papo vem, papo vai, Marco até repetiu a beringela, mas não admitiu que gostou.

Guísela, três anos de praia, achou interessante a consistência, e, resolveu bater no prato com a mãozmha espalmada. Esfregou no sentido horário, e viu que a beringela subia entre seus dedinhos. Apertou com um pouquinho mais de força, desta vgz girando com as duas mãos no sentido anti-horário.

-Quando os adultos se deram conta, ela passava aquele creme quentinho no cabelo e ria. Não direi que ficaram pasmos , pois seria exagero, mas bem que ficaram parados olhando.

Dali à pouco, ela ficou subitamente séria. Olhou firme para os convidados, e franziu a testa, forçando as sobrancelhas. Ficou com a cara toda vermelinha. Soltou a testa. Forçou de novo até ficar quase azuL Fez "Prrwfffe sorriu aliviada. Olhou o patrão de Khasé, e sorriu enquanto batia na beringela.

Geny acordou de súbito de seu transe, e tirou a menina de lá correndo. Caíram todos na gargalhada.

Se eu me lembro bem, Khasé foi bem sucedido aquela noite.

" E como foi seu réveillon, Ana?

-Eu passei o dia anterior no Rio, e o dia trinta aqui na região dos lagos. Foi interessante.

-No Rio? Perguntou Alvinho. E água estava quente ou fria?

-Ah-Ah, fez Sharon cinicamente. E foi interessante?

-Eu sou do interior do Espírito Santo. Foi a primeira vez que eu vi aqueles prédios enormes, e aquela linda chuva!

-Nem adianta se emocionar, berrou Magu. Linda chuva!

-Que chuva? Indagou curiosa Sharon.

-De papéis!

-E isso é lindo? Perguntou Marco.

-Claro que é, fez Isabelle.

-A gente estava andando, esclareceu Magu, e tinha um montão de pessoas berrando nas janelas: "viva, viva!" ao mesmo tempo que jogavam confete e rolos de papel pela janela. De repente algum deles deve ter se empolgado e tacou um catalogo de telefones inteiro! Só ouvi o cataploft!

-Uma lista inteira?

-Eu podia ter morrido caso me acertasse!

-Fora, disse Marco, que no dia seguinte aquele monte de papel se mistura ao óleo, á água e a poeira, formando um bolo de massas espalhados pelo centro todo, entupindo todos os bueiros.

-E aí, completou Alvinho, acumulam-se insetos que proliferam invadindo o centro todo, de baratas, ratos, e gafanhotos.

-Não fala besteira, homem! Intrometeu-se Sharon! A poesia é o que vale.

-Mais gozado, continuou Ana, é que nós estávamos prestes à viajar nesta hora, e Magu estava sem camisa na rua. Branco do jeito que de é, logo confundiram ele com um milionário.

-Você quer dizer com ladrão, não é, perguntou Sharon.

-Claro, mãe, Não tá vendo que o Magu só não é mais preto porque toma banho?

-O que será que ela quis dizer com isso? Pensou Magu.

-Aí né, fez Ana...

-Aí né, fez Sharon.

-Mãe, Sharon, Mulher, disseram todos ao rnesmíssimo tempo.

-Então nós fomos atravessar a rua, e tinha um Mano engravatado dentro de um enorme carro o sinal fechou e ele parou, não atrás da faixa dos pedestres, mas bem em cima dela. O Magu, puritano sem pecados deu três batidinhas no vidro do coitado do homem que deve ter achado que ia ser assaltado.

-Coitado! Coitado! Vai lá consolar ele então, disse Magu.

-Não sei o que tinha de coitado, disse Marco, já que ele é que estava errado.

-Tem mais é que ser assaltado mesmo, beirou Alvinho, totalmente exaltado, se fosse branco o gravatinha não tinha

medo.

-Ora fez Isa, hoje em dia ninguém mais pode andar sossegado, não.

-Ai, né, continuou Ana, o moço nem abriu a janela. Mas caiu do céu um rolo como se fosse de papel higiênico, foi ficar preso bem no retrovisor dele. E aí ele teve que abrir a janela pra tirar o papel. Como o Magu ainda estava olhando, e ele estava com medo, só abriu um pouquinho.

Magu gargalhou bem alto:

-Com a pontinha do dedo, ele tentou tirar o papel, mas o relógio dele apareceu. Ai ele botou rapidinho o braço pra dentro, pra não aparecer, e continuou tentando. E nada do papel sair.

-Abriu o sinal, completou Ana, e atrás começaram à buzinar e ele teve de arrancar. Mas quis mostrar o motor, e foi bem rápido, jazendo o maior estrondo.

-Com o papel colado no retrovisor.

-E aí, perguntou Sharon?

-E aí? Respondeu Magu. E aí é isso!

-Não tem continuação, perguntou Marco?

-É isso aí.

-Reveafion sem graça, essa... fez Alvinho.

-Grande coisa, reclamou Sharon! E a gente que fez a minha filha e o namorado dela esperarem um montão de tempo por três vezes? O que é que a gente fez de tão legal hein?

Alcino e Sirinéia passaram o resto da noite sem se dizer uma só palavra, tentando entender algo da conversa, mas sentiam-se vindos de outro planeta.

-Parece que vai dar peixe amanhã, fez Alcino.

-Velho boboca, fez Sirinéia.

Finalmente repararam em Adão e Patí que dormiam profundamente no colo bem-vindo da mãe. Resolveram que era hora de voltar. Levantaram e foram embora. Marco e Magu foram os últimos à levantar. Jã tinham saído todos, e Magu orgulhou-se de ter tido a chance de tocar música na região dos lagos, e disse que era engraçada a forma com que tudo aconteceu. Assim, de repente!

Marco olhou pela janela, e já havia bem menos gente pelas ruas. Comentou como era bonito o presépio. Só que o menino Jesus, estava duas vezes maior, tinha barba de dois dias e estava totalmente refestelado em sua cama de palha, abraçado à uma garrafa de cachaça. O garçom desta vez nem pestanejou, chegou correndo:

-Qual dos dois vai pagar a conta?

Após perceberem que já tinham todos ido embora, e que aparentemente não pretendiam pagar a conta, responderam ao mesmo tempo:

-Ele!

A alavanquinha II.

Dizem que se Shakespeare tivesse tido um computador, teria produzido pelo menos dez vezes a quantidade de trabalhos que produziu. Isso é claro, caso ele não tivesse passado toda sua adolescência visitando os sites pornográficos da internet.

Que coisa maravilhosa que é a evolução tecnológica! Temos tudo de melhor! Carros de performance! Máquinas à vapor, e à energia nuclear. Fomo de microondas e grama artificial. Telefonia celular! Poderíamos até falar de dentro de túneis, pois foram instaladas antenas para comunicação avançada, caso é claro, os telefones do Rio dessem linha.

-O Marco, disse Isabelle entrando no ônibus que os levaria todos de volta pra casa, agora entrou para o mundo da informática. Comprou um computador!

Acabaram de entrar, Marco pagou as passagens, e as músicas da festa deram lugar ao costumeiro silêncio da estrada.

-A gente agora tá duro! Ele gastou quase tudo antes de viajar!

-Olha só, reclamou Marco! Primeiro que a gente precisa de um computador! Segundo porque estamos pagando em suaves prestações!

-Terceiro, fez Isabelle, que ele nem ao menos pediu minha opinião! Gastou mais de mil cruzeiros! Pra minha academia nunca tem dinheiro. Pra não falar do ...

-Olha, explicou Marco, a máquina veio completa! Fax, CD-RUM...

-Não se diz rum, mas ROM! Ouviu, Mamaco? CD-ROM!

-Que seja! Scanner, impressora, secretária eletrônica...

-Internet? Indagou Magu.

-Não. Minha linha de telefone é muito lenta. Eu ainda não pensei em contatar algum provedor.

-Tem muita coisa interessante, completou Ana.

-O problema, disse Isabelle, é que agora vamos ficar quatro meses pagando essa coisa.

-Ora, você também vai poder usar para sua faculdade! Disse Ana. E Marco sabe mexer?

-O velhinho do judô e da moto ensinou! Riu Isabelle.

-Até parece, resmungou Marco, eu aprendi sozinho no trabalho.

-Cascateiro.

-Eu lembro, disse Magu, dos primeiros computadores caseiros que apareceram. Eu tinha um telejogo em casa. Ligava- o na tevê em preto e branco, e podia-se escolher três esportes.

-Esportes? Já era desenvolvido assim? Indagou Ahrinho.

-Só na imaginação! Eram duas bairinhas paralelas que quicavam uma bola quadrada de um lado ao outro, fazendo püm,plim!

-E isso é esporte?

-O barato mesmo era tentar ligá-lo à televisão. Demorava uma hora até conseguir sintonizar a imagem. Ficava todo mundo em volta, na expectativa, e depois iam embora, porque em cinco minutos você enjoava de jogar.

-E o TK 85? Lembra dele? Perguntou Marco.

-Aquilo é que era micro! Literalmente micro. Mal tinha espaço para o dedo encaixar no botão.

-E o que você está fazendo de interessante nele? Fez Ana.

-Até agora nada! Respondeu Isabelle. Ele nem tem tempo pra mexer no computador.

-Claro que não! Estou batendo um montão de textos!

-Já botou programa de mulher pelada? Perguntou Magu.

-Marco! Berrou Isabelle! Você não me falou nada sobre isso!

-Mas meu amor, não tenho nenhum programa assim.

-E se tivesse iria mostrar? Perguntou Ana.

-Eu não ia ter! Respondeu Marco!

-Que conversa mais chata! Intrometeu-se Sharon! Vamos curtir esse finalzinho de noite com alguma coisa mais agradável!

-Sabe, completou Magu, que os computadores são o bicho mais idiota que tem? Só fazem aquilo para que são programados. Nada à mais, nada à menos! Nem bem nem mal!

-Igual empregada, fez Marco. Se eu tivesse uma, nem deixava mexer no meu micro, só praquilo que são programadas é que funcionam.

-Marco! Fizeram todas as mulheres ao tempo.

-Vou ilustrar o que estou dizendo, continuou Magu ajeitando os óculos, como tudo hoje está pela hora da morte, os preços cada dia mais altos, eles precisam economizar até na memória do computador. Cada arquivo que você salva, ou programa, tem um código de data explicando quando foi salvo, a hora, dia, mês e ano. Uma forma de fazer uma grande economia de memória é usar apenas dois números para gravar o ano. Noventa e cinco, noventa e seis...

-Quando chegar ao ano dois mil, meteu-se Marco, vai zerar o marcador, ano zero e o computador vai pirar. Do ano dois mil não passará. Já conheço essa história, e não acho que vá trazer maiores problemas!

-Ué? Fez Magu baixinho... Eu nem terminei de talar...

-Ele sempre é grosso assim! Explicou Isabelle!

-É só reconfigurar o computador para uma data anterior qualquer! E pronto! Qualquer data!

-Isso é o que todos pensam, levantou a voz por sua vez Magu. O caso é que todos os arquivos estão gravados com datas atuais. Sua máquina ridícula não vai entender como podemos estar em mil novecentos e cinquenta e ter um texto batido em noventa e nove!

-Não é nada!

-E como é que você acha, enervou-se Magu, que instituições como a nasa ou grandes empresas vão fazer para organizar entre si todos os arquivos? O Fulano bateu um texto no ano de mil novecentos e quarenta e cinco e o Ciclano vai editar em sessenta e oito? E na internet então? Como é que o mundo inteiro vai fazer para se organizar"? Já imaginou o mundo de hoje sem computador a confusão que não ia ser?

-Meu caro Magu, até o ano dois mil eles vão achar uma solução.

-Sim! Vão substituir milhares e milhares de máquinas em poucas horas! Com certeza!

-Substituir as máquinas? Ficou curiosa Ana.

-Sim, esclareceu Magu, porque isso faz parte da própria mecânica e não da programação. Vocês acham mesmo que até lá eles vão fazer algo? Estão tão perdidos quanto nós!

-Quem tá perdido no mundo é você!

-Marco, berrou Isabelle, pára de encher o saco pelo menos uma vez na vida!

Além do mais eles já estavam chegando em casa. Cansados, só queriam saber de dormir.

Uma surpresa tiveram ao reparar que ali estava tendo outra festa, quase tão movimentada quanto a primeira, porém duas vezes mais barulhenta. E entrando em casa até dava pra conversar... Se fechassem as janelas. Magu e Ana foram convidados para dormir em casa e aceitaram. Sirinéia olhou sua bengala, e olhou Alcino. Artimanhou algo sem chegar à conclusão alguma. Pensou em coar um café antes de dormir. Marco achou estranho esse hábito popular de tomar café à noite antes de dormir, e recolheu-se para o quarto com Isabelle. Ainda foram interrompidos por Ana:

-Vocês não estavam hospedados na pensão?

-Nem me pergunte respondeu Marco. Nem me pergunte.

Alcino já dormia no sofá ignorando totalmente a forte música.

Khasé, lembrou Marco, esteve presente quando chegaram os primeiros indícios de tecnologia no Líbano. Tinha dez anos ao ver o primeiro televisor ser instalado. Seu avô, o patriarca da família teve o orgulho de ser um dos primeiros do país á ver o único programa que era transmitido diariamente de sete horas da noite até as nove. Doido pra mexer naquela caixa de madeira maciça e em seus botões metálicos, Khasézinho foi rechaçado. Aquilo não era coisa pra criança!

Aos quarenta anos, quando o pai de Marco se deu ao luxo de ter um moderno hi-fi, tentou fazer o mesmo com os dois filhos. Berrou com tudo aquilo que tinha direito, encabulando esposa e meninos que ficaram olhando atrás da porta assustados, que aquilo não era coisa pra crianças. Levantou homericamente o dedo, apontou pra cima, e apertou qualquer bolão, com o ar vitorioso, sem ver surtir resultado algum. Apertou outro botão mais sugestivo. Nada. Berrou que não gostava que olhassem-no por detrás de portas, que só de olhar Marco já havia quebrado aquela droga, apertou um bando de botões, bebeu, e finalmente se acalmou.

A irmã de Marco, Guísela, chegou perto, fê-lo funcionar sem nem encostá-lo. O pai ficou vermelho igual um tomate. "Cara de bolacha!" afirmou a menininha.

A sociedade formou geniozinhos precoces em informática, e elétro-eletrônica, encabulando todo pai

que queira dar lição de moral no filho. "Todo adulto pertinente à esta faixa etária que ouviu dos pais e agora ouve dos filhos, tem um consolo, explicaria mais tarde Khasé, pois o mesmo pentelhinho prodígio em informática que hoje lhe dá lições de eletrônica, assiste Chapolin diariamente, e é incapaz de contar o filme dos Pauer rangers (que eu até agoTa não entendi se é Japonês ou não) sem imitar um monte de explosões e de baba. Essa ideia de que um dia seremos ultrapassados por nossos filhos é totalmente frustada pelo desenvolvimento intelectual paralelo oriundo da tevê, internet e jogos de computador. Não temam portanto a evolução tecnológica!"

Andando pelo corredor, Marco começou à pensar em todos os problemas que teve desde que adquiriu seu computador, fazia mais ou menos um mês. Teve de chamar um técnico para configurar o computador.

-Quer dizer que ele está desfigurado? Perguntara Marco sem entender do que o cabeludo técnico estaria rindo.

-Que doidera, fizera o técnico, seu Máusi está ocupando três coums simultaneamente!

-Veja só, Respondeu Marco, sem entender patavina., não é um absurdo?

-Nós teremos que reajustar todas as coums em função de cada i erre que, que somam um total de sete...

-Tudo isso? Perguntou Marco, sem fazer a menor ideia do que estava falando.

-Eu ajustei a sua placa sáundi, para lôu dê eme á cinco de forma á que a impressora fique com éle pê tê um...

-A " a coum éle tê pê"?

-Não! A coum cinco!

-Ah! Entendi!

-Sei... Fez o técnico.

Não se passou uma semana e Marco precisou fazer o trabalho de cadastramento de ligações internacionais do hotel. "Farei-o no computador!", pensou ele todo animado, assim como também pensou na economia de tempo de teria, e, após duas horas de trabalho, o resultado não se fez esperar. No vídeo pelo menos estava pronto.

Primeiro de tudo, não era porque Marco havia adquirido um computador que ele pensaria em comprar uma mesa pra ele, sem contar que todo dinheiro já havia sido gasto. Não tinha portanto, espaço para a impressora organizar seu papel continuo.

Marco abriu a comedora de papeis, encaixando o rolo por entre suas garras, mas acabou amassando a folha, e precisou desencaixá-la, perdendo umas três ou quatro folhas. Para que o papel entrasse por trás e saísse pela frente, seria necessário enfiá-lo por trás! Cousa por demais impossível, considerando que a escrivaninha cheia de cupins apresentava em seus fundilhos uma tábua cuja Marco não ousara jamais perguntar-se sobre sua utilidade.

Mas a utilidade foi descoberta: aquela tábua estava lá justamente para impedir que o homem moderno pudesse sozinho passar o papel contínuo de uma impressora matricial por detrás da mesa.

Chamando a namorada aos berros, para que segurasse a ponta do papel por cima da mesa, enquanto ele, esgueirava-se agilmente por debaixo das pernas da bípede e da quadrúpede, esticando o braço ao máximo, conseguiram ambos que Isabelle puxasse a pontinha do papel por trás da mesa. Marco pulou aliviado, abriu novamente a destruidora de fitas, e conseguiu encaixar o papel. Quando botou a impressora para rodar, o papel rodou uma folha, duas, e, na terceira acabou. Não era papel contínuo, mas um pedaço de papel de contínuo.

Isabelle raramente havia visto seu namorado tão vermelho.

Repetiram a operação. Amassaram quase que um quarto do papel, até que Isabelle sugeriu que olhassem nos manuais quais seriam as melhores opções.

Estavam todos, sem exceção, escritos em inglês, que Isabelle entendia um pouco. Parece que seria possível introduzir o papel por baixo e tirá-lo pela frente, caso mudassem um não sei o que para não sei aonde.

Após três horas de árduo trabalho, conseguiram encaixar o papel contínuo pela frente e puxá-lo por trás sem provocar mau contato no fio da tomada, nem melar o papel sobressalente de tinta da fita.

Marco ligou a impressora. Mandou imprimir. Só saíram garranchos incompreensíveis, bem parecidas com aquelas pichações de bancos de ônibus.

Indignado, Marco telefonou para o cabeludo técnico explicando-lhe que aquela máquina havia perdido a figuração:

-Você mexeu na configuração? Indagou grossa e secamente o técnico.

-Claro que não, respondeu Marco!

É interessante a mentalidade dos serviços brasileiros. Você paga alguém pra fazer algo, esta coisa não funciona como deveria, e você é quem é suspeito!

No dia Seguinte, cobrando mais um pouquinho, o técnico iria ver do que se tratava.

Isabelle compenetrou-se da situação do namorado, e copiou à mão todo aquilo, até duas e meia da manhã.

O técnico veio no dia seguinte. Olhou o computador de longe. Marco e Isabelle olhavam atônitos.

O técnico puxou uma alavanquinha da impressora e mandou ligar a máquina Esta imprimiu com perfeição em um átimo.

O amor é lindo!

Foram os dois para o quarto. Fecharam a porta, e deitaram. " Devagar, Marco! Que droga! Você vive tentando apressar as coisas!

-Claro que não. Há quanto tempo que eu estou fazendo massagem, nas suas costas?

-Não o suficiente.

-O que é que você chama de suficiente? A noite toda? Ou será que você tá afim de não conseguir acordar amanhã?

-Seu bocó! Assim você me tira do clima!

-Mas de quanto tempo ainda...

-Pssiu! Fica só mexendo. -Tá.

-Você tá gostando?

-Huum... -Hein? -Tô.

-Isso é jeito de estar gostando?

-Já posso passar a mão mais pra baixo?

-Ainda não! E não pergunta senão você corta o clima!

-Mas como é que eu vou saber se você quer ou não?

-Você tem que sentir!

-E agora? Você já entrou num clima?

-Pssiu!

-Eu já estou num clima!

-Pssiu! Como é que eu vou me concentrar assim?

-Concentrar"?

-Claro! Você é homem! Goza até no ar! A gente não! É mais delicada e... Ai! Tira a mão daí! Que droga! Você me machucou!

-Não! É parque você não vê que o tempo...

Pssiu! Faz massagem. Progressivamente! Você quer tudo na hora. Não sabe mais me conquistar! Vê se no início você agia assim! Logo botando a mão!

-Tã. Há quanto tempo eu tô fazendo massagem? -Sei lá!

-Meia hora! Isso não é progressivamente? -É…

-Mas você tava de blá-blá-blá que nem reparou!

-Eu tava de blá-blá-blá?

-É um tal de "fecha a cortina", "liga o toca-fitas", "ajeita o lençol", "não faz isso", "ouve essa música", que no meio tempo a gente até virou o lado da fita.

-E isso incomoda você?

-Não.

-Claro que sim. Você queria mesmo que fosse igual aquela loira fugaz do filme! Se exibindo na cara do velho!

-Claro que eu não queria que você fosse assim! Que ideia! Eu só queria que a gente fizesse amor agora!

-Você não queria que eu fosse igual à ela por que é ciumento. Mas queria ela. Bem que você ficou olhando aquela hora! Aí quando eu perguntei se você gostou daquela porcaria daquele filme, você me responde: "Mais ou menos". Sei.

-Mas que coisa você. Já entrou num clima ou vai ficar pra semana que vem?

-Você como sempre tem que cobrar! Você acha que eu mio faço o suficiente?

-Não é nada disso! TÔ falando só de hoje!

-Se você parasse de ficar reclamando talvez eu ficasse num clima. Mas como sempre, você vem com suas cobranças bem na hora da coisa e me magoa. Como quer que eu queira assim?

-Oh! Oh! Estou comovido! Agora a culpa é minha!

-Claro! Você não sabe ser delicado comigo!

-Então eu vou dormir! Até domingo que vem, se Deus permitir! -O que?

-Boa noite!

-Ronc!

- Snif..

-Snif...

-Você tá chorando? -Snif...

-Porque?

-Sai pra lá seu grosso. Me deixa!

-Mas... Ah! Eu quero mais é dormir!

-Snif...

-Tá chorando porque?

-Vai dormir, vai... Snif...

-Como é que eu posso dormir com alguém choramingando do meu lado?

-Ah! E eu crente que de queria me consolar!

-Claro que eu quero te consolar, meu doánho...

-Nem vem com esse negócio de docinho! Eu tô magoada!

-Você não entendeu nada. Eu só tô preocupado com o nosso horário de acordar amanhã de manhã! Como é que eu vou conseguir acordar?

-Você é que não entende! Você não passou tudo o que uma mulher passa! Por isso é que se comporta desse jeito!

-Mas eu tô me esforçando.

-Que nada! Eu pergunto se você está gostando. Você responde um! Um! Aí eu insisto! Tô! Tô. Como é que posso acreditar assim!

-Também! Eu fico enjoado de passar meia hora mexendo em você...

-Você não gosta? Eu sempre achei que você gostasse! Você sempre me fez acreditar que...

-Será que você não entende! Não é isso. É claro que eu gosto de mexer em você. O caso é que ...

-O caso é que você é um grande de um mentiroso! Faz isso só pra me agradar!

-Eu só acho que você também podia mexa um pouquinho em mim enquanto eu mexo em você!

-Mas aí eu não consigo me concentrar! Tem que ser ou um ou outro!

-Ué? Que novidade é essa?

Eu tenho a impressão de coisa suja... Você não entende...

Nojo de mim?

Não, amor, não é nada disso.

Então?

Não sei o que é!

-E eu sou suposto saber agora!

-Você não é nem um pouco compreensivo. Eu preciso de tempo pra me acostumar.

-Seis anos de namoro e de casamento não foram suficientes?

-Você não sabe o que é ser mulher!

-Desculpa se eu fui grosseiro.

-Agora vem cheio de amores, né? Sai pra lá. Grosso.

-Oh môzinho, eu não queria ter te magoado.

-Só que magoou.

-Vem cá me dar um beijinho.

-Vem cá trepar. Vem, me beija logo!

-Não! Só vim te dar um beijinho de consolo!

-Ué? O Garanhão não quer mais meter? Agora eu quero. Bota essa porcaria mole pra fora.

-Não, sai! Eu não quero assim! Eu só quero te consolar.

-Que droga Marco! Eu queria mesmo!

-Mas...

-Psiuu! Cala a boca. Vem cá!

-Isso. Assim. -Tá bom?

-Tá maravilhoso!

-Agora falou, não é?

-Mas é que você fica demor...

-Psiuu! Não fala nada! Quer estragar tudo de novo?

-É! Vou fechar a matraca!

Diz alguma coisa! Te amo!

Não.

Te venero!

Não!!

Gostosa!

Diz mais!

Linda!

Não!!

Tesuda

Gatinha

Huum! Pergunta! Quer trepar? -Quero!

-Quer meter?

-Quero! -Quer?

-Quero! Fala mais!

-Não vou te chamar de Pira...

-Psiuu! Fala!

-Fala! -Fala!!!

-Piranha.

-Mais alto!

Piranha.

-Mais alto!

-Piranha! Galinha! Praga! Arreganhada!

-Vou gozar!

-Eu também!

-Tira o dedo de trás!

-Galinhas também transam atrás!

-Tô gozando!

-Eu também!

-Gozei!

-Eu também!

-Gozamos ao mesmo tempo... Foi bom pra você?

-Hum!

-Foi bom?

-Pois pra mim foi maravilhoso!

-Eu não sabia que você queria ser galinha.

-Claro que não. É só pra você meu amor!

-Me abraça.

-Te amo. Você vai ficar comigo pra sempre?

-Claro! E você? Vai me trair?

-Eu? Lógico que não! Você acha que eu tinha que fazer mais sexo?

-Não,

-A gente só iaz uma vez por semana... Tem certeza que você se satisfaz com isso? Você vive pedindo mais!

-Só de vez em quando que eu gostaria de fazer também na semana.

-Eu não te satisfaço...

-Não foi isso que eu disse...

Você vai querer arrumar outra que seja fugaz e arrebatadora como a loira do filme!

-Você tá viajando! Ao que me parece você é que quer ser a arreganhada na história!

-Amor...

-Porque é o que você... -Amor!

-Que?

-Vamos parar de brigar, vamos?

-Não sou eu quem está brigando! Ê sempre voe... -Mô!

-Que que é?

-Me abraça e para de reclamar!

-Tá. Mas quem começou foi...

-Cala a boca!! Que droga!

-Tá bom. Tá bom! Já calei! Já calei!

-Cê me ama?

-Mais do que tudo!

-Pega um copo d'água pra mim?

-Sabia! Sabia!

-Sabia o que?

-Nada é de graça não é mesmo?

-O que? Só pedi um copo d"água...

-Oquei! Oquei! Copo d'água pra dois!

-Te amo!

-Eu também! Você faz tudo por mim?

-Tudinho!

-Eu também!

-Você é um nenenzinho!

-Xô! Xô quianxinha!

-Dá bezinho!

-Xó xi voxê dé bezinho no pintinho!

Dô nada! Ah! Nenenzinho feio! -Tá bom!

-Mô! -Que?

-Pega a almofada pia mim?

-Negativo! Tem uma bem atrás de você! Ora essa...

-Ah mamaquinho, você não entende mesmo, é que eu vou ter que tirar essa do lugar, e depois guardar, e aí vão ser duas à serem guardadas, e ai...

-Tó! Tai! Boa noite. -Boa.

-Você vai sonhar comigo?

-Não sei! Como é que eu vou saber?

-Só fida que sim! Será que você só sabe Mar de romantismo? Na hora de ser romântica não sabe?

-Tá bom. Eu vou sonhar com você.

-Você vai me proteger[1]?

-Contra o que?

-Só diz que vai, pôxa!

-Tá oquei. Você pode se considerar protegida.

-Agora vai mais pra lá. -Hern?

-Vai mais pra lá. Marco.

-Ué? Você não quer ficar abraçada comigo?

-Claro que quero.

-Então como pode me pedir pra ir mais pra lá? Como é que eu posso te proteger se eu estiver mais pra lá?

-É só enquanto eu me estico.

-Ah bom. Então boa noite.

-Bota o gato pra lá.

-A bolota taí?

-Acho que veio. Deve ter enjoado de comer e dormir.

Deixa ela então.

-Mas ela me dá alergia.

-Frescura. O que dá alergia é a poluição da rua...

-Marco, tira a bolota daí!

-Ela fica do meu lado. Olha. Tá ronronando! Finge que ninguém te viu!

-Será que ela viu a gente, amor?

-Sei lá Isa! Que importa?

-A gente pensa que não tem nada! Bicho, criança... Mas na verdade eles sacam tudo! Os meus pais se amavam na minha frente, e isso me marcou pra sempre! Eu achava que meu pai tava matando a minha mãe! E a bolota não tem nenhum gatinho. Tadinha. Ela é castrada...

-Também... Você lembra, né... Ela fazia xixi pela casa toda, entrou em cio continuo... O próprio veterinário recomendou...

-Imagina! Você ia gostar de ser castrado?

-Não, né... Mas ela estava magra demais... Tinha perdido não sei quantos quilos...

-É, mas agora já ganhou tudo de novo... Tá gorda que Deus me livre...

-Ai!

-Que foi?

-Ela me mordeu!

-Também, né? Você é que fez algum carinho que ela não gostou!

-Gorda estressada!

-É... Velhinha, gorda e estressada!

-Bom! Boa noite!

-Ah! Mamaco! Antes que eu me esqueça! Vou precisar de cinquenta cruzeiros amanhã!

-cinquenta!? cinquenta!? Tá maluca? Pra que isso tudo?

-Ué? Tenho que comprar o material da faculdade, pagar o plano de saúde!

-Mas já? Por que é que você não falou antes? Por que você deixa tudo pro último minuto? Saco! Você nem usa a droga do plano!

-Deixa de ser mal humorado! Algum dia vamos ter que pagar isso tudo, não vamos?

-Vamos? Quem vai ter que pagar sou eu que trabalho!

-Ah? Você? Não tínhamos combinado união de bens? Tudo o que é meu é seu também? Não era assim no início?

Não foi isso o que eu falei!

-Claro que foi! Agora jà sei! Você vai começar deixando de tocar no meu violão, e eu vou viver só com o dinheiro que meu pai me manda! Eu sei que é pouco.

-Não é pouco! É muito útil! E eu não estou falando em separação de bens!

-Jà sei! Vou começar à trabalhar! Assim não vou precisar gastar seu rico dinheirinho!

-Não falei que você tem que trabalhar!

-Por que na hora de transar é uma coisa, na hora do vamos ver é outra!

-Você entendeu tudo errado! A única coisa que eu peço à você, é um mínimo de organização, porque sempre que você pede dinheiro é em cima da hora, e nunca antes! Assim não dá pra mim me

organizar!

-Mim não faz nada! Eu me organizar!

-Se você me pedisse uma semana antes, eu teria tido o tempo de organizar as contas!

-Que contas? Você não é nem um pouco organizado!

-Não tem cinquenta cruzeiros agora.

-Então dane-se o plano de saúde.

-A gente atrasa todo mês mesmo...

-Pois é...

-Cê me ama ainda? -Não.

-Hein?

-Só se você me pedir desculpa.

-Desculpas ? O que é que eu fiz?

-Foi hiper grosso comigo.

-Desculpa.

-Não ouvi.

-Desculpa.

-Por que?

-Meu amorzinho, me desculpa, eu não vou mais ser híper grosso com você.

-Conversa! Amanhã jà estará berrando de novo por qualquer motivo.

-Mas seria preciso que você se organizasse mais...

-Ah não enche o saco!

Sabe o que que eu estou lembrando? Que as igrejas na França e na Itália são proibidas de cobrar entrada.

-Por que?

-Porque são lugares de domínio público.

-Eaí?

-Aí que pra ganharem dinheiro eles puseram caixas que controlam as luzes. Você bota mil Liras e tem direito a olhar cinco minutos.

-O homem consegue cobrar até aquilo que se olha! Daqui à pouco vai estar cobrando o ar que se respira!

-Pois é. Já estão perto de cobrar na cidade do México. Parece que você tem uns tubos presos aos postes de cada esquina, e se você começar à ficar tonto por causa da poluição, você respira nos tubo. Como uma nebulização.

-Você tá é dormindo. Mas é a cidade mais poluída do mundo?

-Uma das! Está concorrendo com Santiago, São Paulo...

-Tem certeza?

-Não sei ao certo!

-Que milagre! Você admitiu que tem algo que você não sabe ao certo! Ainda não admitiu que ralo

sabe, mas está chegando perto!

-Bom, pra chega de papo furado. Eu vou dormir.

-Eu também, afinal não é só você que não tem que acordar cedo. Apesar de você pensar o contrário, eu também tenho minta coisa pra fazer! Faculdade... Médico...

* Eu nunca disse que você não tem nada pra fazer!

-Mas sempre insinuou!

-Mentira!

-Eu é que sei! Você é que nunca vai admitir!

-Tá certo. Até amanhã.

-Até.

TRJIRRRRRRRRRRRRRRRRRJIRRIUIRRnm MMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMM!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! !!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! !!! !!!

A alavanquinha III.

Seis horas da manhã o som ainda estava no máximo.

-Você tá conseguindo dormir, Isa?

-Com esse barulho todo? Eu estou é pulando na cama. Ó só: até acompanhando o ritmo do batuque...

-Que saco! Por que é que eles não podem baixar o volume?

-Eles podem muito bem fazer festa com volume alto sem incomodar os outros!

-Sabe qual é o osso mais barulhento do corpo de um Paraíba? -Que?

-O rádio. Ha!

-Preconceituoso. Em que volume você ouve seus Heavy métal?

-Mas não é no meio da noite.

A ideia de que Khasé poderia gostar de seus discos em determinadas situações fazia-o rir. Como quando os vizinhos ouviam pagode alto demais... Naquela noite em que, ou compraram um som novo, ou conseguiram ligar a tevê em enormes caixas acústicas, ou ganharam um enorme televisor, qualquer coisa do gênero que os fez ouvir ao volume máximo o reveülon do Sílvio Chato, o disco dos Ratos de Sótão veio à calhar. O hi-fi do pai, que até aquela altura só sabia reproduzir clássicos ou no máximo um blues, Se viu obrigado à tocar, pendurado à janela, direcionado diretamente aos pagodeiros, os berros roucos e desconcertantes do vocalista endiabrado. A reação foi imediata. Os amantes do reveülon foram todos à janela berrar que baixasse o som, que era um absurdo e tudo mais. As bochechas vermelhas de Khasé alargaram-se num sorriso satisfeito.

-Vamos beber água. Marco?

-De novo? Ah... Tá bom... Assim vai ser impossível dormir mesmo... Pena que o meus discos todos ficaram em

Vitória...

-Ué, pensou Isabelle indo pelo corredor, estranhando achar as luzes acesas, o que é que você iria fazer com eles? Aqui não tem vitrola...

-Uma coisinha só que eu pensei...

-Tá todo mundo acordado? Perguntou ela, encontrando todo mundo na sala conversando, inclusive a velha Sirinéia.

-Só as crianças e o Alcino conseguiram apagar, respondeu Sharon enquanto bebericava algo preto, que Marco não reconheceu de imediato. Aquele sobe e desce todo cansou eles.

Magu também estava sentado, e também bebia.

-O vagabundo do meu marido, fez a Sirinéia, ainda tá tão bêbado que caiu no chão do quarto. Não vou nem levantá-

Mas hoje era dia, não é verdade, explicou Alvinho!

-Pra vocês todo dia é dia, disse Sharon batendo no joelho dele,

-E ai? Perguntou Isabelle, olhando os dois irmãozinhos entrarem na sala.

-E ai? Respondeu Magu. E ai que nós estamos batendo um papo, jâ que não tínhamos sido apresentados direito.

-Não sabia que o seu amigo, além de ter uma banda de rock era engenheiro, Marco, afirmou Sharon.

-É engenheiro? O Magu? Ele é o maior Pinóquio, isso sim!

-Ué Melecão, quem parou de estudar e saiu do colégio foi você, e não eu.

-Tem razão.

-Eu fui até o final. Me formei há dois anos.

-Ê engenheiro? Perguntou Isabelle sentando-se ao lado da mãe e apoiando a cabeça em seu ombro. E trabalha com

tatuagens?

-Você tem ideia do quanto eu ganho com tatuagens?

-Eu vou ser tatuador, riu Alvinho.

-Sabe desenhar? Perguntou Magu.

-Esse ai? Gargalhou Sharon! Nem escreve direito! Não vai desenhar nunca! Imagina se eu ia dar minhas costas pra esse bebum tatuar... Se nem o Magu eu deixava...

-Também, fez Magu, com um incentivo desses quem não desenharia? Sharon ficou sem graça. Alvinho não perdeu a chance:

-Eu canso de dizer que lugar de mulher é na cozinha! Eu não sei o que elas tanto têm pra falar! Magu calou-se.

-Engenheiro civil? Ficou curioso Marco.

-Eletrônico!

-Você ia ganhar mais se subisse na carreira...

-Mas não poderia ficar metade do tempo na Região dos lagos... Ia esquentar o tempo inteiro com números... Nunca que eu poderia relaxar...

-O Marco nem acabou o segundo grau...

-Por que não berra mais alto, pra todo mundo ouvir, Isabelle? Eu não acabei o segundo grau! EU NÃO AC...

-Cala boca Marco! Chega de escândalo por hoje!

-Então por que pisar no meu calo?

-Melecão sempre foi uma bicha escandalosa!

Magu, cegueta perna de pau, não é porque se formou que deixou de ser um capixaba de fundo de garrafa!

-Ih! A tenenta tá nervosa! Vem Topete, vem encarar!

-Olha que eu vou!

Caíram todos na gargalhada ao mesmo tempo.

A velha Sirinéia ofereceu Tota-tola ao casal recém-acordado.

-Ah! Então é esse o liquido preto e Nauseabundo que vocês estão a bebericar! Eu quero! Tá gelado?

-Estupidamente, fez Sharon. Sandúbas de mortadela e tota-tola pra galera!

-Qual foi a conversa que nós interrompemos, perguntou Isa, quase que dormindo.

-Era pra lá de Bagdá, Disse Alvinho.

-Você lembra de matemática, não lembra, melecão?

-Pára de chamar ele de melecão! Reclamou Isa.

-É aquela coisa de laranjas, riu Marco, mostrando os dedos?

-Isso mesmo! Com maçãs e tudo mais!

-Sei. O que é que tem?

-Lembra o que disseram sobre duas retas paralelas?

-Que nunca se encontram?

-Exato! Eu estava explicando que na faculdade de eletrônica eles balançam com tudo aquilo que você passou estudando a vida inteira. Passa anos decorando regras, pra depois ter que substituir tudo. Que duas retas paralelas se encontram sim, no infinito.

-Que? Perguntou Isabelle.

-Teve um que olhou o croquis de duas retas paralelas em perspectiva, e viu que no desenho as duas parecem se encontrar. Chegou à conclusão que elas se encontram no infinito. Ele inventou então todo um ramo de matemática subjetiva, baseada nessa hipótese.

-E se a hipótese estiver errada?

-Então tudo o que for feito depois estará errado. Mas aqui a coisa é subjetiva. Não importa tanto se é verdade ou não, por que o próprio conceito de reta é totalmente relativo. Como é que você vai representar uma infinita?

-Tem razão, disse Sirinéia, seríssima, veja esta casa por exemplo! Não tem uma reta que seja reta! Vai cair de lado à qualquer hora!

-Então tá, continuou Magu, imaginem agora um ser que viva dentro desta reta, e possa deslocar-se dentro dela. Tem duas direções para as quais ele poderá deslocar-se, não é verdade? Esquerda e direita.

Imaginem agora um plano que seja igual à um quadrado chato, e um ser que viva dentro dele. Este ser poderia deslocar-se dentro do plano para dois sentidos. Pra frente ou prós lados.

-Que nem uma formiga no ladrilho! Já é mais que aquele outro bichinho, riu Isabelle!

-Agora, continuou Magu desenhando uma reta dentro de um quadrado, pense que a reta na qual o primeiro ser vive e se desloca, está incluída no plano, onde vive o segundo. A formiguinha! Este foi um bom exemplo. Como ela pode virar para todos os pontos cardinais, ele poderá ver o primeiro bichinho sempre que desejar. Mas este, não, ele só vai ver a formiga se ela cruzar seu caminho. Senão, ele nem saberia que a formiga existe.

-Isso existe ou é só teórico, quis saber Marco?

-Os dois. É o que se chama segunda dimensão.

-E a terceira?

-Esta é como se fosse um cubo. Da mesma forma que a formiga está presa aos quatro lados do quadrado, os seres que vivem na terceira dimensão estão presos aos limites do cubo.

-Já saquei, fez Alvinho! Como esta sala ! É onde a gente vive!

-Errado, fez Magu. Vou explicar. Imagine que aquele plano, onde vivem as formigas, seja um plano na visão delas, mas na visão de alguém de fora, seja um plano curvo! Como uma folha! Ó só!

Magu pegou a folha de papel e segurou-a em cada uma de suas pontas para que ficasse como um arco.

-Então, continuou ele, para nós que podemos ver esse plano de fora, vemos um plano curvo, mas para essa formiga que o atravessa, continua sendo reto.

-Que nem a terra, completou Sharon, que todos pensavam que era chata, e acabou provando-se de que era redonda!

-Exatamente. E essa formiga, pra atravessar o plano, ela vai andar até dizer chega. Vai passar um longo tempo. Enquanto que, por fora, vimos passarem-se alguns minutos somente.

Ouça bem: Neste espaço de tempo onde as formigas nascem, crescem, tem juventude, idade adulta, velhice, e morrem, para nós passaram-se algumas horas. Podemos então dizer que as formigas vivem em outra dimensão de tempo que nós.

-Não precisa ir tão longe, fez Marco: um gato vive no máximo quinze anos, enquanto que a gente ainda é adolescente no momento em que ele está nas últimas.... Não dizemos que um ano de homem vale sete de um bicho?

-E uma formiga, completou Magu, não precisa andar quilômetros na proporção dela paia chegar de um lado à outro da sala? Pra gente, são apenas alguns metros! Elas vivem em outra dimensão de espaço, inferior à nossa. Elas não podem ver- nos, a não ser que nós interfiramos em seu caminho, e mesmo assim elas não nos compreenderiam nem poderiam ver-nos.

-Mas a gente não vive na terceira dimensão? Insistiu Alvinho.

Aí é que tá, na verdade estamos presos à gravidade, e a nossa visão é em duas dimensões. E como se estivéssemos olhando um quadro. Pare e olhe! Não é igual à um quadro? O que temos é a sugestão de profundidade. Na verdade, nós agimos na segunda dimensão, e temos apenas dois eixos de deslocamento. Nós podemos entender a terceira dimensão, mas não vivemos nela. Nós a simulamos. Os pássaros e os peixes, têm três eixos de deslocamento, vão livremente para qualquer lado do cubo e têm um olho de cada lado da cabeça. Eles mio só são capazes de ver dos dois lados simultaneamente, como também alguns têm um terceiro olho coberto por pele, como os pombos, e percebem qualquer sombra ou movimento por cima deles. Enxergam em duas dimensões de cada um dos lados, e se locomovem em três dimensões.

-Então vivemos na segunda dimensão? Indagou Alvinho, estranhando.

-Não. Agimos na segunda dimensão, e, as vezes na terceira dimensão. Nós vivemos na quarta dimensão.

-Como?

-Não tente entender. Esse negócio todo é teórico. Isto não tem nenhum uso nossa vida quotidiana. Esses seres são

pura teoria

-Eu já não concordo, fez Marco interrompendo o amigo. Eu acho é que a gente não consegue

imaginar porque nunca viu. Será que nós seríamos capazes de imaginar um peixe, caso nunca tivéssemos visto um? Ele vive dentro da água! E uma lagosta então?

-Um bicho, que vive na segunda dimensão, anda no solo, respira em uma atmosfera de água, tem oito patas e dois enormes alicates no lugar das mãos! Tem olhos Assim!

Magu abriu e fechou as mãos ao lado dos olhos, sorrindo.

-Parece um monstro pavoroso de filme de terror. Fez Isabelle

-De ficção, riu Alvinho, só que ela nem imagina que por trás de sua atmosfera aquática há um mundo muito maior, habitado por estranhos bípedes carnívoros, que fumam e aparam grama nos finais de semana... Numa irrespirável atmosfera de oxigênio puro...

-Puro, gargalhou Marco! Seres de segunda e terceira dimensão irremediavelmente suicidas, que irão caçá-las para satisfazerem seu apetite.

-E até lá, riu Alvinho, elas não conheciam o mundo fora do seu, e só vieram à conhecê-lo na panela!

-Assustador, não? riu Magu. O caso é que esta é a teoria de Einstein. Que como o plano pode ser curvo, o espaço também é curvo, e tem outros seres que não entendemos, que talvez também não nos conheçam, para os quais, um minuto de suas vidas, represente anos da nossa. Que na pontinha de suas unhas esteja enclausurado todo o nosso universo, com peixes e lagostas.

-Lagostas? Acordou Alcino como que saindo de uma profunda hibernação.

Sharon ouviu a conversa, as pessoas participando, mas não prestava atenção à nada do que diziam. Quando todos dam ela sonia por reflexo, e se perguntassem "não é, Sharon?", ela responderia um "é,.." substancial.

Ela olhou pela janela, e achou que ia chover. Pensou que no centro da cidade, aquele monte de gente sai andando escondendo as cabeças em seus guarda-chuvas, e anda sem enxergar, até por baixo de barricadas, obrigando aqueles que não têm guarda-chuvas à manterem-se na chuva, ou acertando a cara do infeliz que estiver no caminho das lanças pontiagudas que escorrem do pico central. Nervosa, Sharon rebatia-os com violência, desprotegendo por segundos a cabeça do concidadão escondida.

Ela era também bastante dentuça, e devia carregar consigo algum tipo de complexo, já que um dia chuvoso descobrira a cabeça de um que tinha o dente ainda maior que o dela. O único que da vira em todo sua vida. Não resistira e berrara bem alto." Alá o dentuço! Ah! Fala aí dentinho!"

Ela lembrou que Khasé, numa visita esquecera de trancar a porta do banheiro. Ela o surpreendeu urinando na pia. Ele ficou roxo de vergonha, "pra economizar água, explicou ele.". Marco explicou que era neurose do campo de concentração.

Ela viu Alvinho sentado com as pernas totalmente abertas. Pensou porque é que os homens, em qualquer lugar que sentassem teriam sempre de manter as pernas abertas ao máximo, como se tivessem uma tábua no meio impedindo que elas se fechassem.

Nos ônibus então era sempre um absurdo. Ela pequena encolhida no canto, e um homem qualquer refestelado à seu lado, ocupando o máximo de espaço possível.

Teve uma vez, de tão irritada com a situação, com a perna do sujeito encostando o tempo inteiro na sua confinando- a à um espaço mínimo do veículo, que ascendeu um cigarro e deixou-o apoiado na ponta do joelho. O moço foi obrigado a fechar as panas para não ser queimado, e depois reclamou da fumaça.

-O Alvinho, disse ela, tem os culhões incomensuráveis à tal ponto que não pode nem fechar as pernas!

-Que que é?

-O que, mãe?

-O que é que a quarta dimensão tem à ver com as minhas dimensões?

-É igualzinho todos os homens.

E todos, Marco, Magu, Alvinho e Alcino, estavam sentados de pernas abertas. Entreolharam-se.

Alcino que também não prestava atenção nas conversas pensou no dilema pelo qual passara recentemente, quando estava sentado ao lado de outro fulano no ônibus. Ambos com as pernas abertas, os joelhos encostaram-se. Só que macho que é macho não encosta na perna de homem. Mulher, ele pode até sentar em cima. Foi então obrigado à separar as pernas já que o

outro nem se movera. Acontece que homem que fecha os joelhos é frozô. Então ele precisou abri-las novamente. Encostando no moço.

Fez-se um silêncio gastronômico na turma enquanto ruminavam e sugavam.

Marco ouviu um barulho de moto, olhou pela janela, e viu passar um casal abraçado à cem por hora. Imaginou-se guiando um automóvel, de qualquer marca. E atropelou sem querer o casal que fez uma barbeiragem. E é claro que o moço da moto teria energia o suficiente para vir tirar satisfação.

Isabelle perguntou-lhe no que estaria ele pensando.

-Ora Isa, que é claro que eu pararia caso atropelasse um motoqueiro.

-Ótimo, fez Magu. Também iria pagar os prejuízos?

-Isso não, porque ele me ultrapassou pela direita, me xingou, e ainda pulou de surpresa na minha frente. Acontece que pouquíssima gente sabe que é proibido ultrapassar pela direita, apesar disso cair na prova de habilitação.

-Marco, fez Isabelle, um motoqueiro, assim como um pedestre, estará sempre numa situação mais frágil do que o que está no carro. Não importa o quanto ele esteja errado. Nada dá o direito de atropelá-lo e não socorrê-lo.

-Mas por isso é que eles têm o direito de ultrapassar de qualquer jeito? Ou de passar o sinal vermelho?

-Não, mas correm o risco de morrer, o piloto, não importa o quanto esteja certo, deve estar sempre preparado para

-E bater num poste por causa de um pedestre burro?

-O que é mais importante? O carro ou a vida?

-Quando eu dirigir, fez Marco, não vai ter parada.

-É um pela-saco mesmo, riu Magu. Vai ser do tipo que fica berrando e brigando por qualquer coisa.

-Não exagerem. Não serei tanto assim.

-Quando ele dirigir, fez Patí puxando a língua para dão-dão, eu vou ir sentada na frente!

-Eu é que vou, berrou dão-dão!

-Não vai, gritou por sua vez a outra.

-Crianças, quem vai do lado dele sou eu, a esposa. Vocês vão atrás.

-E por que?

-Por na frente não dá pra ir todo mundo, disse Alvinho fazendo careta!

-No meio, explicou marco, tem a alavanquinha do freio, onde ninguém pode sentar.

-Eu vou na frente, começou à chorar Patí.

-Eu é que vou, initou-se por sua vez Isabelle.

-Não vamos esquecer dos amigos, não é, riu Magu.

-E da família! Entrou na brincadeira Sharon!

Patí começou à fazer o maior escândalo, que não dava, que ela queira, que a alavanquinha era mais importante do

que ela.

-Mas sem alavanca, explicou Sirinéia, como é que vai parar o cano?

-Não é pra parar, é pra andar, berrou Patí.

-As namoradas dos amigos também vão ter direito à uma voltinha, não é? Brincou Ana.

-Pra não falar dos anfitriões, completou Alcino.

-Eu quero é dirigir! Gargalhou Magu.

-Dirigir? Isso é que não! Berrou Marco, vermelho! E se você atropelar alguém com meu carro?

-Porque que não pode sentar do lado da alavanquinha? Perguntou dão-dão, assim podia ir dois na frente.

-Eu vou dirigir, assim eu deixo os dois ficarem em volta da alavanquinha e Sharon vai do meu lado! Fez Alvinho.

-E se ele entrar em crise existencial e tentar se suicidar no seu carro?

-Ninguém, levantou Marco, berrando, totalmente exaltado e vermelho, ninguém vai fazer nada! Com meu carro, não! Pode ir descendo todo mundo!

-A procissão

Este era o dia para o qual estaria programado não só o show de Magu, como também a quermesse, a procissão, o desfile do povo na cidade, e a tradicional, segundo Isabelle, representação da morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Alcino, com sua barba e seu cabelo de pescador sempre foi, faziam anos, escolhido para o papel de Jesus, sendo ele perito em ser crucificado.

Sirinéia, então vingou-se da história da bengala e do elástico. Como o marido andava bebendo demais aqueles últimos tempos, e como o povo dava muita importância à religião e ao dinheiro da quermesse, e, subsequentemente à perfeita representação da paixão do mestre salvador, decidiram dar um jeito nele.

Todo o destacamento policial da cidade, ou seja, o capitão Alice e o soldado Furado, digo, Assis e Furtado, veio à pedido de Sirinéia, e botou Jesus no xadrez, que era na verdade o escritório do capitão.

Alcino ficou revoltado! Que história era aquela? Logo ele que era um cidadão honesto?

Era, explicaram eles, para que ele não bebesse antes da comemorações, não acabando com o desfile igual ao ano anterior, onde quase despencou do palco móvel que acompanhava a procissão por entre a cidade, girando a cruz feito um helicóptero e por pouco não matou um soldado romano que se abaixou na hora H. O escapulário de Maria em compensação, não resistiu, e caiu exatamente no cajado de Pôncio Pilato.

- Vocês que crucifiquem outro, berrava Alcino indignado, eu já estou por aqui! Eu quero mais é encher a cara!

E quanto mais berrasse ele, mais o destacamento policial, e o povo que já se encontrava em frente ao quiosque da polícia se preocupavam.

O soldado Furado tentou vestir uma peruca, mas pensou na gozação que seria em seguida. Tentaram pregar uma barba no Mirandinha, mas foi unanimemente rejeitado, exceto por Marco que não perdeu a chance de ficar zoando.

Decidiram mantê-lo ali até a noite, onde, teoricamente, ele seria convencido à participar.

Uma série de barraquinhas já estava montada em tomo das ruas, contendo meias, cruzes, cristos, pantufas costuradas à mão com todo carinho e velhas bem vestidas, que desde as cinco já estavam organizando tudo.

Após o café, Marco resolveu ver o que tinha pra vender. Todas as barracas se pareciam. Uma ou duas velhas vendedoras organizando as coisas, molhos de fitinhas de senhor do Bonfim, chaveiros, e de brinde uma Madona presa à gola da camisa. Andaram cerca de quarenta minutos e parecia que nem tinham saído do lugar. Marco chegou à pensar que se tratava de algum fenômeno sobrenatural: o milagre da multiplicação de velhinhas.

De repente algo mudou: uma das velhinhas dizia saber falar Francês, e estava ensinando palavras às crianças. Magu, neto de Franceses falava o idioma.

De curiosidade, ouviu a velha explicando as coisas:Meu pensamento é diferente: Muy difêrant, mão pansemã. Não concordo: Jê nê concordê pá! Roê suan fez suá!

Magu pensou no avião concorde, aliás, com corda, e no pansemant, que ele sabia sei- curativo, e não pensamento. Mas

a senhora falava com tanta convicção que ele nem ousou se meter. Lembrou de sua bisavó, no inicio de sua jornada pelo Brasil, em Vitória, que na época era bem pequena, pedindo num barzinho:

-Eu querria porr fetbrr uma caixa de fósfornros.

Ao que o caipira do bar respondeu:

-Meu Deus! A sinhá já mora aqui à dois anu e inda não prendeu à falá fosco!

Isabelle comentou para o ar que o ciso dela estava começando à nascer, porque ninguém prestou atenção. Parece que está entrando na minha gengiva, ao invés de sair, mas foi interrompida por dão-dão que queria ir ao banheiro.

Quando olharam pro relógio de fundo vermelho brilhante de Marco, do qual Isabelle sentia raiva profunda, já era hora de comer. Voltaram para o tal do restaurante a quilo, aquele primeiro no qual tinham aterrissado, comeram duzentas gramas pagando meio quilo graças à balança adulterada, e Marco comentou que era estranho, mas ainda estava com um vaziozinho no estômago.

Logo, logo já era noite, e, a hora de chegar a procissão. Uma enorme Maria precisaria ser carregada da praia até a igreja, e, Jesus seria crucificado no palco móvel, até a chegada na igreja, onde ressuscitaria.

Alcino nunca esteve tão arretado. Berrava, batia a caneca, riscou todo o escritório do capitão Alice, que já não encontrava mais solução.

Marco teve uma ideia genial. Contou ao soldado furado, que acabou ficando com o mérito.

-Não tem aquela parte em que Jesus está com sede e pede água para o soldado romano? E o soldado não lhe dá fel para "matar" a sede? É só botar cachaça no lugar do fel!

Não é que o Alcino, louco pra sair do xilindró, gostou da ideia? Mas seria a ultima vez, no ano seguinte, eles que crucificassem outro. Até lá o soldado teria tempo de persuadi-lo do contrário.

-Meus parabéns, soldado, fez o capitão Alice. Vou te indicar para a promoção! Você será sem dúvida sargento!

A procissão já estava pronta na praia, e o pessoal todo da região penteou os cabelos para o lado, botou desodorante à vontade, arrumou seus filhos e foi rezar pela paz, pelo amor ao próximo, e por

boas vendas na quermesse.

As carrocinhas de cachorros quentes voltaram à ativa, e a meninada deixava os turistas de consciência pesada pregando madonas à suas golas, dizendo que era de graça, mas que se quisessem poderiam colaborar comprando algo da quermesse ou ciando um trocado.

Mirandinha, cada vez que ganhava uma madona agradecia muito os garotos, fazia carinho nas cabeças despenteando os cabelos e desfazendo xuquinhas e saia andando, deixando-os perplexos. Pouco depois escondia a prenda no bolso e estacionava em frente à outra barraca qualquer até ser abordado por alguma outra criança.

Dão-dão quis saber porque é que o pé de abacate não estava dando abacates, e só um monte de flor.

Alvinho explicou que não tinha nenhum abacateiro fêmea por perto que não tinha como eles terem filhinhos. Que a flor era o órgão reprodutor da planta, e que tinha que cruzar com a flor mulher pra ter neném.

-Entendeu?

-Sim, fez dão-dão convicto. Imaginando que dentro das flores haviam peruanhos iguais aos dele, apenas ele não tinha entendido como é que poderia ser um abacateiro mulher. Devia ter ampla cabeleira, e talvez pudesse ser reconhecido por usar batom.

-Sabe, perguntou Alvinho à todos, como é que um elefante faz para se esconder numa plantação de morangos?

-É sem graça! Fez Sharon

-Como? Como? Fizeram dão-dão e Pati.

-Ele ... Ele... Ha, ha, ha... E caiu na gargalhada.

-Ele o que?

-Ele pinta as unhas de vermelho!

Ninguém riu.

-Ué? Não acharam graça? Vocês por acaso já viram um elefante numa plantação de morangos?

-Não, disse Pati.

-Viu como ele estava bem escondido? Ha, ha, e caiu na gargalhada de novo

Quando esbarraram com o Mirandinha, este estava tentando vender um pacotão de madonas à barraca da velha que talava Francês.

Este momento também coincidiu com o momento em que um casal de Franceses viu pela primeira vez um vendedor de cocos.

-Comã sa sapéle ? (como se chama) perguntou o homem.

-Pra começar não é pele é casca, respondeu mal humorado o vendedor.

-Jê nê compra pá! (não entendi) disse a moça.

-Ah! Não vai comprar! Então tá fazendo o que aqui?

-Heuum... mércibocú! (é...muito obrigado...) fizeram juntos os dois.

-Vai tomá no seu! Acenou o vendedor!

Trocas com o Francês Pascal, que continuava vivo. Outros tantos não tiveram a mesma sorte. Ante o lastimável estado de seu conhecido, não negou-lhe alguns restos de nabos. Nem vender o próprio corpo lhes era lícito, pois que só eram pele e

Nico disse que em três noites seria natal e que não iriam grelhar galinhas no muro oeste por umas poucas horas. Khasé entendeu a deixa.

Um estrela amarela agradecido pela comida acenou para Nico em plena luz do dia.

Nico executou-o sem pensar duas vezes.

Os Alemães nem desconfiaram.

Khasé foi selecionado para os banheiros leste, como que por coincidência. Após trabalhar horas carregando restos pra lá, aproveitou a pouca vigilância e adentrou. Olhou a enorme poça de excrementos protegida por uma porta velha, achou que dava pé. Pulou lá dentro. Ficou com merda pelo pescoço.

Sempre que vinha um alemão defecar, ele afundava a cabeça. Ficou a tarde lá.

As horas passavam, e o movimento foi diminuindo, e ele tremia ante a possibilidade de ser visto.

Horas dentro de uma poça de excrementos. As moscas à centenas o rodeavam.

À noite o silêncio se fez.

Khasé arriscou sair. Ao fundo, o reco-reco continuava, e tinha ainda som de festa no alojamento de oficiais . Foi correndo até o muro. Conseguiu por milagre não ser visto. O muro não estava eletrificado, por milagre. Nico estava de plantão.

O muro nem era tão alto, devia ter uns dois metros. Mas ele estava tão pesado com toda aquela merda presa à sua roupa, que não conseguiu pular. Tentou, tentou e tentou em vão. Rolou ria neve. Fez de tudo.

De quando em quando, um holofote automático passava pelo muro, e em absoluto poderia ele ser visto.

Sentou e teve vontade de chorar.

Sentindo que estava abusando da sorte, continuou desesperadamente tentando pular. Esgarçou as mãos no arame farpado, cortou a pernas em muitos lugares.

Pulou pra cima. Para os lados. Queria gritar.

Tremia de frio. Acabara o som de festa dos oficiais.

Quando o dia já quase amanhecia, fraco, exausto, tentou a última derradeira vez antes de tornar aos alojamentos.

Encontrou uma fenda onde conseguiu encaixar a pontinha do pé. Encravou a mão no arame farpado acima de sua cabeça rolou com o corpo todo por cima dos emaranhados de metal, protegeu o rosto, e caiu pesadamente em uma poça de lama gelada do outro lado. Rastejou por baixo de arames e mais arames.

Engoliu terra e mais terra. Rastejou. Ouviu a sirene da alvorada.

Arames e mais arames cortavam sua roupa, sua pele, e sua carne.

Enfim, a liberdade. Correu até o primeiro matagal deixando um rastro de sangue em seu caminho, e escondeu-se. Ficou espreitando o local para não sair desavisadamente. Khasé nunca mais viu Nico, a pessoa a quem deve sua liberdade, e sua vida.

No outro plantão de Nico, não sabem quanto tempo depois, Martin, fora escalado para jogar roupas no trem que partiria em busca de mais judeus. Pegou um montão de roupas, correu pra dentro do vagão, cobriu-se no fimdinho, e ficou.

Meia hora depois um soldado estranhou não haver ninguém colhendo roupas. Viu um montinho de roupas no fundo

do trem.

Com o fuzil deu uma futucada. Não ouviu som algum.

Deu um golpe fortíssimo e ouviu "AAAAiii!" Disse em Alemão "Du bist natürlich nicht ein deutcher, a?" Fingiu não ter ouvido nada e selecionou outro para acabar de carregar o trem.

Quando o trem partiu, Martin começou a cavucar o fundo do vagão de madeira com uma faca que havia comprado de Pascal por dez rações de pão.

Cavucou, cavucou, cavucou... Rodou, rodou, rodou.

Na primeira parada, após horas à fio cavucando, deu uma pausa pra não arriscar ser visto. Rodou, rodou, rodou.

A mãos cheias de cãibra não agüentavam mais o mesmo gesto forçado e repetitivo.

Duas horas sem parar, até que a madeira cedeu. Caiu feito saco de batatas entre os trilhos, e roupas ainda caíram com

Era noite e ele estava livre, graças à um soldado inimigo, desconhecido, que não partilhava das ideias de seus congêneres, e deu-lhe clemência à troco de nada, por simples humanidade.

Quantos, em meio à uma multidão de pessoas, se destacam por não concordarem com os horrores que acontecem à sua volta, e, não tendo coragem suficiente de morrerem como heróis, ao menos não confabulam com o pior, e, em pequenos gestos grandiosos, tomam-se então salvadores de vidas.

Quantos em meio à multidão que vem assistir à meu show, pensou Magu, fariam isso por mim? Quando acabou a procissão, foram todos à praia. Os veranistas já ocupavam os melhores lugares, e povo do local precisou ficar ao fundo. O espetáculo já havia começado.

Magu já cantava a segunda música, e Marco nem havia percebido em que momento eles haviam se separado. Magu olhou do pako e viu seus amigos todos num cantinho de praia.

E então olhou com mais atenção e reparou que centenas de pessoas olhavam pra ele. Reparou que todas pulavam ao som de sua guitarra e de sua voz. Reparou que elas repetiam seus estribilhos melhor do que ele próprio. Reparou de que era conhecido. No entanto ninguém sabia nada sobre ele. Sabia que garotas ali presentes brigariam à unhas e dentes por uma noite amor, ou por uma vida de amor, ou sabe-se lá porque.

Ele olhou.

Ele lembrou (sem deixar de cantar, tocar ou dançar) de todos em sua família preocupados porque ele não chegava. "Já tô chegando!", dizia ele dez horas da manhã, e às quatro horas da tarde ainda não tinha nem telefonado pra se desculpar. Sua mãe chorava, se descabelava e perguntava pelo amor de Deus onde é que ele havia andado o dia inteiro. Ele mesmo não seria capaz de responder com coerência. "Por aí, por aí...". Ele não poderia contar que tinha fumado, tocado guitarra, e sentado em algum banco por aí... Tinha andado, tinha visitado a praia, talvez a cachoeira, talvez algum amigo

dentre os milhares de conhecidos que tinha pelas ai... Pegou algum ônibus cujo o número da linha lhe parecera sugestivo, indo parar bem longe, tomou caldo de cana, ou uma cerveja, ou qualquer outra coisa... Resumindo... "Lugar nenhum, mãe..." "Não fiz nada, mãe"... Se lembrou do quanto era difícil estabelecer contato com uma dimensão de parâmetros totalmente diferente da sua, como sua mãe dona de casa e crente, ou sua irmã, secundarista frequentadora de shoppings e de discotecas, ou seu irmão mais velho, estagiário de direito, cujo o salário nem pagava o temo que ele era obrigado à usar.

"Que barulho horrível! Vai tocar essa jossa em outro canto! Tá Pensando que meu ouvido é pinico?" Foi o que ele ouviu quando tentou pegar pela primeira vez num violão.

"Vai tocar lá fora com os cachorros!" Foi o que ele ouviu alguns segundos depois. E naquelas viagens de quem está aprendendo, aqueles primeiros acordes, aquela pose em frente ao espelho segurando o instrumento... Na sensação da madeira crua encostando em seu tórax... Aquela certeza de que algo vai acontecer... Ele resolveu... Vou aprender à tocar esse instrumento... E à cada novo acorde que ele aprendia, e com o ânimo que tinha para mostrá-los à sua família, aprendeu à tocar.

Nunca havia tido professor, no entanto aprendeu à ler partituras, à escrevê-las, e até ensinava os amigos à tocar. Mais do que isso. Incentivava-os.

Ele sempre dizia que não importava essa história de talento. Essa ideia de que é preciso nascer com o dom para conseguir aprender algo na vida. Assim como ele tinha uma voz de gralha, e se atrapalhava todo pra conseguir segurar em algum instrumento, e um belo dia chegou lá, ele sabia que qualquer aluno seu teria a capacidade de aprender. Apenas uns teriam mais facilidade do que outros. Seria só dar aquele empurrãozínho, e não fazer como a sociedade fez, abafar qualquer tentativa de aprendizado, ridicularizando quem começa e, mistificando, selecionando aqueles que vão aparecer.

Magu começou à pensar em sua bisavó, que era Francesa.

Ele pensou por um momento que ainda faltavam cerca de dois minutos pro final da música.

Sua bisavó era chamada de "Bonne-maman", como boa mãe, e era extremamente católica. Na falta de padre para se confessar era à ela que deveria-se confessar. E Magu, quando era pequeno tinha uma noção totalmente peculiar de religião. A ideia de ter lun crucifixo todo ensangüentado com o camarada agonizando bem de frente paia sua cama aterrorizava-o.

Como seu pai tinha um comportamento repreensível, pois cometera o absurdo de separar-se e casar de novo, sendo considerado o ovelha negra da família, as confissões do garoto Maga irão passavam de contar à Bonne-maman o que fazia ou deixava de lazer seu pai. Mas ele não achava que o pequeno Jesus, como chamava a velha, estaria muito interessado nesses problemas.

Entre um casamento e outro, entretanto, Maguzinho viu o quanto parecia infeliz o papai sem esposa. Perguntou-lhe

-Papai, quando não temos alguma coisa e precisamos comprar, onde vamos?

-Para a loja, ué!

-Ah...

Aquela noite, Maguzinho resolvera que iria no dia seguinte à uma loja de esposas comprar uma para o pai.

Não estava dormindo quando irrompeu Bonne-maman no quarto querendo saber o porque da insônia.

-Você não quer dormir, filho? (como ela o chamava)

-Não, respondeu o moleque rindo, prefiro brincar com o zizi!

Bonne-maman teve um treco e só faltou cair de costas! Chamou a família toda em volta da cama de

Maguzinho que acabou por chorar. O irmão mais velho se mordia de tanto rir, e disse depois já ter passado por aquilo.

Ameaçado de ir ao inferno, queimar por toda a eternidade, em um lago de enxofre, mal sabia ele ainda que era terminantemente proibido brincar com seu zizi antes de dormir.

Com a maior paciência a velha explicou-lhe o pecado original e aproveitou para perguntar ao garoto se o pai fazia aquilo em casa.

Acabou uma musica, emendaram imediatamente com outra, e Magu Fixou o público. Logo tomou à pensar.

No outro dia, Bonne-maman acompanhou-o até o shopping. Andaram um pouco, mas ela cansou-se rápido. Sentou num café e pediu de imediato um monte de doces. Maguzinho perguntou se não poderia dar uma voltinha pelas lojas. Ela deixou, considerando que em qualquer shopping que se preze você sempre acaba voltando para o mesmo lugar, onde têm os caies e as coisas gostosas e caras, e, se você estiver andando com seus filhos, ouvirá sem duvida desde os primeiros passos "eu quero, compra pra mim", e ainda terá forças para dizer que não, mas, se após andar, andar e andar, estiver esgotada, as crianças com certeza a convencerão a comprar o que quer que seja.

-Só não pegue escadas rolantes, ouviu bem? Jesus está olhando por você!

Esta última frase fê-lo tremer nas bases! Ele estaria olhando! A primeira providência que tomou foi a de descer assim que viu uma escada rolante, assim com certeza não seria visto por Deus.

Começou à olhar as lojas, e viu a vendedora de uma delas. Achou interessante, e puxou sua saia:

-Quanto custa?

-O que?

-Você! Quanto você custa?

A moça se abaixou, e perguntou do que é que ele poderia estar falando. O menino explicou que queria comprá-la para oferecer ao pai.

-Quantos anos tem seu pai? Perguntou ela de voz baixa.

-Trinta e cinco.

-Custa quinhentos cruzeiros a noite. Tome este cartão e manda ele me ligar na sexta.

Magu saiu feliz da loja. Acho caro. Pensou que ainda poderia escolhei outras.

Foi numa segunda loja, puxou a saia de outra vendedora, e explicou o caso da mesma forma. Mas a moça enfureceu- se, disse que o pai de Magu era um salafrário sem vergonha, que nenhuma moça correta aceitaria tal proposta, que Magu que tentasse botar os pés lá de novo!

Magu ainda tentou defender-se explicando que a outra moça aceitou e até ficou feliz.

-Quem é esta outra moça? Bufou a mulher.

-Carlinha, da sapataria!

-Tinha de ser! Tinha de ser! Chispa dai moleque! Varnbora!

Quase chorando, Maguzinho saiu andando cabisbaixo, mas aprendeu uma coisa: se mulheres corretas não aceitavam propostas, então a outra moça não era uma mulher correta, e não serviria para o pai ou para Bonne-maman.

Subitamente, dos quatro cantos, soou uma voz grossa:

-Uma pequena criança, negra, vestindo boné azul está perdida pelo Shopping, atende pelo nome, ou pelo apelido: Magu. Quem achá-lo, favor encaminhá-lo à direção.

-É Jesus! Pensou Maguzinho apavorado. Me reconheceu pelo boné!

Ele tirou então o chapéu, e escondeu-o no bolso.

Acabou sendo achado horas depois, pela própria velha desesperada, que, ao passar em frente às lojas daquele andar, não entendeu o que tanto as vendedores estavam discutindo.

Em outra ocasião, uma reunião familiar, a nova mulher do pai do garoto estava na fase do flerte, e foi visitar a família com seu cachorrinho lingüiça.

Conversa vai, conversa vem, Bonne-maman sufocava Maguzinho com seus abraços e beijos, dando colinho para o anjinho. Em compensação o cachorrinho parecia por demais feliz no colo da futura madrasta.

Magu, pensando em qual música daria sequência à outra, pensou no quanto a idade adulta tira a sublime independência que têm as crianças de debitar pacificamente à qualquer um as mais duras, frias e justas insolências.

Aquele dia, no exato momento em que a velha disse que eles se amavam acima de tudo, o moleque deu um piti e foi correndo alojar-se na barriga da futura madrasta, dizendo que detestava a velha gorda, e que o cachorrinho era mais religioso que ela.

O irmão caiu na gargalhada, e o pai, seríssimo, disse que era melhor que Bonne-maman voltasse outro dia. Maguzinho não fora punido. Ficou desconfiado de que Bonne-maman não era tão "bonne" quanto dizia.

O gentil banqueiro.

Outra música chegou à seu fim durante o show. Enquanto o Guitarrista apresentava os componentes da banda, Magu parecia absorvido em outro Mundo

Pensou em sua infância, e ateve-se à adolescência. Lembrou de um professor de Francês que teve, contratado por Bonne-maman: o Adam.

Adam um dia contou a história de um homem que virou pedra.

Parece que havia um banqueiro importante que trabalhava pra valer. Que acompanhava a bolsa de valores, morava em uma casa do melhor bairro, e tinha uma família que o amava.

A música terminou. Magu apresentou rapidamente a música seguinte, começou à tocar, e por pouco não esqueceu da

história.

Era um banqueiro muito bacana. As vezes pegava o helicóptero para ir ao trabalho, pagava aos empregados salários compatíveis, como por exemplo aos faxineiros e outros...

Não prestava muita atenção à família porque não tinha muito tempo para isso. Era muito trabalho... Contas correntes, poupança, fundos de aplicação, seguros, CACs, FAFs, PLAFTs, TPMs, e RPMs, ou vai lá saber que outras complicações que a vida de um bem sucedido banqueiro traz. Os filhos viviam querendo Mar com ele mas não conseguiam, por que papai está cansado de seu dia de trabalho, e final de semana papai vai receber visitas importantes para o jantar, e agora não porque simplesmente não dá.

Detalhe: ele trabalhava assim duro e sem parar pelo bem-estar de sua família.

Um dia o homem acordou com os pés um pouco mais pesados do que de hábito. Sentiu uma estranha sensação. Assim mesmo levantou, beijou sua esposa, tomou um banho tão quente quanto rápido, e foi trazer o pão de cada dia.

Durante o trabalho atendeu o telefone uma centena de vezes, mas não sentiu nada de estranho. No entanto, quando seu filho bgou para contar-lhe que ia fazer uma pecinha de teatro no colégio, ele achou ótimo, e disse que em casa ouviria que agora estava ocupado, mão pesou-lhe tanto que ele desligou o telefone batendo com toda força, e até se assustou. Quando ia ligar para a criança se

desculpando, apareceu algum compromisso que o obrigou à deixar para mais tarde. Talvez a notícia de algum milhão ganho ou perdido. Depois ele acabou esquecendo.

Quando chegou em casa o filho já dormia e ele não quis acordá-lo.

No dia seguinte eram as pernas inteiras que lhe pesaram, e ele contou à esposa.

Ele não teria tempo de ir ao médico aquela tarde, e, apesar da recomendação, deixou para o outro dia.

Foi para o trabalho, mas pediu à secretária que desse todos os telefonemas.

Em meio à reunião tocou o celular. Ele mandou a secretária dispensar quem quer que fosse, pois ele não se sentia muito bem. A mãe dele disse que voltaria a ligai' mais tarde.

Em meio à reunião ele adormeceu e a cabeça bateu na mesa com tanta força que quase rachou a madeira. O baralho foi tão forte que assustou à todos. Q mais incrível é que não doeu. Ele mandou prosseguir a reunião.

Voltou tarde pra casa. Mas sentia-se tão pesado que não quis ver ninguém. Foi donnir sem nem dizer boa noite.

No outro dia acordou. Mas não conseguiu sair da cama. Ele bem que tentou mexer os braços. Ele bem que tentou abrir os olhos. Mas ele estava completamente imobilizado. Ele ainda ouvia ruídos. Vozes. Ele podia ouvir. Mas estava ocupado demais com sua situação, tentando descobrir o que se passava. Só lembrava da voz de sua mulher perguntando o que se passava, por que que ele não se movia. Foi pensando no banco. Nas reuniões que perderia. Começou à fazer cálculos mentais de quanto valia exatamente cada hora de seu trabalho, começou á somá-las, à recomeçar as contas, imaginando o que diria aos grandes empresários com quem deixaria furo naquele dia.

Após horas contando e descontando, ele ouviu a voz do filho:

" Mamãe! As pernas do papai estão frias e duras!"

" Olha só! Viraram pedra!"

" A ponta dos dedos também!"

Ele quis dizer algo mas sentiu sua boca mais seca do que nunca.

O silêncio fez-se à sua volta.

Ele soube que era noite quando ouviu à música do jornal das oito.

Ele soube que era hora de dormir quando ouviu o ronco de sua mulher.

Ele soube que era hora de acordar com o despertador.

No outro dia eleja estava transformado em um enorme e disforme bloco de pedra cinza.

Ele ouvia a esposa desligar o telefone dizendo que seria impossível falar com ele naquele momento. Ele se preocupou de estar dispensando daquela forma desavisada todos os clientes e colegas de trabalho. Tentou novamente comunicar-se em vão com os outros.

Ele passou uma semana na cama. Mas como soltava muitos cascalhos a esposa resolveu colocá-lo no chão.

Ele sentiu que já não estava mais em nenhum lugar confortável, mas em algum lugar úmido.

Seu filho observava-o à distância, por detrás da porta, e ficava perguntando à mãe o que é que tinha acontecido com o

Médicos em vão o examinaram, colheram amostras, rasparam seu casco, pesquisaram, e desistiram após uma semana.

Ele flagrou a empregada quando ia roubar os esmaltes da esposa. Normalmente ele fana um

escândalo, mas não pode articular nem uma palavra. Ele ainda ouviu-a resmungando da droga de salário que ganhava, e que aquela pedra chata estava atrapalhando o caminho de todos. Resolveu, ignorando os brados silenciosos do banqueiro, empurrá-lo até a sala.

Na sala ele sujou o carpete com a poeira que soltava sem parar, e os cascalhes, nem se fiila. Com a ajuda do motorista jogaram-no na área de serviço, onde nem as crianças e nem a esposa iam com frequência.

O jardineiro, o motorista, a empregada, a passadeira, a cozinheira, o segurança e todos os outros já não tinham a menor vergonha de falar em frente à pedra. Comentavam os badulaques que tinham roubado, o salário, a bunda da patroa, os molequinhos pentelhos e mimados que nem saem de casa nem nunca tomaram ônibus, como poderiam crescer daquela forma.

"Essa pedra no meio do caminho já está enchendo o saco. É pra isso que a gente ganha essa droga desse salário mínimo!"

Ele ouviu no rádio da empregada que o banco havia novo dono, devido ao abandono inexplicável do antigo banqueiro.

Ele passou mais um mês esquecido por todos no canto da área de serviço, tomando sol e chuva, e roupas do varal pingando por cima dele. Um dia choveu muito, e veio o sol forte logo depois. Ele sentiu seu cascalho duro ressecar, e começar à rachar. Ele estava arriscado à virar um monte de pedrinhas, e acabaria varrido pra debaixo do tapete.

E perguntou-se o porque daquilo tudo.

Sentiu o cascalho rachai' no final da tarde quente.

O filhinho que sempre o espreitava por detrás das portas sem ele nem mesmo perceber, até mesmo depois de sua transformação, tomou coragem e se aproximou, subiu na pedra e viu que ela estava rachando, abraçou-a, e chorou, quando a primeira lágrima tocou a pedra ela rachou completamente, e o banqueiro apareceu nu, deitado no chão, no meio das pedras

Em cinco minutos começa a entrevista...

Nu, pensou Magu.

A última música terminou, e Magu desligou-se de todos os seus pensamentos para olhar o público que o aplaudia freneticamente.

Ele pensou em Ana, sua namorada, que ele decerto gostava muito. Pensou em todas as coisas que aconteceram com ela e entre eles dois.

Todos os integrantes da banda se deram as mãos, levantaram-nas bem alto e fizeram a reverência ao público. O apresentador chegou e falou ao microfone o quanto que aquela noite era alegre e maravilhosa, o quanto que aquela banda era bacana, citou o nome dos patrocinadores, e convidou o grupo todo à fazer uma entrevista para a TV em meia hora, em cadeia nacional.

Estranharam um show da região dos lagos ter repercussão nacional, mas nunca que perderiam aquela chance. A rede não era nem de longe uma das maiores, mas com certeza traria prestigio.

A galera foi ao delírio, tentou fazer de tudo para aparecer para a câmera, nem que fosse num eantinho. A mulherada gritava em coro "Magu! Magu!". No camarim improvisado os seguranças tiveram que fazer barreira para evitar a invasão da horda feminina. Magu abriu um à um os papeizinhos e as cartas, no mínimo umas vinte e cinco, todas deckrando-se eternamente apaixonadas, que é lindo o amor e até umas pornográficas.

Uma ducha rápida. O tempo de refletir. Talvez tentar curar a depressão. Ele se perguntava como é que alguém em seu momento de glória, em que tudo deveria estar perfeito, no auge da carreira poderia se sentir tão cocô. Tão inseto.

Pensou em seu amigo, casando-se no auge da emoção em uma cerimônia medieval, gastando dois

mil dólares num vestido de noiva, ouvindo o "lá vêm a noiva" de fraque preto, e muitos comes e bebes, o sim, o beijo, para ser vergonhosamente chifrado em sua própria cama três meses depois.

Pensou em sua própria companheira, concubina. Pensou que a sociedade dita moderna não parecia ser feita paia o casamento. Pelo menos não o bom casamento católico, onde o homem tinha de trabalhar para sustentar os quinze filhos (isso se eles próprios não trabalhassem!), e se por acaso ele tivesse um caso, ele não poderia abandoná-los, ou morria literalmente todo mundo de fome. Só os abandonaria se fosse realmente um belo de um canalha. Hoje em dia cada qual tem sua carreira, sua vida, seus amigos. Pensou na banalidade do dia a dia de um casamento. Porque o dia a dia dele era banal! Trabalhar, comer, ver tevê, e dormir. Chulé, cêcê, e cabelo no ralo da pia. Mãos cheirando à alho, tubos de pasta de dente espremidos pelo meio. Ele já estava totalmente adaptado ao modo de vida que assumiu, o companheirismo, a companhia... Faziam parte de sua vida. Não foi o caso de Ana, que esperava do casamento algo grandioso, algo que ela nunca teria na vida de outra fonna. Um lindo marido, famoso, que a tornaria famosa também. O véu e a gnnalda O objeto de sua vida.

Talvez Ana ainda não soubesse distinguir exatamente a beleza externa da beleza interna. Não entendera que as pessoas poderiam mudar com o tempo. Ficar feias. O sexo deles, que no início era soberbo, foi perdendo o aspecto de novidade após a trigésima cópula. Afinal, de uma forma ou de outra o resultado era sempre o mesmo. Mas eles poderiam diversificar variando as posições, a frequência, os lugares. Mas era tudo a mesma coisa. Terminava com um cigarro e um ronco.

Como uma corrida de fórmula um, dizia Marco girando o dedo. "Nhéum, Nheum, Tam tam tam!". As voltas são todas iguais, mas tem sempre algum detalhe que muda! A velocidade, a forma de fazer a curva... Não precisa mudar de escuderia o tempo todo (de mulher), muda a pista e as condições climáticas, e o piloto (você) tem dias de melhores performances do que outros. Mudar de mulher, é como um jogo de fhperama. Só muda de fase, ou de cenário, ou de qualquer coisa que seja, mas o piloto é o mesmo. E isso não vai variar nunca, você vai sentir sempre a mesmíssima coisa. Como o mar não está pra peixe, e a AIDS está matando por aí, é melhor tirar o time de campo e ser feliz sem inventar moda!

Khasé, com sua natural grosseria, dizia saber exatamente a diferença entre uma trepada e uma cagada. Após a cagada você não precisaria ficar meia hora abraçado ao vaso.

Quando Ana e Magu faziam amor, era de olhos fechados. Algum momento ele abriria os seus e tentaria a olhar para os dela, mas os veria fechado. E ele chegaria a conclusão de que o sexo não é nada mais do que uma masturbação coletiva, cada qual com sua fantasia. Cada qual imaginando coisas diferentes. Ele ouviria ao fundo a voz de Bonne-maman na igreja dizendo que o sexo é pecado, que deve ser usado exclusivamente na reprodução, e lembraria que o pai traiu hipocritamente a mãe com a obrara da igreja. Saberia que falavam bastante de bom comportamento. Quando fossem velhos ek iria arrumar algum brinquedinho de velho, tipo um computador, um carro, um menino adotado, um bicho de estimação no qual a velha não tocaria nunca, sob pena de escândalo em público. Ele iria passar seus dias polindo, lavando ou computando, se não fosse bebendo, suportando a velha apenas porque passa os dias longe dela. De resto, seriam um lindo casal, no qual ela jogana-lhe na cara que passaria os dias arrumando casa, e ele passaria-os descansando após tê-la sustentado a vida inteira. Saberia que a vida inteira nunca ele havia encostado a mão na esposa, e que, após cinquenta anos de casamento, considerados o casal perfeito, ele a bateria. E ela o cegaria jogando água fervida em seu rosto. E todos achariam que eles eram um lindo casal de velhinhos que se amou a vida inteira. E ninguém mais entenderia nada.

Bonne-maman estava de olho no padre que se flagelava com o chicote, dedicando sua sensualidade à Deus, entre o corpo e o espírito, entraria em colapso quando cedesse à tentação puxando o zizi com a mão e sacudindo com um vigor que nem artista profissional de filme pornô alcançaria, e por fim, ganharia o perdão divino, do ciúme de Deus, com pregos e chicoteadas nas costas. E no dia seguinte ele recomeçaria o ciclo sem fim. A tentação, a reza, o pecado, a repreensão de Bonne-maman, o flagelo, e o perdão.

O ex-namorado de Ana tentou o suicídio. Porque estava totalmente apaixonado, e não suportaria a vida sem ela. Só conseguiu ir parar no hospital sem maiores sequelas, mas conseguiu que Ana voltasse de viagem. "Eu tenho que segurar a barra dele... Coitado...". E Magu ficava rangendo os dentes... "Barra... Barra... Vou mandar um presentinho de consolo para ele! Talvez uma pedra com uma corda!"

Após tudo o que se sucedera no réveillon, tudo aquilo não passava de uma esfarrapada desculpa para voltar mais cedo pra Vitória. Pois já não suportava aquilo tudo.

" Em cinco minutos começa a entrevista! Estejam todos prontos!"

Luzes, câmera, ação!

Era um vai e vem de mulheres suadas carregando maquilagens, pentes, literalmente descabelando e enfeiando estrategicamente cada um dos integrantes para que parecessem bem largados. Tiraram-lhes as camisa limpas, e deram-lhes outras de mangas rasgadas tendo como inscrição o nome de outras banda que eles detestavam. Mas nem tiveram tempo para discutir. Apressaram-se de empurra-los em frente à uma cãmera e uma luz que os cegavam obrigando-os à fechar um pouco os olhos, e o excesso de pó de arroz avermelhou todos os olhos. No final era pra fazerem "Yeahh!" todos juntos. 5,4, 3, 2 , 1, Gravando!!!

Lá estavam eles novamente no palco. A galera que estava perto ia ao delírio, mais por arriscar aparecer na telinha do que por realmente venerar os artistas. Ao fundo, nem se via movimento, e obviamente a câmera nem chegava perto. Uma plaquinha estendida no ar mostrava-lhes para onde olhar, fazer sinalzinho do demônio com o indicador e o mmdinho esticados ou acenar.

Começaram perguntando ao guitarrista como é que ele estava se sentindo. Depois o que ele achava daquilo tudo (sem esquecer de mencionar os patrocinadores do show, e aquela horrorosa marca de refrigerantes laranja que um dia ele tentou passar com uma peneira fina e só conseguiu compará-lo à catarro escorrendo vagarosamente), e qual era a sensação de se estar

Quiseram saber do baterista o que queria dizer a gíria "estar ligadão" e quais outras gírias ele usava com a banda. Como ele queria dizer algo inteligente, enrolou um pouco. O repórter insistiu, e ele começou à inventar uma porção de coisas que nunca existiram, que chegariam à ser ridículas para qualquer amante do roque. Uma semana depois uma revista direcionada à jovens publicou um glossário com as " traduções".

"Piritiba é estar legando, tituliar é que nem estar geado..."

O baixista achou que estava muito vermelho, olhando-se no reflexo de um vidro Pensou que poderia ser culpa d' aquela luz forte. Foi pra traz com o tórax e verificou que era realmente a luz. Foi pra traz e pra frente. Comparou. De novo. Até que o repórter interrompeu perguntando que tipo de dança inovador era aquele.

Magu quase não conteve o riso.

Ele estava em profunda inquisição filosófica. Por um momento não entendia mais nada.

Ele tinha deixado Vitória uma semana antes com sua combi de tatuagens e sua namorada. Agora não tinha mais certeza se tinha namorada. Eles chegaram à região dos lagos, estado do Rio de Janeiro pra curtir e descansar. Encontraram um grande amigo de adolescência, Marco, e estava tudo bem.

Não gastaram nada com pensão alguma, ele foi convidado com sua banda para um grande show, pelo menos praquela bandinha que só tocava em bares da vida, e para uma entrevista na tevê! Fez por volta de cinquenta tatuagens, e iria viver folgado por no mínimo seis meses! O que poderia estar errado?

Na noite do réveillon, foram à praia ver os fogos. Contaram pra trás e prometeram. Na noite seguinte foram ao baile à fantasia. Ana, do interior de Vitória nunca vira tanta gente bonita, tanta festa, que, aliás, nem era tão grande assim. Como não era feia, resolveu sair bem produzida, com

um topezinho tipo biquíni que só cobria o bico dos seios, uma saia preta daquelas que a menina fica ajeitando o tempo inteiro pra não subir demais, e saltos altos pacas. Fantasiada de garota fatal.

A combi balançava com Magu berrando de ciúmes. (Sotaque capixaba do interior reconhecível por qualquer um que passasse perto.)

Como todos são adultos, e ninguém nasceu grudado à ninguém, cada um saiu como quis. Foram caminhando sem se darem as mãos até à praia.

Ela acendeu um cigarro, sendo que nunca fumava, mais pra provocar o namorado do que pra outra coisa, e no meio do caminho quase caiu do próprio sapato umas três vezes.

Quanto mais Magu reclamasse de que era ridículo mais ela teria vontade de se afastar. Mais ele falasse mais ela teria raiva. Mais ela tivesse raiva, mais ela ajeitaria a saia com violência. Mais ela ajeitasse e mais ele, garotão da cidade, mexeria com ela. Mais ele mexesse ou reclamasse, mais ela teria raiva. Raiva de tudo. Da própria infância, raiva dos pais do interior que continuavam no interior, raiva do namorado, raiva da vida, raiva por estar com raiva, e bastaria que o namorado calasse a boca por pelo menos um minuto. Mas todo homem que pensa que não fala demais e nem é fofoqueiro revela-se pior do que as mulheres na hora do vamos ver. A fofoca é dom do ser humano.

Chegaram umas duas horas antes das comemorações, e foram prum bar beber. Magu fez cara feia o tempo inteiro. E ela não sabia mais o que fazer pra animá-lo. Tentara de tudo. Se ela perguntasse se estava tudo bem, ele iria até gritar na frente de todos que sim, que estava tudo ótimo, pô! E ela detestava que ele berrasse na frente de todos. E ficavam todos olhando pra

Encontraram no meio do caminho um homenzinho gordo, com os joelhos que se encostavam no meio das pernas e careca, que disse meio rindo que havia marcado encontro com os amigos às nove, mas ninguém apareceu no lugar marcado, onde ele já estava à três horas, com sua câmera polaróide, que tirava fotos na hora. Na certa haviam-no deixado lá de propósito. Ana ficou com pena, Magu disse que ele devia ser um mala de primeira classe.

Magu foi comprar um milho de uma velhinha toda enrolada que não sabia ler nem mesmo o valor das moedas, e quase perdeu a venda quando olhou um monte de moedas na mão, não conseguiu contar e disse ao freguês que não tinha troco.

Magu apontou pra sua mão, contou mentalmente, e insistiu, fazendo a operação. A Velhinha disse rindo "É mesmo!" Mexeu meia hora nos milhos até dar um bem grande pra Magu, que reparou que o milho estava semi-cm.

No silêncio do casal Magu começou à imaginar que era um grande moinho de farinha, com suas duas enormes rodas horizontais girando em paralelo, uma por cima da outra, moendo quilos, não! Toneladas de milho por minuto! Recarregado automaticamente pelo enorme duto de entrada de grãos, vazão cem por cento. Da máxima capacidade, ao vento que movia às pás giratórias, que por sua vez passavam à tremonha, o distribuidor, e as enormes rodas triturantes! Da rodas à enorme linha de - ensacamento, ou à granel, o milho cru! Alimento rico em proteínas vegetais e vitaminas ...

" Que nojo você comendo milho de boca aberta e mexendo a cabeça!". Foi a última frase que Magu ouviu de Ana aquela noite. Ela levantou-se e saiu andando. E Magu não foi atrás. Afinal eles iam ter que dormir juntos na combi mesmo!

O repórter mencionou alguma coisa, o baixista riu, o baterista disse que era o Magu o responsável, e todos viraram-se em sua direção. Olharam-no. De olhos arregalados!

" Não é mesmo, Magu?"

-Com certeza, afirmou ele, veementemente convicto. Mas não podemos esquecer... Assim. . .É...

-Sim? Fez o repórter

-A presença de todos e o apoio deste bando de malucos maravilhosos que é o público...

A galera foi ao delírio! ÊÊÊÊ! Vívaaa!

-Este é o irreverente Magu, que veio de Vitória, que tinha uma bandinha de garagem, que cresceu ouvindo música, e que agora nos Ma com o maior carinho!

O baixista continuou Mando outra coisa.

Magu : "por que a maior parte das discussões que os casais têm eram imbecis! Ciúmes? Não, não quero ciúmes de ninguém, é incompatível com o meu caráter, eu sou uma pessoa aberta, não dá pra entender essas pessoas que ficam perturbando as outras, eu também vou querer ter a minha liberdade ..."

"Que resultado!" brincaria Marco.

Ana saíra andando batendo os pés. Tinha ido pra perto do palco passando pela areia. Um caravão, que estava parado na praia com cinco pleibóis do Rio de Janeiro à sua volta, estava com as portas abertas, o bagageiro ídem, era sacudido pelas brincadeiras e pela batucada em seu teto. Eles bebiam litros de cerveja, jogavam os cascos na areia e berravam pra todo mundo saber que estavam felizes. Todas as mocinhas que passavam eram chamadas aos assobios. As cariocas passavam longe, já habituadas à cantadas bem mais ousadas. As filhas e as mulheres dos pescadores do local, todas arrumadinhas, não entendiam a zoeira, e passavam perto. E eles roubavam beijos, perguntavam nomes, e riam à beça. Elas riam de nervoso, ou de achar aquilo engraçado, ou só por rir...

Como aquele caso do juiz que processou duas meninas de quatorze anos por terem rido dele após um Mário tropeço, do tipo desloca peruca. Qualificado como desacato à autoridade. Duas semi-analfabetas ameaçadas de multa ou até mesmo de prisão pelo mau-humor de um juiz recalcado.

Ana passou em frente, ajeitando a saia, e ouviu uma chuva de assobios. Afastou-se, mas não muito. Aceitou uma eerveja que um deles ofereceu-lhe. Dançou ao som da música da praia, como poucas vezes havia dançado. Ao longe percebeu a silhueta do namorado, e, só pra deixá-lo com ciúmes, aceitou outra cerveja.

Nunca tanta gente reunida lhe havia dito que ela era linda. Maravilhosa. Todos brigavam por um minuto de dança ao seu lado. Os assobios comoviam-na.

Verde de raiva, a silhueta desapareceu.

Ela era uma linda mulher, aparecendo em meio à um monte de gente. Do palco, jogaram-lhe um holofote, e ela

brilhou.

Ana fumou, fez cara de mulher fatal, depois de criancinha, bebeu, e arrasou.

Por um minuto havia desaparecido toda a sua infância de interior, dos meninos que ela detestava, da terra à porta de casa, de uma adolescência namoradeira que nunca existiu. De sonhos com atores que ela nunca encontraria.

Magu deveria estar se mordendo! Bem-feito! Assim ele aprende à gostar de mim, e à me tratar bem.

O holofote procurou outras meninas para iluminar.

Ela percebeu que só tinham homens à sua volta.

Dois começaram à dançar pertinho dela. Um alto e loiro, e o outro moreno.

Ela parou de dançar na hora. Pensou na bebida que já tinha tomado. Tentou ir embora, mas sentiu dois braços por baixo dos seus imobilizando-a.

Ouviu as duas contagens regressivas, e a passagem de ano.

Um terceiro puxou seu ombro.

Todo mundo estava berrando ao mesmo tempo na virada...

Puxaram seus cabelos.

Se um helicóptero sobrevoasse à área, veria gente feliz dançando, com uma moça no meio... Feliz...

Ouviu risadas, berros, xingamentos... E vento... como se uma nave espacial viesse em sua direção. Ela olhou para o alto, e viu a nave incandescente pertinho de si...

Houve uma explosão, e o fogo de artifício espantou todos os rapazes e marcou fundo a pele dela. Seus cabelos entraram em combustão instantânea. Alguém levou ela correndo pra dentro d'água, e depois largou-a na areia, onde ela respirou.

Ali a musica havia desaparecido. As ondinhas vinham e refrescavam suas queimaduras. Milhões de navezinhas volitavam aü, em volta dela, de todas as cores... E eram tão lindas... Elas não queriam fkzer-lhe mal... Assim como os atores de novela... Que não tinham cêcê, nem chulé... Eles só existiam na tevê e na imaginação dela... Eles não queriam fazer sexo com ela... Eles só queriam se casar e ter filhos... Tomar café lendo o jornal pela manhã... Contar o dia à Ana, e ir dormir em uma linda cama envolta em protetor ante insetos...

No mesmo dia Ana foi levada de ambulância pro Rio. "É isso ai, pessoal! Agora nós vamos ter um pequeno colóquio com o Magu, líder da banda e dos nossos corações! - ÊÊÊÊÊ!

Magu teve um sobressalto e se deparou com um microfone enorme de redondo, com um quadrado à base, trazendo um logotipo brilhante.

-E ai Magu? Perguntou o repórter com um sorriso de orelha à orelha.

-Então? Continuou o repórter. -... Então...

-Então? Fez de novo o repórter.

-Então Yeahh Yeahh! Berrou Magu para o público, sacudindo a cabeça.

-Yeahh Yeahh! Respondeu prontamente a multidão que já se dissolvia no ar.

-Ah, ah, riu o repórter, mas conte-nos, Magu, de onde vem este seu apelido?

-É dos tempos de colegial, respondeu ele esboçando um sorriso...

-É vergonha do nome verdadeiro! Berrou o baterista.

-Mas qual seu nome verdadeiro?

-Magu! Magu! Fez o público.

-É, disse o protótipo de astro, ninguém conhece meu nome, por isso o apelido ficou. É só ver esse meu óculos fundo de garrafa para entender!

-Ele sobrou no serviço militar graças à isso! Interveio de novo o baterista.

-Yeahh Yeahh! Berrou o público delirante! Abaixo os militares!

-Pois é, continuou Magu acenando para os espectadores, Eu sobrei e não precisei nem ter pistolão. Vê se eu ia servir!

-Yeahh! Fez a assistência.

-Apelido de colegial? E em que você se formou?

Engenharia!

-Mentira, berrou o baterista!

-É mesmo? Disse irônico o repórter, quase desprezando-o.

-Segundo grau pra que? Interveio o Baixista.

-Yeahh, fez de novo o público, um pouco mais enjoado. A reação positiva do pessoal fez o repórter desistir do sarcasmo.

-Bom Magu, agora me diz, que tipo de mulher você prefere?

-As capixabas do interior! Desta vez quem interrompeu foi o baixista. As moças da assistência gritaram em coro, e os moços fizeram cara feia.

-E, disse Magu, a minha namorada de fé é minha conterrânea, do Espírito Santo, e ela é do interior, vêm me acompanhando esses anos todos.

Os moços da assistência riram, e as moças fizeram Ahhh...

-Tem algum tipo de música além de roque que você ouve?

-Música folclórica do nordeste, interrompeu o baixista.

-E blues, completou o baterista.

-Então você é super eclético, não é mesmo? -É…

-E você pratica algum esporte?

-Altero-copísmo, riu o baterista!

-Sexo! Riu o baixista

-É... fez Magu...

-Se você pudesse mudar alguma coisa em seu passado, para que seu presente fosse diferente, o que você mudaria? Perguntou o repórter.

-O apelido, riu o baterista.

-A namorada, riu o baixista.

- Como assim? perguntou Magu.

-Tem algo em seu passado de que você se arrependa? Silêncio geral. Deu até para ouvir o mar.

-Tem uma coisa.

-E o que seria?

- Vou lhes contar agora, o que acho que acontecerá daqui cinquenta anos se nada mudar de hoje em diante. Mas escutem com atenção:

A Confissão de Magu

Eis que o que conto hoje e a mais pura verdade, desafio quem quer que duvide a provar o contrário, e ponho minha mão no fogo pelas pessoas envolvidas. São todas pessoas humanas, e como tais têm coração.

As vezes mais coração do que cérebro, mas têm coração, e devem ser respeitadas por isso. Deus, que o sono de todos protege, que continue ele protegendo mesmo nas noites de insônia, proteja também todos os que amam, e perdoai-os, pois não sabem o que fazem.

Estamos no Rio de Janeiro, em algum ano de duas décadas atrás, na época em que se você parasse

uma menina na rua e lhe dissesse que ela tinha um andar de bailarina, mesmo que ela fosse discreta como um rinoceronte em uma loja de porcelana, ela riria encabulada, e o máximo que se perguntaria era se sua família era ou não boa família, ou se você é do tipo que fala e não faz, mas jamais teria medo de ser assaltada por você.

Oito horas da noite.

O saguão do grande hotel M* tomou-se um formigueiro onde dezenas de temos e gravatas pra lá e

pra cá cumprimentam saias e tailleurs. Alguns abrem portas de carros em frente ao prédio, outros carregam livros. Tem ainda dos que falam alto, para todos ouvirem, e tem dos que ouvem.

No encontro anual comparecem advogados do país inteiro. Eles discutem os casos do ano, ouvem e

dão palestras, trocam informações úteis, anedotas saborosas e completam a instrução de seus estagiários levando-os a tiracolo, apresentando-os.

Faro é estagiário. Faro está flertando com uma menina que deve ter o dobro de sua idade.

Jacques nunca foi de falar muito. Prefere catar os garçons para ver se descola um salgadinho. Os

garçons são facilmente identificados em meio ao redemoinho descontrolado de cabeças que não param de girar, pois garçons usam paletó branco, e além do palestrante ninguém usa paletó branco, só o garçom. Tudo gira em tomo da cabeça de Jacques, que gira ela também. Jacques também é estagiário. Jacques está prestes à pagar um mico.

Giselda, estagiária tipo feia e chata porém inteligente transborda de seu tailleur apertado, e finge não ouvir as gracinhas de Faro, o único a perceber só Deus sabe como pois ele tudo sabe e quase tudo cala para nosso próprio bem, que as axilas dela que não estão depiladas. Ela não está bêbada

porque não bebe, mas tudo o que queria era estar bêbada para esquecer que Faro não para de gozar da cara dela desde o ginasial.

Para Herculano a noite é prometedora. Ele trabalha no escritório de L*, influente advogado, e será apresentado à família N*, detentora de uma cadeia de lojas, de dois postos de gasolina e uma filha que eu vou te contar. A garota mais paparicada de Porto Alegre. Herculano implorou à Deus, que pelo bem de todos zela, que fizesse com que a mãe que lhe emprestasse o carro para aquela noite, e aquela noite ele impressionaria a família, a filha, seu L*, e, quem sabe toda a plateia? Quem sabe a cidade inteira?

Cristóvão Colombo dissera duas coisas. Uma, uma grande verdade: ele disse que a terra era redonda. A outra, uma grande besteira : disse que iria para as Índias. Assim como para Cristóvão, Deus realizou apenas um dos desejos de Herculano.

Saiu com o carro da mãe.

Herculano também é estagiário, e na verdade apenas sonha em ser chamado de Herculano. Advogado Herculano! Ou : Herculano & Faro advogados! Ou ainda H.F. Associados!

Seu verdadeiro nome é Magu, igual aquele do desenho animado que não enxerga nada, e Faro, que

lhe botou o codinome malgrado o tabelião, o chama assim desde o primário. Entretanto, desde o primário Faro já se chamava Faro. Magu implorou a todos os amigos que o chamassem de Herculano, ao menos naquela noite pois Magu Advogados Associados fica um tanto quanto exótico. Seu óculos fundo de garrafa reluzem sob o cabelo que parece penteado com goma laca.

As oito horas da noite, o Saguão se estala para fora do hotel, ocupando a enorme calçada que há até hoje ali defronte, qual massa mole e movediça, escorrendo da calçada para o asfalto, e, contradizendo a lei da gravidade, caindo da rua para cima da calçada.

Jacques quer sair para a rua, mas tudo parece mole a sua volta. O ar pastoso o envolve e penetra em seus pulmões, e como um enorme sorvete derretido sendo misturado com a calda, tudo gira, gira, gira. só que esta rua está no céu, e o céu está no chão, e o redemoinho de roupas o carrega girando para fora.

Faro também quer sair, e pede um momento a dama cujos ouvidos estão cheios de seus gracejos e de piadinhas de advogado.

Giselda também sai, pois estão todos a espera de Magu. No horário marcado eis que a baratinha da mãe de Magu desponta cintilante no fundo da rua com ele dentro. Magu dirigia o dinheiro suado de seus pais trabalhadores e esforçados, que se esforçavam em fazer de seu filho um trabalhador esforçado, custeando seus estudos, e comprando para todos uma baratinha para ir ao cinema de carro nos domingos. Sim senhor! O ibope de Magu em casa devia estar alto, pois sua mãe emprestou o carrinho!

O ibope de Magu está alto esta noite, ele, de toda a turma e o mais estudioso, e conseguiu o melhor dos estágios. Mesmo assim ele não esquecerá dos amigos de juventude, como Lilian, Faro, Simone, e até a Alessandra! Ah Alessandra! Todos seus colegas estagiários, naquela época, todos conseguiam estagiar, e por um salário interessante, e todos vieram recebê-lo à porta.

Não é que a menina mais desejada de Porto alegre também estava à porta? Ainda bem que uma vez na vida Magu disse a Susette que aquela noite era melhor ele ir sozinho, e, graças à Deus que a todos acoberta e economiza da dor, ela acreditou. Ela já tinha abandonado a faculdade de direito, então menos mal. Quando a jovem N* percebeu a baratinha ao longe só viu um vulto. O de Herculano. Quem será este jovem e promissor estagiário a quem ela será apresentada?

Magu vê o vulto substancioso de Giselda lhe fazendo sinal com a mão. Vê também Jacques tentar levantar o braço. Vê Faro olhando as donzelas ao seu redor.

Herculano se prepara para fazer a curva. Segura magistralmente o volante com uma das mãos, e com a outra cruzada se prepara para puxá-lo firmemente. Vê o público chegando mais perto, e enfim puxa o volante e o veículo vai para a direita, sobe em cima da guia tão violentamente que a roda da frente e a de trás parecem subir na calçada ao mesmo tempo. E o pior a guia é dividida em dois por um canteiro cercado destas gradezinhas verdes decorativas com vários ferrinhos apontando para cima. De um golpe de volante para esquerda ele arrasta toda lateral do carro e em um barulho estridente silencia a turba conversante. De outro golpe para direita Magu conseguiu estourar um pneu atras do outro nos pinos e, parou enfim no meio da guia, entre pétalas de flores e folhas voadoras.

Faro tentou resistir. Pensou na promessa. Não aguentou. Quebrou o novo silêncio com uma sonora risada. “Magu, Magu!!!”. Todos riram debaixo dos bigodes, exceto Jacques que parecia enfim curado do porre. A jovem mais mais de Porto Alegre sorriu.

O manobrista do hotel até tentou encorajá-lo dizendo que aquela guia. era F*, que eles tinham acabado de repará-la uma semana atrás. Faro já explicava que a guia tinha pulado na frente do carro, que se poderia abrir um processo contra ela. Ele ate conhecia um bom advogado.

Eu até lembro de como esta noite terminou: Giselda aprendeu valiosas informações que lhe valeram ótimas notas, mas ela não passou na prova da OAB, a famigerada prova que impede tantas boas almas de exercerem com dignidade seu ganha-pão, protegendo aquele que se tem de proteger, acusando quem se deve de acusar.

Jacques abandonou a faculdade, ninguém sabe porque, e nunca mais o viram ou ouviram falar dele.

Herculano lembra até hoje como o chamavam quando era pequeno. Ceguinho, não achava ninguém e era sempre o primeiro a ser achado. Mesmo que a infância não tenha sido a pior de todas, nenhuma surpresa boa trouxera. Em compensação casou cedo. Sua mulher o acompanha até hoje, servindo-lhe comida na hora do almoço, mandando e desmandando na velha empregada. Sua mulher não sabe que apesar dos pesares, como nada pode ser totalmente bom nem nada pode ser totalmente mal, aquela noite, a jovem N* gostou de Magu.

Susette, fazem alguns anos, fê-lo despedir sua secretária, esta mesma jovem N*, um pouco menos jovem. Mas esta, ao contrário do costume, além de bonita era também boa. Ah! Sim, também boa funcionária. Mas não funcionaria no costume da esposa de Herculano que era o seu contrário.

Herculano já perdia os cabelos, tendo que passar gel e penteá-los de lado para que cobrisse o cocuruto, e ele continuava à engomar mesmo sabendo que todos sabiam que ele na verdade ficava a cada dia um pouco mais careca. Ele já perdia os cabelos quando fora transferido para terceira vara criminal e começou a receber diariamente dezenas de processos sórdidos repletos de fotos escabrosas e de descrições tão cientificas quanto mórbidas.

Entre tempo, sua amada não perdia os cabelos mas precisava tingi-los pra que se parecesse com uma senhora de cabelos tingidos, mimada por uma vida inteira de aposentada, começou também a dedicar-se a atividades que pudessem preencher o enorme vazio que sempre vem no meio da tarde depois do almoço. Ia pro comitê de solidariedade regularmente fazer o bem para a sociedade tentando transformá-la em algo onde mulheres do lar que tinjam cabelos e precisem preencher o vazio da tarde depois do almoço possam ajudar alguém. Fundara a associação das mulheres de magistrados, que deveria chamar-se de mulheres desocupadas de magistrados, onde se encontravam regularmente para o chá e para ajudar aos filhos de Deus desamparados. Por falar nele, é Graças à ele, que a todos protege, que continue ele a velar nosso sono, nem metade das mulheres de magistrados são como ela, mas ela enchia os ouvidos de Herculano com direitos das crianças, com chacinas na candelária, com a violência policial, com a miséria que a todos atribula, como que ele e feliz por trabalhar apenas quatro dias na semana, que ele tinha lutado e tinha vencido, que todos deveriam poder vencer.

Seu marido que tanto orgulho sentia de ser juiz! Que tanto havia estudado. Que levava tantos processos para casa aos finais de semana, que engolia aquele monte de crimes horrendos até aos domingos para dar conta dignamente de cada um deles. Que os digeria diligentemente com um copo de vinho. É verdade que não era mais um garoto. O tempo passara tão rápido. Talvez pela primeira vez ele estivesse sentindo o peso dos anos. Ele já não tinha mais o mesmo estômago, a mesma disposição. Não mudaria nada que a secretária estivesse ou não em seu gabinete, não lhe faria nada.

Mas Susette prefere não fazer como a esposa de Faro, que parece não perceber seus deslizes.

Olhando pela janela de seu gabinete viu chegar o caminhão dos repórteres, mas preferiria não ter visto. Ajeitou o óculos. .. Ainda era o Magu! Riu! Quanto tempo não lembrava deste apelido... Era divertido... Sentou-se calmamente em sua escrivaninha, puxou uma cigarrilha, e tateou o bolso atrás do isqueiro. Levantou-se, retirou a toga e viu-se poucos metros adiante imitando seus próprios gestos. Chegou para perto de si mesmo apertando a gravata. Olhou-se no espelho e viu que desarrumara seus cabelos. Puxou um pente, ainda de cigarrilha na boca, respirou e ajeitou a mecha cinza. Tocou a ramal da secretária. Feia e burra. O que levava uma mulher com mais de vinte anos de casamento ser tão insegura? Por que é que agora era ele a pagar o pato? Em vinte anos ele traiu Susette uma vez apenas. Uma única vez. Se arrependera tanto, tanto, mas tanto que nunca mais repetira a dose.

Sabe o que a jovem N* fez com ele? Acabou com a sua energia inexperiente em poucas horas. Logo no início ele não conseguiu segurar, não sabia como fazer... Ela? Bem... Ela não fez nada... compreendeu e pronto. Tem mulheres ricas que também têm bom coração! Deus sabe, que continue ele sem revelar tudo o quanto sabe para a nossa discrição, que o clichê que pobre é honesto e loira é burra, não passa de um infeliz clichê. Mas acontece que Herculano ficou tão encabulado que se torturou anos por não ter feito como se deve... E bem... Ele também ama sua esposa! Fazer o quê? Existem ainda, graças a incomensurável misericórdia do insuflador de almas, homens que amam suas esposas. Herculano é um deles, que continue o divino a crer em nós e nos proveja com vida

O telefone continuava a tocar insistentemente. Herculano olhou o velho aparelho com o canto dos olhos. Que diachos poderia ela bem querer? Por que é que o tribunal ainda não mudou este arcaico sistema de telefones? Se qualquer microempresa que se preze tem um telefone de botões que liga direto, com viva-voz e sistema interno, por que é que o tribunal não poderia ter? Herculano resolveu fingir que não estava em seu gabinete. Encarou o espelho uma vez mais. Deixou tocar, e o telefone tocou, tocou.

Começando a impacientar-se, olhou melhor o telefone. Era a ramal interna.

Será que era Faro? Que poderia bem querer àquela altura o juiz Faro? Com insigne e carteira ao bolso, cabelo penteado engomado - ele tinha cabelo - temo azul e arma embaixo do paletó este fazia mais o estilo capitão Nascimento do que Magu fazia o estilo Dany DeVito . Fazia um tempinho que não se viam, aliás.

Faro chamava Herculano de Magu quando eram pequenos. Até na faculdade parecia ser o último a lembrar-se do codinome. Faro cursara a federal como ele! Passaram o concurso para juiz com poucos anos de diferença. A quanto tempo conheciam-se! Era só olhar para Faro, o modo em que o tempo havia passado para ele, os sonhos que deixaram para trás, para lembrar-se que também não era mais garoto. Faro, Faro, meu grande amigo Faro, tem certas coisas que ninguém além de nós sabe, nem mesmo nossas esposas... Meu grande amigo... Teve dois filhos. Dois maconheiros. Só eu sei porque é só para mim que você vomita regularmente todas as vicissitudes de sua vida. Para as menininhas dos botecos você prefere desfilar com seu brinquedinho de caubói e dar uma de poderoso chefão. Para elas não tem mais do que umas boas gargalhadas.

Herculano achou enfim seu isqueiro prateado com um cavalo gravado. Adorava este animal. Em Itaipava não deixa de montar. Há quem goste de cães, há quem goste de gatos... Ele gostava de cavalos. Galopava nas estradas de terra. Era saudado por todos da cidadezinha. Ele também saudava. Era o dono do local. Um juiz sempre é respeitado. Sobretudo, o que ele gostava, era de estar longe da confusão, do stress... Eu sim, sou um verdadeiro caubói, pensava ele, não preciso de armas. .. Monto e desmonto...

Sua ramal continuava a tocar. Olhou uma vez mais pela janela e viu chegar também o camburão com dezenas de agentes de preto e quépi. Quanta elegância! Aqueles uniformes não são como o da polícia militar... bonés azuis... vulgares... Aqueles uniformes são sóbrios. Usam quépi. Têm

compostura!

Saiu o empresário algemado.

Correram-lhe atrás a comitiva de repórteres, fotógrafos, assistentes, seguradores de fio... Como se chamam mesmo? Aqueles que seguram o fio de uma câmera? Cableman? É uma palavra Inglesa... Eu gostaria de voltar a estudar Inglês. E uma língua bem interessante. Susette diz que é a única língua no mundo com a qual você pode tratar a rainha da Inglaterra da mesma maneira que você trata um garçom. De "you". E poesia inglesa? Só não é mais bonita do que a brasileira...

Ascendendo sua cigarrilha ouviu o toque insistente. Ao menos poderia ocupá-la enquanto cuidava de seus assassinatos tranquilamente.

O telefone não parava de tocar. Será que esse pessoal não se toca que ele poderia estar no banheiro?

Na cozinha? Em qualquer outro lugar? Por que tanto insistir?

Ofegante, atendeu com uma violenta dedada e um "Alô" nada usual.

" Chegaram."

Bateram o telefone. Herculano afastou o fone do ouvido pois o barulho que faz um telefone quando é posto no gancho e ensurdecedor, ainda mais quando se tem de aumentar o volume para ouvir com nitidez o outro lado da linha. Recolocou o seu no gancho lentamente. Abriu novamente o dossiê contendo fotos do executivo. Olhou a foto e quis comparar com o que chegava da rua, mas este já tinha entrado no prédio.

Um executivo de uma poderosa multinacional. Um crime hediondo. Uma tentativa falha de suicídio.

Fotos, fotos e mais fotos.

Pela primeira vez em sua carreira Herculano emocionou-se de fato. Não queria encarar este executivo. Já encarara tantos outros, e tão piores... Mas este... Logo este...

Aquela manhã encontrara Faro. Um tempinho que não o via! Em plena forma... de pera! Engordou.

Ele era tão elegante... Cabelos brancos... Parecia agora um segurança de porta de boate. Eu não envelheci assim tanto! Não é possível! Você olha uma foto minha agora e uma de dez anos atrás eu sou o mesmo... Não mudei! Apenas o cabelo caiu! Faro me desculpe, mas ele não conseguiu esconder a surpresa ao vê-lo. Faro admitiu... Compreendeu o espanto de seu amigo.

- Não sei Herculano... Fui trabalhando e comendo o que eu sempre comi... Mas de uns três anos pra cá engordei sem parar...

Herculano sentou-se, e, a contragosto chamou Giselda, a secretária. Para seu desgosto, esta atendeu.

De boca cheia de biscoitos creme cracker e sotaque carioca puxado: "Oi'?". Não apenas "oi", mas "uoai'?".

Por que não dizia sim? Por que não dizia pronto? Pois não? Ou que não dissesse nada! Mas Uôôaaiii?

O Brasil não era assim antes. Te juro que não! As pessoas todas tinham cultura. Ele mesmo viera de colégio e universidade públicas e já tinha ouvido Bach e Beethoven sabendo que eram compositores diferentes! Conhecia o trabalho de Van Gogh! Sabia qual era a capital da Áustria!

E a bossa nova? Está se transformando em uma pouca-vergonha! Não se houve mais Ary Barroso, nem mesmo Chico Buarque. Danças imodestas, obsenas. Susette falava de arte popular. Elogiava os manifesto das classes menos abastadas! Eu não! Só porque foram os pobres que fizeram significa que é bom?

Mas pela primeira vez...

Pela primeira vez engoliu os próprios pensamentos... Quem sou eu para julgar quem quer que seja? pensou. Pigarreou e pensou.

A porta de seu gabinete veio abaixo empurrada por uma onda gigantesca incontrolável que o arrastaria encolhido atrás de sua mesa. O mar havia transbordado! O efeito estufa fez derreter as calotas polares! O holocausto nuclear a fome a peste a guerra a cizânia e agora a morte entravam em uma onda dantesca e iriam levá-lo ao supremo tribunal. O tribunal além-tumba, Deus nos acuda nesta dramática e inevitável instância.

Herculano protegeu-se encolhendo os braços em posição fetal.

Faro, como sempre esquecera o semancol em casa e apareceu em um estrondo, com sua escultural estagiária qual boneca de porcelana pendurada ao pescoço. Sim Herculano, eles estão chegando, você viu? Não?

A estagiária ri ao ver Herculano embaixo da mesa após o homérico susto. Ri do seu cabelo engomado que agora parece a vela empinada de um barco, e agrada Faro com seu riso de gralha.

Sua minissaia mal esconde suas vergonhas, e o batom que passou na boca e no pescoço de faro será sem dúvida descoberto esta noite ainda pela esposa dele.

Herculano não tem palavras para demonstrar o quanto ele esta se lixando para sua nova barbie, para seus filhos maconheiros e artistas, aqueles que ele próprio teria mandado para o xilindró poucos anos atrás caso pudesse.

- Você nem sabe florzinha, desembestou a falar o Faro, pelo que eu e este louco passamos na faculdade! aula de necrologia: na hora em que o professor começa a mostrar os órgão passíveis de putrefação o cadáver sabe o que?

Risos e risos.

- O tal do defunto se pôs a urinar!

A estagiária parece fascinada pelas abobrinhas que Faro debita em seus ouvidos. Ela dá pulinhos e gritinhos, sorri, faz “ohl É mesmo?”

Faro mostra propositadamente sua arma a cada gesto que faz arregaçando o paletó, puxando os suspensórios e rindo, curva-se ligeiramente para trás mostrando as gengivas.

Herculano sentiu seu estômago revirar-se bruscamente... aquele cadáver... que graça tinha? que insensato prazer mórbido em falar de mortos? em ver suas fotos nas laterais das bancas de jornal antes de ir para o trabalho? este besteirol em série divertia aquela menininha de vinte anos, que poderia ser sua filha!

Herculano nunca tivera filhos! Poupou-se do desgosto de ter um dia uma filha como a mãe daquela estagiária tivera. Herculano estudaria Inglês com um jovem professor e aquele só lhe bastaria como filho. Lhe daria dinheiro mensalmente, como se deve para um filho, e não teria aborrecimentos. Divertiria Susette na hora do almoço duas vezes na semana e depois almoçaria com os dois.

- A saponificação você sabe o que é, bom-bom?

Não, não, dizia ela interessada. Provavelmente veria isto também cedo ou tarde na mórbida aula, mas ele adiantou a aula: “É o que se sucede com os gordinhos tipo o Herculano quando são desovados em lugar úmido!”

Risos, risadas e risinhos.

- Que pepino este que foi para na sua mão, hein, meu velho!

Aí é que a Eliana se contorceu em meio às risadinhas. Que abacaxi hein, Herculano? Sabe o que fez este executivo? Ele vai é direto para o xadrez, não é Herculano? Olha só quantos repórteres, Herculano, quantas câmeras... Como e que se chama mesmo o cara que segura o cabo? Que segura o cabo! Sentiu? Segura o cabo?

Eliana dava pulinhos! Afinal o Herculano é amigo de décadas de Faro, e ele disse que em seu gabinete estava tudo liberado... Pode falar o que quiser! Até dos chopes na quinta feira à noite, já que sexta não trabalham, salvo Herculano que segue sempre trabalhando em casa...

- O Herculano já contou da Lilian? Já? Lembra também da Simone?

Lilian, Simone, seu filho da mãe... Como é que eu poderei algum dia esquecer... Foi nesta época que ele casara com Susette.

- Feijão com arroz todo dia enjoa, Herculano, perguntou Eliana com uma cara de ovo frito cuja gema se desfez e tostou demais pelo lado. A pivetinha tinha até espinha que Faro nem devia ter visto. Se ele que não enxergava direito viu, o Faro com seu faro nem sentiu. O divino provedor fez-nos que só vemos o que queremos, siga ele querendo-nos bem.

A mesma onda louca que passou arrastando tudo em seu caminho levou embora Faro e sua barbie antes que Herculano pudesse responder à altura. Neste mesmo momento tocou uma vez mais sua ramal interna. Ainda arrumando seu cabelo despenteado e tentando desajeitadamente ascender sua cigarrilha, teve de ouvir a voz de Giselda anunciando Faro e sua estagiária.

Herculano desligou sem agradecer e suspirou a fumaça doce do tabaco de Havana, tragou apenas o suficiente para esquentar seus pulmões e soltou lentamente o carrilhão gasoso. Um ou dois anéis de fumaça coroaram a deliciosa e revigorante tragada, subindo rumo ao infinito.

Relaxou.

Olhou pela janela e viu agora uma multidão de curiosos, de bóis matando tempo de serviço e tantas outras faces desconhecidas interessadas no que será feito do agora detento executivo. Os guardas de quépi quase perdiam a compostura para segurar tanta gente.

Faro e Herculano. Há tempos, lembrou ele, dizíamos Faro e Magu. Após as aulas de sexta à noite costumavam sair com duas garotas, onde no apartamento de Faro pintavam e bordavam. Talvez não tanto quanto bordasse Susette hoje em dia, mas bordavam. As duas donzelas eram rameiras, da vida.

Herculano ensinava à Faro a arte do romance ajoelhando-se frente à sua amada por uma noite, declinando-lhe centenas de versos ao ouvido enquanto lhe oferecia flores.

“Meu amor para

sempre o com ardor

da paixão Saiba,

Pertence à ti meu coração,

e quis dedicar-te tal regalo

pois que toda magia que vi nesta rosa,

vejo agora em teu rosto.

Não ofereço flor a uma flor

já que tu, de todas as flores

és a mais..."

- Cheiiirroousaa!! o Magu! Como conseguiu decorar esse monte de bobagem se nem ler consegue sem os óculos?

Herculano não ria, e nem a donzela com quem ele estava. Lisonjeada, ela por uma noite também, toda sexta feira. encontrava seu príncipe encantado, e se deixava levar pelo louco amor de Herculano, e por uma parte de sua mesada, já que Deus, que siga sempre provendo a todas as suas criaturas, não as provê todas por igual, então suas criaturas as vezes têm de dar um jeito.

Faro por outro lado nunca teve sorte com o amor, mas teve com as mulheres.

Seu casamento não deu certo. Seus filhos são todos maconheiros. Por que é que então ele sai com todas as estagiárias de vinte anos e eu nem mesmo minha mulher consigo mais levar para cama?

Seu estômago revirou-se em meio as suas entranhas. Um enorme vazio se fez a sua volta. Teve vontade de ir ao banheiro, mas novamente foi interrompido pelo telefone, ao mesmo tempo em que sua obesa secretária invadia seu escritório.

- Vai atender desta vez, ou vai continuar fingindo que não está?

Herculano fixou Giselda desconcertado, criança pega roubando biscoito.

- Veja só esta gravata. Eles não ensinam à dar nó de gravata na universidade? Deixe-me dar um jeito nisso. Assim! Veja como está melhor!

Herculano viu seu ego no espelho em frente e endireitou as costas para parecer menos barrigudo.

Tragou novamente e segurou a cigarrilha entre o polegar e o indicador como um verdadeiro caubói.

- Ajeite esse cabelo Herculano! E quando fumar não faça isso na cara dos outros que é uma tremenda falta de educação.

Giselda colocou seu cabelo como deveria estar o cabelo de um juiz. Terminou de ajeitar o terno dele, deu uns tapinhas para tirar as bolinhas. Prooontuuu... Recoloque sua toga, já é a segunda vez que você tira! cada vez que tem um julgamento importante é a mesma coisa. Não precisa atender o telefone. O detento já está chegando neste andar, viu? Estou ouvindo daqui o bafafá. .. Que problema, hein, Herculano?

Giselda foi-se. O telefone enfim parou de tocar.

Como se fosse um poncho mexicano, Herculano vestiu a toga pela cabeça derrubando a guimba de sua cigarrilha. Não podia queimar sua toga preta feita por um tailleur português em Coimbra!

Riu sozinho! Por essas e outras ele era o Magu! Bateu as cinzas do fino tecido olhando a janela pelo espelho. Lá embaixo a confusão já tinha acabado. Estava toda agora em seu andar.

Star Treck : capitão Quirque entra em um feixe de luz e é desintegrado! Reintegra-se

automaticamente na superfície de qualquer planeta que estejam explorando. Apareceu ao lado da imagem de Herculano no espelho. Com capacete, pistola de raio lazer e até microfone! Que susto! De um salto apavorado bateu com a coxa no canto de sua escrivaninha. Doeu pra burro. Mas não chegou a rasgar sua toga feita em Portugal. Apesar de Giselda ter a ordem de expulsar todos os repórteres, do nada este materializou-se ao lado de Herculano e não conteve as risadas ao ver o susto que levou o juiz. O coração saltava-lhe a boca. Respirava com dificuldade. Despenteou uma vez mais suas mechas encanecidas.

Pôs a mão na coxa. Ali far-se-ia um roxo. Poxa! Fez em um muxoxo...

Aquele repórter pelo jeito já estava careca de saber que se driblar a vigilância da secretária e entrar

pela sala do julgamento acederá sem maiores problemas ao gabinete do juiz, como aliás todos os repórteres que parasitam o tribunal. Quanto mais se a porta não estivesse trancada. Como e que não se lembrara de trancar?

Ao ver a insigne da maior rede de televisão do país e a luz da câmera piscando indicando que a dita cuja estava ligada ele pensou que devia estar ao vivo, e duas vezes antes de xingar o pela-saco.

- Estamos aqui ao vivo com o juiz Olavo Herculano Medeiros que hoje julgará o caso Jota Júnior.

Enfiando o microfone no nariz do juiz, o repórter enfiava o microfone no nariz do juiz desconcertado.

Não há o que dizer! Vai ver que é por isto que, aparentemente, Deus fala tão pouco.

- Quais as possibilidades, senhor juiz, de Jota Júnior não ser condenado?

Enfim alguém que falava sua língua. A língua dos magistrados. Subitamente a vontade, Herculano pôde falar.

- Bem... É imperativo analisarmos cuidadosamente o dossiê. Trata-se decerto de um homicídio qualificado, mas apesar de todas as evidências apontarem para o acusado...

- Todos vimos diante das câmeras as barbáries cometidas por Jota Júnior que esquecera do circuito interno de televisão de sua firma. quanto atracou~se feito uma besta à vítima!

- com certeza. O que quis dizer e que seu advogado alega por um lado que é alguém de profundamente traumatizado em sua infância, que só deu certo após ter emigrado em condições deploráveis e sua sanidade está em questão...

- Este alguém, se é que se pode chamá-lo de alguém! O povo clama por pena de morte...

Foi dizendo enquanto o câmera filmava pela janela de Herculano o movimento. Como é que ele não havia notado antes todos aqueles cartazes e tantas pessoas clamando morte! Morte ao assassino! Viva a pena de morte!

- O senhor é contra a pena de morte?

Esta pergunta não seria respondida por nenhum juiz em sã consciência, quanto mais ao vivo diante das telas de tevê do país inteiro...

- O povo clama por justiça, senhor Herculano, o senhor sabe?

- Decerto que sim! A justiça será...

- Qual exemplo dará a justiça em casos como este, a vergonha de nosso povo!

- Não esqueçamos que ele é estrangeiro...

- Quando se trata de largar tudo e fugir, sua nacionalidade é um empecilho. Agora, após o ato consumado, lembra-se que é de outro país? Este foi o plantão especial da tarde, fiquem todos ligados no decorrer desta trágica aventura.

- Corta!

- O senhor foi perfeito, senhor Herculano. Simplesmente perfeito!

Herculano viu a luz da câmera parar de piscar, e quando ia xingar o repórter com todos os palavrões que conhecia em Português, Inglês, o que fosse, foi interrompido pelo telefone que tocava. Voltavam agora todos para a Enterprise, com o mesmo raio desintegrador que os trouxera. Deus queira que eles se desintegrem de vez no meio do caminho, vociferou o juiz, o bom Deus que a

todos perdoa, inclusive aos advogados e aos jornalistas, que continue ele perdoando-nos se conseguir!

Vociferou uma segunda vez ao telefone, “o que é agora?”

- Só queria avisá-lo, Herculano, que não consegui conter os repórteres das rede Globetê. Devem chegar à sua sala a qualquer momento! Bip, Bip, Bip.

Como queria ter batido o telefone bem forte na cara dela, mas Giselda já estava mais do que acostumada com o relacionamento que tinham os dois. Fora mais rápida.

Quando ainda era o Magu, pensou ele ajeitando o cabelo sentado a sua mesa com a mão na coxa dolorida, andava com um livro de Hegel à axila, e o código penal na mão. Ainda tinha cabelos quando encarava Susette diariamente no ônibus das nove. Um intelectual, pensava ela!

Herculano trancou as duas portas e pensou que ainda poderia permitir-se alguns minutos de sossego antes do julgamento. Sentou-se à mesa. Levantou novamente para pegar outra cigarrilha. Sentou-se. Levantou-se para retirar o fone do gancho. Sentou-se. Olhou demoradamente pela janela e viu a turba enfurecida, sedenta de sangue. Ouvia de longe os gritos dos mais empolgados: “Viva a pena de morte!” Será. que já não bastava um crime hediondo para ainda cometer-se outro? Desta vez com os olhos vendados da justiça a segurar sua balança?

Nas verdade nem Herculano sabia se Jota Júnior merecia ou não morrer. Se merecia ou não passar o resto de sua vida já destruída em uma cela superlotada. Quem pode julgar, se nem Jesus julgou Maria de Madalena? Quem é o derradeiro juiz? Que tipo de direito mórbido lhe dera Deus, que ele continue a velar por nós, de julgar nossos semelhantes?

“Uuôôaaii'?” Repetia Herculano mentalmente olhando a janela, tragando, recolocando o fone no

gancho, vestindo sua toga, passando a mão na coxa dolorida, ajeitando o cabelo, pensando que agora não era mais o Magu porém o juiz Herculano, apagando a cigarrilha.

Só havia em todo curso de direito uma pessoa que não ria de Herculano ao ver as fotos. Ele se chamava Jacques.

Bravo! Bravo! Eles um dia se formaram! Eram todos advogados! Faro abraçava tão calorosamente seu amigo! Faro, Faro! Nós até nos formamos no mesmo ano! A festa foi de arromba, e Faro sim me mostrou o que é sair com mulher bonita! Faro, seu porco chauvinista, já me perguntou por que é que eu não tenho estagiárias...Se eu fosse mulher não sairia jamais com alguém como você... Mas eu acho que as mulheres no fundo preferem caras como você... Faro, você é o fetiche das mulheres, você pensa que come, mas você é a cada dia mais comido...sugado. .. De você não sobrará nada, pois tudo lhes terá dado...

E de Herculano, o que restará? Tudo aquilo que não deu.

Herculano preparou-se para abrir a porta de seu gabinete, aquela que dá para a sala de julgamento que ainda deveria estar vazia. Flash Gordon passou-lhe por cima com sua nave extraordinária, levando tudo consigo, papelada, toga, cabelo escrivaninha. Nada poderia segurar sua incrível velocidade, nem mesmo a ânsia de Herculano em fechar novamente a porta...

OexecutivonemperdeutempofalandocontornadopoisjásabiaqueotempoeracurtosejamosfrancosHerculano, Herculano, ora Herculano!!! você sabe Herculano, que se você quiser resolver sua vida de uma vez por todas, esta é a ocasião, não sabe? sabe a conta que te espera na Suíça, não sabe? que tal aquele chalezinho em uma praia de porto? você não precisa fazer muito... Flash Gordon foi-se. Foi-se, foi-se que já nem se o vê mais em meio àquele povo todo que já está na sala de julgamento

apesar de Giselda ter ordem estrita de não deixar nenhum invasor interplanetário entrar antes da ordem do juiz...

Mas ceguinho, Herculano não seria nem capaz de reconhecer o tal executivo. Flash Gordon sumiu, mas uma quantidade enorme de repórteres acuou o juiz à porta, descabelado como estava. Se não fosse Giselda a puxá-lo para dentro novamente ele ficaria desconcertado à porta com cara de batata.

Herculano respirava com dificuldade. O ar parecia uma lixa seca a raspar-lhe os brônquios. A coxa dolorida agora latejava, e seu estômago revirava violentamente o magro café da manhã. Sentindo o que iria ocorrer em poucos segundo caso ele não fosse levado ao banheiro Giselda o carregou até onde pôde. Não deu pra evitar que o vômito azedo atingisse o tapete, mas deu pra evitar a toga e o terno.

- Olavo, você está emocionado, dizia ela vendo-o de quatro com a cara na privada. Como tossiu Herculano. Engasgou. Mas o tapa que sua secretária lhe aplicou nas costas o desengasgou.

- Olavo. Vamos. Limpe-se. Não se Apresse. O mundo não vai acabar. Me dê seu braço, venha. Aqui, olha na torneira. Lave as mãos...

Na agonia pela qual passava naquele momento, só conseguiu balbuciar umas poucas palavras...

- Estou ficando velho, Giselda. Não sei o que seria de mim sem você...

- Que isso, Olavo... Venha tomar um copo de água com açúcar...

Herculano a via agora tentar limpar o tapete emporcalhado. Ele estava limpo. Já respirava melhor. Sentou-se, e quando ia puxar uma cigarrilha foi interrompido por Giselda.

- Chega de fumar. Você já passou mal o suficiente por hoje.

Magu começara a fumar no banheiro do colégio com Faro, quando Jacques lhes dava cigarros vagabundos. No primeiro trago Herculano passou mal, e, para a graça de Faro vomitara ali mesmo. Faro o ajudara, como sempre fizera sempre que o amigo precisasse. Mas não parava de rir um só momento. Jacques, sério, não parou de fumar seu cigarro. Apenas olhava a cena. Fora o primeiro diálogo que tiveram os três juntos.

- Da próxima vez vamos convidar as meninas para virem fumarem conosco, assim dizia Faro animado!

- É uma ideia, respondia-lhe Magu, mas quem?

- As duas novas do colégio!

- Quanto anos têm?

- São mais velhas que você de um ano. Têm catorze anos! O Jacques só ficava calado. Eu disse que tinha sido o primeiro diálogo? Houve um diálogo, pois que só Faro e Magu falaram. Jacques só fazia sim com a cabeça.

Na semana que veio em seguida, não é que Faro convencera mesmo duas meninas a irem ao banheiro dos meninos com eles três para fumarem? Vanessa e Alessandra. Fumaram, fumaram até ficarem enjoados. Vanessa aceitara ficar de bom grado com Faro, que ficara de estômago revirado ao beijar uma menina com um bafo de cigarro tão forte. Jacques fora para onde tinha uma privada, e, de tanto insistir convencera Alessandra a ir atrás dele. Trancou a porta e disse que se ela gritasse ia ficar muito chato pois ia aparecer o inspetor e ia sentir o cheiro do cigarro. Ela se assustou, fez “mmmm”, e fez “quero sair”.

Apesar das aparências, Jacques não fizera mais do que obrigá-la a fumar, e, vendo-a verde, com cara de doente deixou-a sair.

Magu que espreitava na porta se chegaria ou não alguém sentiu um certo desconforto com a maneira que Jacques fazia as coisas. Alessandra foi embora tranquilamente.

- Nunca mais essa guria vai dar mole pra mané, fez Jacques apagando a guimba.

Giselda repenteava agora os cabelos de Herculano, e perguntou-lhe em que poderia bem estar pensando.

- Nós só nos conhecemos na faculdade, não é mesmo Giselda?

- Só, Olavo, só.

- Queria ter te conhecido antes.

- Uau! Após doze anos batendo o telefone na minha cara é só agora que você vem me dizer isso?

Giselda nunca casou. Giselda, é feia, mas não é culpa dela. Os feios também são criaturas de Deus que tudo fez, que não se arrependa.

E você Faro, que tanto diz que não importa o físico, só o espírito, que tanto ama suas dezenas de amantes, se elas fossem gordas e desdentadas, você continuaria gostando delas? Será que o seu próprio corpo que agora envelhece não vai ser a causa da sua solidão? Ou será que suas estagiárias serão sempre suas rapinas particulares? Será que sua barriga que cresce cada dia que passa não é reflexo de sua personalidade tortuosa e desequilibrada?

- Você vai Olavo, ou mando dispensar todos e adiar o julgamento?

- Eu vou Giselda. Quanto antes acabarmos com isto melhor.

Herculano levantou-se lentamente. Um agente de preto vestido aguardava a ordem de mandar vir o réu. Jota Júnior esperava sentado, impávido. Não olhava em volta. Segurando a pasta aberta do processo, a través do vidro sujo da porta que separava seu gabinete da sala onde estava o executivo, o juiz tentou ainda comparar o que estava ali sentado com o hediondo assassino das fotos. O que tinham em comum as duas imagens que Herculano tinha debaixo dos olhos? O que aquele homem de olhar inexpressivo e calmo, quase doce, poderia ter em comum com o demônio que se atracava a uma mulher desfigurada, violentando-a enquanto extirpava-lhe a vida? A que sórdida transformação estão sujeitos os homens sob impacto das força de sua própria natureza? A mesma natureza que lhes faz crescerem pelos ao rosto, unhas aos dedos, e tórax de gorila? E o que será que os distingue de fato dos animais?

Herculano voltou-se em direção à janela. Chegou a hora. Abriu a porta majestosamente, e avançou mecanicamente em direção à cadeira que ocuparia durante o julgamento. Todos levantaram em sinal de respeitosa reverência, e a sala toda encheu-se de estrelas coloridas. Estrelas brilhantes que ofuscavam Herculano em seu caminho reto. Dezenas, dezenas... O juiz chegou a seu lugar já acostumado com a salva de flashes.

Repetiu o texto que sempre repete quando abre um seção, e a declarou efetivamente aberta. Apresentou todo mundo. Mandou vir o acusado. O oficial de uniforme preto balbuciou algo em seu Walkie-talkie e em poucos segundos a assistência pôs-se a murmurar. Dos murmúrios vieram palavras mais altas e mais fortes. Em questão de segundos começaria um rebuliço caso o martelo firme de Herculano não silenciasse a turma. As pessoas são tão suscetíveis, pensou ele... Tão suscetíveis... O promotor pôs-se a falar... duas horas de ladainhas que todos estão carecas de ter visto pela tevê.

Quando depois de tanto terem estudado, passaram o vestibular e estavam todos na faculdade! deram uma sorte incrível segundo Faro, à qual Herculano não achava explicação coerente. O paraíso de Juan de Marco! O inferno de Mister Butterfly. .. Estavam numa turma onde haviam dez homens para quarenta mulheres. Faro! Como você zoou com estas meninas! Elas todas se revezavam para

se apaixonar por você! Elas todas se contavam seus feitos e se instigavam! Discutiam o que você tinha feito nos finais de semana! Riam de seus palavrões... Você sempre foi grosso... Talvez elas quisessem ouvir seus palavrões?

Magu, de seu lado, logo no terceiro semestre, carente como sempre era seu gênero, começou a querer resolver-se. Mas era profundo demais... Se perdia em longas discussões filosóficas. amores mal resolvidos, fossas e amizades duradouras com mulheres... E sexo que é bom, nada!

Tinha a Lilian, tinha a Simone e tinha a Susette, logo neste primeiro semestre. Lilian aos dezenove tinha um noivo mal resolvido. Simone era uma loira escultural, tinha muito mais dinheiro do que Faro e Magu juntos, e Susette tinha um pai possessivo.

Magu andava sempre com um exemplar de Hegel à axila. e era ate capaz de citar trechos.

Para as três Magu jogou verde. Começou com a Lilian. Tomaram-se amigos rapidamente. Lilian lhe apresentou o noivo, e jurava de pés juntos que jamais o trairia. Magu falou da liberdade sexual, de prazer, de amizades coloridas, jogou mais uma cantilena só pra ver se chegaria à algum lugar. No entanto enjoou rápido da brincadeira a qual provavelmente não surtiria resultado. Na verdade ele queria apaixonar-se perdidamente, e mesmo que passassem uma noite juntos provavelmente não iriam adiante. Ah! É importante assinalar que Lilian era uma gostosa, Deus me perdoe, que ele ao menos tente continuar perdoando nossos impropérios, mesmo quando eles são uma lauda a sua criação!

Começou então a jogar verde pra cima da loira, a Simone. Chamou-a para o cinema, chamou-a para festa, chamou-a para a boate, e nada. Ela não dizia nem que sim nem que não.

Lilian vendo aquilo não podia se conter. Sem saber o que dizer para Magu, do nada chegou pra ele com a maior cara feia:

- Amarra meu sapato!

Magu obedeceu olhando fundo em seus olhos. Voltaram a se falar, mas num tom um tanto quanto estranho, e ficou a alongar-se em meses essa lenga-lenga.

Entretempo, ouvindo a conversa de Simone com outra colega, entendeu que ela tinha um namorado do qual não pretendia separar-se tão cedo. Quanto a esta, Magu tirou definitivamente o cavalinho da chuva.

Jacques, aconselhando Magu lhe disse: chega junto da Lilian no corredor, sem que ninguém veja, e taca logo um beijo nela. Tá esperando que ela te agarre? Vai esperar sentado a vida inteira. Magu Herculano respeitador, jamais pensaria numa coisa dessas. Então conheceu Susette. Esta, vendo o livro que carregava pensou : “um intelectual!" e aceitou o primeiro convite.

Como e interessante: desculpem-me as emancipadas e as feministas, eu sou um profundo respeitador do sexo oposto, graças à Deus, que continue ele velando por nossa integridade a cada besteira que proferimos, mas onde tem muitas mulheres reunidas e você quer que alguém saiba de alguma coisa sem lhe dizer diretamente. basta contar para qualquer outra delas. No dia seguinte estará todo mundo sabendo. A faculdade inteira estava sabendo que Magu e Susette iam sair juntos.

No dia seguinte Susette esperava Magu à saída. Ceguinho ceguinho, quem disse que Magu a viu? Ela foi atrás dele. Ia quando Lilian de olho na cena puxou Magu pelo braço antes que ele pudesse vê-la.

- Vem comigo, Magu, me ajuda a procurar meu namorado!! disse ela veementemente.

- Ah não, Lilian! Não vou, não vou, acabou indo.

Susette ficou vermelha! Não há quem pudesse persuadi-la que Lilian não fazia de propósito. Lilian

Levou Magu pela mão na faculdade inteira, o tempo de ter certeza que Susette já tinha ido embora. Depois encontrou o namorado e largou Magu na mesma até o dia seguinte.

No outro dia não é que rolou um clima entre Magu e Susette no meio da aula de direito comercial?

Besaran-se mucho como si fuera esta la última vez na frente de todos. E daí amaram-se até hoje. De verdade! mas foi a própria Susette que contou no mesmo dia para Magu que Simone tinha acabado de acabar com o namorado dela. Simone olhou bem fundo nos olhos de Herculano, e esta foi a última vez que o olhou.

Após ter sido acuada violentamente no corredor por Faro, Lilian passou a ter um amante regular, e em toda festa em que iam viam-se os dois aos beijos, sumiam por horas e reapareciam. Mesmo assim não desmanchou o noivado, e tolerava que seu novo amante tivesse seus "a parte". Seus a parte agora se chamavam Simone.

Tinha que ver a cara do Magu quando Faro lhe contava seus feitos sexuais pelos corredores da universidade. "A Lilian, sabe, Herculano, porque a Simone..."

Em compensação, quando todas as mulheres ficaram sabendo que Magu estava de caso com Susette, nunca mais lhe deram bola. Acreditavam elas no amor verdadeiro, e Deus sabe o quanto, ele que tudo sabe mas evita de contar a quem não convém. Magu teve um bom casamento e não me lembro dele se queixando a Deus, não que eu tenha todas ouvido suas orações, Deus nos livre, nos perdoe e nos ouça, mesmo se o que pedimos nos faz mais mal do que bem.

Susette, por seu lado, tinha um pai extremamente possessivo, que a impedia de sair às sextas à noite, deixando Magu só. Não e de se espantar que Herculano tenha sido tão estudioso e tenha passado entre os primeiros no primeiro concurso para juiz. Não foi um feito do qual ele pudesse ter se gabado muito tempo, pois que meia década mais tarde Faro também passou.

Susette e Giselda completaram o curso mas não passaram na prova da OAB. Jacques, como eu já disse, um belo dia picou a mula e sumiu do mapa.

O executivo chegou algemado, e, entre uma segunda saraivada de Flashes sentou-se onde indicado.

Giselda tomou seu lugar à máquina de escrever e manteve-se de prontidão.

- O réu é acusado de ter estuprado e em seguida de ter matado, sua secretaria, Alessandra Carneiro Salvado no dia *, em seu escritório, no prédio de sua empresa diante de todas as câmeras do circuito interno de segurança.

- O réu tem algo à declarar?

- Sempre disse que era pra ela não dar mole. Não e de hoje.

- Mata! Assassino! A assistência foi ao delírio! Justiça!

Foram preciso marteladas e marteladas. Já tinham uns que se levantavam, outros apontavam os pais da moça desconsolados, a turba pronta para o linchamento. O julgamento foi interrompido. Herculano volta à sua sala sob o olhar da assistência agora latente.

Lá ele respira novamente. Quem diria! Faro estava lá em pé! Mas como fizera para entrar sem que o visse? Que alívio! Ver seu amigo numa hora dessas! Ele sabia que entre amigos não abandonariam jamais. Faro! Deu-lhe um abraço que foi imediatamente recompensado com outro ainda mais forte! Tantos anos juntos, e eu agora com esse abacaxi sem tamanho! Obrigado Faro por você ter interrompido tudo, seu lar, seu trabalho, seus filhos, suas estagiárias, sua vida para me dar seu apoio, nem que seja para que eu te veja atrás da porta encorajando-me!

- Faro, você sabe quem é Jota Júnior?

- Herculano! Herculano! Você nem sabe o que está acontecendo! Minha mulher, a Lilian, foi

embora com nossos filhos!

Herculano em estado de choque, ainda de costas, voltou a pequenos passos para a sala...

-Herculano! Preciso muito de um favor seu... Espere... Não volte agora para a sala...

Herculano quase caiu do pequeno degrau se não fosse a mão da mãe de Deus, que esta também siga

sempre pondo sua abençoada mão sobre nossas mazelas, e Giselda, que pode agora também ser chamada de mão de Deus, fingindo com a maior das perfeições que todos estes gestos patéticos para impedir a queda do juiz são de praxe. Ela ajudou-o a sentar-se, e pôs açúcar em seu copo de água.

O silêncio se fez e, ainda em estado de choque deu ordem de sequência à seção. Sim senhor. Por

enquanto não haveria tanto o que se desgastar... Eles falam, pedem... Que motivo tem para se estar nervoso? Logo Herculano, que já exerce a profissão à tantos anos! Já é até confundido com a mobília da casa! tempo passa... vem chegando a defesa... chega réplica... a tréplica... a apelação...

Lilian abandonara o noivo e casara com Faro. Simone perdeu estatuto de oficial e passou à reserva. Susette não teve filhos. Magu admitiu que nunca leu Hegel até o fim. Agora Herculano segura o copo de água tremendo quase derramando.

Não se sabe quanto tempo passa entre os bla-bla-blás e as réplicas, a assistência tenta linchar outra

vez o Jota Júnior. Desta vez, menos tenso, Herculano acaba rápido com a bagunça, e decreta pausa. Entra em seu gabinete, ignora Faro, puxa uma cigarrilha e a ascende. Sentado a sua mesa, respira. Faro desembesta a falar uma vez mais.

“ Herculano imagina só! Tenho dois problemassos! Imagina que a minha mulher foi embora com nossos dois filhos! E mais olha só o que tenho de julgar daqui a poucos minutos!

Jogou na frente de Herculano inerte, uma pasta aberta. Uma foto de um carro todo arrebentado como se uma bomba vermelha o tivesse atingido do céu.

“ Esse camarada comprou uma ômega zerada, e ia botar no seguro no mesmo dia, quando esse outro

infeliz que você na foto resolve acabar com a própria vida miserável! O diabo se joga do último andar da rua da Assembleia dez e pimba! bem no carro novo do primeiro cretino! E esse agora diz que se o fulano se suicidou e por culpa da família que não lhe deu o apoio necessário e quer uma indenização de cinquenta mil dólares! Que que eu faço, Herculano! A Lilian se mandou com o primeiro namorado! Herculano não consigo mais pensar direito!”

Herculano, uma máquina olhando o vazio à frente. Um grande vazio. Quando mais se precisa de um amigo, acontece as vezes que este amigo está mais interessado em si próprio.

Jota Junior é levado por seu advogado e um funcionário de quépi até o gabinete do juiz. Este dispensa Faro e o oficial de justiça.

- Meu cliente, Jacques Júnior, pediu concessão especial para falar com o senhor em minha presença.

Ao sair Jota Júnior e Faro trocam um olhar severo.

-Herculano, fez o réu, você está emocionado. eu te vi desde o momento em que você pôs os pés

naquela sala... Não se preocupe Nada de mal vai acontecer... Respire, Herculano. A ninguém! Mal nenhum! Aliás o que e o mal? Nada é totalmente mal, nem nada é totalmente ruim. O mal não existe! Veja bem! A mesma coisa, ela pode ser boa ou ruim! depende apenas de como você a usa. Veja os animais! E inconcebível cortar a garganta de um cão ou um gato... Mas o que comeríamos se não houvesse alguém que abatesse bois? Não é morte em ambos os casos? Uma é boa, a outra é má? E o amor e a prostituição? Um é lindo, desejável, a outra repugnante. Não se trata do mesmo ato físico? Por que é então que as pessoas não se dão conta que o bem e o mal são a mesma coisa?

Esta é a árvore do conhecimento do bem e do mal no jardim do Edem! Era proibido misturar o bem e o mal, mas este pecado já foi cometido, é tarde demais. Então para que assumir posturas absolutas? de que adiantou Einstein passar sua vida a explicar a relatividade das coisas? de nada Herculano. Respire! aceite um copo de água. Está vendo? Assim como você agora está com medo, eu também estou... sabe, Herculano, as pessoas têm medo. Medo de uma porção de coisas. Medo de passar fome... medo de não conseguir nada na vida... medo de envelhecer... e ai, quando uma pessoa tem medo de passar fome, ela rouba comida... Quando ela tem medo de morrer, ela mata... Isso não faz dela uma má pessoa... por que é você tem que ir para o céu? O que é o céu? E a promessa de tudo aquilo que não soubemos fazer aqui embaixo! É o apaziguamento de nossas paixões mal controladas! De anos de briga conjugal na pequena hospedaria que se tornaram as casas onde as pessoas deveriam apoiar-se umas nas outras. De anos de vizinhos que põem músicas no volume máximo para preencher o vazio de sua falta de comunicação... de sua falta do que dizer... Jesus julgou os vendilhões do templo, multiplicou o vinho, e Deus teve ira. Deus deixou que criássemos as armas atômicas. Ele nos largou à própria sorte, Herculano, ele desceu de sua própria cruz, olhe para o Cristo redentor, e nos abandonou a nossos próprios pecados.

Sabe, Herculano, fez Jacques Júnior, o Jota Júnior com o ar mais desprendido, não tem nada neste mundo de mais asqueroso que este muro que as pessoas se impuseram para vagar tão orgulhosamente humildes... no meio termo. O muro em cima do qual todos se meteram para nada mais fazer do que esconder suas posturas desequilibradas e inopinativas.

Tanto eu quanto você passamos pela pobreza sem trazer dela nenhuma satisfação especial. Você pensa que é porque lutou que está acima dos outros? Grande tentação deixar levar-se por tão complacente ideia. Você não esta acima apenas porque lutou. Apenas saiu de mais baixo, e chegou ao ponto onde todos já estavam.

Herculano, você pensa igual a mim... Nós dois sempre abominamos tudo o que é medíocre. Veja suas namoradas. Nós sempre fizemos a côrte às mesmas meninas. Àquelas que eram especiais, não apenas por serem bonitas, mas por terem algo a mais para acrescentar-nos.

Faro, sempre foi de classe media alta. Lembra as estultices que ele dizia? Que queria ser amado não pelo que tinha, mas pela pessoa que era? Acontece que Faro não era nada. E por isso que a jovem de Porto Alegre, aquela que contou pra ele que você era virgem, lembra dela, não lembra Mago? Ela só ficou com ele poucos meses. Porque ele queria ser amado pelo que era. Ele não era nada. Até hoje só é amado pelo que tem. Apesar de agora ter um pouco mais de dinheiro continua sendo classe média. Classe média significa querer gabar-se de ter sido pobre, de ter conhecido a dureza e quem sabe, contar que até passou fome, mas sem jamais ter conhecido a miséria de fato. Classe média significa também ter amostras grátis do que o dinheiro pode comprar. Não falo de cinco ou dez mil contos, mas dinheiro de fato. Você sabe o que é isso? Ter um apartamento em Paris! Viajar a hora que bem entender! Não ficar imaginando o que fará após ter economizado sua vida inteira de escravidão remunerada com a ilusão de que realmente terá construído algo duradouro.

Herculano, você, assim como eu, não foi feito nem para a pobreza castradora nem para ser a vida inteira o tampão intermediário que protege os realmente ricos do menor contato com a ralé. Você não é Faro. Este é um advogado de porta de cadeia que deu certo. Ele foi feito para ser tragado por suas estagiárias e por seus filhos. Seu ego é tão grande que nem cabe em seu peito!

Herculano, você gostou de mulheres pobres, que não tinham a menor aspiração nem nada a pedir-te, para que teus desejos se tornassem os dela. Você gostou de mulheres extremamente ricas, às quais não havia absolutamente nada que se pudesse oferecer. Aquelas que já tinham de tudo e te amariam por você ser simplesmente Herculano, ou quem sabe, Magu?

Quantidade nunca foi importante para você. Herculano, diga que não sabes amar! Tu sabes amar

melhor do que ninguém! Em que invejas os outros? Será que é porque jogastes ao ar quaisquer possibilidade de crescimento pessoal quanto te casaste com aquela mocinha bonitinha de classe média que passou a vida te atazanando?

Agora acabou a farsa, Herculano! somos eu e você. A oportunidade que tenho para te oferecer é tudo aquilo que não tiveste coragem de fazer quando eras jovem. Te ofereço o que ninguém exceto eu jamais compreendeu em você. Te ofereço agora a liberdade!

Liberdade Herculano, liberdade!

Se matéria não importa, Herculano, se é só matéria passageira, então por que é que as ruas do céu são de ouro? por que você não decora a sua casa com poeira e caveiras? Me diga que tu não terias feito a mesma coisa que eu fiz, Herculano... Me diga! diga se tens coragem! Aquela piranha gostosa! Lembra da Alessandra? Lembra? Lembra no banheiro de colégio? Eu não ensinei ela à não dar mole? Mas ela deu, continuou me dando mole a vida inteira... Foi minha secretária! ela me procurou até o final, Herculano, ela implorou para que eu lhe fizesse o que lhe fiz! e quer saber, Herculano, era a ti que ela implorava! Você faria o mesmo, Herculano, porque você é grande como eu. Tudo que fizemos, foi por ela.

Mas nada mais importa Herculano. Por que é que tu achas que foi escolhido para ser o juiz deste caso? Como? O dinheiro pode tudo Herculano! O dinheiro compra tudo Magu! É porque eu molhei a mão de muita gente para ser você aquele que me julgar. E se você não quer, meu amigo de infância, meu único amigo, eu te entenderei.

Adeus Herculano, Adeus meu amigo.”

Adivinhem, caros leitores, na mão de que juiz foi parar o caso. Se eu estiver mentindo que um raio caia dos céus em minha cabeça e me carregue ao derradeiro tribunal, ao único que pode se permitir julgar quem quer que seja, que ele seja sempre tolerante com sua imagem e semelhança.

Naquela mesma noite no entanto, Susette esperava em casa Magu e Herculano. Não conversaram. Sem fome, o velho juiz deitou-se mais cedo. Mesmo assim acordou banhado em suor, como se um trator se lhe tivesse passado por cima.

O promotor provou no outro dia que Magu e Jacques tinham sido amigos de infância, e o afastou do caso por suspeição...

Vendo Susette dormir, à seu lado, toda estatelada, Magu resolveu acordá-la.

“ Que foi, Olavo, perguntou ela dormindo...

- Queria te confessar uma coisa.

- E o que pode bem ser à esta hora?

- Hein Olavo! Que é?

- Você fica ridícula de cabelo tingido...

A maroba.

Senhor Lincoln apareceu bocejando.

- Não se pode dizer que foi uma entrevista curta, né senhor Magu?

Senhor Lincoln desapareceu.

Magu foi acompanhado pra casa. Foi pro quarto com Marco. Isabelle, meio que de saco cheio de Marco, e estarrecida com o discurso, ficou no outro quarto, pra dormir. O resto do pessoal continuou na sala.

Magu olhou pro alto, suspirou e cantarolou. A música que tocava ao fundo era profundamente penetrante. Não para Beethoven, obviamente, mas para os dois rapazes que tinham um peculiar gosto musical, aquela batida rápida, aqueles solos complexos e precisos, carregados de distorções e aquela escala triste e menor que encobriam a voz agudíssima e tão afinada quanto de um professor de história britânico que abandonara a carreira para ser músico, contagiavam a atmosfera de pranto e arrependimento pelas dores do mundo.

Marco quase teve um sobressalto quando ouviu fortes batidas à sua porta logo após o telefone ter tocado por três vezes. Era Isa. Ele atendeu na extensão, mas nem teve tempo de mandar que ela desligasse a dela, pois ela já estava se esgoelando. "É pro Alvinho. Marco percebeu que ela tinha batido na porta porque já estava dormindo e morria de preguiça de ir até a sala chamar o padrasto, mas ainda assim ele se deu o trabalho de perguntar-lhe por que havia ela batido à sua porta, que droga! Foi até a sala resmungando, e ainda reparou que Magu parecia estar sufocando. Na sala, Alvinho perguntou secamente quem era.

" Como é que eu vou saber, respondeu Marco, que ainda ia dizer que não tinha sido ele quem tinha atendido o telefone, mas não se deu o trabalho.

-Diz que eu não tô. Ligo depois."

Marco voltou ao quarto, mas berrou na porta de Isabelle que era pra dispensar o dito cujo. No quarto ele gritou de novo um pouco mais forte, já que não havia ouvido resposta nenhuma. Um chute na porta foi a deixa para que a extensão fosse desligada.

Magu tinha começado a articular as primeiras frases capengas quando o telefone tocou de novo. Marco foi rápido como um raio. Alô?

"A Isabelle, por favor?

-Quem queria Mar com ela?

-É o Mirandinha.

-Oi, né ô! Peraí."

Isabelle atendeu berrando para Marco desligar a extensão, porque dava muito bem pra escutar do outro lado da linha quando tem alguém escutando.

Marco desligou. Suspirou. Cantarolou. Magu e Marco começaram a cantarolar juntos.

-Posso falar agora ou será que vai ter mais alguma coisa?

-Porque que sempre que se tem algo à fazer sempre aparece outra coisa?

-É igual emprego. Você pode ficar seis meses sem trabalho que não aparece nada. Neca de pitibiriba. Assim que você acha alguma coisa, pintam mas um monte ofertas por cima.

-É igual mulher. Você fica que ninguém quer nada contigo, encalhado e...

-Eu ouvi essa, Marco! Berrou Isabelle sem ter desligado o telefone.

Foi quando Alvinho entrou no quarto perguntando quem é que tinha ligado pra ele.

-Não sei, respondeu Marco, não fui eu quem atendeu o telefone.

-Mas você não mandou a pessoa ligar depois? Perguntou Alvinho mais secamente ainda.

-Não. quem atendeu o telefone foi a Isa, respondeu Marco tranquilo.

-Mas você não mandou ela perguntar quem era?

-Mas ela nem levantou da cama...

-Uai, e agora sô! Como é que eu vou saber quem era?

-Então por que você não...

-Por isso é que nada funciona nesse país!

Todos riram juntos.

Alvinho saiu, e os rapazes se entreolharam.

Desconcentrados, já haviam se perdido do intento original daquela conversa.

Como é mesmo que os dois foram parar naquele lugar? Como foi mesmo que rodou a vida dos dois, e o que aconteceu em todo esse meio tempo em que não se viram para que tudo se sucedesse daquela forma?

-Você seria capaz, Magu, de explicar?

-Eu acho que no fundo tudo não passou de uma grande coincidência... Que tudo aconteceu por acaso... Que agora eu não sei o que que eu estou fazendo exatamente em meio à esse bando de doidos.

A música havia mudado, mas não o grupo, Agora aquele professor soltava urros misturados à choro e desespero sobre o pano de uma risada sádica abafada pelo potenciômetro que controlava o volume do toca-fitas. Marco tirou do bolso um

macinho amarelo com letras vermelhas e puxou um papel de seda com goma na ponta. Do outro bolso, tirou um plasticozinho que jogou no colo de Magu.

Abrindo com cuidado Magu viu as belotinhas marrom-esverdeadas. Sentiu de longe o perfume adocicado e comentou:

-Nossa, deu até água na boca! Esse é do bom!

-Isso é o que nós vamos comprovar agora... Já desbelotou?

Magu pegou galhinho por galhinho e foi arrancando as folhas, abrindo os camarões e separando-os da poeira. Quebrou os galhos e reparou o quanto que a erva estava úmida!

-Tomou chuva?

-Cheira mas de perto, Miusterm Maguuuuu...

-Noouussa! É seiva pura?

-Eh, eh! É quase um haxixe!

-Segura que senão eu babo na trouxinha!

-Ah, ah ! Não, pelo amor de Deus! Ah, ah!

-Hoje a gente morre, he, he !

Magu espalhou a maconha picada na seda que Marco mantinha em forma de canoa com os dois indicadores esticados. Habilmente, como se nunca houvesse deixado de fazer, o baseado estava apertado.

-Pô, não vai deixar eu matar a saudade de apertar? Esse é o último de nossa vida, afinal de contas...

-Mas é claro que dão! Dão dão dim dão dão!

-Pô, pô, pôãã!

O cigarro estava perfeito.

-Vou te dar o prazer de pilar!

-Pilão!

-Lãopí!

-Fósforo!

-Fosco!

Magu empurrou a maconha pra dentro com a cabeça marrom do palito de fósforo. Quando o próprio beque já estava duro como o palito, ele torceu a pontinha. Ficou arredondada a parte que eles iriam encostar a boca. Com o dente Magu cortou a seda que fazia o baseado parecer com um bombom longo. Ai então teve um aspecto de cigarro, enrolado manualmente com perfeição.

Magu riscou o fósforo, esperou aquela explosãozinha da cabeça acabar, encobriu o palito com a mão em concha, encostou a ponta do beque na chama, deu dois tapinhas de ar e a fumaça começou a sair. Puxou devagar, mas firmemente. Quando seus pulmões estavam cheios deu uma puxadinha de ar e rolou o baseado para seu companheiro. Tapou o nariz. Tossiu pra dentro, sem abrir a boca, igual preto velho, pra fumaça não sair.

Marco sentiu o perfume adocicado cercar os dois. O quarto foi conquistado pela nova atmosfera que substituía o oxigênio. Marcou fungou e achou uma delícia aquele cheiro. Em todo o período de abstenção ele nunca deixou de achar o cheiro gostoso.

Marco pegou a maconha com o polegar e o indicador fazendo "o.k.", em pinça. Encostou o baseado nos lábios. Fez biquinho, e começou a puxar de todos os seus pulmões, mas devagarinho. A Fumaça

entrou em sua boca, molhando-a toda. Sua língua foi conquistada pelo sabor de fruta, de incenso, de coisa inexplicável. De uma rápida aspirada a fumaça foi jogada pra dentro de seus órgãos respiratórios. Ele tapou o nariz e prendeu a fumaça por sua vez. Dos pulmões ele já podia imaginar o contato com o sangue. De seus brônquios, a fumaça passando para os capilares, recebendo a dose, e transmitindo a parte mais leve para o sangue. Com ela o THC. O sangue, velocíssimo, que atravessa seu corpo inteiro em dois segundos, dando uma volta completa, já estava passando por seu cérebro, onde os pensamentos se arrastavam pesadamente de neurônio em neurônio, carregando todas as impressões do mundo externo, exigindo um esforço de raciocínio, um desgaste do ser, de nervo em córtex, de linha à pensamento, força, raciocínio. Estoque de ideias e arquivos. Porque que sempre que se recebe uma informação nova a comparamos automaticamente com algo que já vimos anteriormente? Se não vimos antes, procuramos algo no baú que possa ser comparado. Qualquer coisa, Por pura satisfação cerebral! E aí misturamos a cueca com a teoria quântica. Puro desgaste mental, compensado geralmente pela televisão e outras atividades ditas relaxantes. Quando o THC encostou nos primeiros neurônios que encontrou a comunhão foi perfeita. Adormecendo-os lentamente, o caminho para 0 pensamento estava liberado. Seus vigias dormindo, as ideias fluíam com uma facilidade incrível. Sem força. Tudo era claro. De uma célula à outra, sem prendê-las à nenhum pré-julgado. O mundo agora era fácil de ser percebido em sua plena versão. Entenda-me! Entenda-me, gritava uma voz distante!

Um tremor de terra veio dos quatro cantos do mundo. Todos os seus neurônios o ressentiram.

Seu crânio implodiu.

Tudo explodiu. Marco tossiu com vigor. A fumaça foi expulsa do organismo.

- Esse é venenoso, comentou Magu pegando de novo no beque.

Foi então que os dois repararam que havia uma janela no quarto, e que ela dava pro mar. Era possível perceber o barulho das ondas, e já não havia mais ninguém pra fazer barulho. Marco viu que aquilo era maravilhoso. E olhou pela janela. E

viu as ondas. E viu que elas eram feitas de água. E que setenta e cinco por cento do mundo também era feito de água. Seu corpo também.

De água e de fumaça. A cada nova tragada o gosto estava mais pronunciado. Era soltando a fumaça que se sentia realmente o gosto, de exotismo.

-Lembra, Marco, aquele dia que fomos pro morro de São Jorge?

-Aquele dia em que tinha polícia na porta?

-Exatamente. A gente tava carregado, né?

-Eu acho que eram umas doze trouxas...

-Doze xatrô.

-E pra sair, hein? Que sufoco, malandro!

-A gente entrou na vendinha que tinha na entrada e começou a escolher frutas!

-Como é que você fez pra deixar cair aquela trouxa?

-Não fiai eu, foi você!

-Só lembro que você me apontou ela no chão e nem se tocou que tinha um guarda tomando refresco.

-Ah, ah! Você chegou do lado dele e pisou na trouxa pra ele não ver. Muito engraçado! Ainda teve que pedir refresco porque tinha que ter um pretexto pra estar lá, feito uma estátua.

-Eh, eh! Quando ele saiu você se abaixou na maior cara de pau e apanhou a parada!

-E ainda tivemos que comprar um monte de bananas pra não dar bandeira!

-Nunca comi tanta banana na minha vida!

-E a gente perguntando as horas pra ele?

-"Pô, rapaz, num sei, num trabalho na telerje, ah,ah,ah!"

-Mó animal!

-Imagina você, meia noite, tudo escuro, esse camarada entrando numa!

-Tá frito!

-E o colega dele?

-Aquele até que era bacana! "Você acha que esse melão já tá maduro, garotão?"

-Ah, ah, ah eu... Ah... tem que apertar nas pontinhas e sentir o ... Ah, ah... o cheirinho...

-"Mas eu não tô sentindo nada!"

-"É essa gripe que tá atacando todo mundo!"

-"Essa garotada de hoje em dia não sabe nada de nada! Pergunta pro vendedor, Carlão!"

-O Carlão nem desconfiou que a gente tava cheio de maconha!

-Você é muito cara-de-pau.

-Tchau, seu guarda!

-"Vê se manda seu pai te ensinar a ver fruta, e a andar de coluna reta! Aliás, todos os dois!"

-Ah, ah, ah, eu nào agüento...

-Também ele é conhecido do seu pai, o Khasé...

-No fundo eles são gente fina.

-Acontece que eles ganham um salário de nada, pra arriscarem suas vidas, e ficarem correndo atrás de bandidos, e acabam ficando de saco cheio.

-Ai saem por ai atrás de garotão nas bocas de fumo.

-E ficam extorquindo dinheiro deles.

-O problema é quando partem pra violência.

-Comigo nunca aconteceu nada disso.

-Também, branquelo como você é e com essa carinha de pleibói! O que que você quer! E eu que sou negro?

-Você não é bem negro!

-Perto de você eu sou negão!

-Neguinha! Ha, ha!

-Sua bicha! Você é que gosta do Caetano Belozo!

-E daí? Você é que é a neguinha!

-Vai se danar!

-Ouve esse solo! rápido! -Chhtt!

-Psiu.

-Silêncio!

A guitarra entoou num solo para o qual eles nunca haviam prestado atenção. Lento, preciso. Violento no fraseado. Mas o ritmo continuava animal. O contraste entre o velocidade e a

tranquilidade. Agora a música já dava a volta completa em seus cérebros, sem esbarrar nestes neurônios despertos e carregados de informações, que insistem em comparar tudo que vemos de novo com algo que nós já tenhamos visto. Agora a absorção de informações era total.

-Que viagem...

-Passa a fita de novo! Eu acho que dá pra gente tirar de ouvido!

-Aí ó!

Isabelle bateu na porta, não conseguia ouvir o telefone direito.

-Deixa pra lá. Outra hora a gente tenta.

Marco lembrou de um .casal de velhinhos na barca Rio-Niterói, ele com o violão, ela com a voz, interpretando "Saudades da professorinha que me ensinou o ABC", Que cantaram e pediram uma colaboração, apesar daquilo ser terminantemente proibido. O segurança gordo fez que não viu. O outro estava ocupado demais com o garotinho cinza. Marco ficou com pena.

-É incrível, Magu, como é que nesse país tem tanta gente com dom pra arte, e não consegue nada. Termina a vida na

melda.

-Eu conheço um professor de violão paulista que toca no centro do Rio todo dia na hora do almoço. Você tem que ver. É impressionante a velocidade dos dedilhados. Parece que tem dedos de borracha. Ele só toca eruditos. Quando ele interpreta a "ave Maria"...

-A de Beethoven?

-Não a de Shubert, você acha que esta tocando de paleta. Mas são seus dedos em sincronia perfeita.

-Eu prefiro a de Beethoven.

-Você não tá entendendo, sua bicha, tô talando da qualidade do músico que não tem onde tocar e que está mendigando seu trabalho.

-Ah, bom. Como é mesmo o nome dele?

-Diógenes. Sabe tudo de música clássica.

-Eu já almocei vendo ele.

-Pô, Marco, deixa de cascata. Você não pode ter almoçado vendo ele, porque ele toca na rua, e não no retaur...

-Onde é que você acha que eu como?

-Eu é que sei?

-Você sabe que eu tenho dois empregos, não sabe? -Sim.

-Pelo menos tinha. Agora fui despedido por causa de um coordenador debilóide.

-É um no Rio e outro em Niterói, não é isso? Você é recepcionista?

-Telefonista.

-Ah. Profissão compatível com o seu estátus sócio-sexual!

-Ah. Não enche neguinha.

-- Alô, disse Magu sorrindo com o braço dobrado e a mão pra fora na cintura, coluna toda esticada, diferenciando-o de sua postura habitual, totalmente relaxada. O Mamaco na linha? Ela está ocupada! Ai! Doeu sua piranha!

Começaram urna briga amigável com socos no ombro, enforcamentos simulações, e muitas risadas.

"Alguém tá me zoando?" Gritou Isabelle dando outro chute na porta, que fez cair um quadrozinho baiano, estilo ingênuo, em cima do gravador, fazendo parar a música.

Silêncio de alguns segundos, e risadas presas como explosões. Começaram a rir, rir, rir ... Tudo era maravilhosamente engraçado, fantástico! A Isabelle de mau humor... O Alvinho... Que figura! Com aquele bigodinho! Que mundo mais espantoso este! Olhe só as pessoas como elas são! Como elas se comportam! É só olhar pra ver seus dogmas, suas ideias, as caras que elas fazem quando explicam essas ideias atravessadas! Caras e bocas!

Marco sentiu que as pessoas eram atores, montadas num palco gigantesco, vestidas com roupas de época, a época dos anos 90, e que cada um interpretava seu personagem com a mais alta perfeição. O pastor, o policial, o bandido mau... Que bela trupe! Que atores convincentes! Vocês quase me enganaram! Só que quando algum ator de comédias interpreta Pulp fiction, pode dar errado. É o bandido mau, que nasceu pra glória no palco, e desviado pela sociedade acaba expulso de cena.

Como é que elas se comportam!

Elas são contra!

Elas não gostam!

Elas não querem rir!

Eu não agüento mais estou chorando de tanto rir!

De repente vê-se o mundo com outros olhos.

Isabelle garante que é o efeito da droga que faz as pessoas se comportarem de outra forma.

O outro telefonista garante que não é igualzinho à bebida. Porque você pode tomar uma cervejinha de vez em quando sem estar viciado. Beber socialmente não faz mal à ninguém! Nem por isso você vai sair por ai matando e estuprando. Como esses viciados malucos que somos, somos, somos ...

"... Somos. .. sômôs... sômôs... vi-ci-a-dos terríveis e sanguinários!!!! disse Marco fazendo uma careta empurrando o queixo para frente, dobrando o beiço pra fora , deixando salientes os dentes e uma parte da gengiva inferior, e levantando e baixando as sobrancelhas.

-Sô moço? perguntou Magu em meio ás convulsões do riso desenfreado.

-O outro telefonista tem uma cabeça e-nor-me! E ele é contra! (Espanando as mãos abertas em volta das orelhas.) E que cabeça!

-CABEÇA!!!!! Gritou Magu de todos os seus pulmões sacudindo a sua para os lados!

--CAEBEAC!!!! Gritou Marco com a mesma intensidade e sacudindo o crânio da mesma forma!

-O que? Perguntou Magu cortando ferreamente os risos e endireitando-se na cama.

-Cabeça não pode ser lido de trás pra frente. Caebeac pode. Assim como Ana, e somos!

-Somos? Quer dizer que não é moço?

-Moço não, moçom!

-O outro telefonista é muito inteligente, não é mesmo? (Os dois nem repararam nos berros que vinham dos quatro cantos da casa mandando-os calarem a boca.)

-Sim! Ele é um cara bacana!

-Ele tem os cabelos penteados pro lado.

-Usa óculos?

-Tem um xusquinha setenta e oito!

-Está completando o segundo grau num supletivo, e diz que vai cursar administração!

-Ele é um cara bacana!

-Ele diz que lugar de bandido é na cadeia, á à favor do aborto, da eutanásia, da pena de morte, da violência contra os camelôs, e gostaria de dar porrada em todos os pivetes se ele pudesse. Votou no Côcollor e depois impechou!

-Resumindo, ele é um cara bacana!

-Depois eu é que sou bandido só porque dou um dois.

-Marco, seu tolinho. Tu não estás careca de saber que tu és uma respeitável ameba!

-(Sotaque Britânico)My dear Mister Magooooo... You are an energúmeno.

-(Aos brados) Policia! Policia! Tem um maconheiro do meu lado! Socorro! Maconheiro! Socorro!

-(Retomo ás gargalhadas convulsivas) Pem pom pem pom pem pom! -!!! Vermes imundos !!! Morram !!! Morram!!!

A súbita irrupção de Alvinho no quarto reclamando de que era uma falta de respeito, de maturidade, de tudo que você quiser, que essa molecada não podia nem dar um tapinha sem perder a linha, só fez divertir os dois. Eles não agüentaram o Grã finale quando ele suspirou, ajeitou o boné que usava até mesmo à noite, e saiu batendo a porta.

-Você disse que come na rua?

-Ah, é! Clv eu te contar. Eu trabalhava em dois lugares, tá lembrado? Pois é. Entre um e outro, eu tenho uma hora de almoço e de condução pra chegar ao destino. Então eu como quentinha, porque é super barato e eu como onde estiver.

-Na barca?

-Também.

-Que figura! Um pleibói louro, com esse topete esquisito, comendo na barca!

-Se eu fosse negro, nunca que iam me deixar em paz.

-Tá explicado. Crioulo comendo na rua é mendigo, pleibói é um bem-sucedido futuro executivo que está com pressa para ir trabalhar!

-Isso não é nada. Sai você na rua de pé-de-pato, chapéu mexicano com frutas da Baiana, ceroulas de bolinhas roxas, sem camisa e com um saco de mamonas pendurado em volta do pescoço.

-Eu iria ser trancado num hospício!

-Pois eu seria chamado de, hejie, excêntrico milionário!

Isso fez Marco se lembrar de uma história que há tempos estava escondida entre os arquivos de seus neurônios. Durante uma viagem à Brasília, no início de seu relacionamento com Isabelle, quando Marco foi apresentado á seu Pedrozo, precisaram trocar dólares. Assim, só pra terem do que se deslocar e tudo mais. Pra não falar da hipeririflação que comeria qualquer cruzeiro que marco quisesse levar no bolso.

Naquela época, o apelido de Marco era Abajur, porque seu cabelo parecia um ninho de passarinhos. Enorme. Todo encaracolado. Caindo por cima dos olhos. Eles só andavam de calça jeans, de camiseta, ou sem camiseta, e pareciam realmente doidos varridos. O caso é que Marco estava no fim da viagem, e ainda tinha vinte e cinco dólares. Vinte e cinco dolôres como ele costumava dizer. E rodaram a cidade inteira à procura de uma casa de câmbio e nada. Nada. Nada! Parecia até que, além de não ter nenhum bar também não tinha nenhuma casa de câmbio em Brasília. Algum segurança qualquer de banco informou.

"Vai no Sulaméris que lá tem câmbio com certeza."

O casalzinho nem pestanejou. Andou, andou e andou e lá chegou. De jeans e camiseta verde bem

gasta, com estampa de surfe. De saia preta e esmalte da mesma cor, o batom roxo todo borrado por causa dos beijos. Parecia que os dois haviam passado batom. Caminhando contra o vento sem lenço e sem documento.

Logo na porta foram barrados por uma enorme estátua falante de distintivo, impassível e calma que quase não mexia os lábios.

"Pois não?

-Ahmrn Eu gostaria de fazer câmbio... De dolô..., digo, dólares...

-Ah sim! Câmbio! Pois não senhor! Fale com aquele moço!

E o moço olhou Marco de alto a baixo, sorriu, e comentou que os senhores gostariam de fazer câmbio, que por favor peguem aquela escada rolante, o crachá, o elevador, e falem com a Verinha, uma baita loira de um metro e oitenta que usa saltos altos pra ficar mais alta ainda, he, he, he, esses jovens de hoje em dia adoram andar à vontade.

-E o segurança também acrescentou "é, esses dois jovens notórios milhonórios, digo, .. .nários, precisando cambiar, são tão simpáticos e excêntricos!"

E chegando no nãoseiqualgésimo andar, após serem gentilmente cumprimentados pelo ascensorista, depararam-se com o generoso decote e a mini-mini-mini saia vermelha da Verinha, que convidou-os à sentarem-se à sua mesa, em duas confortáveis cadeiras-poltronas azuis de executivos, e chamou a Penha, a faxineira de alguma empresa prestadora de serviços, que trouxe dois cafezinhos em xícaras de louça agradecendo-os depois por estarem bebendo do seu café e quase implorando pra tomarem um pouco de seu açúcar¨.

" Então vocês (Verinha trata os multi-milhardários com uma simpática e sorridente igualdade, ainda mais dois jovens e bem-sucedidos exêntricos bühardários de qualquer ramo) Então vocês desejam fazer câmbio em nosso banco? E quanto seria? Cinco mil? Dez mil?

-Ehmm... Vinte e cinco...

Por um segundo Verinha ficou congelada em uma posição semi-somdente-simpático-desconfiada sem mexer um cilio, e completou uma cruzada de pernas com a pergunta:

-Vinte e cinco mil?

-Não. Vinte e cinco dólares!

-Humrn... É que nós só trocamos de quatro mil pra cima.

-Ah...

-Pois é...

Isabelle tirou com as costas da mão a mancha de batom roxo que escapava de seu lábio inferior.

-Vou ver se alguém aí quebra seu galho. Peraí. Geraldo! Compra vinte e cinco?

Marco nunca veria o tal do Geraldo, mas se lembraria no fundos de seus neurônios da voz fina que respondeu que não tinha trocado, que a Verinha acabava torrando o saco, ah não, achei algum aqui! Traz aí!

"Ih o Mamarco já tá viajando! Acordai e conta a tal da história de você comer na rua!

-Viajando...

-Viajandão!

-É... Peraí! Isso é que é viajar! Magu, me perdi nas ideias, e no espaço de alguns segundos fui pra outro mundo. Totalmente inverso. Outra época, em outro tempo. Eu estava mentalmente em outro lugar

-Que é que é?

-Isso mesmo! Descobri o que é a verdadeira viagem! Apesar do meu corpo estar aqui parado, olhando pra você, eu nem estava te vendo. Ou seja , mentalmente eu estava em outro lugar. Eu estava revivendo fetos ridículos que se sucederam

-comigo á tempos atrás ... E acontece que nesse momento eu esqueci de tudo que estava se passando aqui no presente, e vivi plenamente todas as sensações que eu tinha vivido ali. As imagens, as pessoas! Por um momento elas estavam aqui, vivas, e falavam comigo. -Hein?

-Veja só como se comporta o nosso cérebro. Nesse minuto em que você não pensa em nada, não pensa em nada assim, porque na verdade a gente nunca deixa de pensar, a gente vai para outro mundo dentro das nossas mentes. Por exemplo! Se concentra em algum fato do passado!

-Pensar em alguma coisa do passado? Isso é difícil! Não, peraí! Já sei. O Marco empilhando as mesas na sala de aula!

-Hein? Quando isso?

-Ué? Não lembra? Que todo mundo ficou olhando pela manhã e não puderam nem entrar na sala de aula? você empilhou todas e fez uma pirâmide que ia até o teto! He, he! Eu lembro também da cara da Berenice, a professora de História! "Masss que abssurrdou, geintê!"

-Ha! Podes crê! E até o diretor foi chamado!

-E você chegou à marcar no quadro " favor não mexer nas mesas" .Que cara de pau! O faxineiro sabia que era você?

-O do turno da tarde sabia, mas o pessoal chegou de manhã!

-E diretor ameaçou a turma, que se não caguetassem o responsável ele iria dar suspensão para todos!

-Só que eu não era igual à esses burros que fazem as meldas e depois espalham pro colégio inteiro: Fiz mellldaaa!

-Sim você só conta pra costureira! É um segredinho que eu tenho pra você, mas jura que não vai contar pra ninguém?

-Claro que dão! Tanto que aqueles medrosos amarelaram rapidinho e ficaram choramingando: "A nossa turma já tinha saído, e pi-pi-pi e pi-pi-pi..."

-Como é que souberam que era você então?

-Eu não resisti e contei pro moço da cantina. Pedi pra ele manter o segredo.

-Ah, mamacôôô!! E aí?

-E aí que o diretor não soube o que que ia fazer comigo. Que carta que ele ia mandar para meus pais? Ia me suspender com que pretexto? Erguer pirâmides na sala de aula?

-Seu pai ficou sabendo?

-Ele nunca se preocupou realmente com meu andamento no colégio. "Mentira Marco!" gritou Isabelle do quatro ao lado.

-Pelo menos ele nunca demonstrou, completou Marco. Olha só! Ta entendendo o que eu estava querendo dizer? Nós agora nos distraímos completamente da ideia que eu tinha começado à expor. Nós agora nos concentramos no passado. Tudo o que estava acontecendo aqui sumiu até que a Isa começou à berrar.

-Marco!! Gritou ela! Não estou berrando!

-Sim, continuou Magu, a gente se desligou do presente, por que neste momento eu não estava pensando em mais nada além daquilo que nós falávamos.

-O caso é que eu agora senti exatamente a mesma sensação que eu tinha sentido naquela época, estava revendo as pessoas, e até mesmo respirando aquele ar. Como naquele momento eu estava na cantina, eu lembro do cheiro daqueles hambúrgueres gordurosos.

-Os hambúrgueres do Gêpê, o gordura pura! Dedo duro! Também estou sentindo o cheiro. Mas naquele momento eu estava no campinho do terceiro andar.

-Você vivia jogando bola.

-Eu tô lembrando do cheiro de suor, quando todo mundo voltava encharcado pra sala de aula e o professor de matemática brigava porque tinha nojo da gente. Dizia que a aula de ginástica, a única interessante, deveria terminar dez minutos mais cedo pra gente secar.

-O Cabral, professor, já enrolava no início, só pra atrasar o jogo.

-Imagina se a gente ainda perdesse dez minutos no final.

-Só por causa da frescura do professor de matemática.

-O pior era o suor dos outros.

-Lembra da catinga do Felipe?

-Felipe Cueca ou Felipe Dingue-bó?

-Aquele que era o maior de todos e gostava de implicai- com a gente. Que vivia filando lanche, nunca tinha dinheiro...

-O Dingue-bô! E que suvacô de macaco hein? Ele gostava de chutar meu traseiro pra me obrigar à ficar no gol.

-Uma vez ele me encostou no muro e baixou minhas calças. Disse que se eu reagisse ia me pegai' na saída. Ele não gostava de negros.

-E olha que ele tinha um cabelinho sarará! Ah! A meninada ficou toda olhando!

-A meninada de meninos ou de meninas?

-De meninas é claro!

-E ninguém da nossa turma veio me defender! Bando de franguinhos!

-Não é verdade! Eu tentei juntar a galera! Mas só o Miltinho tomou coragem!

-O Miltinho? Miltinho baixinho e cêdêéfe? Coitado de mim!

-Mas ele foi leal!

-Podes crê!

-Como foi mesmo que você conseguiu fugir?

-Eu não fugi. Ele me soltou e mandou eu levantar as calças.

-Sério?

-Se assustou com o tamanho da minha banana. Ficou pasmo e boquiaberto.

Os dois tiveram uma crise convulsiva de riso. Riam altíssimo.

-Ha! Ele... Viu... Ha... Aquela banana preta no meio das pernas...

Marco chegou à rolar no chão de tanto rir. Magu já chorava e eles não conseguiam dizer mais nada. A casa toda se assustou e veio à porta ver o que se passava, ficaram todos olhando por pelo menos dois minutos. Alvinho disse que era uma falta de maturidade.

Sharon fez sim com a cabeça e fez "Hã!".

Isabelle estava com aquela cara de sono.

Alcino, bicho do mato, não entendia nada e estava olhando a cena de olhos arregalados, atrás de Alvinho, imitado por seus outros seis amigos, pescadores da mesma forma, e mulheres de pescadores.

Os Atores sentiram a presença de seu público. O público manda. Sem público o que seria dos artistas? Ficaram de pé e fizeram reverência, desenrolando a mão, não uma, mas duas três vezes, sem parar de rir.

E o que que eles vão levar do nosso programa, Lombardi?

Ha-hai! Eles vão ganhar o troféu abacaxi, e uma chuva de vaias do nossos espectadores, Sílvio! Mas de prêmio de consolação eles tiveram a chance de aparecer em público e fazer um show,o que já é importantíssimo, Sílvio!

O artista oviscado sabe que na verdade tudo isso é passageiro. Que após sua morte, hão de glorificá-lo! Como Von Gago, que passou fome a vida inteira, e depois de morto passou a fazer enorme sucesso.

O artista é vaiado, mas sabe que teve coragem! Que fez! O público é que não soube ver direito o esforço que eles fizeram pra estar lá. O publico gosta de coisas banais, e não tem a capacidade de entender algo que realmente seja expressão.

Os dois atores agora são vaiados, julgados, olhados. Falem mal, mas falem de mim. Assim estarei de alguma forma em seus corações. E é isso o que os atores querem. Toca o gongo, Sílvio, vem o gancho e arrasta eles pra fora de cena! O público finalmente acha algo engraçado, e de alguma forma repara neles! Os atores se jogam pela janela e saem correndo em direção à praia escura.

-Deitaram-se na areia ainda rindo ofegantes. Ainda ouviam os gritos de Alvinho e Isabelle: "Voltem aqui, seus malucos!"

A única luz que tinham agora era a das estrelas, e lá no fundo dava pra ver as casas como se elas fossem postes

elétricos.

Ainda riram não sei durante quanto tempo.

-Pescou minha ideia agora, Magu? A gente deixou de estar num lugar. A gente se desligou de tudo. Nós viajamos para o passado, sentimos todas as impressões que sentimos naquela época, e na minha cabeça, a noite, que é o que a gente está vendo agora, virou dia.

-Pelo menos na sua cabeça... E na minha.

-Você se tocou? Na verdade nós não vivemos aqui, onde nós estamos agora. Nós vivemos dentro de nossas cabeças, cada um dentro da sua.

-Cada um em seu pequeno mundo microscópico.

-Carregando suas imagens e suas impressões, sempre diferentes das dos outros.

-Mas você tem que ver que as suas lembranças do passado não são exatamente como as minhas. Como você era mais fresco, tinha mais nojo do cheiro da cantina do que eu. Portanto você volta para um passado diferente do meu. Eu me lembro de um Dingue-bô enorme, porque ele vivia querendo me pegar. Pra você, ele parecia menor, talvez...

-Isso me faz lembrar um filme que já reprisaram cinquenta vezes na tevê. Aquele onde um moço se apaixona por uma foto de época, e que ele se concentra tanto que acaba voltando pro passado. É claro que na hora em que ele encontra a dita cuja, e parte pro bem bom, ele acorda.

-Então na verdade a gente não vive neste mundo, a gente apenas age nele. Na verdade cada um vive em seu próprio mundo interno, isolado do mundo interno dos outros, e todo mundo interage pelas aí.

-É como se nós estivéssemos usando naves!

-Naves imperfeitas, porque nós somos imperfeitos!

-Nossa vista é fraca, nossa audição então nem se fala!

-Nossa inteligência então, me desculpa, mas é uma melda!

-Nós usamos apenas cinco por cento de nosso cérebro! O que que você esperava? O resto todo a gente deturpa segundo o que consegue entender.

-É como se cada uma das naves tivesse seu próprio computador de bordo. Equipado com esta programação, que vem da nossa educação, de tudo o que nós vivemos.

-E o computador de bordo de cada uma delas tivesse uma programação diferente.

-Podes crê! Esses naves a gente também desloca pelo presente. Pra lá e pra cá.

-A gente bota gasolina, e óleo. Água e comida.

-O Gêpê então bota muito mais óleo do que o normal!

-O computador de bordo dele é diferente do nosso.

-Ele mora bem longe, em alguma cidade da zona norte.

-Queimados, não é mesmo?

-Portanto as impressões dele sobre o mundo são totalmente diferentes. A nave dele não é bem equipada.

-A minha nave não é equipada com segundo grau, lamentou-se Marco.

-A minha é, há, há, há fez Magu com o polegar ao nariz, dedilhando o ar com os outros dedos.

-E de noite, nós vamos estacionar a nave para o motor dela esfriar.

-E os pilotos vão dormir!

-Dormir?

-É, os pilotos vão dormir!

-Não, os pilotos não. As naves descansam. Você não sabe que nosso cérebro nunca dorme?

-Então para onde vão os pilotos?

-Pra casa ué! Depois de um dia de trabalho pra onde é que você vai?

-Pra casa...

-E como nossa família também está estacionando as naves, nós vamos todos juntos pra casa.

-Essa não é nossa verdadeira família

-Não? Quem são eles então?

-São nossos colegas de trabalho. Os outros pilotos.

-E eles, pra onde vão então?

-Vão ver suas próprias famílias!

-Que doideira.

-E como nós só usamos cinco pro cento da nossa capacidade cerebral, nós só conseguimos nos lembrar de cinco por cento de nossas visitas.

-Que visitas?

-Visitas à nossa verdadeira família, ué!

-Cinco por cento dos nossos sonhos...

-Irrompeu de súbito um homem de toga, cavanhaque, chapéu grego, e o perfil típico de um grego. Com o nariz reto, continuação natural de sua testa chata.

-Agora, disse o homem, em pé, apontando para os dois, vocês imaginem que essas naves tenham rádios e equipamentos de intercomunicação!

Os dois por um minuto pensaram estar tendo uma miragem, provocada pela maconha.

-Julho Vernes, por exemplo, disse o Grego, em mil oitocentos e tal, já tinha imaginado que o homem alcançaria a Lua. Ele imaginou também que desceríamos em crateras profundíssimas, e no fundo do mar. Lembra do capitão Nemo? Mas ele não foi capaz de imaginar que nós poderíamos nos comunicar com estas naves, e estes submarinos à distância!

-Sim, fez Magu, mas e daí?

-Daí que nossas naves, como vocês chamam, continuou o Grego, Também são capazes de se comunicar entre si. Vocês são como o Julho Vernes. Inteligentes o suficiente pra imaginar mais do que a média das pessoas, mas não ousam ir mais longe.

O Grego se agachou ante a imobilidade completa dos dois.

-Primeiro o homem inventou as ondas curtas. Difícil de sintonizar, mas qualquer rádio pode pegar. É como a linguagem dos gestos, dos grunhidos. Depois ele inventou a AM. Já é mais aprimorada. É como a Ma, as diversas línguas.

-Depois, intrometeu-se Marco, veio a FM, que tem uma melhor qualidade!

-É o código morse, completou Magu.

-E a frequência de televisão, indagou o Grego?

-Esta é a mais completa de todas, disse Marco.

-É a comunicação direta. Mas não é a mais completa, afirmou o Grego. Ela transmite em duas dimensões, a audição e a visão, mas não transmite os outros três sentidos que nós temos.

-Mas é impossível, disse Magu, transmitir um cheiro ou um tatear à distância!

-Não seja limitado, enervou-se o Grego! Você tem sempre que ir mais longe, se você quiser ser alguém que pensa. Nenhuma informação deve ser estacionária! Senão seu cérebro ficará cristalizado em algum ponto qualquer do tempo e do espaço e nunca mais sairá do lugar.

-Claro Magu, continuou Marco, o que diriam as pessoas da idade média se tentássemos convencê-los da existência da televisão? Do toca-discos? Como é que você os descreveria?

-Muito bem, fez o Grego com ar satisfeito!

-Será que a gente conseguiria imaginar os peixes se a gente nunca tivesse visto um deles? Ou um pássaro?

-Eles nunca deixaram de existir só porque a gente não acreditava neles. Ou os chamávamos de utopia.

-Eles podem muito bem no futuro inventar um aparelho de transmissão de dados á distância!

-Já fizeram isso! É a internet!

-Sim, Magu, completou o Grego, mas isso é só o início.

-Como é que você sabe meu apelido, perguntou Magu? Você lê pensamentos?

-Não. Seu amigo é que falou ainda agora. Mas de qualquer forma já foi comprovado cientificamente que o nosso cérebro funciona à velocidade da luz. Ou seja, em uma frequência elevadíssima. E provavelmente eles vão inventar algum tipo de aparelhinho que permitirá transmitir na frequência

do cérebro!

-Parece até telepatia, disse Marco!

-Já tem telefone com selo lá, continuou Magu, então porque não um aparelho de transmissão direta?

-Isso, completou o Grego, agora sim a comunicação entre as naves está completa. Assim, cada qual na sua nave, no seu micro-mundo, interagindo no plano das naves. Mas com um sistema de comunicação com o exterior muito mais desenvolvido.

-Ninguém mais vai ter tranquilidade mental, todo mundo querendo pensar ao mesmo tempo...

-Bom galera, fez o Grego, já vou nessa!

-Peraí, disse Magu! Você não vai dizer quem é? De onde veio?

-É, indagou Marco! Vai desaparecer assim, misteriosamente, como apareceu?

-Você veio realmente da Grécia iluminar a gente?

-Você é um ser de outro planeta revestido de formas que permitam nossa compreensão neste nosso estágio pouco avançado de tecnologia?

-Claro que não, terminou o Grego. Estou naquele baile à fantasia lá atrás. Bebi demais e saí pra vomitar. Encontrei vocês no caminho. Mas finjam que eu sou Grego mesmo, e sintam-se iluminados...

-Khasé, Martin, Nico e Mokotow.

No dia seguinte os dois acordaram com a velha Sirinéia dizendo que homem era tudo igual. Na areia, o sol começava apenas a esquentar o céu.

Como foram os primeiros a acordar, prepararam o café. Ana telefonou de Vitória pra dizer que estava melhor e já se recompunha dos sustos. Fora levada às pressas ao hospital, e transferida pra capital.

-Não consigo entender esse seu ciúme, Magu, disse Marco.

-Olha quem Ma, disse Magu.

Sirinéia foi lavar roupa após obrigá-los à tomarem um banho de mangueira pra curar ressaca e tirar areia. Sentaram à mesa e foram bebendo café e discutindo da vida enquanto os outros não acordavam.

-Você é estrangeiro? Perguntou Sirinéia à Marco.

-Filho, respondeu Marco. Minha mãe é alemã e meu pai libanês.

-Fala Alemão? Quis saber Magu.

-Algo. O básico. Mas meu pai nunca me deixou aprender direito.

-Sério?

-Ele é Judeu.

-Ih... fez Sirinéia. Mais um pão-duro na minha vida!

-É comum, hoje em dia, empregar-se o verbo "judiar", assim, da forma mais banal, e poucos sabem a origem da palavra. Pensam que vem de judas. Na França diz-se "sale juif

E nós não dizemos também filho da puta? Neguinho? Paraíba?

-E você é judeu? Indagou Magu.

-Meu pai é.

-Sua mãe é Alemã e se casou com um judeu? Não é um contraste?

-Não sei. Me parece que vieram para o Brasil para fugir da segunda guerra mundial.

-E o Khasé? É judeu? Achei que era libanês.

-É judeu libanês! Riu Marco. Está entre dois fogos. Também está aqui por causa de guerras.

-Seus pais participaram da guerra? Perguntou Sirinéia.

-Só meu pai. Minha mãe chegou aqui antes.

Marco contou novamente a história de como Khasé e Martin haviam fugido do campo de Treblinka.

Nico, aquele que era kapo, não teve muita dificuldade em manter a confiança dos Alemães. Ele matou muitos irmãos. Salvou outros tantos. A ele Khasé e Martin deviam sua liberdade. Seriam eternamente agradecidos.

Um belo dia (não sei o que tinha de belo), Nico fazia a ronda habitual e viu um soldado de bochechas rosas chutando um judeu nas costelas em determinada parte do enorme campo, que, qual macabro formigueiro, concentrava milhares de detentos. Nico não hesitou. Chegou junto ao soldado e pôs-se à chutar o homem que urrava de dor. O soldado riu ao ver o judeu ser arrastado pelos cabelos para um cantinho isolado, assustadíssimo com o ar maléfico de seu carrasco Judeu. Ao vê-lo ensaiar uma roleta russa, o das bochechas rosas se encorajou, e entrou na brincadeira. Os dois apontaram para o pobre do judeu que não parava de chorar.

-Eins! Berrou Nico rindo

-Dzwei! Berrou o Alemão às gargalhadas.

-Drei! Berrou Nico estourando os miolos do Alemão, para a surpresa do condenado.

-Shnell. Ziehen sie an! Wir haben kein zeit! (rápido! Vista-se! Não temos tempo!)

O judeu vestiu cambaleante uniforme todo ensanguentado, pegou a arma, e já saiu mandando um qualquer arrastar o presunto. Não era problema o sangue, pois que ao matar-se detentos à até dez metros de distância o carrasco arrisca ficar ensopado pelo sangue à esguichar como jatos em todas as direções. Temos em nossos corpos litros de sangue, e a realidade é algo mais cruel do que na televisão. A morte é praticamente impossível de se maquilar. Os soldados e Kapos viviam ensopados pelo sangue das vítimas.

Por incrível que pareça, uns treze soldados deram lugar á judeus em seus uniformes antes que os Alemães percebessem a tramóia.

-Em outra ocasião, o sturmbahnführer mandou-lhe "ocupar-se" de três outros detentos que haviam tentado fugir. Na hora do jantar, ao invés de matá-los, Nico promoveu um espetáculo de barbárie, pendurando-os de ponta-cabeça em público ministrando-lhes ridicularizante palmatória até extrair sangue de suas pernas.

Em contra partida, poupou-lhes os rostos, evitando que tomassem-se 'Klepsudra', e, tamanho foi o divertimento daquela noite para os Alemães e Kapos, que esqueceram da pena de morte.

Três vidas foram salvas até aquele momento.

-E depois que Khasé e Martin fugiram? Como foi? Perguntou Magu.

-Bom, continuou à explicar Marco, vocês lembram que eles estavam na Polônia em pleno inverno de 43, neve chegando aos joelhos, e temperatura ambiente entre cinco e dez graus negativos. Dai à se morrer de frio é uma vírgula.

Martin, não sei o que fez. Mas meu pai, parece, vagou a noite inteira, e metade do dia seguinte na floresta, até que desmaiou de esgotamento em meio a árvores vestidas de gelo. Acordou só, tonto e fraco, e percebeu que só não tinha sangrado por todas as suas feridas por que o sangue congelara com extrema velocidade.

Encostado em uma árvore nua, ofuscado pelo branco da neve em meio à pântanos congelados, mal

sabia ele que, após tanto tempo de reclusão, uma visão de campos extremamente floridos qual ainda imaginava-os poderia até levá-lo à loucura. Talvez o desolador inverno polonês tenha sido providencial para o mínimo de equilíbrio mental necessário ao mantenimento da estrutura humana entre os rescapados.

Naquele momento ele pôs-se enfim à pensar. E o único pensamento que lhe vinha ao espírito era morte... De que adiantaria fugir do demônio se ele estaria condenado a morrer de fome ou de frio em meio à neve e aos galhos secos... Morrer no inferno...

Sua visão começou à turvar-se, e as árvores ficaram moles, como que de borracha. O chão começou à criar ondas, assim como o céu cinza. Num marasmo estático em meio as ondulações do cenário, gritos e desespero ressoavam sem parar em seus ouvidos. Brados incompreensíveis o mandavam , xingavam , agrediam... Ecoavam de lado à lado de sua mente atordoada...

O chão abriu-se lentamente à sua frente, e, como que um enorme trator saia de lá de dentro, com som de reco-reco, e gritos lancinantes.

Ele viu que a terra se abria e dava espaço à uma porta enferrujada.

Pensou em alguma utilidade que poderia ter. Um porta que saía do chão e de onde nasciam galhos secos... Galho no ferro... Ondas no chão... Fome... Berros em Alemão...

-Um menino pequeno, com um ar sujo, cheio de sardinhas e de terra agora brotava do chão... lentamente... Afinal, não é apenas matar menininhos e jogá-los em um fosso... Cobri-los de terra... Plantá-los... Depois eles brotam, e crescem, e voltam para vingar-se... São novamente assassinados...

Um menino... Que morreu coberto ainda vivo... E Khasé não pôde nada por ele... O menino agora ressurgia... Da terra... Cheio de terra ...

Khasé gritou de horror...

E o garoto saiu correndo...

Acordando de seu sono estático, Khasé viu que o menininho tentava voltar pra dentro do buraco no chão, escondido por uma velha porta de trem, na qual galhos haviam sido fixados, à guisa de disfarce.

Levantando-se com extrema dificuldade, Khasé chegou mais perto e discerniu a porta da toca. Pediu em Polonês para o menino abrir. Como não obteve resultado, perguntou em Alemão.

Tentou abri-la inutilmente. Algum tipo de mecanismo interno a prendia.

Puxou pelos galhos, deixando entrever a ferrugem. Não tinha forças sequer para tentar arrombá-la.

Khasé pôs-se à suplicar em tudo quanto é rudimento de língua que conhecesse.

Um quarto de hora mais tarde um dedique se fez ouvir.

O menino desbloqueou a porta, e alçou-a vagarosamente.

Era um buraco de cinco metros quadrados. Uma arma de pequeno calibre tremia de medo, olhando-o. Estava quente e cheirava a batata assada.

Ficaram calados outro pedaço de tempo fitando-se... Admirando-se... Khasé simplesmente não sabia o que dizer... Pediu tanto para o menino abrir... Ele abriu... E agora?

O garoto continuava a segurar sua arma, com as duas mãos, incontinente, quando uma gota de meleca pôs-se a escorrer de uma de suas narinas.

Ia escorrendo, e Khasé ia olhando... E ia chegando à boca... O menino ia ter que soltar a arma... Tentou com o ombro... Com a manga... Sacudiu a cabeça...

Soltou a arma e bateu no rosto.

Riram os dois até chorar. Uma criança!

Falaram-se em Polonês. Mokotow (a tumba) era seu codinome.

Khasé entrou no buraco, rindo e chorando ao mesmo tempo, e reparou que algumas batatas assavam, e ainda haviam uns trinta quilos amontoados no canto oposto, congeladas naturalmente. Um orifício levava a fumaça da toca para uns vinte metros de distância dali.

-Desde o início da guerra, em 39, algum pai precavido havia escondido o filho, com batatas aos montes, que só saia para colher madeira e alimentar seu fogo.

Apresentaram-se sem precisar de longos discursos. O menino não falava muito, mas Khasé fê-lo perceber que aquela pólvora congelada não ascenderia nem fósforo. Os dois não paravam de rir. Khasé fez um monte de caretas engraçadas... Contou piadas...

Mais um pequeno herói entrara naquele instante na vida de Khasé, oferecendo-lhe de bom grado a única coisa que tinha para comer: batatas.

Após a primeira refeição, extremamente fraco, Khasé dormiu. Dormiu horas seguidas. Dias. Um sono entrecortado de sobressaltos, sustos, e pesadelos.

Acordou dolorido... Moído... Quente graças ao fogo que o menino Mokotow (a tumba) não deixava morrer. Menino com apelido de mortalha, mas de alma viva; quente como já não se conhecia mais o calor.

Não saiu de lá de dentro por uma semana, talvez duas. O menino o via tão agradecido, à cada batata que lhe dava, o via tão pequeno e frágil, apesar de seu metro e setenta e cinco de altura, que não tinha coragem de lhe impor que saísse, ou que fosse buscar madeira.

Aos poucos, Khasé reencontrou seu espírito habitual, e, cedendo às constantes pressões do garoto que mais parecia um pai querendo botar um filho para trabalhar, acabou saindo.

Andou, andou, andou pela neve, sem saber para onde ir. Pôs-se a catar galhos e descascá-los, para forrar como podia os tamancos do campo de concentração ainda engraxados minuciosamente, e catou galhos, e... sem querer desentocou um ninho de coelhos... Catou um deles, e trouxe-o de volta para Mokotow. Comeram em paz. Ficaram amigos. Amigos inseparáveis. Às histórias de Khasé, sonhava o menino. Sonhava de casas que mal havia conhecido. Sonhava de quantos anos deveria ter um garoto como ele próprio. Sonhava de coisas à se comer, doces e melosas.

Passaram dias suaves, como irmãos que não se viam há muito tempo, e que tinham tantas novidades à se contar.

Khasé viveu quase dois anos na floresta gelada. Tirava água da neve, e fazia sopa de galhos com pregos. No verão, comia folhas de todas as àvores. Conheceu grupos de resistência polonesa que viviam entre as árvores e alimentavam-se de vodca. Os Alemães não tinham persistência o suficiente para conseguir exterminá-los, e apesar de conhecerem bem a neve, não conheciam a neve polonesa, que, como que em polvilho escondia armadilhas à cada centímetro. Russos, judeus, Ukranianos, mercenários, e sobretudo intelectuais Poloneses encontravam-se diariamente em vários pontos, dividiam comida, receitas, palavras encorajadoras, e traçavam planos de ação. Moravam em buracos, cavernas, tocas, nichos... Estouravam um hangar... Uma ponte... Organizavam incursões aos entrepostos Alemães visando expropriã-los do quanto fosse possível.

-Alguns camponeses os ajudavam, outros não, temendo sofrer represálias do inimigo. Confiavam a maioria em determinado mito que corria por entre todos os partidários', o do líder que ainda estaria vivo, organizando tropas e tropas de resistentes para o ataque final que os livrariam das garras dos nazistas. Lendário personagem, cuja existência era posta em dúvida por uns e outros, sobretudo pelos Alemães. Cada vez que rumores de batalhas ou grandes pequenas vitórias se faziam ouvir, dizia-se: o partidário Nadejda estaria tramando outra das suas.

Toda noite, chegavam frases, que eram dividas entre os partidários afoitos. Que mandou dizer

Nadejda? O que manda para hoje?

Palavras de conforto? Contos exultantes? Novas proezas?

Khasé, bem como Mokotow, novos resistentes, recebeu de Nadejda meio que ao vento, meio que de boca em boca, a ordem de atacar o "casarão".

O plano dos Alemães, explicaram os camaradas milicianos, naquela área era o que deu força à expressão de unir o útil ao agradável.

Enquanto os homens estariam no fronte, eles sequestravam sem dificuldade todas as mulheres que ficavam nas cidades das redondezas. Trancando-as todas em uma casa velha e grande, às proximidades de Varsóvia, satisfaziam seus desejos, e esperavam pacientemente os desesperados noivos, pais, irmãos e filhos que atacavam desesperados em assaltos suicidas. Eram os primeiros a morrer.

Juntaram-se a um grupo de resistência de cerca de vinte membros, onde todos diziam ter recebido ordens do camarada Nadejda, mas cada um de uma forma particular. Um foi advertido por um camponês... Outro recebeu as instruções na contracapa de um livro... Todos receberam armas.

Khasé, Mokotow e o novo grupo, tentaram desmontar o maquiavélico sistema.

Esconderam-se todos atrás de um matagal à vinte metros do casarão. As luzes vistas de fora lembravam mais um doce lar iluminado por velas. Ainda no meio das plantas, viam-se vultos de mulheres... E de um soldado ou outro. Nenhum de armas.

Contaram até três e decidiram atacar. Nos primeiros vinte minutos de investida três de seus companheiros caíram mortos. Mokotow porém, conseguiu em meio à uma salva de tiros chegar à uma janela, e, cortando-se todo com o vidro espesso, jogou-se pra dentro do aposento onde estavam as mulheres.

A primeira a vê-lo deu imediatamente o alarme, obrigando-o a fugir no mesmo salto.

De resto, foram facilmente rechaçados tendo ainda de juntar baixas significativas à seu grupo, e, no máximo o braço de um Alemão como prêmio.

-Vieram à saber que, as mulheres que até aquela altura não estavam mortas, decerto colaboravam. E mais interessante: os Alemães, fartos da guerra, haviam formado no "casarão" um "lar" feliz, e, como um monte de novos casais, que só saíam de lá para procurar provisões, mandando relatos de lutas e bravuras à seus superiores.

Perceberam então os partidários que estavam todos parados no tempo e não tinham mais a menor noção, fora a das raras expedições de reconhecimento, do que se passava no resto do mundo. Mesmo assim, como distribuir as novidades entre os vários grupinhos isolados, vivendo de pequeninas caças e fartos?

E no inverno? Os Alemães mal saiam de seus cantos. Os fazendeiros, não complotavam sempre com a resistência. Os que ajudavam uma vez tinham a desculpa de já ter ajudado. A comida se fazia rara, e a sopa de galhos alimentou o que pôde.

Por ser pequeno, Mokotow participava de delicadas operações de infiltração nos núcleos nazistas.

Chegou pelo ar a informação que numa velha fabrica estariam guardados viveres dos Alemães. Para elaborar-se qualquer tipo de plano, seria preciso ver como estava a situação, Khasé e Mokotow foram juntos.

Andaram juntos quilômetros.

Chegaram enfim à um grande muro, cercado de arames farpados, e a indicação de corrente elétrica.

Uma fabrica em ruínas, parecia realmente ter sido transformada em entreposto. Em momentos entrava ou saia um jipe ou uma moto. Uma música infantil saiu como que num brado, subitamente,

altíssima, de megafones instalados em um poste para todas as direções.

Os dois amigos entreolharam-se curiosos.

Mokotow, que não ouvia música infantil faziam anos, e que pra ele, um ano representava quatro quintos de sua vida, estava encantado e louco para entrar. Quando ia metendo-se por entre os arames farpados foi segurado por Khasé.

Passaram dois dias reconhecendo a área. Horas de um lado, ora do outro. Tinha um portão do estilo hangar, de suspensão vertical via corrente interna. Não havia entretanto nenhum sinal de conexão da rede elétrica com os arames farpados. A música ara ligada antes do cair da noite, no meio da noite, e de manhã cedo. Ares infantis, músicas de ninar e vozes femininas... E até uma história foi contada... História de fadas e coisas assim...

Voltaram e contaram tudo o quanto sabiam aos partidários. Formaram uma equipe de trinta pessoas, e acamparam nas redondezas da antiga fábrica. Não tinha um monte, uma saliência que fosse, que os permitisse estar mais alto que o resto. Mokotow queria absolutamente ir só, e por ser criança, entraria mais fácil no muro.

Aceitaram contra o consentimento de Khasé.

Aproveitaram dia de neve espessa, em que, como diziam, não botariam nem o cachorro pra fora caso tivessem um, para realizar a delicada operação.

-Esgueirou-se em meio aos arames farpados que efetivamente não eram eletrificados apesar da ameaça, e, com a ajuda de outro partidário, pulou o muro. Passaram então horas de silêncio. A música infantil recomeçou nos mesmos intervalos. Passou-se um dia. Dois. A comida acabou. Tinham que voltar.

Khasé ficou mais um dia sem comer. Chorou, e voltou.

Seria impossível forçar a barra num lugar daqueles.

Não sabem quanto tempo mais se passou, morreram um tanto de frio, outro tanto de fome ou inanição...

O inverno de 44 acabou, veio a primavera e o degelo. A floresta virou um pântano de lama.

Um dia, o grupo todo foi acordado por um brado vindo dos quatro cantos da floresta:

- Na Berlim! Na Berlim!

Barulho de motores! Tiros!

Sons lancinante de máquinas medonhas vibrando em conjunto, arrancando árvores pelas raízes.

Estava tudo terminado. Os Alemães iriam enfim destruir tudo.

Tinham enfim mandado os tanques para a floresta, varrer a resistência. Onde estaria Nadejda?

Saíram correndo para todos os lados. Khasé tentou subir inutilmente em uma árvore. Correu, mas, cheio de lama, foi vencido pelo cansaço. Abandonou-se.

"É o fim, pensou ele." Encostou-se ofegante à um tronco.

Um caminhão enorme, carregado de soldados Berrava "Na Berlim! Na Berlim!"

O campo de Treblinka voltou à sua mente. A enorme escavadeira, insaciável voltava pedir seu sangue. Os Kapos irascíveis empurravam-no. Idiôten ria. O sturmbahnfurer colhia dentes e cabelos.

Endemoniado, todos os seus músculos enregelados pelo frio incharam.

-Tõt! (morte) Berrou Khasé, corajosamente desarmado, disposto à dar uma sova no primeiro Alemão que visse, e em quantos viessem atrás.

O caminhão parou perplexo. Dezenas de caminhões, tanques, aparatos, máquinas e tentos mais

apareceram logo atrás e pararam ante o espetáculo. Milhares de homens a pé apareceram. Milhares! E este número fez Khasé recobrar consciência em meio a louca corrida à qual se havia lançado.

Caiu de joelhos no meio do caminho, berrando morte, morte!

Aproximou-se dele um soldado e perguntou-lhe o que estava dizendo em Polonês ruim.

A crise de Khasé estancou-se por um minuto. Ele não entendia?

Olhando bem, o soldado tinha os olhos puxados, cabelo preto e liso... Um tipo físico que ele praticamente só por foto. aquele não eram o uniforme dos SS, Usavam chapéus vermelhos.

-Ruski soldate!

-Ruski soldate!

-Ruski...

Khasé perdeu os sentidos.

Acordou no capô de um caminhão, onde todos cantavam em Russo se a lua brilhava de dia ou o sol iluminava a noite. "Ni conesa! Ni conesa!" (ninguém sabe)

Tanques, caminhões... Carregados de homens de tipo físico árabe, como o de Khasé, Ucranianos, Mongóis, Siberianos, Moscovitas... Na Berlim! Na Berlim! Berravam todos em coro!

Curioso era que, prestando bem atenção, ele conseguia entender o Russo, língua bem parecida com o Polonês.

Comeu feito um manjar as rações de guerra russas, feitas com cereais e batatas. Vestiu uniforme russo, e obteve o grau de sargento, por conhecer bem a área. Passou a liderar um grupo de caminhões... Na Berlim!

Poucos dias depois, conhecendo outros oficiais, quem estava lá... O tenente Martin! Faziam já dois anos, estava no exército vermelho. Falando Russo perfeitamente.

Khasé disse que literalmente babava por vingança. Que ele tinha sido transformado num completo animai

O tempo voa, e naquelas condições de vida, não se media tempo.

Khasé imaginou aqueles soldados altos, fortes, hiper nutridos, com as necessidades fisiológicas em dia, e cruzes gamadas aos ombros, atirando-se à seus pés e implorando clemência. Na Berlim! Berrava Khasé, seco por vingança.

E cada vilarejo alimentava o exército de libertação, de homens que cantavam em coro, bebiam, e festejavam. E o tenente Martin, ia vingar sua mãe, seu pai, seu avô, seus primos... Todos os que se foram, e ele que era o último. Na Berlim! Berrava Martin!

Cada grupo de resistentes era assim incorporado a medida que passava o incomensurável exército, até mesmo os nazistas desertores. Foi assim que Khasé ficou sabendo o que era o galpão e a música infantil. Àquela altura da guerra, com os fomos crematórios abarrotados, a falência do sistema de campos de concentração três ou quatro comboios carregados de crianças pequenas foram desviados para alguns quilômetros de Treblinka. Era impressionante que Khasé não soubesse ao certo o quão estava perto da fábrica de morte. E crianças choram e fazem cocô. As músicas tinham dupla utilidade: não só enchia os ouvidos dos bambinos choramingantes como também abafava por completo o estrondo que o choro coletivo feria nos arredores. A maioria dos soldados e Kapos eram femininos, e passavam o tempo a enchê-las de pancadas, e deixá-las abandonadas à própria sorte. Ninguém, absolutamente ninguém se habilitava a limpar os excrementos.

Passaram por Varsóvia, onde o quotidiano pouco parecia ter mudado, e libertaram a captai Alemã com pouquíssimos atritos. Os desertores explicaram que já não recebiam provisões e apoio da capital, sendo que Hitler já acreditava que o próprio

exército alemão, por sua fraqueza, não era digno da ideologia nazista, e começou a mandar suas tropas em missões suicidas. Uns obedeciam fielmente, mas outros tantos já não lutavam mais. A derrota já era eminente.

Passaram enfim pelo que sobrou do gueto deserto, povoado por despojos humanos e cadáveres. Naquela necrópole jaziam os corpos dos que não puderam ser levados para as fossas comuns, e os poucos raquíticos sobreviventes. Entre os raquíticos, o tio de Khasé, pai de Martin, desaparecido desde o início, comandava a resistência do gueto, que foi covardemente massacrada. Destruíram o que restava dos muros. Khasé reconheceu a casa que fora sua no gueto, e, em seguia, a que fora sua antes da guerra estourar. A fábrica de luvas fora transformada em fábrica de armas, sem sucesso pois que tudo estava deserto. Os poloneses alimentaram as tropas, e Khasé, e todos avançaram em coro .. Na Berlim! Khasé comeu como nunca!

Martin... Ia finalmente se vingar. Khasé ia finalmente se vingar... Na Berlim!

Passaram ainda pelo campo de Maídanek, outra engrenagem possante da indústria, e forçaram as portas. O campo estava abandonado à própria sorte, e os detentos que ainda tinham forças foram acolhidos segundo as possibilidades. Alimentar um exército acarretava um problema constante, difícil de se resolver. Assegurar o retomo dos detentos foi muito complicado. Chegou-se, vejam só que coisa, à montar novos campos de espera, para que pudessem chegar novos comboios e levá-los de volta. Italianos, Franceses, Eslavos, Gregos, Ingleses, Alemães, Russos, Poloneses de outras cidades... Dar prioridade a quem? Pessoas em estado precário de saúde, e total feita de médicos, remédios, comida... Os próprios Russos passavam fome! As tropas vermelhas precisavam avançar... Precisavam chegar ao objetivo final.... Precisavam destituir Hitler acima de tudo... Na Berlim! Na Berlim! Na Berlim!

Dias de viagem lenta, mas precisa sucederam-se. Na Berlim!

Chegaram enfim à fronteeira alemã no início de 45. Na Berlim! Os camponeses não recusavam alimentos. Muitos até saudavam. Na Berlim!

Finalmente Berrou Khasé! Berrou todos os palavrões que conhecia em Alemão. Em pé sobre a cabine do caminhão que liderava. Ria bem alto, e fazia-se de herói. Abria os braços, e ria como um pequeno diabo. Na Berlim! Tõt! Arch! Scheisel! Schweinem deutchem! Xingavam de tudo quanto xingaram-no antes! Agitando um fuzil, o novo gigante estava pronto para arrasar com os portões da cidade! Seus risos preocuparam as tropas, que não sabiam ao certo com que tipo de pessoas lidavam, e os efeitos que o sofrimento prolongado podem causar. Enfim chegaram à Berlim!

E lá o exército fez o desfile de vitória. Khasé deu uma saraivada de tiros em pé sobre a cabine verde! Soldaten ! Kommt! Wir sind Hier! (venham soldados, estamos aqui!) Nenhum soldado.

Nem sinal de armas.

Nenhum soldado alto, loiro, hiper nutrido, com suas necessidades fisiológicas em dia, levando ao ombro uma cruz

gamada.

Encontraram viúvas desamparadas, meninas e meninos que os olhavam de rabo de olho sem nada entender, fugindo ao menor sinal de hostilidade.

Martin pensou ter encontrado sua família em meio à todas aqueles infelizes.

Desta vez o carrasco era ele.

Desta vez Khasé percebeu o quanto que a guerra é terrível. Que flagelo! Que flagelo! Dezenas de crianças pobres, duras restrições econômicas! Viúvas! Pessoas implorando por um pouco de pão. Dezenas de pessoas tentado pegar as migalhas do que caídas das magias rações russas.

Mas não eram sua família.! Mas eram famílias!

Tendo perdido grande parte de sua adolescência e juventude, o ensino no Líbano que também não era lá grande coisa, Khasé era um total analfabeto, assim como a maioria dos foragidos dos campos e das florestas.

Armados, incultos, transformados em animais, Khasé e Martin roubaram motos, e passaram a ser jovens delinquentes em Berlim. Viveram de furtos e roubos durante quase um ano. Conheceram soldados Americanos, e passaram à frequentá-los assiduamente. Eles traziam chicletes, doces, café ... Catando a borra no lixo deles, revendiam caríssimo aos Alemães.

Um belo dia após árdua busca, meu avô do Líbano achou-os.

Khasé chegou ao cúmulo de não lembrar que tinha um pai!

Movido pela esperança, meu avô fez das tripas coração paia encontrá-los e ofereceu de irem todos embota juntos. Poderiam ir à Austrália, à Argentina, à Israel... Martin, vitorioso militar do exército vermelho, não quis nem conversa. Foi para a URSS, e, depois de anos, para Cuba.

Meu avô e meu pai optaram pelo Brasil, pois era o país menos militarizado. Apesar dos papéis franceses, Khasé preferiu fugir de tudo o que lembrasse neve, morte... No Brasil foi novamente civilizado, e a total ruptura com o passado só fez acelerar o processo de aprendizado. Ele foi praticamente alfabetizado em Português aos dezoito anos.

-Os Alemães são terríveis, não? Fez Sirinéia.

-Nau todo Alemão é nazista, esclareceu novamente Marco.

-Aqui é bom porque nunca tem guerras, meteu-se Magu.

-Você sabia que o Brasil tem um partido nazista?

-Não.

O nazismo só funciona porque é carregado de um lógica indescritível. Uma lógica capaz de convencer gregos e troianos. Para entender em sua plenitude, devemos entender que todos os regimes totalitários ou extremistas têm algo em comum. São totalitários e extremistas, independentemente de serem de esquerda ou de direita, de pregarem campos de concentração ou exército obrigatório. Falta ao ser humano o que já lhe faltava na primeira guerra, e na guerra de cem anos, e na guerra do golfo... O princípio básico: Somos todos humanos, e dependemos uns dos outros para viver. A paz é mais do que um Mor positivo: É um objetivo que deve ser almejado e atingido. Não se combate fogo com fogo. Quanto mais as pessoas armam-se, mais regridem no processo de paz.

Guerra ão tem agora. Estamos na fase latente. Se séculos da existência humana passamos em luta, porque haveria de ser diferente hoje em dia? Devemos confiar em jornais de dez anos pra cá e crer que a essência do homem de cro-magnon mudou, ou será que devemos tomar como experiência os presumíveis 400.000 anos de existência do ser humano dito moderno?

No dia em que eles conseguirem acabar com tudo por ali eles vão querer acabar com tudo por aqui também. Esse povo não sossega.

-Os árabes e judeus?

-Também. Tanto uns quanto os outros não perceberam que o processo de paz é imperativamente necessário. Mas antes fossem só eles. A guerra de lá é alimentada pelos Estados Unidos e pela Europa. O problema está no ser Humano. Não lembra do caso em que os Americanos vendiam armas tanto para o Irã como para o Iraque? Pra Argentina como pra Inglaterra?

-Taí uma guerra que foi próxima ao Brasil. A das Malvinas.

-Foi a guerra mais idiota que eu já vi, completou Sirinéia.

-Bode expiatório. Precisaram testar novas armas, como os Mísseis exocet... É a guerra indireta,

guerra fria... Imbecilidade globalizada... Morte sem sujar-se as mãos... Novos conceitos de logística.

-Eles estão sempre criando novas guerras para testar novas armas. Lamentou Magu.

-E para escoar as armas velhas. Porque se tanto montam armas novas, as velhas tem que ter alguma utilidade.

-O caos?

-Você sabia, continuou Marco, que nos Estados Unidos tem cento e treze usinas nucleares? E que na frança são cinquenta e quatro? E na Alemanha oitenta e oito? No Japão também já passam de cem! Aqui no Brasil, não! Temos usinas Hidrelétricas. A de Itaipu por exemplo nem funciona com o total de sua capacidade. Se a gente feita de energia é por que o sistema de distribuição é totalmente ineficaz. Aqui, nossa usina de Angra só funciona com um quinto de sua capacidade de produção. O caso, é que no mundo, pelo menos no hemisfério norte, tem por baixo, mil usinas nucleares funcionando à todo

Cada usina dessas despeja todo dia uma barra de um metro de comprimento por um centímetro de diâmetro de resíduos tóxicos, como plutônio, urânio, ou o que você quiser, que são o lixo. Aquilo que não é aproveitável para nada, além de não ser biodegradável, não pode ser tratado por nenhum método cientifico. Eles têm a doce esperança de que a ciência vai encontrar uma forma de lidar com isso. Um pequeno detalhe: isto é altamente tóxico, de forma que só de você ficar perto já está afetado geneticamente. Lembra do acidente do césio em Goiânia?

-Mas isso não tem nada à ver com usinas, replicou Magu, mas com restos de raios-x.

-Ué? E daí? É só pra você ver o quanto que pode afetar as pessoas. O césio é levinho. Queria ver se fosse plutônio. Você viu o tal dos testes efetuados pela França no pacífico?

-Sim, não entendi como eles puderam. Logo nos cinquenta anos da bomba em Hiroshima.

-Eles puderam? Eles foram só bode expiatório! Estes testes eram considerados necessários por todos os países que pesquisam a energia atômica. Agora podem, segundo o presidente deles, efetuar todos os testes em computador. Imagine você se fossem os Estados Unidos os realizadores dos testes?

-Seria um escândalo.

-Imagine a Inglaterra, que já ficou terrivelmente manchada na guerra contra a Argentina, que, como eu já disse, não passou de desculpa para testarem as novas armas da época, como os mísseis exocet. Dizem que aos Argentinos só sobraram as armas da segunda guerra, que nem funcionavam mais. Aliás, os Ingleses mal combateram, pois enviaram um exército de mercenários onde tinha até gente do Nepal. Os Gurcas.

-Os o que?

-Não importa. Imagine agora a Alemanha fazendo testes nucleares! Que desastre! A França era o único país politicamente correto da Europa. Era. Não tinha nenhum inimigo declarado. O boicote japonês aos produtos oriundos de lá foi inútil. Pelo menos, se não foi, eles não estão divulgando nada à respeito. Interessante, é que o clube mediterrâneo interessou-se em pegar o local por taxa irrisória, e montar um grande clube. Teoricamente, já não havia risco nenhum de contaminação.

-Mandaram uns soldados que ficaram até felizes com a missão de medir o nível de radioatividade no pacífico sul, e voltaram deformados.

-É mesmo?

-Pode apostar. Mas voltando ao caso das usinas nucleares, temos no mundo todo mais de mil usinas. E cada uma produz uma bana daquelas que eu te falei todo dia. É o lixo radioativo. Lixo nuclear, como você quiser chamar. Isso foi a notícia que eu li numa revista. Estrangeira, é lógico, por que a impressão que eu tenho é que nenhuma revista ou jornal brasileiro presta pra dar informações. Já reparou que elas contém todas as mesmas informações? Você o Jornal tal ou tal, e você lê as

mesmas opiniões. Na França, por exemplo, há revistas para tudo quanto é gosto. De esquerda, de direita, de centro, sem opinião...

-É, mas nos Estados Unidos, que eu saiba não tem tanta variedade assim.

-Não falei Estados Unidos. Falei França. Lá eles tem interesse na divulgação de determinadas notícias que não divulgam na América. Essa foi a noticia que eu li. Pura informação de quantidade, nada de mais. Mas agora fiquei perplexo. Pensa só: se são mil usinas por baixo, e cada uma solta uma barra daquelas por dia, como um cocô radioativo, são mil barras produzidas por dia, em todo mundo, por baixo.

Em um ano, são trezentos e sessenta e cinco dias, temos trezentos e sessenta e cinco mil barras.

Se as usinas funcionam neste ritmo há dez anos, na verdade são trinta, mas vamos considerar dez pra facilitai' os cálculos. Se as usinas funcionam neste ritmo fazem dez anos, chegamos ao novo número: três milhões, seiscentos e cinquenta mil barras produzidas até hoje! Por baixo.

Três milhões, seiscentos e cinquenta mil barras de porcaria radioativa, altamente tóxica, sem tratamento possível pela ciência. Onde é que eles enfiam essa coisa toda?

-Isso eu sei. Eles botam em blocos de concreto, e enterram, ou jogam no mar...

-Claro. Mas se eles soubessem mesmo que o concreto é eficiente contra a radiação, eles já não teriam encontrado ao menos um paliativo para os atingidos? Ou para o isolamento das usinas? Não estariam ao menos à caminho da descoberta do tratamento?

-Mas dizem que estão à caminho.

-Dizem! Muito bem! Dizem! Não sei se você sabe, isso eu vi pela parabólica, vieram a descobrir que toneladas de detritos radioativos estavam estocados ao norte da Escandinávia. Vieram à descobrir graças à um enorme iceberg que se desprendeu de lá e veio derreter na costa leste da Inglaterra, por causa das correntezas contaminando assim todo o mar do leste inglês. E isso coincidiu exatamente com a doença da vaca louca.

-Mas tem outras explicações para a aparição da doença...

-Lógico! Você acha que eles não tentam encobrir de todos os lados? Mesma coisa para o Ebola, a Aids...

-Marco, você tá exagerando... Isso não tem nada à ver...

-Pode ser, mas o exagero é que nos faz tomar consciência das coisas. Você só percebe o mal que a cachaça pode fazer ao organismo numa manhã de ressaca. De noite tudo parece correr bem. Exagero! Sensacionalismo! O caso dos sem-terra! Só veio à tona graças ao sensacionalismo da tevê! Senão nós nunca ficaríamos sabendo. Pra não falar dos policiais de Diadema!

-Mais e aí?

-E ai, que eu não sei se você se lembra, em meados de oitenta e quatro, a Itália ofereceu pagar a divida externa do Brasil, em troca de poder guardar na Amazônia um barco apinhado de resíduos tóxicos. O Brasil recusou, não por bondade ecológica, mas por valorizar ainda muito os recursos naturais da floresta. Este barco ficou então à deriva, de país em país, sem poder atracar. Depois nunca mais ouviu-se falar nele.

-No mínimo afundaram em qualquer lugar...

-E o caso do leite?

-Leite?

-Em oitenta e oito. Logo após o acidente de Chemobyl, choveu chuva ácida e contaminada na Europa toda, inclusive sobre as vacas. Estas, deram leite contaminado, que foi exportado pela Bélgica para o mundo todo. Deu um escândalo, e todos devolveram-no. Exceto o Brasil, que

resolveu distribuir para o nordeste. Deu outro escândalo, e resolveram tirar depois das prateleiras. Mas uma dessas companhias de iogurte comprou à um preço módico, e fabricou produtos com o leite contaminado. Certamente a gente chegou à tomar. Como a dose foi pequena, ainda não se sabe como é que as coisas vão rodar. Sabe-se que a radiação leva anos para se manifestar. As vezes até trinta anos! Depois deu o terceiro escândalo, tiraram esses produtos das prateleiras, e não ouviu-se mais à respeito.

E recentemente, em noventa e sete, um jornal muito popular, publicou uma pequena nota de cinco linhas, numa magra edição de segunda-feira. Em cima de uma publicidade de agência de turismo. Veja bem: para um jornal como esses jornais brasileiros publicarem isso é por que o caso já deve estar bem pior. Como um iceberg, cujo o fundo é oito vezes maior que a ponta aparente. Estava escrito, não sou eu, estava escrito que eles estão com um enorme problema de estocagem, e estão à beira de um derramamento estipulado em milhões de toneladas. Dizem que vão guardar nas montanhas Rochosas, num lugar onde não há ninguém.

-E daí?

-E daí que eu penso que tanto os Estados Unidos, quanto a Europa, quanto o Japão e arredores estão seriamente comprometidos. E se a água lá ficar contaminada?

-Sei não...

-Você já reparou na política do nosso atual presidente da república? Ele é poliglota, viaja pra tudo quanto é país da Europa...

-Sim, mas isso é política externa!

-Claro! Politicagem externa Ele conseguiu a queda do visto! Brasileiros agora não precisam mais de visto para entrar na França!

-Isso não é bom?

-Ótimo! Agora todo Brasileiro vai viajar livremente pra França! Vamos todos pra lá! O que ainda está fazendo aqui? Quem é pobre, já não viajava e vai continuar não viajando, com ou sem visto. Quem era rico viajava, e vai continuar viajando, com ou sem visto.

-Sim. E dai?

-Não lhe parece estranho que a França, tão boazinha, abra as fronteiras com o Brasil, mas feche totalmente as portas aos Africanos?

-Claro! Mas acontece que eles estão investindo aqui! Compraram a companhia de eletricidade! Vão comprar os Telefones! E outras tantas!

-Perfeito! Perfeito! Você está começando à seguir lógica que eu esperava. Por que será que a França, e os estrangeiros tem subitamente tanto interesse aqui neste terceiro mundo, e não lá na África? Ou na Ásia?

-Porque aqui é o país do futuro! Porque aqui a economia está esquentando! Porque tem novas chances aqui!

-Exato! A economia está esquentando! Está estável não? Ou você também acha que inflação é uma coisa metafísica, que escapa facilmente do controle? Oferta, demanda... O dragão da inflação comedor de salários, e o milagroso plano de estabilização. Fizeram de uma realidade concreta e explicável, um caso incontrolável de metafísica. Não seriam regras específicas de economia a controlar o aumento dos preços? Será que simplesmente ele não aplicou uma destas leis? Será que todos os nossos presidentes da república eram tão tapados que não imaginaram um plano que chega à ser bobo de tão óbvio?

-Ora, eles tiveram, outras dificuldades!

-Não! Eles não sofreram esta pressão do FMI exigindo da América Latina que chegasse à uma

estabilidade econômica, propícia para a instalação dos estrangeiros. Você Não se tocou até agora? A Vale? Eles estão privatizando todas! Daqui à pouco, se continuar neste ritmo, pra pagar conta teremos que ir à Paris!

-Você está exagerando novamente...

-Você é que está dando uma de cego e não quer enxergar! Engane-se! Eles estão vendendo o estado! Vendendo o estado brasileiro, que é o patrimônio nacional, aos estrangeiros!

-Mas a companhia elétrica até vinte anos atrás era estrangeira!

-Sim! É um dos métodos que eles encontraram para nos dominar! Implantando sua tecnologia aqui, fechando totalmente o nosso mercado através da ditadura, sob pretexto de desenvolver nossa indústria nacional! Protegendo indústrias nacionalíssimas, como a automobilística! Sentiu? Fechar o mercado pra proteger as multinacionais! Agora a ditadura caiu, porque não fazia mais sentido sermos aliados políticos dos Americanos, os ditos democratas, liberais, etcétera e tal, e sermos uma rígida e repressora ditadura.

-Sei.

-E o salário mínimo? Aumentou?

-Sim.

-Não!

-Sim, houve uma melhora!

-Claro que houve! De setenta passou para cem cruzeiros! Maravilhoso, não?

-O povo até está comendo carne!

-Que ótimo! Maravilha! Supimpa! E continua todo mundo na favela! Vivendo graças ao lindo salário mínimo! E comendo carne!

-Não seja irônico!

-AM! Não está tudo preparado para a vinda dos estrangeiros?

-Você está me confundindo.

-Toda empresa multinacional que se presa, tem um programa de intercâmbio e expatriação de funcionários. E estão vindo muitos. Expatriar um estrangeiro custa muito caro. E casa, curso de Português, carro, colégio para os filhos, um gasto de cinquenta à cem mil cruzeiros. Será que aqui não há pessoal qualificado?

-Claro que há! Tem muita gente qualificada aqui!

-Então? Todas as empresas não vivem chorando miséria? Cortando gastos ridículos aqui e lá? Só falta cortarem o café dos funcionários lá onde eu trabalho! E o que justifica tantos gastos?

-Eles querem apenas que a forma de dirigir as empresas sejam do jeito deles lá fora. E por isso que querem executivos estrangeiros, que tragam consigo sua forma de trabalhar, organizar e delegar as responsabilidades. Não tem nada a ver com vinda massifica de gente de fora.

-Ótimo. Agora você imagina só, se dá mesmo algum tipo de merda lá. Imagina só se eles têm que vir todos em massa aqui pra América latrina, e se refugiar. Todos neste país que os recebe de braços abertos.

-Não viaja Marco.

-Imagina. Imaginar dói? Quem é que habita o sul do Brasil? Descendentes de Alemães e de Italianos, E até São Paulo, onde mora a maior colônia Japonesa do Cone sul. Ao norte temos as Guyanas Francesa e Inglesa. O Rio é onde os Franceses puseram o primeiro grande pé. E os Gaúchos que defendem a separação do resto do país. Percebe? Eles vão recomeçar toda a segunda

guerra mundial aqui! O Eixo ao sul, e os aliados ao norte!

-Marco... Não viaja...

-Os dois karmas do Brasil são a escravidão e a guerra do Paraguai. A guerra será paga com a guerra.

-Sei, sei... E o outro?

-A escravidão? Bem, esta será paga com os campos de concentração que serão montados por aqui. Os Alemães vão tentar gazear todo mundo. Aliás, os Franceses também. Quem sobrar será teoricamente dono da única parte não contaminada que sobrar no planeta.

-Ótimo!

-Então, as outras nações vão tentar pegar sua fatia da torta de oxigênio. Os Chineses virão pelo pacífico, passarão os Andes e conquistarão o equador e a Bolívia. Os russos tentarão pela Colômbia. Os Estados Unidos já estão presentes em tudo quanto é lugar, tentarão ser mediadores, e ficar de bem com todos. Serão os colonizadores mais hipócritas, e, novamente aparecerão as tradicionais alianças. Ao sul, Itália, Alemanha, e Japão, ao norte. França, Inglaterra, e Rússia. E as tradicionais rivalidades Chino Japonesa e por aí vai.

-Excelente!

-A diferença, é que na segunda guerra mundial, ainda havia um planeta pelo qual brigar. Aqui, no novo panorama, não haverá mais planeta, porque nós o destruiremos.... A natureza levou séculos, milênios, para formar a vida como ela é... E nós, em poucos anos acabamos com tudo...

Marco bateu com a cabeça na mesa.

-Ele está na rebordosa, explicou Magu à velha atônita. Isso passa.

-Mais um sonho é realizado...

Este era o dia de voltar pro Rio,

O resto do pessoal acordou, tomou café.

- Vou vender! Decidiu Marco.

Magu ao fazer uma tatuagem ofereceu ao cliente. Este cheirou, gostou, experimentou, ofereceu mais do que o previsto. Mil e quinhentos cruzeiros. A transa foi sem complicações, na combi. Toma lá dá cá.

Isabelle não gostou Voltaram de viagem de cara amarrada, sem falar-se quase.

Foi contra o consentimento de todos que Marco entrou sozinho na loja e olhou as motocicletas, com cuidado, uma à uma. Andava com o olhar cheio e expressivo por entre a centena de máquinas expostas. Um semi-sorriso. Passando os dedos de leve. verificando as diversas capacidades, as velocidades, e tudo mais. Os novos modelos eram arrojados, arredondados nas formas, musculosos, e as latarias brilhavam à meia-luz que entrava pela porta principal. Tinham vida. Cento e vinte e cinco, duzentos e cinquenta, setecentos, e tantos outras cilindradas. Marco lembrou da maldade das pessoas no trânsito, nas lições de moral, e em tudo mais. Lembrou dos molequinhos que tocavam fogo no mato do lado de sua casa, enchendo a casa de cinzas. Depois todos cresceram, e viraram molecões que tocavam fogo no mato do lado de sua casa. Marco sabia que as casas deles também ficariam cheias de cinza. Expludo o prédio em que nós dois moramos só pra te encher o saco. Mas Marco tinha pena deveras folhas queimando. Imaginou as frutas que não cresceriam mais, os ninhos de passarinhos em brasa, e os ovinhos, que acabariam cozidos com os fetos dentro. Ainda podia ouvir os berros de seu pai pela casa: "bando de macacos! Toca fogo na bunda da mãe!". Podia ouvir também sua mãe explicando que eram pobres, que não tinham educação, e tudo mais. Podia ouvir Isabelle gritando pra todo mundo ouvir... Podia ouvir Magu rindo... Ouvir... Ouvir...

" Hram, hram... Posso lhe ser útil?"

Era o vendedor. Marco olhou bem pra ele. Tinha de leve o tipo de seu pai. Meio barrigudo, com a camisa meio mal- abotoada. Talvez meio bem abotoada. Com aquela cara de quem tava achando que Marco não iria comprar nada, e que pessoas que não compram nada não são dignas de olhar as coisas que estão expostas, e pior, ficam mexendo nas etiquetas, apertando frutas, desarrumando tudo e arrancando rótulos. Marco podia ver claramente o vendedor, igualzinho à um barman português de boteco pé-sujo, indagando: "vais cons'mir ou vais só f'car ai rasgando os rótulos das g'rrafas?"

Foi com convicção que Marco respondeu:

" Pode ficar tranquilo, seu portuga, não vou descolar rótulo nenhum, e pretendo consumir assim que decidir o que!"

O vendedor apertou um pouco os olhos, mexeu ligeiramente o queixo pra baixo, ajeitou o nó da gravata e foi atender outra pessoa.

-Esses vendedores, pensou Marco.,.Lembrou-se de quando entrou numa loja de discos... Viu um todo prateado, no alto, fora do alcance das pessoas, com uma foto da Marlyn Monroe estampada. Anunciado como joia rara da loja. Perguntara à um vendedor semelhante o que vinha à ser aquilo.

" Ah? Perguntara o vendedor. Aquilo é muito caro!

-O caso, disse Marco, é que eu não quero saber se é caro, eu quero saber o que é aquilo!

-Aquilo custa cem cruzeiros!

-Seu Vendedor, eu tenho dinheiro. Se eu quiser eu compro essa loja inteira! Eu compro o que eu bem entender!

-Mas...

-Compro a loja e despeço você!

-Ah, conta outra pé-de-chinelo!

-Eu só quero saber que droga é aquela que tem aquela vaca estampada, e você vai pra casa do cara...

-Segurança! Segurança! Bota esse maluco pé-rapado pra fora! Rápido! Ei! Para com isso! Seu Doido! Ai! Ai! Droga! Segurança! Isso! Bota ele pra fora! Seu duro! Pleibói frustrado!"

Ainda teve outra com vendedores! Ele com um sapato de borracha, dos tipos que ele sempre usava Impermeáveis e baratos. Alinhados. Qualquer um do povão saberia identificar os populares calçados. Mas os patrões, que exigiam a apresentação mais perfeita, nunca passariam naquelas lojinhas da praça Tiradentes, e nunca iriam descobrir o preço das roupas que Marco usava! O caso é que ele entrou na lojinha calçando um par já bastante gasto. O vendedor nem olhou pra cara dele. Marco aproximou-se assim mesmo.

" Por favor, o senhor teria um sapato de borracha deste modelo?

-(Pausa pra olhar)... Este modelo?

-Sim, deste modelo.

-(Longa pausa pra olhar)... De borracha?

-Sim, de borracha.

-(Nova pausa)... Sapato?

-Não. Não é sapato. É mocassim de pele de camelo.

-Perdão?"

Más, esse vendedor de motos era realmente bem parecido com Khasé! Lembrou um dia em que foi com Isabelle fazer-lhe uma visitinha. Aquelas coisas de pai pra filho... Digo, de filho pra pai... Entraram e conversaram até que chegou a hora do jantar. Com o maior carinho Khasé perguntou

quem queria jantar. Isabelle, sempre tímida, mesmo estando com fome disse que já havia comido. Marco entretanto comeria com prazer.

-" Ótimo! Vou tirar o fígado e o jiló pra nós dois!"

Pensando bem... Não! É... Depois Marco iria comer em casa... Não poderia estragar seu apetite naquela hora... O feijão iria estragar... Sabe como é que é, né?

Em dez minutos Khasé apareceu com a boca toda vermelha de molho de tomate, um prato de lasanha e uma Tota-tola para os quais Marco só olhou.

Agora estava o sonhador olhando para seu sonho. Cento e vinte e cinco cilindradas de músculos metálicos... Brilho... A menor moto e a mais barata de todas.. .O pequeno sonho de um, lixo doméstico de outro... Agora... A consagração!

A etiqueta já estava descolando na mão do homem.

Quanto é? Como se eu não soubesse! Afinal eu passei anos babando na vitrine até poder encarar o Português nos olhos e afirmar de que nunca mais vou arrancar rótulo de garrafa alguma! Nem mesmo de uísque importado! Nem mesmo de cerveja malzebier nem de refrescorante! E você prefere em cheque ou à crédito? Terei o prazer de pagar à vista!

" Quanto é cada rótulo ?

- De cento e vinte e cinco? Hit the road Jack, and don't vou come back no more! Go, go, speedracer GOOGOOO

Marco torceu a munheca direita pra trás, e sentiu o vento no rosto. Saiu da loja montado em seu sonho! Mudou de marcha e sentiu os olhos chorarem por causa do vento frio. Apertou a embreagem e sentiu a jaqueta jeans inchar-se como se ele próprio estivesse inchando. Uma curva e duas! O ronco do motor zerinho! Três e quatro! Os canos todos pra trás. Nada de trânsito! Nem dificuldade de estacionamento! Nem de gasolina: trinta quilômetros por litro! A cidade à seus pés! Não! O mundo inteiro! Facilidade de trabalhar! Viagens! Nada mais de correr e correr! De horário pra pegar o Ônibus lotado, ou de não poder voltar pra casa! Cinco e seis! Tchauzinho pra vocês! Mas pilotar com consciência e paciência! Esse c meu lema! Não vou passar dos oitenta nem ficar sem capacete. Isabelle. Puxa vida! Vida! Isa, isa! E o motor roncou firme. E o guidom novinho em folha virava como maçaneta engraxada. E os prédios vinham rápido em sua direção. E as cabeças dos pedestres... Manchinhas à olhá-lo perplexos! E numa curva virou o guidom com tudo. Um caminhão virou com ele, mas Marco passou voando por cima! Muito mais alto do que qualquer mortal imaginaria! E o Céu estava mais brilhante do que nunca! Mais azul! Agora via a cidade inteira das alturas! Os prédios foram ficando menores! As ruas já eram faixas pretas separadas por linhas amarelas e brancas! As pessoas embaixo já nem olhavam mais pra ele! Como poderiam? Leveza completa! Um friozinho no estômago! Rodar em círculos pra ver as ruas de mais perto! Subir, descer! Rodar! Respirar um ar que ele nunca havia respirado antes! Como é que ele nunca havia percebido o frescor daquele ar? Nas esquinas ele via os carros parando, respeitando ou não sinais de trânsito. Viu também uma aglomeração em uma dessas esquinas. Reparou que como ele, tinham várias pessoas que sabiam voar! Como é que ele nunca havia reparado nelas antes? E elas estavam em paz, com caia de estarem ocupadas, mas sorriam

acenavam! Entre elas estava o seu avô! E ele pegou Marco pela mão, sem deixar de sorrir! Marco lembrou de quando era um neném, saindo do útero de sua mãe. Lembrou da primeira luz no fim do túnel, e da expressão da parteira. Das palmadinhas e do choro. De Khasé em casa, com mais cabelos e menos barriga, berrando de felicidade, que a vida era uma droga muito boa. Lembrou da primeira vez em que viu Magu, quando ainda eram bem pequenos, e ele já tinha aqueles óculos enormes. Queriam desenhar, mas tinham apenas uma caneta, brigaram, brigaram e brigaram, e Marco finalmente ganhou. Mostrou a língua pra ele. Magu foi então chorando fazer outra coisa. Não se passaram cinco minutos, e Marco foi atrás, enjoado de desenhar. Magu voltou então correndo, pegou a caneta, e rabiscou. Enjoou rapidinho também e ambos abandonaram tudo. Passaram grande

parte da infância disputando os brinquedos, e depois enjoando deles. Depois, na adolescência, disputavam os baseados, quem dava mais tapas que o outro, quem aguentava mais prender a fumaça do que o outro, e enjoaram também. Chegaram até à enjoar-se um do outro. Mas nunca durava mais do que cinco minutos.

Marco reparou que podia passar por entre as nuvens, e não se molhar. Viu a cidade a um quilômetro de altura. Apesar disso ele podia perceber os detalhes que aconteciam lá embaixo. Ele lembrou de logo quando começou à ser vegetariano e foi para um restaurante com o amigo. Magu brigou com o garçom, exigiu pratos sem carne, e fingiu ser ele o vegetariano convicto, enervado, perguntando trezentas vezes se em tal prato havia ou não carne, já que Marco nem gostava de contar aos outros seus hábitos alimentares.

Marco lembrou de Isabelle, também no inicio de seu relacionamento, quando ela disse convencida que não gostava dele, que não queria nada de sério. Todos apostaram neste dia que dar em casamento.

Marco lembrou de um dia na Barca lotada quando uma velhinha crente fazia um sermão. Ele havia lembrado que sempre dormia aos domingos pela manhã nas missas da igreja, e era acordado pela mãe que dava-lhe cotoveladinhas no ombro sem deixar de olhar o padre. Naquele dia porém foi outro crente que o acordou para dar um papel com uma foto de flores, e uma mensagem da bíblia. A resposta "Mãe, eu não quero Mar com o padre, ele é mau, fica falando de inferno..deixou-o constrangido e ele foi evangelizar outro.

Toda sua vida passou diante de seus olhos no espaço de alguns segundos. Todas as pessoas que ele conheceu.

Marco não sentiu vontade de Mar, pois palavras não poderiam traduzir a alegria que ele sentia naquele momento. J unto de seu avô, desceu até a aglomeração.

Viu um de seus braços saindo do meio dos destroços da moto.

Viu um menininho negro longe da aglomeração, sentado boquiaberto em frente a uma lata de lixo, sozinho, olhando seu crânio intacto, arrancado de seu corpo, com o sangue ainda escorrendo pela base do pescoço, formando uma poça.

Marco viu o resto de seu corpo esfacelado debaixo das rodas do caminhão.

Epílogo.

Faz muito tempo que não vejo mais Isabelle, Magu, Sharon, Alvinho, Khasé, Adam, ou os irmãozinhos de Isabelle. Lembro-me vagamente de Khasé segurando a mãe de Marco que mal conseguia ficar de pé no enterro. Também de Magu berrando que ia matar o primeiro filho da égua que chamasse Marco de maluco. Isabelle sumiu dos mapas por uns tempos. Ficou abaladíssima, e contou que sempre sonhava com uma imagem dele. Ele dizia que estava bem, que tudo é assim, uma grande brincadeira, e ria pra valer.

Isabelle também confessou que estava apaixonada por um tal de Cadu, amigo de faculdade, apesar de ter jurado de pés juntos que nunca mais iria gostar de ninguém. Mas lembra com nostalgia desta época de sua vida, destes anos em que passaram juntos, que são considerados os melhores da vida de uma pessoa porque ela é jovem. Ela até se arrepende de certa ocasiões em que discutiam sem motivo. Como uma por exemplo, na barca, quando viram duas crianças, uma chorando e a outra brincando pra lá e pra cá. Marco nem pareceu reparar no movimento. Aliás, qualquer coisa que lembrasse crianças faria Marco sentir-se bem, ainda que fosse choro. Isabelle achava um absurdo as menininhas não saberem se comportar, ainda mais em público, fazendo aquele escândalo. Eles ainda discutiam sobre a questão do comportamento das crianças.

Os mais desajeitadozinhos, como sempre foram Marco e Isabelle, não sabiam o que era quebrar copos sem ouvir uma bronca apocalíptica. Não poder brincar sossegado na sala pra não quebrar os vasos, nem no quarto pra não quebrar a lâmpada ou o quadro da titia, na cozinha então nem se fala.

Quanto mais Khasé, Sharon ou Pedrozo os chamassem de desastrados, mais aquela imagem ficaria incrustada na cabeça deles. Do desastre. Das coisas derramadas. Das manchas na roupa. Da relíquia sentimental da família que não valeria centavos num brechó reduzida à cacos. Nos bares, peça um copo de plástico para os que não sabem se comportar, e os de vidro para nós, os responsáveis adultos que não damos um cruzeiro para garotinhos que passam fome mas gritamos por causa de copos de geleia de mocotó quebrados fria e insensivelmente por nossos filhos desastrados. Brincar? Isso ele pode fazer outra hora. Mas esse objeto tem um valor sentimental indescritível para nós! Não mexa nisso, não mexa naquilo. Aliás, não mexa em nada. Coma sem brincadeira. Não faça bolinhas com o guardanapo. Nada de sujeira, pelo amor de Deus!

" Sabe, mamãe, aquele vaso que você adorava, que vinha passando de geração em geração? Essa geração deixou cair!

-Que História de geração é essa, hein Marco?

-Foi quando eu quebrei o vaso que a mamãe mais gostava.

-Ela te bateu?

Não. Mas chorou a noite toda. Meu pai estava Bêbado, sem paciência, e não quis bater nela. Nem em mim. Acabou desmontando a casa toda. Minha mãe se impressionou e continuou à quebrar tudo. Ele na cozinha, ela na sala. Depois ele no quarto deles, ela no meu.

-Por causa de um vaso?

-Hoje em dia nem se lembram mais dele. Eles querem que eu tenha esquecido, por isso fazem de conta que não aconteceu nada. Mas eu fui o único que voltei à comentar à respeito. Isabelle ... Por que as crianças não podem brincar com tudo aquilo que elas acham interessante, Hein?

-Ora, Mamaco, é porque senão elas quebram tudo!

-Sim, eu sei disso. Mas o que importa um copo, um cinzeiro, um boneco...

-Pra você obviamente nada! Pros outros é um objeto que se preza, pelo qual se trabalhou...

-Você não entendeu! Por que não deixar simplesmente a criança brincar com tudo que quiser, sem traumas... Sem convencê-la de que é um monstrinho . ..

-Marco, disse Isabelle secamente, começando à ficar irritada, quando eles fossem pra casa dos outros, iriam querer mexer em tudo...

-Mas...

-E por consequência iriam quebrar tudo também!

-Mas por que as pessoas se importam tanto...

-Você parece até que não sabe o que é trabalhar muito pra comprar essas coisas! Isso é importante, e vêm qualquer garotinho sapeca e mimado, ficar mexendo e destruindo tudo!

-Mas por que as pessoas dão tanta importância à objetos que podem ser quebrados? Uma hora ou outra...

-Uma hora ou outra nada, cortou ela já claramente irritada, não iriam quebrar se não houvesse criança por perto!

-Mas mozinho...

-E quando visitassem os amigos não passariam vergonha, pois os filhinhos estariam educados o suficiente pra não mexerem em nada!

-Não foi isso que eu quis dizer, Isa, mas por que os anfitriões deveriam se importar mais com suas porcarias sentimentais do que com o prazer da criança brincar. .

-Marco! Você é burro! disse ela já aos berros. Se viessem meus irmãos para nosso estúdio, e

mexessem em tudo, e quebrassem tudo, e xeretassem tudo, você iria gostar?

-Eu...

-Veja meus irmãos como são mimadinhos! E você mesmo! não passa de um marmanjo mimado!

Calma, mozinho, você não entendeu o espírito da coisa. Eu só estou querendo saber porque as pessoas se preocupam tanto com certos objetos, que são quebráveis, enferrujáveis, frágeis! São coisas que de uma hora pra outra podem quebrar! Até mesmo com o vento! Por que elas não ocupam sua mente com coisas realmente importantes, coisas que não quebram, nem se enferrujam, nem apodrecem...

-Como o que, por exemplo?

-Sei lá, eu! Uma música, uma pintura, um poema...

-E o violão não quebra? E o quadro não se estraga? E as traças não comem os livros?

-Você ainda não entendeu, Isa. Um violão eu posso comprar outro. Uma pintura eu posso pintar outra. Copiar. Copiar a poesia quantas vezes eu quiser, e espalhar pra todos que tiverem prazer ao lê-la... meus sentimentos...

-Mas aí já é plágio Marco! Você vai querer depois os direitos autorais...

-Claro que não! Eu vou querer divulgar um trabalho legal!

-Marco! Haja dinheiro pra estar comprando violão o tempo todo!

-Olha só, Isabelle! O assunto que você abordou agora é extremamente interessante. Haja dinheiro. Não é que o dinheiro vem sempre antes de tudo?

-Claro! É tão difícil ganhar!

-Agora imagina se a gente não precisasse mais ganhá-lo.

-Haja paciência...

-Só imaginar. Não precisa vir com esse preconceito todo. Você nem ouviu!

-Pelo contrário, de você já ouvi demais.

-Então vou ficar imaginando de voz alta uma sociedade do futuro, e você que tape os ouvidos se não quiser ouvir.

-Como é que é essa história de futuro, seu chato?

-Eu quero dizer que na sociedade do futuro, pelo caminho em que o homem está evoluindo - por que o homem está evoluindo - que a gente saiu das cavernas na pré-história, atravessamos tempos de evolução como o Egito, Grécia, e tempos de involução, como a idade média, como Sodoma e como a idade negra da humanidade, como eles chamam, até chegarmos aos dias de hoje.

Isso quer dizer que o homem vai continuar evoluindo, descobrindo técnicas, e a ordem social também vai evoluir! Porque se você comparar a sociedade na idade média e a de hoje, houve uma evolução social. Se você comparar a época da escravidão com a de hoje, também houve uma evolução, apesar de pequena.

Ainda existe o preconceito, é óbvio, mas pelo menos a sociedade está evoluindo. E eu acho que a direção que as coisas estão indo, bem ou mal, é procurar a melhor formas de se viver em sociedade, esquecendo os passados tenebrosos que fizeram do terceiro mundo o que ele é hoje, tentando remodelar as coisas para urna nova ordem.

E é bem verdade que as pessoas não sabem ainda se dividir irmãmente os bens e as tarefas, os frutos do trabalho. Que ainda não se tem um voluntário para varrer as ruas, pelo simples prazer de colaborar com a sociedade. Ainda nos é necessário um sistema de organização que obrigue uns e outros à fazer certos serviços. Dizem que é imprescindível a diferença social para que todos os tipos

de tarefas sejam feitas à contento.

Mas eu acredito que no futuro as pessoas vão fazê-las voluntariamente, mas não durante horas à fio, é claro. Mas durante um tempo que não afetasse a vida de uma forma geral e a condição social de cada indivíduo. Tipo trabalhar três horas por dia em algum serviço maçante e difícil, porém necessário ao bom funcionamento da sociedade, e o resto do tempo fazer música, arte, comidas gostosas, e apreciar as obras dos outros, ir pro cinema, pra praia... Não estou falando de vagabundagem, mas de divisão de todo trabalho! Adolescentes poderiam prestar desde cedo um serviço consciente à sociedade. Como plantar por exemplo! Sem ocupar o tempo todo de seu dia, mas algumas hoias somente. Assim todos teriam a chance de aprender de tudo um pouco, e escolher depois a profissão mais desejada. Jornalista, psicólogo, biólogo, jogador de futebol e tantas outras especialidades que tem por aí!

Eu varreria com prazer as ruas de graça, se soubesse que tem outras pessoas desenvolvendo máquinas pra isso, e eu saberia que essa máquina iria me substituir depois e ninguém mais iria precisar varrer ruas. Apenas controlar máquinas.

Seriam apenas uma ou duas horas, e depois outros adolescentes viriam me substituir, e eu até faria um estudo específico de todos os problemas e necessidades para a configuração técnica dessa máquina. Depois eu iria compor uma música que tocaria com certeza nas rádios, e eu não me preocuparia com direitos autorais porque ninguém iria querer roubar minha música. E eu ouviria com prazer todas as músicas que eu quisesse. Uma rádio para cada estilo. Rádio clássica, rádio jazz, rádio rock, rádio heavy metal, rádio mista e tantas outras! E se eu quisesse ser locutor, haveria espaço pra mim.

E todos fariam de tudo, sem se preocupar com salário, porque não existiria salário! A gente já teria tudo em casa! A começar peia própria casa. Televisão, computador, micro-ondas! Não teria nada de material pra gente correr atrás. Trabalharíamos pelo simples prazer de trabalhar naquilo que gostamos.

Eu, por exemplo, adoraria ser aviador! Então eu seria aviador até enjoar, e aí eu seria mergulhador! E mesmo assim, por duas horas por dia, eu varreria as ruas como compromisso com a sociedade. Eu abriria os classificados nos momentos de dúvida, e veria ali um monte de lugar precisando de trabalho voluntário, e eu iria me apresentar. De noite, em casa, nós dois iríamos namorar, com a tranquilidade e a certeza de que ninguém arrisca perder seu trabalho!

E mesmo se não houvesse o que fazer, o que eu acho superdifícil mas admitindo a hipótese assim mesmo, que não gostasse de nada, mas de nada mesmo, mas nem de música, pintura, livros, filmes, comunicação, ciência, história, medicina nem nada, então eu não seria obrigado a trabalhar pra me sustentar.

Eu teria garantidas a moradia e alimentação, conforto e apoio da sociedade! E ninguém, mas aí eu digo ninguém mesmo iria. se preocupar em trabalhar para consumir. Trabalhar para acumular objetos, como copos ou cinzeiros o vasos de geração em geração! A garotada quebraria o que bem entendesse, e os adultos depois iriam nas lojas pegar de graça o substituto, e mudar assim ã cada dia de decoração, renovando e inventando, aprendendo à fazer... Quem faz cinzeiros artísticos, tem prazer em fazer... Belas cerâmicas... E dá de graça para quem aprecia a obra de arte, e não seu valor material... tudo que teríamos em casa seria belo como arte!

-Marco! Você está criando uma humanidade de vagabundos!

-Você pelo jeito não entendeu nada mesmo! Esses conceitos nossos de hoje em dia simplesmente não vão mais

existir!

-Você tem exata noção do que está Falando?

-Claro! O que aconteceria, é que a própria concepção de trabalho estaria completamente diferente.

Hoje em dia, quem aproveita do que tem é considerado ocioso. A pessoa não pode estar de bem consigo mesmo! Usufruir de seus bens! Ela tem que suar! O pão-nosso de cada dia!

Acontece que não só um salário mínimo não é suficiente para esse tal desse pão, como também não há trabalho o bastante para todo mundo! Mecanização, informatização. As máquinas estão tomando conta de tudo.

Na concepção das pessoas o trabalho dignifica o homem. A pessoa tem que trabalhar pra ser um cidadão digno e respeitável. Tem que se esgotar. Caso contrário é vagabundo. Mas com a constante evolução tecnológica, as máquinas vão de mais em mais substituir os homens. Certas funções tomam-se totalmente desnecessárias. O ascensorista. O motorista. A datilografa. Um chefe de setor passa a fazer também o trabalho de seus subalternos, absorvendo assim as diversas funções. O que dez pessoas faziam em horas de trabalho, um microcomputador faz em minutos.

Isso não é exatamente qualificado como substituição do homem pela máquina. Vão restando cada vez mais os trabalhos que requerem inteligência e bom senso, como os médicos, engenheiros... A informática auxilia, proporciona ferramentas extra.,. Ela não substitui.

Já o trabalho braçal, ou comercial, que transforma o homem em máquina, não é mais necessário. A César o que é de

César.

Simplesmente não há mais trabalho pra todos! Na Europa, por exemplo, já é usado um cartão telefônico com propriedades de banco vinte-e-quatro horas, O cidadão primeiro-mundista insere o cartão na tenda correspondente e alimenta-o

do montante desejado. De dez centavos à mil dólares. Tem em formato de chaveiro, de porta-documentos, de tudo quanto é frescura. Após telefonar, o indivíduo pode passá-lo numa máquina idêntica à de cartões de crédito em qualquer padaria ou loja, ver os numerozinhos baixando, e sair satisfeito, sem ter tido o constrangimento de se referir á uma moça de caixa ou discutir

Aqui no Brasil mesmo! Passe você de carro por qualquer chópin center e perceba que em todo o estacionamento, onde trabalhavam quase trinta pessoas, só vemos dois manobristas e um agente de segurança. O resto todo é controlado por cartazes luminosos, barulhos automáticos e luzes piscando.

Esse tipo de lugar, aliás, chegou a ser considerado de condições de trabalho subumanas graças ao duto principal do gigantesco ar condicionado que passa por lá, formando assim uma imensa cachoeira beirando as paredes maiores. O barulho é insuportável, pra raio falar do cheiro de garagem. Já não sei o que seria melhor para aquelas pessoas: continuar trabalhando por um salário baixo naquelas condições ou ficar desempregado sem salário algum.

Caixas eletrônicos. Na indústria então nem se fala! O que tem de gente sem trabalho pelas aí não tá no gibi!

-Mas quem quer realmente trabalhar acaba arrumando algum tipo de emprego!

-Sim, algum tipo! Não aquilo que realmente se quer fazer! Vendedores, corretores... Tem de montão. Até quando? Nós temos é que admitir que simplesmente não há trabalho para todos! Então por que obrigar todos à trabalhar? Por que não admitir somente aqueles que realmente querem trabalhar?

Sem contar que os melhores profissionais são estes aí mesmo. Os outros, são só os outros... O engenheiro medíocre... O advogado que só pensa em suas férias.. .O dentista que seguiu faculdade só pra ter um canudinho debaixo do braço...

-Como é que você pode falar assim... Você nem completou seu segundo grau...

-E daí? Se eu fosse seguir, eu preferiria a faculdade de circo. Seria o rei dos palhaços! Onde eu chegasse, todos ficariam felizes. Não há palhaços que não sejam engraçados, certo?

-Algum deve ter!

-Não é por dinheiro que eles trabalham, pois são pobres de marré desci. Então por quê é?

-Agora você vai dizer que é por que eles gostam...

-Errou de novo! É por que amam sua profissão! E garanto à você que é o que eles fazem de melhor!

Por mim, o mundo deveria baixar as orelhas ante o inevitável avanço do trabalho mecânico sobre o trabalho humano, admitindo que não será necessário que o homem trabalhe na nova sociedade. As máquinas já podem fazer quase tudo. Num futuro bem próximo poderão fazer tudo mesmo. Então pra que trabalhar? Por que não viver simplesmente, cada um com sua

arte, pintando, tocando música, e aproveitando das coisas boas da natureza? Por que não estudar pelo simples prazer do conhecimento? Por que sempre deverá ter alguém querendo tirar proveito de outro alguém?

Porque com certeza, na minha cabeça, alguém que paga um salário ridículo para outro alguém está se aproveitando. Se aproveitando da pobreza dos outros. O mundo será rapidinho autossuficiente e não faltará nada. Tudo automatizado, sem problemas de higiene, ou de uma pessoa trabalhar por duas. O meu caso mesmo aliás, que tenho dois empregos, e é o único jeito de me virar.

-Então você vai ser aviador, mergulhador, tocar na rádio e ainda varrer ruas de graça! Assim! Comendo e morando de graça sem se preocupar com dinheiro! Essa é boa!

-Isso mesmo! Não é fantástico?

-Marco!

-O que?

--Marco...

--Eu...

- Ô Marco...

--É…

-...Utopia, Marco, Utopia...